

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUIZ FELIPE RODRIGUES

“ALHO, PATRONA?”

**CARTOGRAFIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
ENTRE GENTES AMBULANTES**



Dourados - MS

2019

LUIZ FELIPE RODRIGUES

“ALHO, PATRONA?”

**CARTOGRAFIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
ENTRE GENTES AMBULANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação –
Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências
Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados,
para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert.

Dourados - MS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R696" Rodrigues, Luiz Felipe
"ALHO, PATRONA?" CARTOGRAFIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA
ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY ENTRE GENTES AMBULANTES [recurso eletrônico] /
Luiz Felipe Rodrigues. -- 2019.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.
Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Fronteira. 2. Ambulante. 3. Transfronteiricidades. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

LUIZ FELIPE RODRIGUES

“ALHO, PATRONA?”

**CARTOGRAFIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
ENTRE GENTES AMBULANTES**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dr. Flaviana Gasparotti Nunes
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dr. André Luís André
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Dourados – MS

2019

Viaje, Viaje (Voyage Voyage), por Desireless



Desireless - Voyage, Voyage.mp3

Áudio on-line: <https://www.youtube.com/watch?v=6PDmZnG8KsM>

*Acima dos velhos vulcões,
deslizando tuas asas sob o tapete voador...*

Viaje, viaje...

Eternamente...

*Das nuvens aos pântanos,
do vento da Espanha à chuva do Equador...*

Viaje, viaje...

*Voe até as alturas,
acima das capitais,
das ideias fatais...*

Olhe o oceano...

*Sobre o Ganges ou o Amazonas...
Entre os negros, os sikhs e os amarelos...*

Viaje, viaje...

Por todo o reino...

*Sobre as dunas do Saara,
das ilhas Fiji ao Monte Fuji...*

Viaje, viaje...

Não pare...

*Acima dos arames farpados,
dos corações bombardeados...*

Olhe o oceano...

Viaje, viaje...

Mais longe que o dia ou a noite...

Viaje, viaje...

No espaço desconhecido do amor...

Viaje, viaje...

Sobre a água sagrada de um rio indiano...

Viaje, viaje...

E jamais retorne...

Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira



Fonte: Arquivo Última Hora (1706/1960).

*“Percebi que é horrível
ter só ar dentro do estômago.” [...]*
*“Não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora”.*

Carolina Maria de Jesus, "Quarto de despejo", 1960.

Dedico minha pesquisa a todas as pessoas que trabalham duro todos os dias para sobreviver, pessoas que se queimam quase todos os dias no sol e se molham na chuva por estarem trabalhando nas ruas, pessoas que veem suas filhas e filhos pedindo um chocolate, um brinquedo... mas que, ainda, não podem comprar. Que possuem “vontades”, desejos... e que ainda não podem sanar por suas condições... Também dedico este trabalho a todas e todos que sentem medo e tristeza pelas condições de trabalho e de existência, pessoas que são resistência. A todas as pessoas que querem ser escutadas, que querem escrever... que tem sonhos, ou que os perderam... pessoas que amam, e também às que por motivos, não amam também. A todas as pessoas que param para deslumbrar as estrelas e o cheiro das flores, e também àquelas que não têm tempo para isso, ou que ainda não encontraram um sentido para deslumbrar. A todas as pessoas que acreditam e lutam por um mundo melhor para todas e todos, seres humanos que ambulam, viajam...

OLHA O
AGRADECIMENTO!



Flávia Jo Camila Carol AnaLeticia Claudia Aline Matheus Kelly JoaoVitor Eliel
Josi Lorena Andrea Silvia Michelle Cristiano Diógenes Tavinho Paulo Sol Amor Sono
Jean Luan Alex FelipeW Ryan Guilherme Carlos

Mãe Irmã Vó Pai Madrinha Prof.Jones Prof.Flaviana Prof.André
Rosane Luciana Camila Lorrane Beatriz JoséVictor

Ismael José Juana Júlio Manuel Aline Amadou Carlão Denise
Vanda Vilma Dália Roberto Mauro Paloma Raimunda
Elane Nelson Keizy Bia Aniel Midiane Gesliane Rosane Fronteira Simplicidade Vinho Madrugada Natureza
Jeferson Jéssica Lidiane Elaine Thayma

Prof.Esmael Prof.Aline Prof.Natividade Mama ErikaGutierrez Prof.Marcos Prof.MariaJosé
Prof.Simone Prof.Flávia Prof.Gregório Prof.MariaLaura Prof.Anne-Laure Prof.Maristela Prof.Pamela
Prof.Roberto Prof.Graziela
Prof.Renata Prof.Angela Prof.Andreia BoisaCapes

Desejos Viagens Mundo Geografia Água Comida Cama Maracujina Sonhos Mar Músicas
PossoTerEsquecidodePessoaseCoisaspeloAmbular

“ALHO, PATRONA?”
CARTOGRAFIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
ENTRE GENTES AMBULANTES

Resumo

Ambular entre vendedoras e vendedores ambulantes foi o que fizemos na tentativa de construir nesse trabalho uma cartografia ambulante da Tríplice Fronteira entre Ciudad del Este (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina). Analisamos a produção da fronteira que se desenha a partir das gentes, fazeres, movimentos e mercadorias ambulantes. Esses elementos grafam e são grafados pelos espaços e relações que trilham, empiricizando concreta e significativamente a sociedade, em um jogo complexo de objetos e ações, práticas e movimentos que se mobilizam com a realização das vidas, inevitavelmente espaciais. O andar, enquanto prática ambulante, constituiu a principal metodologia de pesquisa de campo para a produção da presente narrativa – andamos entre ambulantes recolhendo observações, relatos, sentidos, registros fotográficos, etc. A intenção agora, aqui, é trilhar um pensamento de fronteira a partir da interpretação dos ambulantes que a vivem, discutindo questões que se desdobram a partir de suas vivências, práticas e narrativas. Para as gentes que vivem nos e dos limites, tecendo a partir do fazer do território possibilidades e estratégias de sobrevivência, a fronteira aparece como “algo especial”, e às vezes, como “*algo más allá*”. Desse movimento social entre-lugares, atravessado por uma pluralidade de fluxos de escalas diversas, se produz, sempre em negociação, uma cultura transfronteiriça que se mostra em diferentes intensidades no cotidiano das ruas e da vida das pessoas que ali vivem. Por sua vez, esse processo de produção transfronteiriça se manifesta nos objetos e ações que permeiam as relações humanas no contexto da vida na fronteira. Dessa forma, a produção da fronteira se dá a partir do contato entre as diferentes linguagens, comidas, costumes, corpos, músicas, e muitas, muitas e outras coisas, em geografias que entram em contato umas com as outras, em transfronteiridades. Esses encontros fomentam um processo ambíguo de trans-fronteirização e des-transfronteirização em que limites ora são mais abertos, e ora são mais fechados, envolvendo diálogos e conflitos. Disso, desprendem-se outras fronteiras que permeiam as experiências ambulantes e os processos que as atravessam, desde a escala do corpo à escala global, em que tudo anda, gira, ambula.

Palavras-chave: Fronteira; Ambulante; Transfronteiridades.

ALHO, PATRONA?
CARTOGRAFÍAS DE LA TRIPLE FRONTERA ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
ENTRE GENTES AMBULANTES

Resumen

Ambular entre vendedoras y vendedores ambulantes fue lo que hicimos en la tentativa de construir en ese trabajo una cartografía ambulante de la Triple Frontera entre Ciudad del Este (Paraguay), Foz do Iguazu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina). Analizamos la producción de la frontera que se dibuja a partir de las gentes, prácticas, movimientos y mercaderías ambulantes. Esos elementos tejen y son tejidos por los espacios y relaciones que trillan, empiricizando concreta y significativamente la sociedad, en un juego complejo de objetos y acciones, prácticas y movimientos que se movilizan con la realización de las vidas, inevitablemente espaciales. El andar, por supuesto, práctica ambulante, constituyó la principal metodología de pesquisa de campo para la producción de la presente narrativa – andamos entre ambulantes reuniendo observaciones, relatos, sentidos, registros fotográficos, etc. La intención ahora, aquí, es trillar un pensamiento de la frontera a partir de la interpretación de los ambulantes que la viven, discutiendo cuestiones que se muestran a partir de sus vivencias, prácticas y narrativas. Para las gentes que viven en y de los límites, tejiendo a partir del hacer del territorio posibilidades y estrategias de sobrevivencia, la frontera aparece como “algo especial”, y a veces, como “*algo más allá*”. De ese movimiento social entre-lugares, atravesado por una pluralidad de flujos de escalas diversas, se produce, siempre en negociación, una cultura transfronteriza que se muestra en diferentes intensidades en el cotidiano de las calles y de la vida de las personas que allí viven. Así, ese proceso de producción transfronteriza se manifiesta en los objetos y acciones que permean las relaciones humanas en el contexto de la vida en la frontera. De esa forma, la producción de la frontera se da a partir del contacto entre los diferentes lenguajes, comidas, costumbres, cuerpos, músicas, y muchas, muchas y otras cosas, en geografías que entran en contacto unas con las otras, en transfronterizidades. Esos encuentros fomentan un proceso ambiguo de trans-fronterización y des-transfronterización en que límites a veces son más abiertos, y a veces son más cerrados, envolviendo diálogos y conflictos. Consecuentemente, se desprenden otras fronteras que permean las experiencias ambulantes y los procesos que las atraviesan, desde la escala del cuerpo a la escala global, en que todo anda, gira, ambula.

Palabras-clave: Frontera; Ambulante; Transfronterizidades.

ALHO, PATRONA?
**CARTOGRAPHIES OF THE TRIPLE BORDER ARGENTINA-BRASIL-PARAGUAY
BETWEEN AMBULANT PEOPLES**

Abstract

To ambulate between street vendors was what we did in an attempt to build a traveling cartography of the Triple Frontier between Ciudad del Este (Paraguay), Foz do Iguacu (Brazil), and Puerto Iguazú (Argentina). We analyze the production of the frontier that is built through the people, doings, movements and street products. These elements mark and are marked by spaces and relationships that tread, giving concreteness and meaning to society, in a complex set of objects and actions, practices and movements that mobilize with the realization of inevitably spatial lives. The walk, as an ambulant practice, was the main methodology of field research for the production of this narrative - we walk among ambulant vendors collecting observations, stories, senses, photographic records, etc. The intention now, here, is to create a border thinking from the interpretation of the street vendors, discussing issues that occur from their experiences, practices and narratives. For people who live on the edge, and live off limits, weaving from the making of the territory possibilities and survival strategies, the border appears as "something special," and sometimes as "something beyond". From these social movement between-places, crossed by a plurality of flows of diverse scales, is produced, always in negotiation, a cross-border culture that shows itself in different intensities in the everyday life of the streets and the lives of the people who live there, always in negotiation, a cross-border culture that shows itself in different intensities in the everyday life of the streets and the lives of the people who live there. In turn, this process of cross-border production is manifested in the objects and actions that permeate human relations in the context of border life. In this way, the production of the frontier occurs from the contact between the different languages, foods, customs, bodies, music, and many, many, and other things, in geographies that come into contact with one another in cross-border relations. These meetings encourage an ambiguous process of trans-frontierization and de-transfrontierization. These meetings encourage an ambiguous process of trans-frontierization and de- trans-frontierization, in which limits are sometimes more open, and sometimes are more closed, involving dialogues and conflicts. From this, other boundaries that permeate the experiences in the streets, and the processes that cross them, from the scale of the body to the global scale, in which everything walks, turns, "ambula".

Key-words: Border; Ambulant; Transborderings.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Ônibus de empresa paraguaia que faz a linha Foz-CDE	57
Foto 2 – Goiaba e alho à venda por ambulantes em canteiro da Avenida JK	58
Foto 3 – Ambulante vendendo água no ônibus Foz-CDE	60
Foto 4 – Ambulante paraguaio vendendo chipa	61
Foto 5 – Ambulantes vendendo comidas nas margens da BR 277	62
Foto 6 – Mercadorias de ambulantes nas proximidades da aduana brasileira	63
Foto 7 – Homem vendendo pé-de-moleque próximo à aduana brasileira	63
Foto 8 – Idoso atravessando a Aduana brasileira para vender bebidas na Ponte da Amizade.....	64
Foto 9 – Mulher ambulante sendo abordada por policial paraguaio na Ponte da Amizade.....	65
Foto 10 – Ambulantes idosos entre a Aduana paraguaia e o Shopping del Este	66
Foto 11 – Ambulante vendendo “bolha de sabão”	68
Foto 12 – Lilian, vendedora ambulante de meias	69
Foto 13 – Sinalização em parque público de Ciudad del Este	71
Foto 14 – Valores atualizados de câmbio monetário mostrados no corredor de uma galeria comercial	72
Foto 15 – Mulher ambulante em Ciudad del Este	74
Foto 16 – Mulher ambulante em Ciudad del Este	75
Foto 17 – Mulher ambulante carregando produtos em uma cesta, e sacolas vendidas por ambulante penduradas em tubulação.....	75
Foto 18 – À esquerda, quatro mulheres ambulantes vendendo cuecas, calcinhas, meias e bolsas de plástico, e à direita, mulher ambulante vendendo bolsas de plástico	77
Foto 19 – Manuel, vendedor ambulante de bebidas, batatas enlatadas e alfajores.....	79
Foto 20 – Júlio, vendedor ambulante de barbeadores, carregadores, aparelhos massageadores, etc.	81
Foto 21 – Juana, vendedora ambulante de bolsas de plástico	82
Foto 22 – Rua no bairro Remansito, Ciudad del Este, Paraguay	83
Foto 23 – Casas de moradores do Remansito na beira do rio Paraná, com centro de Foz do Iguaçu no outro lado da margem.....	84
Foto 24 – Interior de uma casa no bairro Remansito com chão de terra	

e entrada coberta por uma manta	85
Foto 25 – Sanitário de uma das casas do bairro Remansito	85
Foto 26 – Resíduos recicláveis de mercadorias no chão	86
Foto 27 – Homem ambulante vendendo brinquedos.....	87
Foto 28 – Mulher indígena vendendo artesanato no microcentro de Ciudad del Este	88
Foto 29 – Ambulante vendendo frutas	80
Foto 30 – Homem indígena vendendo artesanatos.....	90
Foto 31 – Vendedores ambulantes conversando	90
Foto 32 – Ambulantes nas proximidades do Shopping Americanas	91
Foto 33 – Ônibus em Ciudad del Este com frase em “portunhol”	92
Foto 34 – Vendedor ambulante de plantas e raízes para preparo de tererê	93
Foto 35 – Ambulantes conversando nas proximidades do Shopping Monalisa	94
Foto 36 – Mulher ambulante nas proximidades do Shopping Monalisa.....	95
Foto 37 – Microcentro de Ciudad del Este com o edifício do Shopping Monalisa.....	96
Foto 38 – Ambulantes em frente à entrada de Shopping	97
Foto 39 – Uma das entradas do camelódromo com placas proibindo entrada de ambulantes	98
Foto 40 – Xícara com estampa do Paraguai fabricada na China	99
Foto 41 – Ambulante vendendo doces	100
Foto 42 – Letreiro comercial em língua oriental	101
Foto 43 – Letreiro comercial em língua oriental	101
Foto 44 – Ambulantes vendendo suco	102
Foto 45 – <i>Casilla</i> de camelô cadeada	103
Foto 46 – Manequins de camelô cadeados.....	103
Foto 47 – Carrinho ambulante de bebidas cadeado	104
Foto 48 – Desenho de artista/vendedor exposto na rua	105
Foto 49 – Ambulantes em frente a Shopping onde há sinalização proibindo ambulantes.....	106
Foto 50 – Juliano, artista/vendedor de pinturas em azulejo	108
Foto 51 – Uma das obras de Juliano.....	108
Foto 52 – Ambulante puxando carrinho de comidas.....	109

Foto 53 – Carrinho de ambulante com placa da “ <i>Black Friday CDE</i> ”	110
Foto 54 – Idosa ambulante vendendo plantas e raízes para preparo de tererê	111
Foto 55 – Letreiros em línguas asiáticas em edifício de Ciudad del Este	112
Foto 56 – Ambulantes nas proximidades da aduana paraguaia	113
Foto 57 – Denise, vendedora ambulante de bebidas	115
Foto 58 – Placa na entrada da Ponte da Amizade (lado paraguaio) proibindo ambulantes.....	116
Foto 59 – Vendedora ambulante na Ponte da Amizade	116
Foto 60 – Mercadorias de ambulantes e maquinarias para agronegócio na Ponte da Amizade.....	117
Foto 61 – Supermercado na Vila Portes	119
Foto 62 – Carrinho de vendedor ambulante com mercadorias variadas	120
Foto 63 – Vendedores ambulantes vendendo bonés, dvd’s e pau de <i>selfie</i>	120
Foto 64 – Ambulantes, clientes e amigos em esquina da Vila Portes	121
Foto 65 – Plantas e raízes para tererê expostas em caixas de madeira por ambulante.....	122
Foto 66 – Ambulante vendendo cachorro-quente.....	123
Foto 67 – Mulher vendendo salgados, plantas e raízes para tererê, com sua filha	123
Foto 68 – Idoso vendendo chipa e café	124
Foto 69 – Mercadorias de ambulantes nas proximidades do “terminal” da Vila Portes.....	125
Foto 70 – Ambulantes em esquina da Vila Portes	126
Foto 71 – Idoso ambulante no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu	127
Foto 72 – Mulher ambulante no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu	127
Foto 73 – Verso poético vendido por cinquenta centavos.....	128
Foto 74 – Vanda, vendedora ambulante de doces de Amendoim	129
Foto 75 – Raimunda, vendedora ambulante de panos de prato	133
Foto 76 – Vendedor ambulante de cachorro-quente	136
Foto 77 – Ambulante vendendo óculos e outras mercadorias	137
Foto 78 – Vendedora ambulante de panos de prato e sapatinhos de crochê com cliente	137
Foto 79 – Ambulantes em parada de ônibus na Avenida JK.....	138
Foto 80 – Vendedora ambulante em esquina de Foz do Iguaçu.....	139

Foto 81 – Idoso vendendo seus artesanatos	140
Foto 82 – Mercadorias de ambulantes em esquina da Avenida Brasil	141
Foto 83 – Vendedora ambulante lendo Bíblia.....	141
Foto 84 – Vendedora ambulante na Avenida Brasil.....	142
Foto 85 – Mulher <i>hippie</i> vendendo artesanato.....	143
Foto 86 – Vendedor ambulante de chipa e café com uma criança	144
Foto 87 – Ambulantes entre os carros na rodovia de acesso às Cataratas do Iguazu (lado brasileiro)	145
Foto 88 – Ambulante vendendo água entre os carros	146
Foto 89 – Vendedor ambulante com sua bicicleta, caixa de isopor e bandeiras, e ao fundo, redes vendidas por ambulantes	147
Foto 90 – Vendedora ambulante de brinquedos de pelúcia nas proximidades da entrada para visitantes das Cataratas do Iguazu	147
Foto 91 – Ambulantes nas proximidades do Parque das Aves.....	148
Foto 92 – Mulher indígena vendendo artesanatos em baixo de placa de sinalização	149
Foto 93 – Mulheres indígenas produzindo e vendendo artesanato nas proximidades da entrada para visitantes das Cataratas do Iguazu (lado brasileiro)	149
Foto 94 – Anúncio do Turismo Guarani no Terminal Rodoviário de Puerto Iguazú	151
Foto 95 – Ambulante indígena embarcando em ônibus para as Cataratas del Iguazú (lado argentino)	153
Foto 96 – Ambulante vendendo chipa.....	154
Foto 97 – Vendedora ambulante de artesanatos feitos com pedras em esquina de Puerto Iguazú.....	155
Foto 98 – Mercadorias feitas com pedras em vitrine de loja	155
Foto 99 – Homem indígena vendendo artesanatos em Puerto Iguazú	156
Foto 100 – Homem indígena vendendo artesanatos em Puerto Iguazú	157
Foto 101 – Frutas e verduras vendidas por duas jovens mulheres	158
Foto 102 – Mulher indígena sentada vendendo artesanato	160
Foto 103 – Homem vendendo chipa em Puerto Iguazú. Ao fundo, mulher indígena sentada com criança vendendo artesanato, e mulher ambulante com carrinho de mão vendendo frutas e verduras.....	160
Foto 104 – Homem indígena vendendo artesanato em frente à loja fechada	161

Foto 105 – Ismael, vendedor ambulante de bijuterias	162
Foto 106 – Um dos estabelecimentos em “ <i>la feirinha</i> ”	163
Foto 107 – Homem ambulante vendendo frutas na feirinha de Puerto Iguazú.....	164
Foto 108 – Artesanatos e pedras vendidas por Paloma	166
Foto 109 – Vilma e seus artesanatos.....	168
Foto 110 – Escultura em muro da entrada do “ <i>Maká Letset</i> ”	169
Foto 111 – Mulheres <i>Maká</i> mostrando seus artesanatos	170
Foto 112 – Vendedor ambulante de bijuterias na Rodoviária de Foz do Iguaçu	174

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Municípios da Tríplice Fronteira	21
Mapa 2 – Trajeto Terminal Urbano de Foz – Aduana Paraguaia	56
Mapa 3 – Trajeto Microcentro de Ciudad del Este	73
Mapa 4 – Trajeto Vila Portes	118
Mapa 5 – Trajeto Centro de Foz do Iguaçu	135
Mapa 6 – Trajeto Cataratas do Iguaçu – Ponte Tancredo Neves.....	145
Mapa 7 – Trajeto Centro de Puerto Iguazú.....	152
Mapa 8 – Trajeto Terminal Urbano de Foz – Rodoviária de Foz.....	172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comentários de moradores de Foz do Iguaçu em grupo de <i>facebook</i> sobre os paraguaios	15
Figura 2 – Cartografia desenhada de vendedora ambulante paraguaia no Brasil	188
Figura 3 – Cartografia desenhada de ambulante paraguaio da Tríplice Fronteira	188
Figura 4 – Cartografia de produtos e mercadorias de ambulantes que podem conformar transfronteiricidades	189

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
PARA ENTRAR NA FRONTEIRA	07
O fazer ambulante entre trans-fronteirizações e des-transfronteirizações	07
Relatos des-transfronteirios sobre o Paraguai.....	12
Doce de leite, chimarrão e mate <i>hermano</i> : relatos trans-fronteirios entre Brasil e Argentina	17
A TRÍPLICE FRONTEIRA E SUA REDE URBANA TRANSFRONTEIRIÇA	21
Geopolíticas cruzadas: do militarismo, do turismo e da engenhosidade às implicações para os trânsitos da economia e do trabalho das gentes fronteiriças.....	27
Redes cruzadas: o “boom” <i>Made in China</i> e a dinâmica ambulante na Tríplice Fronteira	38
Da China e da dinâmica ambulante na Tríplice Fronteira ao mundo do trabalho na reestruturação do capital e à globalização por baixo	42
AMBULANDO ENTRE AMBULANTES.....	48
Ambulantes e as negociações ruelas	48
Ambulantes e as negociações fronteiriças	52
De cá pra lá ao som de <i>cachaca paraguaya</i>	56
Ambulando na multidão de “amigos” no Microcentro de Ciudad del Este	73
Perto de cá e de lá: ambulando pela Vila Portes.....	117
Entre nós de cá, lá e mais pra lá: ambulando pelo Terminal Urbano de Foz do Iguaçu.....	126
Voltando pra cá: ambulando pelo centro de Foz do Iguaçu	135

Sexta-feira, santa e ambulante pelas Cataratas do Iguaçu	144
Chegando mais pra lá: ambulando em Puerto Iguazú - Argentina	152
Indo novamente pra lá, e ainda mais pra lá onde estão os “ <i>Maká</i> ”	168
Voltando pra cá: ambulando pela Rodoviária de Foz do Iguaçu	172
FRONTEIRAS AMBULANTES	175
Ambular e sobreviver na fronteira: redes sócio-laborais e cultura em movimento	177
Por uma teoria ambulante da fronteira	189
Trans-fronteirizações e des-transfronteirizações: do território da norma ao território social e ambulante	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
REFERÊNCIAS ORAIS.....	211
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213

APRESENTAÇÃO

“*Alho Patrona?*” é uma das falas entoadas por uma mulher ambulante de nacionalidade paraguaia oferecendo alho para outra mulher num bairro da cidade de Foz do Iguaçu. A mistura do português e do espanhol revela uma fronteira que é reproduzida cotidianamente pelas práticas interacionais dos sujeitos que ali vivem, trabalham e ambulam. Tal anúncio também revela, de forma simbólica, as relações de poder presentes num universo de “patrões” e “*patronas*” que é a complexa rede sócio-laboral do comércio popular transfronteiriço.

A fala, que dá título a esse estudo, foi ouvida enquanto eu acompanhava a vendedora ambulante em uma de suas vendas no bairro Vila C durante pesquisa de campo do meu trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC)¹ em que busquei conhecer as trajetórias de ambulantes de nacionalidade paraguaia que vendem alho em Foz do Iguaçu. O anúncio da vendedora, que às vezes, trocava o enunciado para “*Alho Madama?*” quando oferecia a mercadoria para uma compradora, me chamou a atenção por conta da “translinguagem”, e também pelas palavras de “*patrona*” e “*madama*”, já que podem ser antônimos de “subordinado”, ainda que possam ser usadas numa intenção de gentileza. Logo lembrei que a palavra “patrão” é muito utilizada pelos vendedores de rua no comércio de Ciudad del Leste.

Outra situação presenciada nos trabalhos de campo do TCC, que me despertou interesse para realizar essa pesquisa de dissertação, foi quando em uma das avenidas da área central de Foz do Iguaçu fui entrevistar uma vendedora ambulante paraguaia que estava num semáforo, e junto com ela, se encontrava uma vendedora ambulante brasileira de pano de prato. Com isso, achei necessário compreender a dinâmica ambulante na Tríplice Fronteira além do fenômeno de ambulantes paraguaios de alho em Foz do Iguaçu, buscando dialogar também com ambulantes de outras nacionalidades que vendiam outras coisas, não só em Foz do Iguaçu, como também nos outros dois lados da fronteira, o argentino – em Puerto Iguazú, e o paraguaio – em Ciudad del Leste.

Nessa perspectiva, busco nessa pesquisa, que é, sobretudo, um diálogo, pensar que tipo de envolvimento o movimento espacial dos ambulantes na Tríplice Fronteira produz. Nisso, eu como pesquisador, e como sujeito dessa fronteira que morei por cinco anos – e continuei vivendo por mais dois anos até- agora através de trabalhos de campo e visitas

¹ O trabalho é titulado “Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito (RODRIGUES, 2016).

frequentes – me insiro nesses ritos de interação ao ambular entre ambulantes e tentar compreender parte do leque de processos que envolvem a dinâmica ambulante na Tríplice Fronteira, entendendo que estes sujeitos reproduzem a fronteira e vice-versa – na compreensão da dialética espaço-sociedade onde um se reproduz no/pelo outro (CARLOS, 2014, p. 53). Assim, tendo como protagonistas os sujeitos de situação, entendo que esses ritos de interação são os constituintes do território, da fronteira.

Tomo a noção de “ritos ou rituais de interação” de Goffman (2011), que trata de identificar os processos de interação entre os indivíduos que ocorrem em microssituações concretas, construindo um complexo emaranhado de relações sociais espaço-temporais. Para o autor, a vida social é desenvolvida cotidianamente por relações face a face – e é por meio desses encontros interacionais, entre dois ou mais indivíduos, que é possível extrair o *self*, ou seja, não existe um “eu” sem um “outro”. Portanto, identidade e diferença são indissociáveis e relacionais, e como tal, não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nas quais adquirem sentido, já que a diferença é estabelecida por marcações simbólicas em um processo impregnado de relações de poder e de disputa (SILVA, 2009; WOODWARD, 2009).

Dessa maneira, a ordem interacional que expõe os sujeitos uns diante dos outros, implica encontros diversos que dão uma substância real e concreta à produção da sociedade, e conseqüentemente, do espaço. Assim, o espaço constitui-se como a esfera dos encontros, da multiplicidade de estórias-até-agora que implicam o encontro entre as diferenças (MASSEY, 2008), sempre interacionais. Nas palavras de Ingold (2015), cada pessoa traça uma linha de peregrinação, e na medida em que umas se encontram e se entrelaçam, conformam “nós”, e a partir dessas linhas e nós é que podemos compreender o mundo.

Para Zaoual (2006) o sujeito, tratado a partir da noção de *homo situs*, incorpora em suas ações um complexo de relações com seu espaço vivido, e por isso, o sujeito é territorial e relacional. Para ele, o *homo situs* é um sujeito situado, que nos ajustes cotidianos, constrói seu comportamento através das interações simbólicas e práticas com seu meio e sua dinâmica, assim como, com os outros. Nesse sentido, a produção do *homo situs* e de seu espaço adquire um caráter híbrido, implicando um sentido de lugar que é extrovertido, ligado com o “mundo”.

Partindo desse entendimento, a pesquisa de campo para essa dissertação é concebida como uma interação, uma comunicação, uma ação, tendo como centralidade as

microtransações entre pesquisador e colaboradores (WINKIN, 1998), por isso, o ambular entre ambulantes, na tentativa de produzir uma cartografia interacional da fronteira da qual estamos tratando a partir de outras performances de fronteira que extrapolam as ações do Estado, já que há um universo de micropoderes (RAFFESTIN, 1993) por trás da reprodução deste território.

Por esses pressupostos, entraremos na fronteira a partir de registros realizados em diário de campo de nossa caminhada por algumas porções das cidades da Tríplice Fronteira. Sendo assim, a presença de ambulantes não se restringem apenas aos lugares em que transitamos. Durante este ambular, apresentamos um texto, sobretudo, descritivo, em que narramos os lugares pelos quais passamos e, também, as situações e sujeitos ambulantes que, em interação, encontramos e conversamos (a partir de entrevistas semi-estruturadas). Os caminhos narrados incluem relatos de ambulantes, fotografias, e também, nossas observações, sentimentos e impressões durante nosso ambular entre ambulantes. O conteúdo escrito e imagético que compõe este diário de campo, nesse sentido, é uma narrativa de nosso andar interacional entre ambulantes na fronteira, por isso, entendido como um andar coletivo, abrindo possibilidades de leitura do espaço geográfico em questão.

O andar aparece então enquanto ferramenta metodológica tornando-se um meio de enunciação sobre o lugar percorrido e estudado (JOLÉ, 2005, p. 426). O andar permite ver e compreender a cidade (JOLÉ, 2005, p. 423), e talvez por isso, os ambulantes conheçam bem as tramas da fronteira para utilizá-la estrategicamente em suas práticas. O andar, segundo a autora, não é somente um deslocamento físico, mas também um deslocamento psíquico e mental, dando lugar a uma reconstrução de sentidos do lugar, podendo conformar também, um ato político (JOLÉ, p. 424). Podemos compreender, nesse sentido, que o caminhar tem uma função enunciativa, pois é um “processo de apropriação do sistema topográfico” pelo andante, tornando-se uma “realização espacial do lugar” (CERTEAU, 1998, p. 177).

O andar, que é movimento, é também uma marca dos ambulantes, sujeitos centrais na presente pesquisa que busca compreender os sentidos da fronteira para a vivência dessas pessoas – por isso, o espaço dos ambulantes deve ser entendido, em primeiro lugar, como movimento. Nesse sentido, trata-se também de captar a fronteira em movimento, o que significa entendê-la enquanto espaço existencial, móvel e em um incessante fazer de conteúdos. Partimos aqui da ideia de Ingold (2015, p. 218), para quem, as vidas são vividas

“[...] sempre a caminho de um lugar ao outro”. Nesse sentido, a existência humana é mais que “situada”, ela é “situante” (INGOLD, 2015, p. 219).

As fotografias que compõem uma cartografia imagética do nosso ambular entre ambulantes, acompanham o nosso ambular apoiando uma compreensão progressiva dos lugares que percorremos (JOLÉ, 2005, p. 426), atestando as descobertas e os “pontos de vista da caminhada e de suas pausas” (JOLÉ, 2005, p. 428). Trata-se de uma dissertação que é também imagética, pois considero que as imagens nos aproximam e apresentam outras informações da realidade estudada, servindo como recursos de leitura, que nem sempre as palavras dão conta. Elas também buscam revelar o *tempoespaço* percorrido em pesquisa de campo. Dessa maneira:

[...] a linguagem fotográfica pode ser entendida como registro imagético da forma espacial dos fenômenos, ou seja, dos fenômenos como e nos lugares em que eles acontecem, possibilitando assim ser entendida como meio de se pensar e construir geografias. (SILVA; RAMÍREZ, 2014, p. 58).

Alaszewski (2006) *apud* Zaccarelli e Godoy (2010, p. 555) aponta que adotar o diário de campo é uma forma menos “invasiva” para tratar de grupos de mais difícil acesso, como é o caso de alguns ambulantes, minimizando também uma possível interferência da observação direta. Por estarem em uma condição vulnerável perante a sociedade, e, sobretudo, aos órgãos públicos, por suas práticas serem tratadas como ilegais, notamos que as/os trabalhadoras/es ambulantes, muitas vezes, ficaram incomodadas/os com as nossas abordagens.

Nesse sentido, quando realizamos as abordagens, evitamos perguntar nomes e outras informações mais pessoais para evitar constrangimentos para essas pessoas. Nas fotografias que registramos de ambulantes em nosso percurso, apagamos os rostos pelos mesmos motivos, e os nomes utilizados para identificá-los no texto são também fictícios.

A partir desse rito de interação, realizado em trabalho de campo, mas que extrapola para o diálogo escrito nesse presente estudo, pretendemos traçar uma cartografia interacional da fronteira entre ambulantes, procurando a partir da análise de suas práticas, mostrar uma fronteira que aparece no plural – pois se revelam múltiplas fronteiras que são negociadas, deslocadas e reproduzidas nesse universo de interações. Tal cartografia, nesse sentido, se revela enquanto uma cartografia de processos que atravessam a experiência ambulante na fronteira e sua dinâmica – processos que vão desde a reestruturação do capital e do mundo do trabalho, até o *boom Made in China* e a materialização de projetos geopolíticos na Tríplice

Fronteira com seus efeitos socioespaciais. Esta cartografia é complexa, e implica diferentes escalas – do corpo ao globo (SMITH, 2000).

Na tentativa de responder tais objetivos e indagações, seguimos as seguintes etapas:

Inicialmente, faremos uma “entrada” ao universo da fronteira e de seu processo de fronteirização que se apresenta em duas faces indissociáveis: a transfronteirização e a des-transfronteirização. Nessa entrada, trataremos de apontar brevemente de que modo as experiências ambulantes podem nos revelar tal dinâmica de reprodução da fronteira.

Num segundo momento, indicaremos as principais características da Tríplice Fronteira e de sua rede urbana transfronteiriça, buscando descrever a sua dinâmica, identificando os principais processos de sua conformação. Em seguida, discorreremos sobre os principais eventos geopolíticos que atravessaram a região, tratando de evidenciar suas implicações na dinâmica da economia local e do trabalho das gentes fronteiriças. Em decorrência de tais apontamentos, foi necessário trazer apontamentos sobre o “boom” da economia chinesa que representa um evento fundamental para entender o desenvolvimento do comércio na Tríplice Fronteira e na sua dinâmica popular. Por fim, evidenciamos o papel da reestruturação do capital e do mundo do trabalho nas últimas décadas e do processo de globalização por baixo no estabelecimento do cenário ambulante na Tríplice Fronteira.

Depois disso, ambularemos entre ambulantes a partir da descrição dos caminhos e interações realizados durante o trabalho de campo nas cidades da Tríplice Fronteira. Adentraremos em seus cotidianos, buscando conhecer algumas das características, manifestações, expressões, trajetórias e narrativas dos sujeitos do trabalho ambulante na Tríplice Fronteira, bem como, mostrar algumas condições desse trabalho e da vida dessas trabalhadoras e trabalhadores. No caminho, colocamos alguns apontamentos analíticos que julgamos apropriados em determinadas situações. Antes de cada trajeto descrito, colocamos mapas localizando as vias pelas quais passamos e os pontos principais na intenção de localizar o ambular do leitor pelo texto. Alguns títulos de itens dos capítulos possuem expressões como “cá, lá, mais pra lá”. Fazemos isso propositalmente, de forma não explícita, para expressar que a fronteira é produzida a partir de relações de “cás ou aquis”, “lás” e “mais pra lás”. São expressões que explicitam distâncias, porém, não podemos interpretá-las somente enquanto distâncias físicas, geométricas. Elas são colocadas na intenção de interpretar distâncias dadas pelas desigualdades, pelas diferenças de distribuição de fluxos (maiores ou menores entre os territórios), pelas invisibilidades e invisibilidades, e assim, “cás”, “lás” e “mais pra lás” são

pessoas, identidades e territórios. Os leitores poderão encontrar peças desse quebra-cabeça a partir de seus ambulares pelo texto.

Na última sequência, tentaremos apontar, a partir das análises realizadas até então, quais questões os movimentos e práticas dos ambulantes levantam sobre o território da Tríplice Fronteira e suas fronteiras. Destacamos também algumas características do trabalho ambulante na fronteira, descrevendo algumas de suas dificuldades e conflitos que apontam relações desiguais de poder na reprodução socioespacial. Nesta seção, tentamos desenvolver uma pequena “teoria” da fronteira a partir de observações em trabalho de campo e, sobretudo, dos relatos e interpretações dos homens e mulheres ambulantes que interagimos. Posteriormente, tentamos explicar a complexa rede sócio-laboral do trabalho ambulante transfronteiriço, e de como suas práticas e seus trânsitos reproduzem uma cultura aberta e em movimento através dos corpos, objetos e suas manifestações impregnadas de significado. Por último, tratamos de apontar o processo de fronteirização, na dialética transfronteirização/des-transfronteirização, nas práticas e interações ambulantes da Tríplice Fronteira, refletindo o território da norma e o território social que constituem essa fronteira.

PARA ENTRAR NA FRONTEIRA

Uma entrada, como uma empanada que chega antes do prato principal em algum restaurante qualquer de uma estrada argentina. A empanada, como entrada, nem sempre tem a ver diretamente com o prato principal – mas faz parte de todo um processo. Nesses breves tópicos, falaremos brevemente de ambulantes e de como suas práticas no cotidiano das cidades da Tríplice Fronteira acionam a dinâmica fronteiriça. Trazemos apontamentos iniciais que busquem demonstrar de que modo podemos compreender o sentido social do processo de reprodução da fronteira, que entendemos como fronteirização. Com apoios empíricos, buscaremos explicitar duas noções que estruturam o mesmo processo de fronteirização numa dialética entre diálogo/hibridação e conflito/separação: a de trans-fronteirização e des-transfronteirização. Essas duas ideias serão retomadas no final da dissertação para serem discutidos alguns pontos observados em trabalho de campo.

O FAZER AMBULANTE ENTRE TRANS-FRONTIERIZAÇÕES E DES-TRANSFRONTEIRIZAÇÕES

Nas ruas e outros locais das cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguay) e Puerto Iguazú (Argentina), que formam juntas um espaço urbano contínuo de fronteira, juntamente com os municípios de Puerto Presidente Franco e Hernandarias no Paraguai, podemos encontrar várias pessoas trabalhando como vendedoras/es ambulantes comercializando produtos e mercadorias² diversas.

Ambulante, do latim *ambulare*, segundo vários dicionários, tem como significado andar, caminhar, migrar. Ambulante é sinônimo de itinerante, pois se desloca de um lugar para outro. Ao contrário de fixidez, ambulante significa movimento. Daí, o movimento-verbo ambulante-ambular tem em si um conteúdo intrinsecamente espacial, pressupondo o fazer do território.

Numa espontaneidade estratégica, vendedores e vendedoras ambulantes ao venderem seus fazeres para os fazeres de quem compra fazem seus cotidianos a partir do cotidiano dos outros. Atravessam os caminhos das pessoas para oferecer panos para enxugar a louça, bebidas para matar a sede, comidas para saciar a fome, doces para saciar o desejo, relógios

² Como produto, consideramos as coisas que são vendidas e produzidas pela própria pessoa; Como mercadoria, consideramos coisas que são compradas e revendidas. Fazemos a distinção porque as duas formas implicam diferentes sentidos e processos de produção e circulação.

para ver a hora, guarda-chuvas para não se molhar, cintos para prender as calças, carteiras para guardar o dinheiro, bijuterias para enfeitar os corpos, artesanatos para enfeitar as casas. Dessa forma, suas práticas portam ações cotidianas da vida humana.

Assim, essas pessoas por meio de suas práticas, vendem culturas, significados, emoções, sentidos e necessidades. Despertam memórias, vontades, e também solidariedades: “Ah, vou comprar pra ajudar”, disse uma mulher que esperava ônibus no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu para uma ambulante que vendia doces de amendoim. Dessa maneira, muitos desses encontros fomentam um exercício de humanização, em que valores como respeito, empatia, generosidade, etc., são praticados. Suas práticas demonstram a prioridade do valor de uso e tornam os espaços em que se apropriam lugares de encontro, virtudes fundamentais para a construção do urbano (LEFEBVRE, 1991).

Muitos dos ambulantes conhecem o Outro e suas situações para vender, nos demonstrando a produção de um mercado socialmente necessário, noção trazida por Ana Clara Torres Ribeiro (2005). Isso porque esse processo de conhecimento não se dá a partir de relações que dominam ou subjagam o próximo, mas sim, a partir de relações pautadas na apreensão do Outro e na sobrevivência.

Numa das situações fronteiriças dessa pesquisa, por exemplo, um homem ou mulher ambulante de nacionalidade paraguaia expressam uma relação de conhecimento das gentes brasileiras para poderem passar inesperadamente por alguma casa onde está uma pessoa precisando de alho para fazer almoço porque este acabou. Um ambulante conhece a situação de pessoas confinadas com seus veículos em um congestionamento num dia quente para ir lá vender um caldo de cana gelado para matar a sede, ou uma chipa para matar a fome.

Essas interações revelam conhecimentos que se tornam estratégias – mas estratégias que não diminuem o Outro, muito pelo contrário, são estratégias pautadas em trocas recíprocas se nos atentarmos nos valores de uso: pequenos valores de dinheiro para a sobrevivência da/o ambulante em troca de saciar a sede, a fome, um desejo, e outras tantas simples, mas importantes necessidades da nossa vida cotidiana.

Na fronteira, homens e mulheres ambulantes parecem incorporar as alteridades³, colocando diferentes signos em trânsito e contato, e ao mesmo tempo, produzindo uma

³ “Do latim *alteritas*, alteridade é a condição de ser outro. O vocábulo *alter* refere-se ao “outro” na perspectiva do “eu”. O conceito de alteridade, por conseguinte, é usado em sentido filosófico para evocar o descobrimento da concepção do mundo e dos interesses de um “outro”” (CONCEITO.DE, online). Disponível em: <https://conceito.de/alteridade>

cartografia cotidiana da fronteira. Isso demonstra que as fronteiras, “antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas” (PESAVENTO, 2002, p. 35). Para Hall (2006, p. 49) “[...] a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural”.

Nas práticas, “[...] a própria fronteira é reinventada, re-imaginada e revivida, passando, mesmo que intermitentemente, da condição de dispositivo para a condição de disposição para usos e abusos nem sempre próximos a sua condição dominante” (GOETTERT, 2011, p. 56). Nessa perspectiva, compreendemos a fronteira enquanto “[...] realidade transcendente, [...] um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de mobilidade [...]” (PESAVENTO, 2002, p. 36-37). Assim, a fronteira “é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa”, proporcionando “o surgimento de algo novo e diferente” (p. 37). As fronteiras:

[...] induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situações ou época, assim como de população, esta dimensão aponta para uma nova reflexão: a de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira é, sobretudo, híbrida e mestiça. (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Dessa presença cotidiana de ambulantes nessas cidades fronteiriças, também tratamos de pensar como esses sujeitos produzem um fazer do território de fronteira em suas práticas e de como o movimento e o contato dessas pessoas e das coisas que comercializam, negocia e produz imaginários sobre o Outro, conduzindo, entre diálogos e conflitos, à produção de uma identidade/consciência geográfica transfronteiriça, já que os movimentos de corpos, objetos e ações estão impregnados de representações geográficas construídas historicamente, e que se transformam pela ação. Segundo Goettert (2013b, p. 749), “representa-se, imagina-se e significa-se o “outro” como parte de uma certa condição ontológica de sujeitos de identidade, sempre marcada e marcadora de diferenças”. Com isso, entende-se que:

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes (HALL, 2006, p. 71-72).

Assim, “[...] as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social de representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo” (PESAVENTO, 2002, p. 35-36). Desse modo, entende-se que “todas as fronteiras, [...] como parte do processo civilizador, definem práticas, discursos e representações que emolduram sujeitos, grupos, comunidades e sociedades em espaços divisados entre, sempre, “Nós” e “Eles”” (GOETTERT *et al.*, s.d., p. 1). Na contemporaneidade, segundo os autores, o processo civilizador “[...] é um processo de fronteiramento territorial e étnico”, estando implicadas na “formação e expansão do Modo de Produção Capitalista e do Estado-nação”.

Os corpos aparecem então como espaços constituídos em uma constelação de relações, sentidos e objetos, sendo territorializados, desterritorializados e reterritorializado por modalidades de identificação, fluxos de poder e de significados, estando assim, sempre em negociação com outros espaços, já que, os próprios corpos são lugares sociais, políticos e geográficos (SILVA; ORNAT, 2016, p. 63-64). Nesse sentido, “[...] o significado de fronteira depende do lugar que se ocupa e a partir do qual se fala” (FUSCO, 1995 *apud* COSER, 2016, p. 156). Entendemos para essa pesquisa que os corpos ambulantes movimentam sentidos e negociam múltiplas fronteiras.

Cabe compreender que o processo de interação nas fronteiras, no sentido de um hibridismo cultural e de uma integração efetiva nos níveis econômicos, políticos e sociais não se dá de maneira uniforme. Sendo um processo descontínuo e que toma diferentes direções em cada dimensão, é preciso considerar que integração e desintegração coexistem, fazendo que os limites estejam em constante negociação nas relações socioespaciais, ficando mais rígidos ou mais porosos dependendo a situação.

Nesse sentido, “as fronteiras foram e serão sempre um elemento chave de diferenciação, comunhão e comunicação, interpondo-se entre a ordem e a desordem, entre o formal e o funcional, abraçando, nem sempre com equilíbrio, as regras e os ritos socioculturais conexos e desconexos” (OLIVEIRA, 2015, p. 235). A fronteira pode ser considerada então como um “marco de referência imaginária que se define pela diferença [...] em um jogo permanente de interpenetração e conexões variadas” (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Os conceitos de transfronteirização (CARNEIRO, 2016), fronteirização (OLIVEIRA, 2015) ou fronteiramento (CARVALHO, 2010) vêm sendo utilizados para entender essas

dinâmicas socioespaciais em territórios de fronteira. Com base em Ligrone (2006), Carneiro (2016, p. 24) coloca que a transfronteirização abarca um conjunto de processos em que uma fronteira é aproveitada e valorizada pelos seus habitantes, que transcendem e incorporam em suas estratégias de vida os limites impostos ou herdados. Por sua vez, Oliveira (2015, p. 138), o processo de fronteirização designa “[...] um procedimento contínuo de interação social e intercâmbio econômico que, naturalmente, acende conflitos, ambiguidades, cooperação, inclusão, exclusão, continuidade e mudança”. E como fronteiramento, Carvalho (2010, p. 85) designa processos em movimento que atribuem sucessivas significações às fronteiras, e nesse sentido, para o autor a fronteira é uma construção e desenvolvimento, e por isso, deve ser entendida no “gerúndio”.

Para abarcar o esses processos de fronteira, propomos a consideração de duas situações que ocorrem simultaneamente e que fazem parte de um mesmo processo, complexo e contraditório de contato na fronteira: a de trans-fronteirização e a de des-transfronteirização. Como trans-fronteirização, consideramos o conjunto de situações que tendem a produzir hibridismos e interações em que prevalece o diálogo. Como des-transfronteirização, consideramos o conjunto de situações que tendem a produzir conflitos e estereótipos, prevalecendo a intolerância, de forma a negar o Outro e a “transposição”.

Desse modo, as duas noções tratam de explicitar as relações complexas entre território, cultura e fronteira, compreendendo dois processos concomitantes que nos torna necessário analisar a fronteira sobre modalidades de abertura e fechamento (AMILHAT, 2007 *apud* SZARY, 2013, p. 1-2) De acordo com a autora, autores da literatura anglo-saxônica (HOUTUM, KRAMSCH e ZIFHOFER, 2004), chamam esses processos de “bordering”/“debordering”. *Bordering*, numa perspectiva de abertura, seria entendido como um processo que resulta em dinâmicas de trans-fronteirização, e *Debordering*, resultando dinâmicas de des-transfronteirização. Nesse sentido, dentro de um paradigma territorial, a fronteira pode transbordar dentro de morfologias extremamente diversas (RAFFESTIN, 2004 *apud* SZARY, 2013, p. 2).

As situações de trans- e des-transfronteirização como constituintes do processo de transfronteirização que abarca a produção de um transterritório, podem ser relacionadas a partir do entendimento das noções de “transterritorialidades abertas” e “transterritorialidades fechadas” de Goettert e Mondardo (2009). Para os autores, as transterritorialidades abertas são aquelas em que prevalecem “relações de mediação e negociação”, e as transterritorialidades

fechadas correspondem a situações em que prevalecem “relações de poder a partir de imposições, restrições, constrangimentos, preconceitos, vergonhas, discriminações, hierarquias e violências” (GOETTERT; MONDARDO, 2009, p. 124). Nesse sentido, as duas noções que propomos possuem um sentido estritamente humano-social, em que trans-significa uma relação mais igualitária e híbrida, e des-significa uma relação mais conflitiva, desrespeitosa e desigual.

Desse modo, “marcadas por relações de poder, as transterritorialidades, quando negadoras da territorialidade do Outro, manifestam-se como “fechadas”; quando passíveis de incorporação pelo menos parcial da territorialidade “estranha”, do Outro, apresentam-se como “abertas”” (GOETTERT; MONDARDO, 2009, p. 121). Nesse processo dialético, a multiplicidade de expressões valorativas e socioespaciais que permeiam as distintas escalas, faz com que o espaço de fronteira, dependendo de onde se fala e onde se faz, possa ter uma condição que “une” ou que “separa” (GOETTERT, 2013b, p. 750).

Partindo da concepção das trans-fronteirizações e des-transfronteirizações, das transterritorialidades abertas e fechadas, podemos compreender que são processos dotados de conteúdo humano, e podemos pensá-los, com Heller, numa perspectiva da produção de valores e desvalores. Estando ligado ao desenvolvimento das forças produtivas, Heller (1989, p. 4-5) considera “valor” tudo aquilo que contribui para enriquecer as componentes essenciais⁴ para elevar a particularidade individual ao genericamente humano, e como desvalor, aquilo que rebaixe o nível alcançado no desenvolvimento de alguma dessas componentes. O valor e o desvalor, segundo a autora, se produzem em esferas heterogêneas e de modo desigual, sendo resultantes de “relações e situações sociais”, e nesse sentido, quem porta o valor e o desvalor “é sempre alguma estrutura social concreta, alguma comunidade, organização ou ideia, alguma exigência social” (HELLER, 1989, p. 5).

RELATOS DES-TRANSFRONTEIRIÇOS SOBRE O PARAGUAI

O Paraguai é uma bagunça, que lugar sujo! Muito lixo no chão, muita gente, muitos ambulantes enchendo o saco! Não comprem mercadorias deles, porque coisas compradas na rua não são confiáveis. Vocês sabem que o que é do Paraguai é falsificado, né? Cuidem bem

⁴ Heller parte das componentes da essência humana consideradas por Marx, que são “o trabalho (a objetivação), a socialidade, a universalidade, a consciência e a liberdade” (MÁRKUS, 1996 *apud* HELLER, 1989, p. 4).

de suas coisas também, porque lá é muito fácil que alguém te roube. Quando falam em guarani para não entendermos, estão falando mal de nós brasileiros. Eu não como nada no Paraguai porque eles são muito porcos. Os ladrões que roubam aqui em Foz são todos do Paraguai. As epidemias de dengue também acontecem por culpa deles que são porcos, aí as pessoas vão para lá, são picadas e trazem a doença pra cá. E ainda por cima, depois que pegam dengue por serem porcos, lotam as filas dos hospitais daqui do Brasil, o que é injusto porque são nossos impostos que estão sendo usados. São porcos demais, só de atravessar a Ponte da Amizade dá para sentir o cheiro de xixi nos cantos onde os pedestres passam. As ruas também tem esse cheiro horrível, e são tão porcos que se alimentam ali mesmo, sentados no chão.

Os shoppings de médio a alto padrão, onde seguranças armados ficam em suas portas cuidando de quem entra e quem sai (levando em conta, sobretudo, aparência, tipo de roupa, classe social), são uns dos poucos lugares que pessoas que fazem relatos como o anteriormente gostam de frequentar em Ciudad del Este no Paraguai. Os shoppings, com ar condicionado, clientela vigiada, funcionários bem vestidos e funcionárias de salto e super maquiadas, cheiro de perfumes importados e prateleiras com produtos importados, e muitas vezes, caros (mas mais baratos que os encontrados no Brasil), criam outro ambiente que se contrapõe ao caos da rua.

Essas pessoas que costumam fazer relatos des-transfronteiriços, geralmente, são turistas brasileiros ou moradores da cidade de Foz do Iguaçu. Não são todos que pensam assim, mas existem os que disseminam essas “impressões”. O relato aqui é fictício, mas a fronteira com o real é tênue, já que o escrevi a partir de uma compilação de narrativas que ouvi no cotidiano ou que li em notícias e em comentários de usuários online sobre o país vizinho e seus habitantes.

Limpeza x sujeira, desenvolvimento x atraso, riqueza x pobreza, são algumas de tantas outras dicotomias que permeiam as relações estereotipadas entre gentes brasileiras e paraguaias, onde o Paraguai aparece sempre (ou quase sempre) na condição subalterna. Mesmo que a urina não esteja identificada com a cor da bandeira paraguaia, o cheiro dela em algumas partes da Ponte da Amizade e em alguns cantos de ruas em Ciudad del Este, é uma das coisas utilizadas para alimentar o estereótipo de que pessoas paraguaias são “porcas” ou “sujas” e que o Paraguai é um país “sujo” e “desorganizado”. É comum que as pessoas

visitem o centro comercial de Ciudad del Este e depois descrevam o país inteiro com o tão pouco que conheceram superficialmente.

No entanto, mais comum ainda é que associem a urina na rua exclusivamente como sujeira ou falta de higiene, e não como uma necessidade humana de quem tá ali precisando trabalhar e não podendo sequer usufruir de um banheiro em algum shopping das redondezas. E nessa área comercial entre Brasil e Paraguai, há centenas de pessoas trabalhando na rua nas mais variadas atividades para sobreviver. No caso dos ambulantes, nem sempre há lugar seguro para deixar as mercadorias ou alguém para cuidá-las em sua ausência, e nem sempre há um banheiro possível de ser utilizado. Nos shoppings, se não forem proibidos de entrarem logo na porta por causa da aparência, podem sofrer outros constrangimentos por tomarem a atenção de olhos vigilantes e julgadores de pessoas questionando “o que essas pessoas estão fazendo aqui?”.

Nesse sentido, podemos indagar, assim como Sundberg questiona em seu estudo acerca de objetos deixados por imigrantes não documentados na zona de fronteira entre México e Estados Unidos, “*¿Qué realidades son enmascaradas por el status no ideológico que se le atribuyen a las normas del sentido común asociadas al comportamiento corporal y al imperativo colectivo de la limpieza?*” (SUNDBERG, 2017, p. 27). Compreende-se que:

El criterio cultural que alimenta los sistemas cotidianos de distinciones geopolíticas toma en cuenta las nociones naturalizadas del comportamiento del cuerpo y de la higiene. Las expresiones narrativas y las prácticas espaciales establecen el lugar de pertenencia de los objetos íntimos de la vida diaria y el modo en que el cuerpo se relaciona con ellos y opera para establecer un orden social: una conducta apropiada en relación a esos objetos ha definido pertenencia, mientras que el comportamiento considerado inapropiado ordena de forma abrumadora los discursos y prácticas de exclusión. (SUNDBERG, 2017, p. 26).

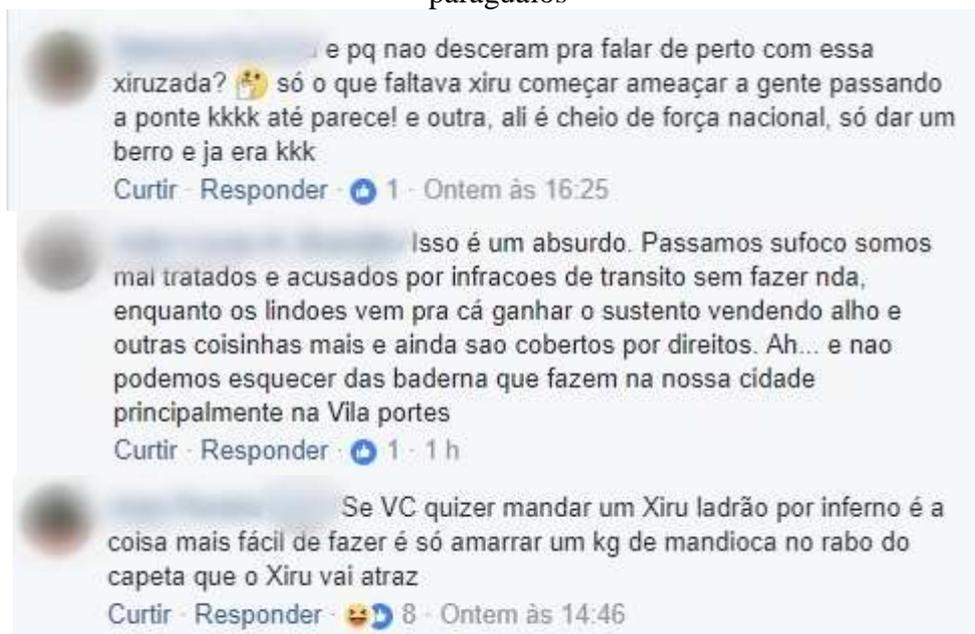
Para a autora, intimidade e a geopolítica estão imbricadas nas relações cotidianas, e nesse sentido, os corpos e seus comportamentos se tornam lugar da construção da nação e de demarcação de fronteiras entre “nós” e “eles” (SUNDBERG, 2017, p. 15). O íntimo corporifica as relações sociais, os objetos, as atitudes, e as práticas disciplinantes que produzem a identidade (SUNDBERG, 2017, p. 10). Dessa maneira, as concepções cotidianas de pertencimento nacional e as fronteiras geopolíticas se produzem com referência a um conjunto de normas íntimas naturalizadas no sentido comum (SUNDBERG, 2017, p. 15). Com isso, podemos refletir que:

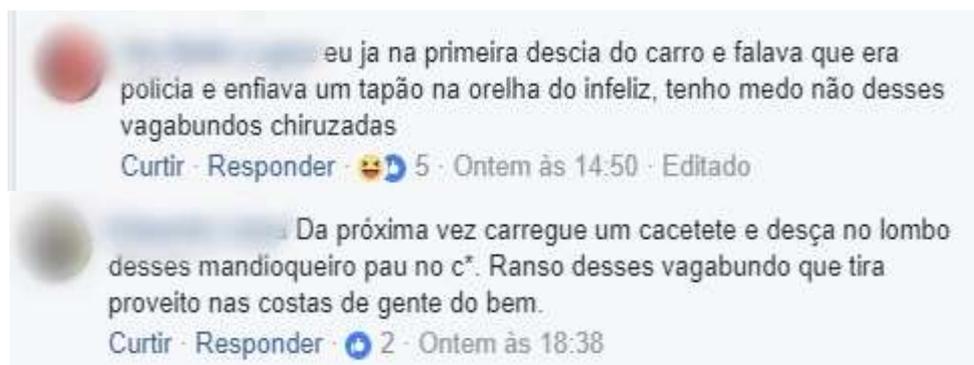
Fundadas sobre a condição autoritária e totalitária dos Estados-nações, as representações cotidianas em espaços de fronteira tanto reforçam a unidade das nacionalidades em disputa, como mecanismos de identidades únicas, como, justamente por isso, tendem à impossibilidade de rompimento dos marcos representacionais-identitários dominantes (GOETTERT, 2013b, p. 749-750).

E por isso, quando falamos em relações socioespaciais em contextos de fronteira, precisamos considerar que:

A fronteira captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura gestos, condutas, opiniões e discursos. Obviamente que não é a fronteira em si, ela mesma, em sujeito, que captura, orienta... mas, ao contrário, é o território subjetivado, “dividido ao meio” como processo político, geopolítico e de subjetivação/objetivação, o regulador de uma fronteira para si, isto é, inventada, imaginada mas fundamentalmente vivida como dispositivo condicionante de um jeito de falar, de ouvir, de olhar, de sentir, de se portar, de comprar, de vender, de andar, de definir-se a si e ao outro, como algumas das múltiplas repartições típicas de fronteira. Como dispositivo, dispomos da fronteira como condição física e moral de divisão, de separação, e que, mesmo que também se faça como território de encontro, se projeta, em última instância, como definidor da condição de pertencimento/não pertencimento e, por isso, de inclusão/exclusão, de aproximação/estranhamento e, no extremo, de controle e vigilância tais que o corpo estranho que se vê alijado de qualquer garantia de ficar (GOETTERT, 2011, p. 63).

Figura 1 – Comentários de moradores de Foz do Iguaçu em grupo de *facebook* sobre os paraguaios





Fonte: Facebook, 2017.

Os comentários acima (figura 1) foram escritos por usuários moradores de Foz do Iguaçu em um grupo destinado a temas sobre a cidade, reclamando de situações de pequenos subornos praticados por policiais e outros indivíduos no lado paraguaio da fronteira com os brasileiros. No entanto, podemos ver que as reclamações extrapolam tais situações, reproduzindo estereótipos generalizantes sobre os paraguaios que reforçam a intolerância, e em alguns casos, a violência, fatores de des-transfronteirização.

Palavras como vagabundo, ladrão, xiru (chiru), mandiogueiro, baderna são umas das utilizadas para estereotipar e estigmatizar as pessoas de nacionalidade paraguaia na fronteira. Albuquerque (2010, p. 176), ao fazer entrevistas com imigrantes brasileiros no Paraguai, chegou a ouvir que paraguaios são preguiçosos e só cultivam “363 pés de mandioca por ano”. A mandioca é um alimento muito consumido cotidianamente por grande parte da população paraguaia, e também está associado com uma cultura indígena, de onde a mandioca tem origem.

Parte da população paraguaia é mestiça de brancos com indígenas guaranis. Uma expressão disso está na língua guarani, que é, juntamente com o espanhol, uma das línguas oficiais do Paraguai, tornando-se uma marca identitária da nacionalidade paraguaia. Nesse sentido, a identidade indígena está atrelada à identidade paraguaia. Como identidade subalterna, é associada às noções de preguiça, sujeira, atraso, não-civilizado, etc., como verificou Albuquerque (2010) em sua pesquisa com imigrantes brasiguaios.

De acordo com o autor, nessas disputas simbólicas, se criam e se ressignificam palavras para classificar de modo negativo o Outro, como é o caso de chiru, em que “*che iru*” significa “meu amigo” em guarani, mas é ressignificada por brasileiros que modificam para

“*chi ru*” que se torna um termo pejorativo “bugre”, “índio” e “não civilizado” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 191).

É possível observar também em alguns comentários, a construção de uma distinção entre “Nós” e “Eles”, por exemplo, quando em um dos comentários é citado que os paraguaios são responsáveis pela baderna na Vila Portes, bairro bastante frequentado pela população paraguaia, e em outro, que é colocado que os “vagabundos” (eles) tiram proveito nas costas de “gente do bem” (nós).

Em outro comentário acima, reclamando da corrupção dos policiais paraguaios na fronteira, é colocado que “os ‘lindões’ (para se referir aos paraguaios de forma pejorativa) vem pra cá ganhar o sustento vendendo alho e outras ‘coisinhas’ mais”, dessa forma, referindo-se aos ambulantes de nacionalidade paraguaia que trabalham nas ruas de Foz do Iguaçu, já que muitos vendem alho. No entanto, o usuário ao acrescentar “e outras coisinhas mais”, provavelmente, escreveu na intenção de insinuar que vendem também mercadorias ilícitas, o que não há registros.

Nesse sentido, essa colocação pode ser resultante do estereótipo recorrente sobre o país vizinho, associado à corrupção, à falsificação e à mercadorias e práticas ilícitas. De acordo com Goettert (2011, p. 67), “[...] a nossa relação com o Paraguai é, de alguma forma, marcada pela “necessidade” de produção e reprodução de estereótipos e, no extremo, de estigmas, que de alguma forma podem resvalar dos produtos para as gentes paraguaias [...]”.

DOCE DE LEITE, CHIMARRÃO E MATE *HERMANO*: RELATOS TRANS-FRONTEIRIÇOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

As poesias a seguir foram escritas por alunas de escolas de Foz do Iguaçu para o prêmio Panambi de Poesia 2016, com a temática “A irmandade entre a Argentina e o Brasil”, sendo uma iniciativa do Consulado da República Argentina em Foz do Iguaçu e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). As poesias selecionadas foram publicadas em um livro organizado pela professora Cristiane Grando, coordenadora do projeto de extensão “Panambi” (borboleta na língua guarani), pela UNILA. Dessas, escolhi três que mais me atravessaram e me remeteram a experiências que tive quando vivi por cinco anos na Tríplice Fronteira.

COISAS TÍPICAS DA ARGENTINA

O chimarrão é uma coisa típica
e tem na Argentina e no Brasil
é igual, só que na Argentina
se chama mate e no Brasil
se chama chimarrão.

A Emília é uma boneca que
é personagem do sítio do pica-pau
Amarelo. A história foi feita
pelo escritor Monteiro Lobato.

Tango é uma dança na Argentina
de paixão. Eles ficam na frente um
do outro e dançam. Como isso é
bom, ficar na frente de quem você
gosta. Ah, como é bom, menina
bonita do meu coração, aquela
que dança com paixão.

Autora: Larissa Barbosa Polido.
Escola Municipal Cândido Portinari – 5º B.
Professora: Kelen Cristina Benjamin Santos.

FRONTEIRA QUE UNE

Quanto deste vasto céu está em terra “hermana”?
O infinito
Assim como a troca de culturas;
Vasta.

Traz a pequena borboleta;
Asas vermelho e verde.

Traz a irmandade
Habitantes com coração
De dupla nacionalidade.

Autora: Juliana Lima Matje.
Colégio Vicentino José – 3ª série.
Professora: Luciana da Silva Berti Eccel.

DOCE DE LEITE

Doce de leite é bom
principalmente com pão
mas antes de comer lava as mãos.

Doce de leite é um
doce da Argentina e do Brasil
que é muito gostoso e muito saboroso.

A Mafalda é uma
menina baixinha e
gordinha que parece
a boneca Emília.

Mafalda quer
comer doce de leite com pão
mas ela não alcança lavar as mãos.

Emília é uma boneca sapeca,
ela quer comer doce de leite com bolacha
de dentro da caixa.

Autora: Sabrina Aparecida Pereira.
Escola Municipal Cândido Portinari – 5º B.
Professora: Kelen Cristina Benjamin Santos.

No conteúdo das poesias, podemos notar a ênfase no compartilhamento e no diálogo, seja do doce de leite, do mate e do chimarrão, da Emília e da Mafalda, ou do céu, que também está em terra “*hermana*”. Na Tríplice Fronteira, é comum que moradores e turistas se desloquem até Puerto Iguazú para comprar doce de leite argentino, pela qualidade e variedade. Não é somente o doce de leite que é saboreado, mas também, a Argentina. Assim, o ato de comer é carregado de uma psicogeografia, ou seja, marcado por sentidos de lugar. Alfajor, vinho, azeitonas, e azeite de oliva também são bastante procurados na porção argentina do território da Tríplice Fronteira, e por isso, marcados pelo rótulo “argentino”.

A partir desses relatos, é possível verificar o encontro entre alteridades, onde prevalece o conhecimento do Outro e a construção de um diálogo a partir das diferenças que também revelam muitas similaridades. A “troca de culturas” como aponta uma das poesias, é um fator que produz situações de trans-fronteirização, como entendido neste estudo. Para Pesavento:

Fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas,

palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento. (PESAVENTO, 2002, p. 36).

As relações dialógicas e “antropofágicas” de alteridades fronteiriças presentes na narrativa dessas poesias revelam isso. Afinal, se saborear o doce de leite é também ingerir a Argentina, isso não deixa de ser um processo antropofágico num sentido cultural. E o resultado disso, pode produzir, como expressa uma das poesias, um sentimento de “dupla nacionalidade”, uma cultura híbrida transfronteiriça. Aqui, a ideia de trans-fronteirização se apoia nas noções de hibridação/hibridismo e de transculturação. Canclini entende por hibridação:

[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (CLANCLINI, 2003, p. XIX).

Em relação a noção de transculturação, Walter (2010, p. 90) a entende como uma tradução, o que implica deslocamento e transferência de significação. O autor entende a tradução enquanto um processo de suplementação, em que um se junta com o outro para proliferarem um no/pele outro, para assim, se abrirem a um “outro” novo. Nesse sentido, “[...] a transculturação organiza o entrelaçamento dos elementos locais e globais, bem como a interação da diferença e da semelhança” (WALTER, 2010, p. 101). Assim, a partir dos deslocamentos, surge uma terceira margem, em que as identidades se produzem na tensão entre enraizamento e errância (HANCIAU, 2010, p. 129).

É importante salientar, como os autores apontam, que essas situações envolvem negociações repletas de tensões e contradições. Desse modo, reforço que situações de trans-fronteirização e a des-transfronteirização entendidas aqui, fazem parte de um mesmo processo de fronteirização, e ocorrem simultaneamente.

A TRÍPLICE FRONTEIRA E SUA REDE URBANA TRANSFRONTEIRIÇA

Mapa 1 – Municípios da Tríplice Fronteira



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este, Hernandarias, Puerto Presidente Franco (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina) constituem em conjunto uma rede urbana contínua (mapa 1), onde cotidianamente, numa multiplicidade de interações, se dão relações socioeconômicas de complementaridade e interdependência (CARNEIRO, 2016; MOURA e CARDOSO, 2016). Por estar distribuída sobre limites internacionais, ocupando territórios de mais de um Estado, essa aglomeração urbana pode ser denominada de transfronteiriça (CARNEIRO, 2016). A aglomeração urbana formada pelos municípios da Tríplice Fronteira é de aproximadamente 800 mil habitantes (RODRIGUES, 2016a, p. 43). Trata-se do contingente urbano fronteiriço mais populoso da América do Sul, materializado pelo encontro de diferentes projetos geopolíticos de ocupação de fronteiras.

Contando com outros municípios não contíguos que dependem diretamente dessa rede urbana, podemos considerar a conformação de uma região transfronteiriça. O conjunto populacional do Departamento de Alto Paraná no Paraguai em que Ciudad del Este é a capital (DGEEC, 2016), dos municípios da Microrregião de Foz do Iguazu no Brasil (IBGE, 2016) e do Departamento de Iguazú – Argentina (IPEC, 2016), a população estimada da região para 2016 chega a mais de 1,3 milhão de habitantes, sendo 60% do território paraguaio, 33% do território brasileiro e 7% do território argentino (RODRIGUES, 2016a, p. 45).

Foz do Iguazu, dentro dos parâmetros brasileiros de rede de cidades, pode ser considerada uma cidade média⁵. A cidade é polo da Microrregião⁶ de Foz do Iguazu (IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). No entanto, por tratar-se de uma cidade que faz parte de um aglomerado transfronteiriço, possui características que lhe dão certas particularidades em relação às outras cidades médias brasileiras que não estão nas mesmas condições. Já Ciudad del Este, dentro dos parâmetros paraguaios de rede de cidades, é considerada como Centro de Zona Metropolitana, tendo a segunda maior área urbana do país, atrás da capital Asunción e participação fundamental na dinâmica econômica nacional. Algumas pesquisas, como a de Causarano (2007), apontam Ciudad del Este como uma das Zonas Metropolitanas do país, juntamente com as de Encarnación e Asunción. Puerto Iguazú, na Argentina, tem a menor população dessas três cidades polo da Tríplice Fronteira, aproximadamente 42 mil habitantes, sendo a maior do Departamento de Iguazú, repartição da Província de Misiones, que tem a cidade de Posadas como capital (RODRIGUES, 2016a, p. 44-45).

⁵ De acordo com Amorim Filho e Serra (2001), as cidades médias possuem cinco atributos principais: I. Interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional subordinado quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior; II. Tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; suficientes, sob outro ponto, para desempenharem o papel de centros de crescimento econômico regional e engendrarem economias urbanas necessárias ao desempenho eficiente de atividades produtivas; III. Capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, por meio do oferecimento de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas; IV. Condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização como o espaço rural microrregional que o envolve; e V. Diferenciação do espaço intra-urbano, como centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido como o das grandes cidades, isto é, por intermédio da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos. (AMORIM FILHO e SERRA, 2001, p. 7-9).

⁶ Conforme Constituição brasileira de 1988, Microrregião designa um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. A partir de 1º de janeiro de 1990, foi aprovada a nova “Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas”, através da resolução - PR número 51, de 31/07/1989, do IBGE (IPARDES).

Para Fernando Rabossi (2004, p. 10-11), nessa rede urbana transfronteiriça que está entre o cruzamento de circuitos comerciais, a dinâmica social não segue as divisões marcadas pelo limite internacional, e nesse sentido, as interações entre as cidades de diferentes países que a compõem, fazem com que se produza um espaço urbano contínuo, ainda que, alguns limites mantenham-se claramente, reproduzindo diferenças.

Essa rede urbana fronteiriça, ou, transfronteiriça, influenciada pela confluência de diferentes políticas, pelo agronegócio, pelo tráfico, pelo comércio e pelo turismo, sofre impacto direto de ordens geopolíticas advindas de diferentes projetos nacionais, bem como, de fluxos de bens, pessoas, e informação que se dão em escala transnacional. Essas diferenças se expressam nas distintas regulações político-jurídicas e econômicas, nos câmbios monetários das distintas moedas, nas distintas desigualdades sociais e esferas públicas, e também nas distintas peculiaridades sociais, culturais e territoriais. [...] Entre essas complementaridades, conflitos, e singularidades transfronteiriças, surgem solidariedades socioespaciais. Essas solidariedades espaciais são conformadas pela solidariedade e/ou conexões entre distintos grupos e/ou agentes sociais, em busca de um objetivo comum, que se utilizam de distintas espacialidades e suas dimensões para concretizarem suas práticas e estratégias. No contexto da rede urbana tratada aqui, a singularidade da fronteira é que conforma, sobretudo, a possibilidade de solidariedades socioespaciais. (RODRIGUES, 2016a, p. 21).

Por receber um grande fluxo de turistas, a Tríplice Fronteira conta com três aeroportos internacionais: um em Foz do Iguaçu, um em Puerto Iguazú e outro em Minga Guazú, este último sendo utilizado majoritariamente para o transporte de cargas. As infraestruturas, nesse sentido, desempenham um papel crucial nos fluxos das cidades. A construção de grandes próteses territoriais, como a Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu (1984) e a Ponte da Amizade (1965), tiveram papel fundamental para o florescimento da dinâmica urbana deste aglomerado transfronteiriço, impulsionando trocas e dinâmicas socioespaciais.

A Ponte da Amizade abriga um importante nodo de comunicação entre Brasil e Paraguai, permitindo um grande fluxo, sobretudo, comercial, de pessoas, mercadorias informações. A implantação da Usina, por exemplo, marcou profundamente a configuração espacial das cidades envolvidas, atraindo um grande contingente de pessoas para região por conta da necessidade de trabalhadores para a obra, o que acabou gerando novas atividades e a criação de novos fluxos na fronteira (CARNEIRO, 2016, p. 181-182). De acordo com André (2016):

[...] Ciudad del Leste, antes Presidente Strossner, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, surgem no esforço de ocupação das fronteiras dos três países, cada

uma a seu tempo, mas dentro do mesmo período geopolítico, foram dinamizadas pela forte verticalização dos respectivos Estados Nacionais com a construção de Itaipu, Ponte da Amizade e Ponte da Fraternidade [...] Sendo assim, a Tríplice Fronteira passou a experimentar dinâmicas urbanas próprias da globalização dos negócios. Enquanto Ciudad del Este ganhou a condição de terceira maior zona comercial do mundo, apenas atrás de Miami e Hong Kong, Foz do Iguaçu, em virtude de Itaipu e das Cataratas, recebe 1,5 milhões de turistas ao ano, sendo em média 25 % vindo de países do MERCOSUL e 25% vindos de fora do continente americano. As três cidades, nesta perspectiva, passam a organizar parte do seu espaço urbano para atender as demandas dos negócios internacionais, sendo oferecendo suporte técnico-financeiro ao agronegócio, consumo de luxo e lazer privado; sendo oferecendo serviços de turismo sofisticados; sendo oferecendo o mercado para produtos e serviços legais, e produtos e serviços em conflito com a lei, como a prostituição de luxo e o tráfico de armas e drogas (ANDRÉ, 2016, p. 48-49).

Assim, na cidade de Foz do Iguaçu, podemos destacar a presença de atrativos turísticos de “fama” internacional: As Cataratas do Iguaçu que divide com Puerto Iguazú na Argentina (consideradas a Oitava Maravilha do Mundo e Patrimônio Natural da Humanidade por órgãos internacionais); A Usina de Itaipu, considerada uma das maiores do mundo; Outros atrativos como o Parque das Aves, onde se encontram espécies de aves de várias regiões do planeta, o Marco das Três Fronteiras, o Museu de Cera, inaugurando recentemente, entre outras atrações, também fazem parte do circuito turístico da cidade. Por conta desses atrativos e da Tríplice Fronteira, Foz do Iguaçu é marcada profundamente pelo turismo, recebendo anualmente milhares de turistas de várias partes do mundo, e tendo instalados em seu território várias empresas com esses fins, como agências turísticas e hotéis.

Ciudad del Este no Paraguai, por sua vez, é, sobretudo, marcada pelo turismo de compras, ou seja, recebe milhares de pessoas de vários lugares do Brasil e, em menor quantidade da Argentina, que visitam o microcentro⁷ da cidade para realizar compras nos diversos estabelecimentos comerciais e shoppings da cidade em busca de novidades e preços mais baixos que em seus países de origem.

Tirando proveito das vantagens concedidas à importação de mercadorias isentas de taxas aduaneiras, provenientes na maioria das vezes do Sudeste Asiático, a base econômica de Ciudad del Este é a triangulação do comércio. [...] Apesar do grande crescimento do turismo de compras registrado a partir dos anos 90, a origem do polo comercial de Ciudad del Este remonta a década de 1960, quando teve início o crescimento econômico e demográfico da cidade, marcado pela construção da Ponte Internacional da Amizade, que

⁷ O microcentro de Ciudad del Este é uma área que fica próxima da Ponte da Amizade onde se concentram estabelecimentos comerciais de todo tipo, incluindo shoppings e autosserviços, que vendem, sobretudo, mercadorias importadas, tendo como principal público, compradores brasileiros.

ao mesmo tempo em que ligava o Paraguai ao Brasil criava expectativas para o comércio. [...] O ramo de mercado mais importante da cidade está relacionado à importação e revenda de produtos baratos, especialmente *made in China* (eletrônicos, brinquedos, cosméticos, pirataria, etc.). Essas mercadorias são trazidas e comercializadas, em grande parte, por intermédio da comunidade chinesa da Tríplice Fronteira (CARNEIRO, 2016, p. 185-186).

O comércio de triangulação que move grande parte da economia da cidade, é um processo de reexportação – o Paraguai importa mercadorias exportadas por outros países, e reexporta para outros, principalmente para o Brasil – esse tipo de comércio é estimulado por políticas de promoção do governo paraguaio que concede vantagens à importação de mercadorias, sendo esta, isenta de taxas aduaneiras (CARNEIRO, 2016, p. 185-189).

Muitos dos compradores buscam em Ciudad del Este mercadorias para revender em seus locais de origem, produzindo uma economia da “muamba”⁸ movimentada por uma grande quantidade de “sacoleiros” – como são conhecidos os compradores que buscam mercadorias para revender. No entanto, o movimento desses compradores tem caído nos últimos anos, que pode ter suas caudas explicadas no aumento de controle por parte do governo brasileiro e na valorização do dólar em relação ao real, já que as mercadorias importadas em Ciudad del Este são comercializadas em dólar.

Puerto Iguazú, na Argentina, é a menor e menos movimentada das três principais cidades da Tríplice Fronteira. Nela se encontra o Parque Nacional de Iguazú, onde se encontram as Cataratas Argentinas; O shopping *Duty Free* que comercializa produtos nacionais e importados e que se localiza antes mesmo da aduana argentina; A feirinha, onde há barraquinhas que vendem mercadorias como alfajores, vinhos, queijos, salames, azeitonas, azeites de oliva, etc.; O *Marco de las Tres Fronteras*; O circuito de turismo *Yryapú* Guarani, que é um empreendimento comunitário administrado por membros da comunidade da etnia *mbyá guarani* local⁹; E há também uma boa variedade de estabelecimentos gastronômicos que são buscados por turistas.

A Tríplice Fronteira também é marcada por grupos significativos de imigrantes, principalmente chineses e árabes. Esses dois grupos possuem vários comércios nas cidades,

⁸ Como dialeto local, entendemos “muamba” como mercadorias diversas compradas no Paraguai e trazidas para o Brasil para revender. Nesse sentido, a palavra “muamba” é agregada à uma mercadoria em “movimento” entre Brasil e Paraguai.

⁹ Mais informações podem ser encontradas nesse endereço: excursioneseniguazu.com.ar/excursiones/turismo-guarani-lugares-para-visitar-en-puerto-iguazu.php

sobretudo, em Ciudad del Este, mas também há um número significativo em Foz do Iguaçu. Por isso, é possível encontrar estabelecimentos com letreiros nas línguas árabe e mandarim, e estabelecimentos de gastronomia típica desses grupos. O shawarma, um sanduíche árabe, foi um dos principais alimentos que se popularizaram em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este (onde chamam de *Lomito Árabe*). Essa “popularização” não está isenta de “alterações” pelo contexto local: o shawarma ganhou “novos” ingredientes em muitos dos estabelecimentos, passando a ser feito também por brasileiros e paraguaios.

Nas cidades da Tríplice Fronteira, é possível encontrar-se com pessoas de várias origens: brasileiros, paraguaios, argentinos, imigrantes árabes e chineses, imigrantes haitianos e senegaleses, indígenas de etnias do tronco Guaraní e da etnia *Maká*, estudantes da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA)¹⁰ provenientes de vários países da América Latina, turistas de vários países do mundo, etc. Isso confere para este território uma situação sociocultural complexa. Nesse sentido:

É assim que em ambos os lados da fronteira se pode constatar a existência de contingentes populacionais não necessariamente homogêneos, mas diferenciados pela presença de indivíduos ou grupos pertencentes a diferentes etnias, sejam elas autóctones ou indígenas, sejam provenientes de outros países pelo processo de imigração. Ora, isso confere à população inserida no contexto de fronteira um grau de diversificação étnica que, somado à nacionalidade natural ou conquistada do conjunto populacional de um e de outro lado da fronteira, cria uma situação sociocultural extremamente complexa. . (OLIVEIRA, 1997, pp. 13-14 apud OLIVEIRA, 2006, p. 108).

No entanto, é preciso apontar que há determinados locais onde as interações socioculturais são mais intensas. São locais onde há intenso cruzamento de diferentes pessoas, sobretudo, por conta do turismo e do comércio. O microcentro de Ciudad del Este, a Vila Portes, as áreas centrais das cidades, os principais pontos turísticos como as Cataratas do Iguaçu e o Terminal de Transporte Urbano, por exemplo, são lugares privilegiados desses encontros. É nesses locais, onde se concentram pessoas e relações que envolvem dinheiro, e que muitos ambulantes buscam se concentrar. No entanto, é, sobretudo, nesses locais, que a lógica do capital tende a se instalar com mais força, implicando em mecanismos de controle que buscam destinar o território para o fazer e a organização exclusivos de ordens e agentes

¹⁰ A Universidade criada em 2010 tem campus na cidade de Foz do Iguaçu. Pela sua orientação vocacional à integração latino-americana, a universidade conta com uma política que busca inserir 50% de alunos brasileiros e 50% de alunos provenientes de países da América Latina.

hegemônicos, o que tende a expulsar os ambulantes para as áreas mais periféricas. Nesse sentido:

Estas cidades reproduzem um urbanismo, dividido, desigual e contraditório, protetor dos negócios e grupos socioespaciais com alto poder, predador e implacável com os pobres de todas as matizes culturais, expressando o que Boaventura de Sousa Santos (1998) chamou de “fascismo sociais”, dentre eles, o fascismo territorial (ANDRÉ, 2016, p. 51-52).

A contradição do circuito comercial-turístico da Tríplice Fronteira, conforme o autor, também se revela no fato de que:

[...] há toda uma produção, planejamento e organização urbana para que a tríplice fronteira possa atrair turistas consumidores de todo o mundo. Por outro lado, a força de trabalho que move este circuito internacional de turismo-consumo é basicamente formada por brasileiros, paraguaios e argentinos pobres, não obstante, os controladores deste circuito internacional no território são geralmente árabes, chineses, libaneses, brasileiros e argentinos integrados e capazes de definir em certa medida a economia política deste território (ANDRÉ, 2016, p. 54).

GEPOLÍTICAS CRUZADAS: DO MILITARISMO, DO TURISMO E DA ENGENHOSIDADE ÀS IMPLICAÇÕES PARA OS TRÂNSITOS DA ECONOMIA E DO TRABALHO DAS GENTES FRONTEIRIÇAS

Pessoas atraídas e traídas por sonhos, por necessidades, por uma aventura sem escolha, da qual fazem parte alienadamente, sem vontade própria. E, ao mesmo tempo, pessoas que se modelam, se reestruturam, que "dançam conforme a música", e que se organizam, no seu estilo peculiar de organização, para não perecer frente às condições que lhes são impostas, e que vão se construindo no cotidiano, enquanto sujeitos de sua própria história, deixando seu testemunho concreto, vivo, contra os descaminhos proporcionados pelas classes dominantes do país. (CATTÁ, 1994, p. 133-134).

Conforme Souza (2009, p. 23), o governo militar no Brasil (1964-1985) foi responsável pela construção da Itaipu, que se deu num processo de muitos conflitos. A ligação da cidade com o exército atravessou a história da cidade desde a sua fundação – em 1889 por ordem do Ministério da Guerra, foi fundada a Colônia Militar, que teve como função, segundo Wachowicz (1982) consultado pela autora, consolidar e fixar os limites, ampliando o domínio territorial brasileiro no oeste do país, já que este se encontrava ameaçado pela presença de vanguardas das frentes argentinas e paraguaias de extração de madeira e ervamate (p. 23; 32).

A colônia foi extinta em 1910, sendo criado então o distrito de Iguazu pertencente ao município de Guarapuava, e em 1932 foi instalada a 1ª Companhia Independente de Fronteira do Exército (SOUZA, 2009, p. 24). Nos livros de história da cidade, tais acontecimentos são memorados como marcos do progresso e respondiam aos interesses nacionais de defesa do território brasileiro por meio da ocupação da Tríplice Fronteira oeste (p. 24). De acordo com trabalhadores entrevistados pela autora, o exército até meados da década de 1970 foi um dos maiores consumidores da produção agrícola dos colonos, mas foi também o principal agente repressor das estratégias de sobrevivência desses trabalhadores quando estas envolviam comércio de mercadorias com Argentina e Paraguai (p. 24-25).

Segundo Wachowicz (1982) *apud* Souza (2009, p. 37-38), devido a integração precária da localidade com o restante do território brasileiro¹¹, a população de Foz do Iguazu era dependente de mercadorias trazidas pelos comerciantes argentinos, o que acarretava também na maior influência da moeda argentina, e também do idioma espanhol. De acordo com moradores de Foz do Iguazu entrevistados pela autora, desde a década de 1940, o envolvimento de trabalhadoras e trabalhadores no comércio de mercadorias entre os países da fronteira, sobretudo entre Brasil e Argentina, constituiu um modo bastante comum e cotidiano de estratégia de sobrevivência (SOUZA, 2009, p. 158). Na Argentina, eram buscadas mercadorias industrializadas, e o transporte era realizado por canoas (p. 159). Nesse sentido, a insuficiência econômica da localidade do lado brasileiro, motivou uma economia de trocas fronteiriça desde muito cedo (p. 160). Nesse intercâmbio, produtores rurais de Foz do Iguazu também levavam seus produtos, como laranjas, para serem vendidas ou trocadas por outras mercadorias no lado argentino (p. 160).

A falta de regulamentação e controle do Estado sobre essas trocas foi criticada nos relatórios do exército já durante a instalação da Colônia Militar de Foz em 1889, e com isso, criou-se uma legislação específica sobre importação e exportação de mercadorias, impondo taxas de importação e exportação, aumentando o custo de vida da população local que dependia da importação de produtos de primeira necessidade da Argentina, o que acabou tornando ilegal a forma de reprodução da economia local e fomentando o apelo ao “contrabando” (SOUZA, 2009, p. 160-161). Conforme a autora, “esta contradição entre a realidade concreta da dinâmica econômica local e as determinações legais do Estado atravessou os anos e engendrou a própria história da cidade de Foz do Iguazu” (p. 162). Desse

¹¹ A pavimentação da BR 277 que liga Foz do Iguazu ao restante do estado do Paraná foi efetivada somente em 1969 (SOUZA, 2009, p. 160).

modo, “o caráter ilegal imputado às formas de funcionamento da economia local vem de longa data, desde a interferência militar, na formação de Foz do Iguazu” (p. 176). No entanto, a prática de compra e transporte de mercadorias em Puerto Iguazú na Argentina para a revenda em Foz do Iguazu continuou a ser uma das principais atividades desempenhadas pelos trabalhadores naquela época, sobretudo, em momentos de crise e de desemprego (165-166).

Segundo Souza (2009, p. 166-167), até por volta da década de 1970, esse comércio entre Argentina e Brasil realizado pela população era muito comum, inclusive, as mercadorias eram revendidas para hotéis da cidade. Contudo, de acordo com Moniz Bandeira (1995, p. 241-242) *apud* Souza (2009, p. 167), o contrato realizado entre Brasil e Paraguai para a construção de Itaipu inviabilizou os planos argentinos de edificar duas usinas em parceria com o Paraguai, acirrando a postura defensiva da Argentina em relação ao Brasil desde a década de 1950, o que acarretou no “endurecimento” das fronteiras entre os dois países. Com isso, Souza (2009, p. 167-168) aponta com base em relatos de moradores de Foz do Iguazu, que a partir da década de 1970, a fiscalização da travessia de pessoas e mercadorias entre Foz do Iguazu e Puerto Iguazú passou a ser mais rigorosa, criminalizando as práticas costumeiras de comércio e de trabalho pela população local.

De acordo com algumas das pessoas entrevistadas pela autora, trabalhar com o transporte de mercadorias na fronteira era uma estratégia a mais para sobreviver com outras formas de trabalho em situação de desemprego ou má remuneração, sendo em muitos casos, mais vantajoso do que um posto no trabalho formal, incluindo o fato do trabalhador ser “dono do seu próprio trabalho”, sem ter que responder patrão (SOUZA, 2009, p. 170). Assim, estratégias legítimas de trabalho foram transformadas em crime pela ação repressiva do Estado (p. 171).

Entre os anos de 1930 e 1940, a exploração de madeira e de erva-mate que sustentava a economia da região entrou em declínio, e então, o governo brasileiro, dirigido pelo presidente Getúlio Vargas, criou um novo programa de ocupação e povoamento denominado Marcha para o Oeste, criado para caracterizar incentivos e políticas adotadas para promover a ocupação da fronteira oeste do país (SOUZA, 2009, p. 38). Nessa época, os jornais locais já noticiavam projetos e propostas de desenvolvimento da cidade que apontavam o turismo como nova base econômica (WACHOWICZ, 1982 *apud* SOUZA, 2009, p. 39).

Conforme Catta (1994, p. 41), desdobrava-se nas últimas três décadas e meia, antes da construção da Itaipu, uma conjuntura da política externa brasileira voltada aos países vizinhos do cone sul que tornaria possível o seu projeto. A implementação de uma estratégia política no governo de Juscelino Kubitschek, que buscou reverter o processo histórico de aproximação e dependência do Paraguai em relação à Argentina para a órbita dos interesses políticos e econômicos brasileiros, e a ascensão do ditador Alfredo Stroessner ao poder no Paraguai nos anos 1950, foram fatores decisivos para que a construção de Itaipu fosse viabilizada mais tarde – e a sua construção era fundamental para a consecução desse projeto geopolítico, que também era de interesse do Paraguai (p. 44-46). Nesse mesmo momento, o mercado interno paraguaio abria-se para mercadorias estrangeiras com alíquotas aduaneiras em torno de 15% com previsão de chegar à isenção, o que era interessante para países exportadores de produtos manufaturados (p. 46).

Nas décadas de 1960 e 1970, o Paraguai mudou seu rumo geopolítico priorizando a influência brasileira, o que modificou profundamente a estrutura territorial da região oriental do país pela implantação e fortalecimento da rede viária orientada ao novo eixo econômico localizado ao leste nos limites com o Brasil (VÁZQUEZ, 2006, p. 35). A política de Stroessner denominada “*Marcha al Este*” acarretou na ida de um grande contingente de brasileiros para o Paraguai a partir dos anos 1960, garantida por incentivos fiscais e terras baratas, para que estes imigrantes desenvolvessem e modernizassem a agricultura no país (FIRMEZA, 2007 *apud* CARNEIRO, 2016, p. 98). Isso fez com que, mais tarde, a expansão do monocultivo empresarial promovida por empresários brasileiros se tornasse uma das principais frentes da economia da zona leste do país, acarretando num fenômeno de “brasileirização” da vida socioeconômica e cultural no Paraguai (VÁZQUEZ, 2006).

Com isso, verifica-se a partir de 1960 no Paraguai, um deslocamento de mão-de-obra do setor primário para o terciário, processo que acompanha a estratégia de inversões do país em que a modernização do emprego sem industrialização causou a proliferação de trabalhos de má qualidade no setor terciário não formal, que se apresentou como uma alternativa para o emprego não agrícola para as pessoas que saíram do campo para as áreas urbanas (HEIKEL e BAHR, 2011, p. 830-831).

O atual Departamento do Alto Paraná, onde está localizada Ciudad del Este, até meados da década de 50 era considerado uma selva, pois até a fundação da Ciudad Presidente Stroessner, atual Ciudad del Este, haviam apenas duas pequenas vilas no departamento,

Hernandarias (1896) e Puerto Presidente Franco (1929), ambas construídas por iniciativa privada, a última tendo um porto de embarque de madeira e erva-mate (MEDINA, 2004; YNSFRAN, 1990).

Impulsionado também pelo interesse em abrir uma nova saída para as exportações que eram feitas somente pelo porto de Buenos Aires, em 1956 Stroessner fez uma viagem de reconhecimento aéreo sobre o Departamento de Alto Paraná em que foi escolhido um ponto no meio da selva para fundar a Ciudad Presidente Stroessner numa ideia inspirada no projeto da capital brasileira, Brasília, construída no “meio do nada” (MEDINA, 2004; YNSFRAN, 1990). Nisso, o governo paraguaio, com empréstimo do governo brasileiro, já tinha iniciado em 1955 a construção da Ruta Internacional 7, ligando o leste do país à capital paraguaia Asunción (idem).

Consequentemente, o projeto governamental paraguaio, “*Marcha al Este*”, que incluiu a criação de polos de desenvolvimento foi ganhando um ritmo acelerado, mobilizando grandes grupos de pessoas para o Alto Paraná para a construção da Ruta Internacional, da Ponte da Amizade e dos primeiros edifícios da então Ciudad Presidente Stroessner em 1957, fundada com objetivo geopolítico, sendo considerada uma nova artéria para a rede de fluxos do país (MEDINA, 2004; YNSFRAN, 1990).

Com o início da construção da Ponte da Amizade, em 1959, houve um elevado movimento de povoação da cidade por conta dos trabalhadores que vieram para a obra, e pouco antes de sua inauguração em 1965, o comércio de mercadorias entre Brasil e Paraguai começa a tomar impulso (MEDINA, 2004; YNSFRAN, 1990). Nesse momento, novas avenidas passaram a ser construídas, em parte também devido a construção da Usina Hidrelétrica de Acaray (1964-1968) entre Ciudad Presidente Stroessner e Hernandarias (idem).

A partir do final da década de 1960, se desenvolve na Tríplice Fronteira o contrabando de café em grande escala do Brasil para o Paraguai em que muitas pessoas passaram a trabalhar, tornando-se uma estratégia que permitiu a sobrevivência de muitos trabalhadores desempregados pelo fechamento de madeiras da região na época (SOUZA, 2009, p. 172). Esse intercâmbio de mercadorias, ao contrário do realizado com a Argentina, foi identificado nas entrevistas como contrabando, pois este era organizado em grande escala e os trabalhadores eram “empregados”, não negociando a compra e a venda das mercadorias, sendo apenas uma força de trabalho contratada para realizar o transporte do café (p. 175).

Com a construção de Itaipu que começou em 1974, houve no lado paraguaio um incentivo à abertura de estabelecimentos vendendo eletrodomésticos, jogos, perfumes, etc., o que deu entrada aos imigrantes chineses, árabes, coreanos, etc. (MEDINA, 2004; YNSFRAN, 1990). Este crescimento fez com que em 1973, Puerto Presidente Stroessner se tornasse Capital do Departamento de Alto Paraná, posto ocupado por Hernandarias até então, mudando seu nome para Ciudad del Este em 1989 (idem). O comércio desenvolvido no microcentro foi central durante a década de 1980 na geração de possibilidades concretas de trabalho e na amplificação da imagem daquele espaço como lugar de oportunidades, pois a cidade passou a dispor de uma grande variedade de produtos importados devido ao alto índice de isenção de impostos, por ser considerada área uma zona franca no país, fator o qual, atraiu um elevado público de consumidores, principalmente brasileiros, em busca de novidades e bons preços (idem). A definição do regime jurídico da cidade também permitiu o crescimento de Ciudad del Este como centro comercial com potencialidade para o turismo de compras (idem). Em consequência do elevado desenvolvimento comercial de Ciudad del Este, as antigas cidades de Hernandarias e Puerto Presidente Franco consolidaram-se como cidades dormitório (idem).

Assim, a construção da usina de Itaipu teve grande impacto na dinâmica e na organização espacial das cidades da Tríplice Fronteira, sobretudo, em Foz do Iguaçu, Ciudad del Este, Hernandarias e Presidente Franco. Nessas cidades, a Itaipu também construiu vilas para abrigar os trabalhadores envolvidos em sua construção, como os peões da construção, os técnicos administrativos e os engenheiros (VICTAL e SOUZA, 2011). Cada uma dessas vilas era destinada à determinada categoria de trabalhadores, apresentando uma lógica de separação de classes sociais, e nisso, a estrutura e a estética das casas e das vilas também se diferenciava de acordo com a hierarquia de funcionários (CATTA, 1994; SOUZA, 2009; VICTAL e SOUZA, 2011). Nessa organização das vilas, também foi criado um sistema de segurança que “zelava” pela ordem nesses espaços dia e noite para o perfeito desempenho de todas as atividades (CATTA, 1994, p. 80).

Num quadro de relações tão conflituosas, seja entre Empresa e operários, seja entre os próprios funcionários, onde vivia-se num mundo prestes a explodir a qualquer momento, a Itaipu manteve como instrumento de coerção e repressão desses trabalhadores uma "Segurança Física" da Obra, recrutada e treinada em moldes militares, para cumprir adequadamente seu papel. Atuavam nas Vilas, no canteiro de obras, em toda a área de controle e atuação da Itaipu. Porém seu poder transcendia aqueles limites, sendo perceptível sua presença também na cidade de Foz do Iguaçu. Atendia, com sua constante vigilância, às imposições de manutenção da ordem e disciplina emanadas das "normas" e "regulamentos" de Itaipu, bem como zelava para

que não fosse subvertida a rígida hierarquia que ali predominava. Também atendia à segurança e tranquilidade requerida pelas elites de Itaipu, que a ela recorriam sempre que elementos perigosos, muitas vezes os próprios peões da Obra invadissem seu espaço (CATTA, 1994, p. 90-91).

Em Foz do Iguaçu, por exemplo, foram construídas as vilas “A”, “B” e “C”. Nas vilas A e B residiam as famílias dos funcionários contratados diretamente por Itaipu, sendo funcionários do setor administrativo e engenheiros, e na vila C residiam os peões contratados pelas empreiteiras (SOUZA, 2009, p. 187), também conhecidos como barrageiros, “[...] que arcaram com as tarefas mais brutas, mais desgastantes, mais extenuantes da construção da Usina” (CATTA, 1994, p. 60).

Cada uma dessas vilas possuía toda a infraestrutura necessária para manter (com exceção da vila destinada aos "peões" denominada vila "C") uma qualidade de vida considerada excelente, enredando de tal forma seus moradores pelas opções que ofereciam, em detrimento do que a cidade poderia lhes oferecer, que estas tornaram-se um mundo a parte dentro da estrutura de Foz do Iguaçu (CATTA, 1994, p. 79)

O tratamento do sistema de segurança de Itaipu, que era praticamente uma “polícia”, também se diferenciava para cada vila:

Porém a própria vida de certa reclusão e trabalho constante a que estavam relegados os moradores da Vila "C", a vila dos peões da Obra, fazia com que sua relação com o espaço em que viviam se tomasse fora do controle da autoridades da Empresa, que ora faziam "vistas-grossas" às alterações empreendidas pelos operários em sua residências a fim de melhorar sua habitabilidade, ora intervinham através dos órgãos assistencialistas para contornar controvérsias entre esses moradores, ora empregavam a força da Segurança de Itaipu para resolver problemas de maior gravidade que envolvia a ordem daquele espaço (CATTA, 1994, p. 81).

A partir de 1975, num período de quatro anos, as cidades se transformaram num enorme canteiro de obras, o que atraiu muitas pessoas em busca de um trabalho na construção, fazendo com que a cidade de Foz do Iguaçu passasse nesse período de 34 mil habitantes para 150 mil, Hernandarias de 15 mil habitantes para 70 mil e Ciudad del Leste de 20 mil habitantes para 60 mil (VICTAL e SOUZA, 2011, p. 81). Assim, segundo Catta (1994, p. 22), presenciou-se a chegada de “[...] um enorme contingente de pessoas para trabalhar na Usina Hidrelétrica de Itaipu, ou para usufruir indiretamente dela, através do comércio ou prestação de serviços [...]”. Além das pessoas que chegaram de fora, havia um considerável contingente de pessoas que foram expropriadas de suas terras e do trabalho no campo pelo alagamento da represa de Itaipu que cobriu mais de 1/4 do território de Foz do Iguaçu, que

ficaram sujeitas também ao sub-emprego e ao desemprego (SOUZA, 2011). Nesse sentido, “[...] a mesma construção que criou emprego também destruiu modos de viver e de trabalhar” (p. 182).

Com a construção da Itaipu, moldou-se um espaço urbano calcado na ideia de modernidade e progresso, de poder econômico, de desenvolvimento regional e de bem estar da população a partir da união da “natureza” e da “engenhosidade humana” (CATTA, 1994, p. 73). No entanto, de acordo com o autor, tal engenhosidade trouxe entre suas principais consequências:

[...] uma massa heterogênea vinda de todas as partes do Brasil e dos países vizinhos que passou a sobreviver, quando não absorvido pela economia local, de trabalhos informais ou de sub-empregos, sem a perspectiva de ver concretizado o sonho de enriquecimento ou independência financeira que os levou para aquelas paragens; a criminalização da atuação desse segmento da população pelas elites, com a anuência do Poder Público e com o devido controle e repressão pelas polícias que ali atuavam; um favelamento acelerado nas áreas periféricas da cidade e um vertiginoso aumento da especulação imobiliária; desorganização das áreas centrais com um trânsito caótico, acidentes constantes, formação de comércio paralelo de produtos diversificados nas principais ruas da cidade; alto índice de criminalidade (assaltos, arrombamentos, homicídios, furto de automóveis que eram levados para desmanche ou comercializados no Paraguai) e narcotráfico (CATTA, 1994, p. 22).

De acordo com o autor, tais transformações ocorridas pelo impacto da Itaipu também acarretaram na presença acentuada de crianças de rua, pedintes e mendigos e em problemas de habitação (p. 35-36). Este último problema se tornou ainda mais agudo pela expansão do comércio de fronteira e do turismo local, já que atraiu e elevou os lucros de comerciantes estrangeiros de Ciudad del Este (sobretudo árabes, coreanos e chineses) e da elite vinculada ao mercado do turismo, fazendo com que estes investissem na compra de imóveis em Foz do Iguaçu, acarretando um processo de especulação imobiliária (p. 37). De acordo com a lembrança de muitos trabalhadores entrevistados por Souza (2011, p. 178), a Itaipu foi responsável também pelo aumento do custo de vida na cidade, já que tudo se calculava em função do valor dos salários dos trabalhadores da Itaipu, sobretudo aluguel (pela grande quantidade de gente que chegava na cidade) e alimentação.

Dessa maneira, Catta (1994, p. 97) constatou que a implantação da Itaipu por um lado, foi a maior responsável pela organização de infraestruturas básicas da cidade, mas por outro, pelas enormes distorções de concentração de renda, amplos segmentos da sociedade se viram

excluídos das atividades formais de trabalho. Conforme dados do ano de 1991 do Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu (1992):

Para uma população de 190.175 habitantes, correspondia aos bairros populares, uma população de 107.809 pessoas. E para esse total de pessoas que viviam nas áreas periféricas da cidade, os dados apontavam que 62.184 estavam incluídas no rol das Pessoas em Idade Ativa, para servir o mercado de trabalho. Porém apenas 29.963 estavam formalmente cadastradas como economicamente ativa. As demais, estavam, sem dúvidas vinculadas ao mercado informal (CATTA, 1994, p. 106).

Os trabalhadores informais, que estavam divididos entre vendedores ambulantes, laranjas, engraxates, etc., juntamente com os sacoleiros¹² que eram atraídos pelo comércio de importados no Paraguai a baixo custo, costumavam ser abordados e revistados nos mais diversos lugares da cidade de Foz do Iguaçu, e muitas vezes, suas mercadorias eram retiradas pelos policiais (CATTA, 1994, p. 123). Segundo o autor, esses sujeitos que teimavam, por pura necessidade de sobrevivência, em perambular pelos diversos cantos da cidade, principalmente nos lugares de maior concentração popular (Rodoviária, Ponte da Amizade, Avenida Brasil, proximidades de bancos, da Catedral, da Prefeitura e da Câmara de Vereadores), assim como as crianças de rua, pedintes e mendigos, eram indesejáveis pelas elites locais (p. 121; 128). Com isso, para manter a estética desejada para aquela cidade turística para atender o gosto de turistas que estavam em busca de um “paraíso natural”, as autoridades locais juntamente com as elites que vendiam essa imagem, tentaram um processo de higienização da cidade, prendendo e/ou removendo tais sujeitos das áreas centrais e turísticas (p. 131).

Souza (2011, p. 198) aponta que as narrativas dos trabalhadores entrevistados em sua pesquisa identificam o desenvolvimento urbano de Foz do Iguaçu como um processo que se concentrou nas áreas da cidade funcionais às atividades do turismo, em detrimento das áreas de moradia dos trabalhadores, e alguns também indicaram que o desenvolvimento dessas atividades continua sendo vivido pelos trabalhadores, também como exploração. Desse modo, a cidade turística (infraestruturada) é uma cidade para ser desfrutada pelos outros, e esse desfrute depende de um exército de trabalhadores (que moram nas áreas que revelam uma cidade precária) (p. 193-195). Tal exército de trabalhadores não é mostrado na promoção dos

¹² Em português, sacoleiro (de sacola, bolsa) é aquela pessoa que viaja para comprar mercadoria para depois revender (RABOSSO, 2004, p. 53). Esses sujeitos também são conhecidos como “muambeiros”, no entanto, de acordo com Rabossi (2004, p. 53), este termo tem conotação negativa, estando relacionado ao contrabando.

empreendimentos turísticos (p. 202-203), o que demonstra uma alienação do consumo, já que as relações humanas presentes na produção desses serviços não são mostradas.

A atividade turística foi se consolidando a partir da década de 1960, atingindo um nível privilegiado na década de 1990, possuindo, no quadro brasileiro, uma infraestrutura que já possuía perspectivas de incremento para os próximos anos (CATTA, 1994, p. 11-12). Dentre os atrativos turísticos que atraíam pessoas de várias partes do mundo já consolidados nesta época, destacavam-se as Cataratas do Iguaçu, a Itaipu e o turismo de compras em Ciudad del Este no Paraguai que atraía principalmente brasileiros em busca de mercadorias para revender em outras cidades (p. 12). Até 1991, a cidade de Puerto Iguazú também recebia turistas e moradores da região para a mesma finalidade do turismo de compras, pois ofereciam produtos de couro e peles, laticínios, bebidas e azeitonas à bons preços, no entanto, com a reestruturação econômica que o país passou durante o início dos anos 90, os preços se tornaram dolarizados e caros (p. 12-13).

O turismo de compras na fronteira teve seu auge nessa década com o boom do comércio de Ciudad del Este (RABOSSO, 2004). Milhares de pessoas atravessavam todos os dias a Ponte da Amizade para buscar mercadorias diversas para consumo próprio e para revenda, que é o caso dos sacoleiros, acarretando também no aquecimento do trabalho informal, seja no transporte ou na venda de mercadorias (idem). A valorização do real e o pouco controle da Receita Federal nesse período, possibilitou um intenso fluxo comercial na Ponte da Amizade, em que transitavam pessoas, mercadorias e capitais sem precedentes (REIMANN, 2013, p. 67). Tal situação acarretou no aparecimento de diversos negócios em Ciudad del Este e também em Foz do Iguaçu, sobretudo, nas proximidades da Ponte da Amizade para oferecerem serviços de hospedagem e alimentação para os sacoleiros que passavam por ali (CATTA, 1994).

O circuito desse movimento de pessoas e mercadorias também se fazia e se expressava nos diferentes espaços das cidades da Tríplice Fronteira em que essa dinâmica influenciava direta ou indiretamente, seja nas ruas do microcentro de Ciudad del Este repletas de lixo por conta do enorme fluxo de pessoas e quantidade de mercadorias, ou na rodoviária de Foz do Iguaçu que era porta de entrada para grande parte dos sacoleiros, e local de atividade de vendedoras e vendedores ambulantes, incluindo pessoas indígenas:

O terminal rodoviário serviu sempre como um espaço de sociabilidade muito importante onde ocorriam as trocas de informações sobre preços de produtos e os pontos de venda, no Paraguai, aqueles que eram os mais convenientes

para as compras. Servia também para a "troca" de produtos a fim de facilitar a passagem pela inspeção alfandegária nas estradas. E por fim, servia como dormitório, ou ponto de descanso das fadigas adquiridas nas inúmeras idas e vindas pela Ponte da Amizade, com as sacolas abarrotadas de produtos de todos os tipos. Essa concentração proporcionava a esse espaço uma estética grotesca, aos olhos daqueles que ocasionalmente a freqüentavam, ou não pertencia àquele universo de pessoas. Marcado pela sujeira, pela falta de higiene nos bares e sanitários, era, entretanto, um ponto estratégico de sobrevivência para os ambulantes que, expulsos dos espaços "nobres" da cidade, o utilizavam para a venda de todos os tipos de produtos, como bebidas, alimentos, sacolas para aqueles que dedicavam-se às compras, cigarros, e bugigangas em geral. Além de contar com a presença de índios do Paraguai e da Argentina que ali faziam "ponto" no intuito de vender seus artesanatos bem como de "artistas" que ali vendiam suas obras (CATTA, 1994, p. 14).

Por tais características, a rodoviária foi alvo de crítica por parte das classes dominantes que pressionavam o poder público para higienizar a área, construindo um novo local mais "moderno" (CATTA, 1994, p. 14). Tal conflito é identificado em um reclamo de um agente de passagens publicado num periódico local (O Combate, 18 a 23 de dezembro de 1991), que salienta a presença de vendedores ambulantes:

"O problema deverá piorar mais ainda com o aumento do movimento de final de ano. Mesmo pagando 120 cruzeiros de taxa de embarque, o passageiro é obrigado a suportar a falta de comodidade, a completa insegurança e o assédio de uma enorme quantidade de vendedores ambulantes. Esse lugar é péssimo, existe mais vendedor ambulante do que passageiro', atestava o agente de passagens Luiz Roque." (apud CATTA, 1994, p. 14-15)

Nesse sentido, a partir do estabelecimento de um imaginário de cidade "turística", o que impõe na prática determinada estética e organização socioespacial, construiu-se um discurso que também buscou justificar essa constituição a partir da ideia de uma vocação "natural" da cidade para o turismo. Essa ideia construída, como mostra a pesquisa de Souza (2011), determinou certos pioneiros para a narrativa da história da cidade, excluindo determinadas camadas sociais que foram fundamentais para o crescimento da cidade, como é o caso das diversas trabalhadoras e trabalhadores. Tais práticas estéticas, organizacionais e discursivas tornam pessoas como os trabalhadores ambulantes, um grupo fora de lugar, em situação de marginalização, que não deveria estar ali (nem na história oficial e nem no espaço). Na caracterização de Elias (2000), representam um grupo *outsider*¹³.

¹³ Os estabelecidos representam indivíduos e grupos que ocupam posições de prestígio e poder, se autopercebendo como uma "boa sociedade", portadora de bons hábitos. Já os outsiders, que existem sempre no

Nesse sentido, podemos compreender que a implantação de infraestruturas aliadas à “projetos” de “desenvolvimento” e “modernização” implicaram em um processo sistemático de marginalização, que apoiado por esforços institucionais, busca constantemente apagar a visibilidade das classes mais pobres, e remove-las para outros lugares – espaços marginais (SMITH, 2000, p. 135). Na Tríplice Fronteira, por exemplo, é possível perceber o quanto esse processo se faz por um sistema militarizado de vigilância.

REDES CRUZADAS: O *BOOM MADE IN CHINA* E A DINÂMICA AMBULANTE NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Para entender o “boom” comercial de Ciudad del Este, precisamos entender um conjunto de fatores que extrapolam as escalas locais e nacionais. Dos principais fatores, é imprescindível destacar o “boom” da industrialização e da abertura comercial exterior chinesa. Com a abertura econômica da China em 1978, sob o comando de Deng Xiaoping, esta adotou um modelo de industrialização acelerada, passando a produzir mercadorias baratas em massa para serem comercializadas em escala internacional, sobretudo, na província de *Guangdong*, no sul da China, onde estão as principais Zonas Econômicas Especiais do país¹⁴ (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 260; 2011, p. 100-101).

Tal abertura para o mercado chama a atenção para a grande amplitude de práticas informais, determinando um alto nível de personificação das instituições políticas e econômicas por meio do contato face a face de seus agentes (PINHEIRO-MACHADO, 2011, p. 104). Nesse cenário, assistiu-se ao longo da região do Delta do Rio Pérola, no sul da China, a disseminação de fábricas, shoppings, lojas e vendedores ambulantes, um processo em que os níveis de informalidade se demonstraram soberanos (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 122). Conforme a autora:

Na realidade, o *boom* da economia da China está imbricado à explosão do mercado de bugigangas e falsificações. A diretriz que vinha do governo incitava um desenvolvimento rápido da indústria que abarcasse, assim, um grande contingente de mão-de-obra, especialmente advinda da zona rural, onde a pobreza era extremada (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 121).

plural, pela desigualdade de poder, são reconhecidos pelos estabelecidos como indivíduos fora do lugar, em situação de inferioridade (ELIAS, 2000).

¹⁴ As Zonas Econômicas Especiais possuem carga tributária mais baixa e condições autônomas de mercado com o objetivo de atrair investimento externo e interno através do oferecimento de taxas reduzidas (PINHEIRO-MACHADO, 2011, p. 100-101).

Embora a pequena e média indústria chinesa tenha sido orientada ao consumo popular, de baixo custo, e em muitos casos, de pouca qualidade, produzindo mercadorias consideradas mundialmente ilegais (como as cópias e falsificações) e movimentando contrabando e trabalho ilegal, ela se desenvolveu a partir de um sistema legitimado socialmente quando o governo central chinês, de forma velada e notória, apoiou tal mercado, entendendo que ele tinha um papel importantíssimo para o boom da economia nacional e para a redução do desemprego e da pobreza no país (PINHEIRO-MACHADO, 2008a, p. 8). A relação íntima entre agentes do Estado e comerciantes é fundamental para compreender a permanência e o fortalecimento desse ramo de mercado, tanto na China quanto no Brasil e no Paraguai, que abriga práticas ilegais de ponta a ponta como o contrabando, a produção e circulação de mercadorias falsificadas e o trabalho informal (2008, p. 129). Muitas dessas relações são sustentadas pela troca de mercadorias políticas (MISSE, 2006 *apud* PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 128) como a corrupção, o clientelismo e demais subornos. No entanto, na China essa relação se dá de forma distinta, acontecendo na forma de *guanxi*¹⁵.

O boom da indústria chinesa de mercadorias baratas e cópias acarretou numa onda de diáspora chinesa entre as décadas de 1980 e 1990, tendo como um dos destinos Ciudad del Este no Paraguai, justamente por estar localizada numa fronteira internacional, em que a inauguração da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai em 1975, representou um horizonte propício ao desenvolvimento de atividades comerciais (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 261; 276). Os imigrantes de Taiwan são mais antigos na ocupação da fronteira (entre 1970 e 1980) por conta das relações diplomáticas firmadas entre Taiwan e Paraguai (p. 261). O estabelecimento desses imigrantes contribuiu para formar um dos maiores centros comerciais do mundo, “[...] movimentando uma economia não regulamentada, que sai do Paraguai e entra no Brasil como contrabando”, tendo seu período de ouro entre as décadas de 1980 e 1990, já que a partir dos anos 2000 foram estabelecidas uma série de ações públicas na tentativa de coibir esse comércio (p. 276).

¹⁵ Em termos gerais, essa prática implica a formação de conexões pessoais diádicas, que pressupõem uma ética de obrigações. Segue o princípio da economia do dom — dar, receber e retribuir (Mauss 2003), com vistas à formação de redes sociais (*guanxiwang*) (PINHEIRO-MACHADO, 2011, p. 104-105). Na prática do *guanxi* nos negócios, “[...] destaca-se a lealdade como categoria central que sustenta as conexões. Confiança, fluxo de informações, “espírito” de harmonia e obrigatoriedade dos laços também são alguns dos aspectos que propiciariam o desenvolvimento dos negócios, criando um ambiente seguro de investimento e fluxo de capital” (p. 103). Para saber mais a respeito, consultar o referido artigo titulado “Fazendo *guanxi*: Dádivas, etiquetas e emoções na economia da China pós-Mao”.

Sacoleiros de diversos estados, então, passaram a realizar frequentes excursões para buscar esses produtos e introduzi-los no mercado brasileiro. Portanto, consumidor do Brasil e produtor da China já estão conectados, sob o ponto de vista mercantil, há pelo menos 30 anos, devido à mediação de imigrantes no Paraguai, que fizeram daquela fronteira uma das mais visadas e efervescentes do mundo contemporâneo, redistribuindo riquezas e gerando trabalho, formal e informal (PINHEIRO-MACHADO, 2008a, p. 3).

No Brasil, o fenômeno China teve aparição recente nos circuitos hegemônicos de informação, se comparado aos setores informais do comércio popular brasileiro, que com aproximadamente uma década de antecedência, já se aproveitavam dos benefícios do boom chinês por meio do comércio de muambas a partir do Paraguai, caracterizando um circuito de bens e pessoas que geram trabalho e renda em setores periféricos e demonstrando um processo de “imposição mundial da nova e onipresente força “Made in China”” (PINHEIRO-MACHADO, 2008a, p. 2-3). Ainda que se trate de um mercado periférico, seu circuito está muitas vezes ligado ao sistema hegemônico, ou paralelo à ele (p. 7).

O boom da economia chinesa teve efeitos imediatos e vultosos sobre os antigos comércios de rua brasileiros, os quais, antes da década de 1980, vendiam mercadorias “inocentes”, tais como artesanato e alimentos. A fabricação em massa do Delta e a mediação dos chineses do Paraguai fizeram com que camelôs do Brasil inteiro passassem a se caracterizar pela muamba paraguaia feita na China, especialmente após a inauguração da Ponte Amizade, que une Foz do Iguaçu a Ciudad del Este [...] É importante atentar para um fato: muito antes de se ouvir falar no senso comum a respeito de enriquecimento da China, dragão chinês ou “novo império mundial”, o mercado popular brasileiro, sob redes informais de economia, já comercializava produtos daquele país e já sentia os efeitos do desenvolvimento da indústria de Guangdong. A “globalização popular e não hegemônica” (Ribeiro, 2007), nesse sentido, foi muito mais veloz em termos de comunicação e comercialização com a China, até porque os fluxos informais tendem a ser menos burocráticos e, portanto, mais rápidos. (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 122).

Tal conjuntura do comércio popular também se entrelaçou com o aumento do desemprego no Brasil a partir dos anos de 1990, momento em que a economia se abriu para o neoliberalismo, sendo o principal motivo do alastramento de trabalhadores ambulantes nos principais centros urbanos do país como alternativa ao desemprego (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 122). No entanto, segundo a autora, não se trata da única variável explicativa desse fenômeno:

Mesmo que o trabalho informal seja, indubitavelmente, fruto da maneira desigual com que o capitalismo se expande, não podemos negar que ele também tem sua origem na própria ética capitalista. O desemprego, nesse sentido, não constitui o único fator explicativo para o fenômeno da

informalidade. Em última instância, é o *ethos* que faz com que os sujeitos legitimem-na socialmente, no momento em que estão imbuídos do desejo de ser patrão, de estar no topo da cadeia, de trabalhar por si próprio e, principalmente, de mandar. Podemos dizer, *lato sensu*, que o trabalho informal é resultado tanto das condições materiais produtoras de desigualdade, como da subjetividade dos indivíduos, motivados por um espírito empreendedor (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 120).

Contudo, podemos apontar que a informalidade e a transnacionalização são da natureza desse mercado, que se desenvolve em larga-escala de produção, exportação e distribuição por conta da valorização da quantidade e do preço baixo, promovendo uma vasta cadeia de empregos informais da China, ao Paraguai e Brasil (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 120). Assim, “da linha de produção de uma mercadoria na China até o seu destino final em uma banca de camelo” ou no comércio ambulante de uma cidade brasileira ou paraguaia qualquer, “há um sistema econômico complexo e multifacetado, alternando níveis de formalidade e informalidade ao longo de uma extensa cadeia mercantil”, já que esses níveis variam ao longo de seu ciclo transnacional¹⁶ (p. 117). Por isso, a importância de entendê-lo para uma maior compreensão do comércio ambulante na Tríplice Fronteira.

Com a pressão internacional frente ao comércio informal e à pirataria, a fiscalização federal brasileira desde 2003 passou a coibir a dinâmica comercial popular entre Brasil e Paraguai pelo aumento do controle aduaneiro, movimentada principalmente por muambeiros brasileiros, fazendo com que esse comércio contabilizasse uma queda de até 80% no lucro, o que acarretou no fechamento de muitos estabelecimentos (geralmente de imigrantes árabes e chineses) em Ciudad del Este (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 262). A construção de uma nova aduana no lado brasileiro da fronteira Brasil-Paraguai em 2006 foi a ação que teve maior

¹⁶ “A primeira questão que devemos discutir em se tratando de uma rota transnacional é que a própria noção de informalidade e ilícito tem a ver com o que cada Estado-nação convencionou normativamente como legal. Boa parte do que é considerado contrabando no Brasil (ilícito), no Paraguai não o é. Isso em função de que as normas paraguaias de entrada de mercadoria do exterior são muito mais flexíveis quando comparadas às brasileiras. Mesmo sendo menos restritivas, no Paraguai há um comprometimento tácito das mais diversas autoridades em “deixar passar” as mercadorias, sob o entendimento de que aquele comércio da fronteira é vital para o país. O mesmo ocorre na China em relação à noção de Propriedade Intelectual. “Copiar” como meio fácil de crescer e gerar empregos não foi uma ideia surgida descolada ou paralela ao Estado. A obrigação de respeitar o registro de patente é muito recente naquele país, especialmente após a sua entrada na Organização Mundial do Comércio, pois isso o força a cumprir os acordos internacionalmente convencionados. O que não significa, entretanto, que entre os agentes do Estado não haja uma postura de *laissez-faire*”. (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 126). Um exemplo interessante dessa diferença, pode ser verificado em dois relatos de trabalho de campo realizado pela autora no Brasil e na China: “Durante o trabalho de campo na Ponte da Amizade em 2006, um policial da fronteira falava-me que o seu maior propósito era acabar com os sacoleiros: “odiamos essa gente criminoso. Aqui, se eu puder derrubar um sacoleiro, pisar sobre ele bem no pescoço, eu piso e esmago!”. Já os policiais de Shenzhen (China) falavam com quase orgulho a respeito da pirataria e da sua importância para um primeiro impulso na economia, relacionando isso com a necessidade urgente de se acabar com a fome e a miséria do interior do país” (p. 132).

impacto nesse comércio (p. 273). A partir daí, observou-se o crescente papel de São Paulo como centro de distribuição de mercadorias chinesas baratas para o mercado popular brasileiro, tomando o lugar que Ciudad del Este ocupou nos anos 1980 e 1990 (p. 263).

DA CHINA E DA DINÂMICA AMBULANTE NA TRÍPLICE FRONTEIRA AO MUNDO DO TRABALHO NA REESTRUTURAÇÃO DO CAPITAL E À GLOBALIZAÇÃO POR BAIXO

Segundo Antunes (2009, p. 104), as formas de horizontalização do capital produtivo associado à flexibilização, desconcentração e desterritorialização do espaço físico produtivo acarretou na redução do proletariado estável, tendo como consequência a expansão do trabalho precário, parcial, temporário, terceirizado e informal.

Vocês sabem que, segundo dados da OIT, hoje mais de 1 bilhão de homens e mulheres que trabalham estão ou precarizados, subempregados – os trabalhadores que o capital usa como se fosse uma seringa descartável –, ou encontram-se desempregados. A força humana de trabalho é descartada com a mesma tranquilidade com que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma massa enorme de trabalhadores e trabalhadoras que já são parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército industrial de reserva que se expande em toda parte. Essa tendência tem se acentuado, em função da vigência do caráter destrutivo da lógica do capital, muito mais visível nestes últimos 20, 30 anos. Isso porque, por um lado, deu-se a expansão nefasta do ideário e da pragmática neoliberal, e de outro pelo chão social conformado pela nova configuração do capitalismo, que tem sido denominada fase da reestruturação produtiva do capital, onde o toyotismo e outros experimentos de desregulamentação, de flexibilização etc., têm marcado o mundo capitalista, mais intensamente após a crise estrutural iniciada nos anos 70. (ANTUNES, 2009, p. 198).

No contexto do capitalismo atual, o caráter transnacionalizado do capital e de seu sistema de produção, com conexões cada vez mais internacionalizadas, resulta numa classe trabalhadora mais complexificada, pois a diversificação das formas de trabalho, cada vez menos estáveis, são constitutivas do atual processo de produção capitalista, em que a competitividade é crucial (ANTUNES, 2009, p. 115-120). Dada essa conjuntura, segundo o autor, a classe trabalhadora se tornou ainda mais heterogênea, fragmentada e complexificada.

Devido esse cenário, Antunes (2009) traz a noção de classe-que-vive-do-trabalho para compreender a classe trabalhadora nos dias atuais. O autor considera como classe-que-vive-do-trabalho a totalidade social despossuída dos meios de produção e que vende sua força de trabalho para sobreviver, incluindo trabalhadores improdutivos que realizam formas de

trabalho que são utilizadas como serviços, e conseqüentemente, os que estão desempregados, fruto da lógica destrutiva do capital. Nesse sentido, a fase de expansão do desemprego estrutural dado pela reestruturação do capital, configura-se como um dos fatores que desencadeiam o fenômeno do trabalho informal (p. 103-104), em que estão inseridos as vendedoras e vendedores ambulantes.

Dito isso, é necessário apontar que as fronteiras que permeiam os setores formais e informais são porosas (TELLES, 2010). A partir das considerações de Arroyo (2008), podemos constatar que os agentes inseridos no mercado informal permeiam o tecido urbano e se interligam com diferentes circuitos produtivos, ocupando um lugar no processo de produção, e assim, agregando riqueza e dinamismo à economia urbana. Mesmo que possam existir de forma relativamente autônoma, como é o caso de ambulantes que vendem comidas ou artesanatos de produção própria, dependem de algum insumo fornecido por empresas dos circuitos hegemônicos, e em certa medida, se explicam pelo não atendimento da demanda de empregos e serviços pela parte mais moderna da economia (ARROYO, 2008).

Segundo Tissi (2000, p. 78), “qualificado como setor informal da economia, o comércio ambulante ocorre nos interstícios da produção capitalista sendo forma de escoamento de bens e de fomento a outras atividades produtivas”. Nesse sentido, há uma inclusão precária desses sujeitos na dinâmica do capital, pois a lógica capitalista desenraíza e exclui determinados grupos sociais subalternos, para depois incluir “marginalmente” e de forma precária segundo seus interesses – mas essa inclusão se restringe ao plano econômico, não acontecendo no plano social já que essas pessoas estão sob categoriais sociais e morais rígidas (MARTINS, 1997). Assim:

[...] rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva (MARTINS, 1997, p.14).

Davis, em *Planeta Favela* (2006), aponta que a implementação de políticas neoliberais e as crises entre nas décadas de 1970 e 1980 tiveram efeitos catastróficos, sobretudo nos países em desenvolvimento e do chamado “Terceiro Mundo”, aumentando a pobreza e a desigualdade social urbana, e a classe trabalhadora informal global que supera quase um bilhão de pessoas, sendo a classe social de crescimento e mais sem precedentes da Terra (p.

209). O autor aponta que, no mundo “em desenvolvimento”, dois quintos da população economicamente ativa está no mercado informal de trabalho (p. 177).

No microcentro de Ciudad del Este, a presença dos ambulantes em frente à estabelecimentos comerciais destinados a consumidores de maior poder aquisitivo, muitas vezes comercializando mercadorias de luxo, nos permite visualizar uma fronteira entre a economia dos pobres (que nem sempre tem seu espaço garantido pela lei) e a economia hegemônica (que por conta de seu capital, tende a ter seu espaço garantido e seus interesses atendidos pela lei). Na entrada das Cataratas do Iguaçu, ou na entrada do *Rafain Churrascaria Show*, a presença dos ambulantes *Maká*, por exemplo, também nos mostra o contato dessas fronteiras, que é poroso e fechado ao mesmo tempo, já que em certa medida um pode se beneficiar do outro, porém, de forma desigual já que suas condições continuam a ser muito diferentes. No centro de Foz do Iguaçu, ainda que em menor grau, também podemos observar essas fronteiras, pois alguns trabalhadores ambulantes ficam vendendo seus produtos em frente às lojas.

O trabalho ambulante é diverso, e se diferencia de acordo com os produtos e mercadorias que comercializam, e também, com a mobilidade que realizam. Alguns ambulantes andam continuamente pelas ruas e uns escolhem um local específico para realizarem suas atividades – tal condição é importante para pensarmos a noção de ambulante. Uns vendem produtos de produção própria, e outros, revendem mercadorias compradas de outros agentes comerciais. As práticas desses últimos, que comercializam geralmente mercadorias de consumo popular, implica em relações mais diretas com circuitos produtivos globais, sobretudo, os que reproduzem o fenômeno da “globalização por baixo”, também apontada como “globalização popular” e “globalização não-hegemônica”.

No período atual, a economia dita informal se expande a partir de novas articulações entre a economia de sobrevivência, os mercados locais que se estendem pelas regiões e os circuitos globais da economia, que redesenham os territórios a partir de uma rede complexa de intermediários e intermediações, ativando no trabalho, conexões variadas que transitam entre o legal e o ilegal, o lícito e o ilícito, o formal e o informal (TELLES, 2007; 2010).

De acordo com Ribeiro (2010, p. 21), paralelamente à produção de uma globalização hegemônica, se produz uma globalização não hegemônica constituída por mercados populares e fluxos comerciais movimentados, em grande parte, por gente das classes menos abastadas. Conforme Santos (2006):

[...] a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e de vida. Com isso, aliás, tanto se ampliam a necessidade e as formas da divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação (SANTOS, 2006, p. 219).

Em diálogo com a obra “as culturas populares no capitalismo” de Canclini, o autor aponta que as globalizações populares “se configuram por meio de um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais” do mundo globalizado por parte de “setores subalternos”, que compartilham “as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema em que vive [...] ao mesmo tempo em que provê suas próprias estruturas”, e assim, “há tanto uma interpenetração como uma interação conflitiva entre o popular e o hegemônico” (CANCLINI, 1982, p. 62-63 *apud* RIBEIRO, 2010, p. 22).

Denomino este sistema de não hegemônico e não de anti-hegemônico, porque seus agentes não intencionam destruir o capitalismo global ou instalar algum tipo de alternativa radical à ordem prevalecente. É não hegemônico porque suas atividades desafiam o *establishment* econômico em todas as partes, nos níveis locais, regionais, nacionais, internacionais e transnacionais. Consequentemente, seus agentes são retratados como uma ameaça ao *establishment* e sentem o poder das elites políticas e econômicas que querem controlá-los. São reveladoras as atitudes que os Estados e as corporações têm com relação a práticas do sistema não hegemônico. A maior parte do tempo tais atividades são tratadas como assunto de polícia, sendo objeto de ação repressiva elaborada. O sistema mundial não hegemônico é um universo enorme que envolve, sim, atividades ilegais, tais quais tráficos de pessoas e de órgãos, que precisam ser reprimidas. De toda forma, trabalhadores, como camelôs, cujo “crime” é trabalhar fora dos parâmetros definidos pelo Estado, são uma parte expressiva da globalização não hegemônica (RIBEIRO, 2010, p. 29).

Alexandre Portes (1977, 1999) e Alain Tarrius (2002) trazem também a noção e “globalização por baixo” para tratar desse mercado de commodities de consumo popular, e que envolve também, bens ilícitos. Como vimos nas análises de Pinheiro-Machado (2008a, 2008b, 2012), o boom da economia chinesa tem relação direta com a dinâmica econômica da Tríplice Fronteira que envolve o comércio popular entre Brasil e Paraguai. Tal fato, foi possível reforçar em trabalho de campo, onde foi constatado que a maioria das mercadorias comercializadas são de procedência *Made in China*.

Usina do mundo, produzindo parte significativa dos bens de consumo agora distribuídos através do planeta, a China desempenha um papel central nesse dispositivo: como fornecedora, em escala mundial, de mercadorias de baixíssimo preço, como organizadora direta de mercados locais de consumo para o escoamento de seus produtos e como exportadora de migrantes

comerciantes e de trabalhadores alocados na organização desses mercados locais. (PERALVA; TELLES, 2015, p. 10).

Como protagonista do sistema da globalização por baixo, tem-se “[...] um ator distante dos centros do poder, e não obstante capaz de se comportar como ator – e não simples vítima da globalização” (PERALVA, 2015, p. 441).

Definido pela ação estratégica mais do que por uma lógica de protesto, uma de suas principais competências seria a capacidade de atravessar fronteiras. Como indica, aliás, Alejandro Portes, a globalização por baixo – mas o mesmo pode ser dito da globalização em geral – pressupõe a capacidade de tirar vantagem das vantagens diferenciais ligadas à existência de fronteiras. (PERALVA, 2015, p. 441).

Telles (2010, p. 176) aponta que os sujeitos que sabem atravessar as fronteiras, contornar controles, fiscalizações e demais “limites”, são portadores de competências circulatórias. Alain Tarrius defende que “os grandes atores econômicos da mundialização mobilizam os pobres como consumidores, como clientes e também como passadores, fora das regras oficiais e ao largo das convenções comerciais, fazendo os produtos chegarem aos países pobres e às populações pobres dos países ricos” (TELLES, 2010, p. 176).

Nesse sentido, esses agentes atuam como “formigas da globalização”, pois se inserem na fronteira de expansão do capital – por intermédio das mobilidades e práticas desses agentes que se desenrolam entre o formal e o informal, o capital alcança praticamente todos os lugares (TELLES, 2010). A ação desses agentes conecta territórios dispersos (PERALVA, 2015). Nas cidades de fronteira, podemos considerar que os ambulantes e demais sujeitos acionados em suas redes sócio-laborais, conectam territórios dispersos pela “norma”.

Por trás da reprodução desse sistema, há uma cadeia complexa de agentes que atuam nas diversas etapas da produção e circulação. Telles (2010) afirma que as práticas desses agentes costumam transitar entre o legal e o ilegal. Nisso, revelam-se também novas formas de mobilização do trabalho assentadas em mercados de trabalho precários, contrabando, clandestinidade, subornos, corrupção, pirataria, e que constituem uma dinâmica econômica à margem da lei, em que se verifica o acionamento de um proletariado móvel e a erosão de direitos do trabalho (PERALVA, 2015).

Os mercados de pobres globalizados não fazem viver somente os sacoleiros do contrabando; eles fazem viver também grandes importadores, Estados e o conjunto das indústrias que investem nesse nicho de mercado. [...] Na formação de todos esses mercados, há pedaços vindos de baixo mas também pedaços vindos de cima (PERALVA, 2015, p. 458).

Por outro lado, a reprodução desse mercado assegura “[...] às populações pobres, tanto nos países pobres com nos ricos, o acesso a bens antes inacessíveis e também às novas tecnologias de comunicação e informação, vetores da formação de redes transnacionais de migrantes circulantes” (PERALVA; TELLES, 2015, p. 9-10). Dessa maneira, no mercado de pobres globalizados, a mobilidade aparece como recurso para sair de situações de exclusão (PERALVA, 2015, p. 452).

AMBULANDO entre AMBULANTES

AMBULANTES E AS NEGOCIAÇÕES RUEIRAS

O trabalho ambulante é um modo de sobrevivência de muitas pessoas pobres e marginalizadas pelo mundo. No Brasil, foi uma das primeiras formas de trabalho das pessoas que eram e foram escravas, já que não tiveram outras opções pela marginalização que sofreram e sofrem ao longo da história, como relatam os trechos de “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, no prefácio dessa dissertação.

Antes da invenção da fotografia, o pintor Jean-Baptiste Debret (1768-1848) já havia desenhado uma série de vendedores ambulantes nas ruas brasileiras durante o período em que viveu aqui, entre 1816 e 1831. As suas imagens registraram os modos de trabalho (de escravos e homens livres) que começavam a fazer parte da experiência do espaço público no Brasil, como “Vendedores de cestos para transportar à cabeça” ou “Negros vendedores de aves” (MARQUEZ, 2011, p. 15).

Em busca da sobrevivência, com força, simplicidade e criatividade, as gentes ambulantes se encontram nas ruas, em suas esquinas, semáforos calçadas, praças, etc. A rua é o lugar dos ambulantes por excelência, e é nesse espaço que as gentes ambulantes negociam suas existências e atuam como (a)gentes na produção social do espaço, o que envolve a economia, a cultura e a política (imbricadas em suas relações). É também a partir dos movimentos pelas ruas que os ambulantes criam estratégias e se deparam com passagens e bloqueios. Dessa forma, segundo Musculini (2012, p. 59), a rua “dá referencial para compreender o aparato de regras, normas e estratégias do poder”. Conforme Carlos (2007), por exemplo:

As ruas têm sentido da normatização da vida – as placas, os semáforos indicam o sentido dos passos, do lugar do encontro, orientam e determinam o fazer, bem como o modo de percorrê-las. As ruas têm o sentido da segregação social, elas apontam a hierarquia social através de uma hierarquia espacial (CARLOS, 2007, p. 53).

Para a autora, “no transcurso de um único dia é possível presenciar que as ruas da cidade são tomadas por passos com ritmos diferenciados, com destinos diferentes. Os fazeres da cidade, vistos através da rua permitem perceber os tempos simultâneos. Ela guarda múltiplas dimensões” (CARLOS, 2007, p. 52). As atividades ambulantes, então, ocorrem

simultaneamente com outras atividades mais hegemônicas, com as quais interagem em relações de poder hierarquizadas.

Portanto, “a rua é um lugar privilegiado, onde se circulam viveres, fazeres, sentidos, percepções, para a formação de identidades, tanto individuais quanto coletivas” (MUSCULINI, 2012, p. 39). Nesse sentido, quando pensamos no contexto da fronteira, podemos apontar que os sujeitos ambulantes por intermédio de seus corpos, suas práticas, produtos e mercadorias, produzem sentidos que atuam nos processos de fronteirização/fronteiramento, e daí, na formação de identidades e suas diversidades em negociação. Com isso, “[...] a rua ainda preserva o sentido do encontro (CARLOS, 2007, p. 53)”, ao mesmo tempo dialógico e conflitivo.

Nas ruas, as práticas ambulantes revelam diferentes maneiras de se utilizar a ordem imposta do lugar, instaurando, a partir de suas intermediações, a pluralidade e a criatividade (CERTEAU, 1998, p. 93). Esses sujeitos “produzem um espaço efêmero que testemunha a diversidade quanto a tempos e velocidades, práticas e tecnologias e relações interpessoais – um espaço que escapa ao esforço de homogeneização, regularização e massificação dominante” (MARQUEZ, 2011, p. 8). Por não estarem submetidos à organização disciplinar do trabalho, os ambulantes tem uma noção de tempo e de espaço alternativa em que trabalho e lazer se misturam e se completam, pois é um trabalho em que prevalecem interações, potencializando uma nova sociabilidade (PINTO, 1994). Além disso, o trabalho ambulante se desenvolve em períodos irregulares, alternando diversas atividades (idem).

Para Antunes (2009, p. 175), uma vida cheia de sentido na totalidade das esferas do ser social será possível, apenas, através da demolição das barreiras entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, transformando-se em uma atividade vital autodeterminada e cheia de sentido, sob bases inteiramente novas para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital, desenvolvendo assim, uma nova sociabilidade:

Na lógica da acumulação capitalista, a produção do espaço pela sociedade sob a égide do Estado revela a imposição de relações que dominam o espaço para assegurar a reprodução do capital e do poder estatal (CARLOS, 2004, p. 145), privilegiando determinados setores da sociedade em detrimento de outros. Em suas obras, Lefebvre considera que o modo de produção capitalista cria o seu próprio espaço de reprodução, e a criação desse espaço instrumental, que o autor chama de espaço abstrato, onde o Estado tem papel crucial por meio do planejamento, destrói o espaço social que é o espaço do cotidiano (GOTTDIENER, 1993).

Com isso, também se produz nas cidades um urbanismo de fachada, que em nome da estética e da organização racional do espaço para o capital, esconde a miséria e teatraliza a vida cotidiana, diminuindo assim, as possibilidades de uso e apropriação (ARANTES, 1998). Dessa forma, se impõe a produção de um espaço que assegure a reprodução das relações sociais de produção capitalistas, um “espaço dominado pela técnica, mas não apropriado, pois destituído das possibilidades de produção de relações inteiramente novas, livres de determinismos e constrangimentos” (MARTINS, 1999, p. 33). Nesses moldes, “a ação hegemônica busca apropriar-se da totalidade constituída pelo espaço banal, ameaçando a sobrevivência da maioria” (RIBEIRO, 2005, p.101).

Para a sociedade e o governo pautado na lógica de propriedade onde o espaço é mercantilizado, quem tem direito de ocupar e usufruir de determinados locais são os agentes que podem pagar. Conforme Sposito (1999, p. 25), o público, que deveria ser de passível de apropriação por todos, na lógica da propriedade, é muitas vezes visto como algo que pode ser privatizado por alguns. Nesse contexto, “as noções de legal, de ordem e de controle revelam a face mais clara desse processo de sobreposição do direito de propriedade sobre o direito de apropriação da cidade” (p. 24).

Ainda que a produção urbanística busque controlar e eliminar essas práticas pela administração panóptica, elas se reforçam, se proliferam e se insinam por meio de táticas ilegíveis, constituindo “regulações cotidianas” e “criatividades sub-reptícias”, escapando da disciplinaridade hegemônica (CERTEAU, 1998, p. 175). Desse modo, segundo Ribeiro (2009, p. 154), os fazeres do território mapeados nesta cartografia, obedecem a regras não ditas do cotidiano e da sociabilidade, que quando articulados à revolta e à insurgência, são fazeres frequentemente fugazes e de curta duração, já que realizados num espaço opositor. Assim, “escapam da repressão justamente por serem imprevisíveis para a ordem dominante, inesperados e surpreendentes. Esta é uma cartografia construída pelo conhecimento vivido da cidade, por saberes populares, por praticantes dos lugares e pela solidariedade” (RIBEIRO, 2009, p. 154).

Para Martins (1999, p. 25) “o espaço [...] como meio e objeto de trabalho universal que é, constitui-se como necessidade e condição prévia de toda atividade prática, econômica, logo, da manifestação da própria vida. Ele próprio constitui uma força produtiva [...]”. Nesse sentido, abordar a fronteira a partir dos sujeitos ambulantes, é pensá-la a partir de suas gentes,

e de como estas utilizam cotidianamente o território de fronteira como recurso em busca de melhores condições de vida. Nessa perspectiva:

[...] a indissolubilidade espaço-tempo exige que a compreensão do território (territorialidades) envolva o cotidiano, esta temporalidade formada por continuidade alienada e permanentes micro rupturas e desvios práticos. É nesta temporalidade que se afirma o “homem lento”, conquistador de oportunidades de sobrevivência e real sujeito das resistências que emergem nos espaços clean e nas grandes superfícies da última modernidade. É na agência cotidiana que o “homem lento”, conduzido pela cultura ordinária, aparece como portador de futuros e também como inventor de soluções. Assim, é na espaço-temporalidade do cotidiano que a natureza prática do senso comum adquire a potência das territorialidades resistentes, transformando o acaso – valorizado pelos pós-modernos – em projeto realizado e, ainda mais, em tecido social (RIBEIRO, 2005, p. 96).

Como propõe Ribeiro (2009, p. 154), a presente pesquisa ao trazer a territorialidade¹⁷ ambulante para construir uma reflexão sobre a fronteira, trata de reconhecer sujeitos sociais que nem sempre são visíveis, mas que resistem à exclusão social, à opressão e ao anonimato, pois, “o pensamento institucional vinculado à atual cultura desse modo de produção ignora o que vem de baixo; desvaloriza as narrativas, as experiências e os laços de comprometimento estabelecidos cotidianamente nos lugares” (SENNETT, 2011, p. 154 *apud* XAVIER, 2018, p. 518).

De acordo com Antunes (2009), com base em Hegel e Lukács, o trabalho faz parte da constituição do ser social e é um momento de reprodução social, sendo fundamental para o processo de humanização do homem em sentido amplo já que é fundante de subjetividades, e desse modo, o trabalho é locus de realização de uma vida cheia de sentido em sua autorrealização individual e coletiva. Nessa perspectiva, as trabalhadoras e trabalhadores ambulantes nos demonstram a força, como aponta Ribeiro (2005, p. 108), de um mercado socialmente necessário que se apoia em trocas solidárias e inteligentes, favorecendo o conhecimento do Outro, e assim, valorizando a sua humanidade. Assim, os ambulantes “[...] negociam nas ruas o sentido social, o corpo político, a potência civilizatória, a existência proibida e a exclusão da economia formal” (MARQUEZ, 2011, p. 19). Com isso, deslocam fronteiras, e podem criar caminhos para:

¹⁷ Para Raffestin (1993, p. 158), “[...] a territorialidade [...] reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas”.

Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões. Em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente (ANTUNES, 2009, p. 175).

AMBULANTES E AS NEGOCIAÇÕES FRONTEIRIÇAS

Na tentativa de desnudar a fronteira a partir do cotidiano dos caminhos, das estratégias, dos objetos, das vidas e das vendas das gentes ambulantes, tentarei descrever como essas gentes atravessaram os meus percursos em trabalho de campo: o que eu vi, o que eu ouvi, o que eu cheirei, o que eu senti, e, sobretudo, os “ondes” desses quês, para refletir como a fronteira é cotidianamente geografizada pelos fazeres-movimentos dessas gentes que ambulam para sobreviver, articulando sujeitos e espaços a partir de relações de solidariedade, conflito e subordinação. Analisamos as práticas ambulantes na fronteira a partir da compreensão de que:

O limite, é um dado da estratégia cotidiana dos residentes das margens, ao menos quando é permitido atravessá-lo para o outro lado quer por um emprego mais bem remunerado, que como nas estratégias de acesso a produtos com menos taxas do outro lado ou residências menos custosas (FOUCHER, 2009, p. 26).

As práticas dos ambulantes estão “[...] ligadas ao dia-a-dia do bairro, da rua, da praça e, portanto, do território”, criando assim, “[...] uma pluralidade de expressões e de códigos, uma cultura que se faz e refaz com a existência” (ARROYO, 2008). De acordo com Pinto (1994), as falas e gestos dos ambulantes nas ruas proporciona um contato dos transeuntes com a diversidade cultural existente. Nessa perspectiva, o ambular dessas trabalhadoras e trabalhadores, por meio de suas expressões e códigos, pode nos apresentar uma cartografia alternativa da fronteira perante a produzida pelos agentes do Estado ou do mercado. Pretendemos identificar uma cartografia da fronteira que se desenha a partir das gentes, práticas, movimentos e mercadorias ambulantes, e dos processos que a atravessam. Entendemos que esses elementos grafam e são grafados pelos espaços e relações que trilham, empiricizando e dando concretude à sociedade e seus significados, em um jogo complexo de objetos e ações, fazeres e movimentos que se mobilizam com a realização das vidas, inevitavelmente espaciais.

A cartografia desmancha o mundo e cria outros, pois pode cartografar paisagens psicossociais (ROLNIK, 1989, p. 15), ou seja, não apenas físicas, mas também simbólicas e afetivas. Daí a importância de cartografias alternativas para apreender outras leituras e realidades do espaço. Ao apreendermos a fronteira experienciada pelos ambulantes, “consideramos ser necessário ler o território na escala do lugar. Deixá-lo falar e revelar suas tensões e conflitos, suas carências, seus conformismos e suas revoltas, mas também suas riquezas, seus valores e suas possibilidades” (XAVIER, 2018, p. 513). Partindo dessa concepção:

Enfatizando mais o “conteúdo” (o vivido) que a “forma” (expressões e imposições formais, legais, institucionais), podemos dizer que são as relações de um sujeito, de um grupo, de uma classe ou de uma instituição que definem a produção, construção e invenção de territórios/territorialidades. Portanto, os territórios devem ser apreendidos como movimento de relações nas quais os próprios territórios vão se fazendo, se desfazendo ou se refazendo; em outras palavras: o movimento das territorialidades. Assim, o território nem é um a priori nem um a posteriori, mas o movimento no qual as relações se fazem, material e simbolicamente (GOETTERT; MONDARDO, 2009, p. 111).

Assim, podemos considerar as práticas, narrativas e trajetórias ambulantes como cartografias que revelam a fronteira em diferentes sentidos. Para Certeau (1998, p. 208), os relatos rompem com a fixidez dos mapas, compondo espaços, verificando, confrontando e deslocando suas fronteiras. Assim, os relatos cotidianos são “feituuras de espaço”, pois contam o que aí se pode “fabricar e fazer” (CERTEAU, 1998, p. 207).

Para Rolnik (1989, p. 16) “o cartógrafo é antes de tudo um antropófago”. Nessa perspectiva, a proposta dessa pesquisa toma os sujeitos ambulantes enquanto cartógrafos cotidianos da fronteira, e então, os relatos, práticas, encontros, observações e percursos são colocados aqui na tentativa de construir uma cartografia do trabalho ambulante na Tríplice Fronteira e de situações de trans- e des-transfronteirização que se tecem nas interações antropofágicas entre as alteridades.

A partir da leitura de Leenhardt (2002), Pesavento (2002, p. 37) aponta a possibilidade de pensarmos a fronteira em sua dimensão de ambivalência e ambiguidade: “ambivalente porque a fronteira é trânsito que comporta dois estados de ser, e ambíguo porque traz consigo uma promessa de superação no tempo, na possibilidade de ser um outro, um terceiro” (PESAVENTO, 2002, p. 37). Aqui, nos propomos a pensá-la a partir dos ambulantes, pois suas práticas e trajetórias “impõem uma leitura diferenciada, porque

inquieta. [...] mas é esse ir e vir que lhes fixa a imagem e define-lhes a identidade. Eles guardam uma ambivalência entre o contínuo e o descontínuo e essa é uma das marcas de sua peculiaridade e força” (FUKELMAN; LIMA, 2003, p. 3-4).

Desse modo, os ambulantes, a partir de suas corporalidades, representam espaços efêmeros, sempre em passagem. Seus corpos ao se fundirem com os produtos e mercadorias, aparecem enquanto espaços de leituras e práticas discursivas, em que podemos “ler” territórios e fronteiras. Os ambulantes representam espaços em movimento que se fazem a partir de fios e nós de peregrinação, para utilizar os termos de Ingold (2015).

Entendo que os movimentos das diversas gentes que se cruzam no espaço tecem uma cultura que é sempre aberta, viva, negociada e inacabada. Movimentos impregnados de materialidades, imaterialidades, corporalidades e substâncias humanas que alimentam nossos olhos, nossos ouvidos, nossos tatos e nossos olfatos, dando conteúdo à nossa produção psicogeográfica, que entendo aqui como uma consciência social e espacial da vida.

Tal produção psicogeográfica nos molda enquanto sujeitos sociais, culturais e geográficos, e enquanto sujeitos corporificados incorporamos conteúdos a partir de nossas interações socioespaciais, e os expressamos por meio de nossas práticas enquanto sujeitos vivos. De tal forma, podemos considerar que esse conhecimento psicogeográfico “[...] é integrado não nos níveis de uma classificação, mas pelos caminhos do movimento, e as pessoas crescem dentro dele seguindo as trilhas através de uma malha” (INGOLD, 2015, p. 213).

Como afirma Certeau (1998, p. 176), “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares”. Podemos então concordar com Nogueira (2014, p. 61) que afirma que “os homens de muitos lugares são reconhecidos pelas características que levam deles através dos componentes culturais: hábito alimentar, linguagem, vestimenta, crenças, etc. Assim o lugar circula, migra; as pessoas carregam os lugares consigo”. No caso da presente pesquisa, a fronteira ambula com os ambulantes, e é tecida pelo ambular que revela outras fronteiras entre situações de trans- e des-transfronteirização. Compreendemos disso, que os “lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação¹⁸. [...] Os

¹⁸ Tim Ingold (2015) entende que a vida é abertura e movimento, e nisso, cada sujeito é um peregrino que traça uma trilha/linha de peregrinação. Na medida que umas se entrelaçam com outras, e com as coisas, vão formando nós. Esse conjunto de linhas e nós, compõe uma malha. É nessa malha que se revela mundo. Assim, “[...] a peregrinação produz uma compreensão prática do mundo da vida “longitudinalmente” integrada. Esse conhecimento não é nem classificado nem enredado, mas malhado” (INGOLD, 2015, p. 228).

lugares, em suma, são delineados pelo movimento, e não pelos limites exteriores ao movimento” (INGOLD, 2015, p. 220).

Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região ou continente. Isso por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (2008, p.184).

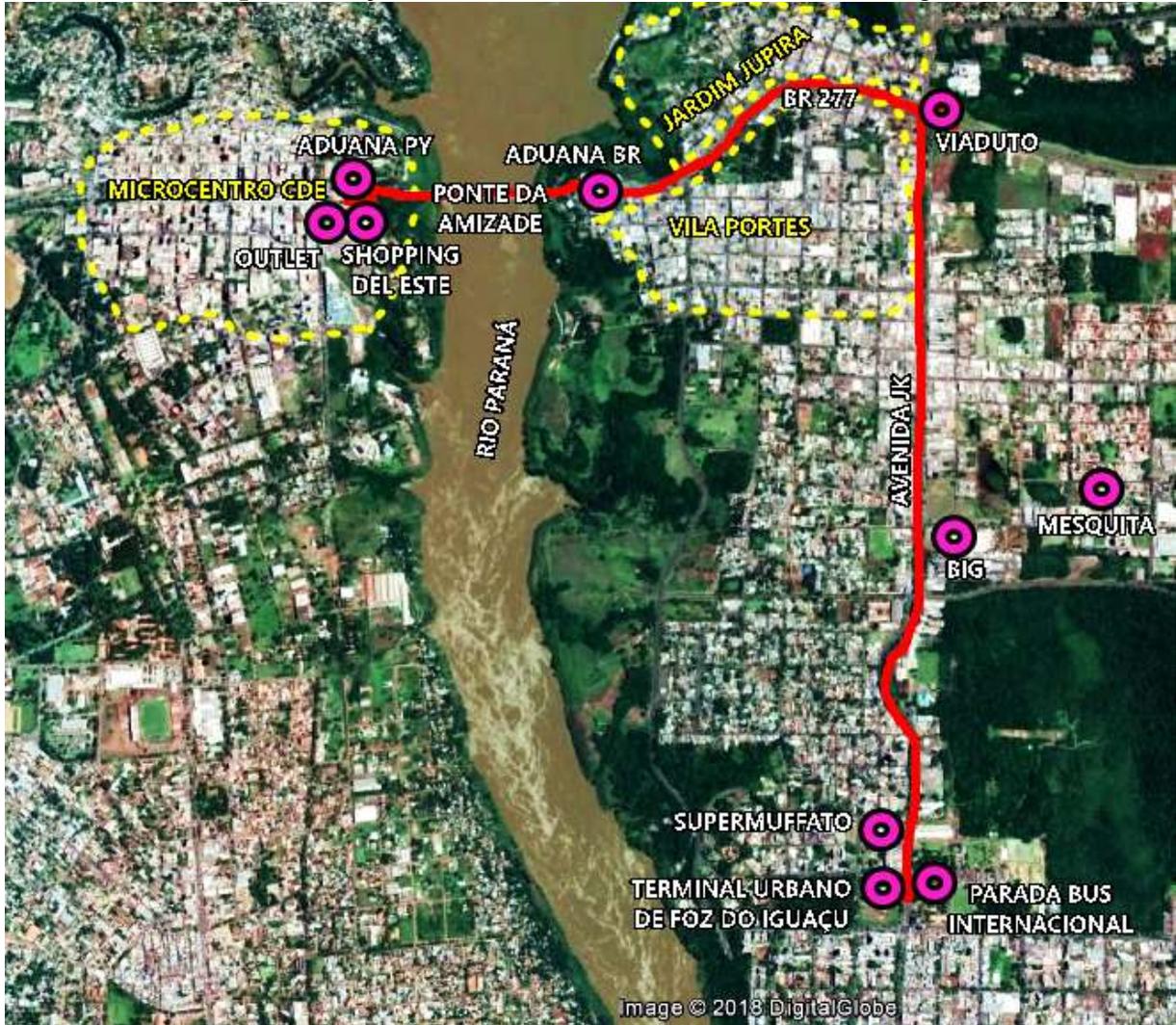
Nessa perspectiva, uma das indagações é, que “fronteira” é delineada pelos sujeitos ambulantes? Podemos encontrar respostas partindo da compreensão de que:

Toda fronteira resulta de relações humanas, mas também relações humanas são reinventadas, re-imaginadas e revividas em condição de fronteira. Poderes, controles e identidades, por isso, se movimentam nessas relações e condição de fronteira podendo, não raras vezes, ser tomados de assalto em contra-poderes, anti-controles e “desidentidades”, desarrumando a armação socioespacial sustentada em “cada macaco no seu galho” (GOETTERT, 2011, p. 69).

Podemos considerar que os ambulantes são sujeitos que transitam entre diferentes territórios para contornar a situação de precarização e os “limites uniterritoriais, pretensamente exclusivistas” a que estão subordinados, transitando ao mesmo tempo entre territorialidades distintas e contornando algumas das restrições a que estão subordinados (HAESBAERT, 2017, p. 20). Nessa situação, são sujeitos que fazem do “viver no limite” suas próprias condições de existência, implicando “[...] um permanente ou contornar de situações perigosas, ou transpor/ir-e-vir de/entre diferentes territórios, quase como se vivessem “sob(re)” fronteiras” (HAESBAERT, 2017, p. 21).

DE CÁ PRA LÁ AO SOM DE CACHACA PARAGUAYA

Mapa 2 – Trajeto Terminal Urbano de Foz – Aduana Paraguaia



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Áudio – Música comumente tocada no Paraguai



Martin y su Cumbia Free - Veneno Para Olvidarte.mp3

Áudio on-line: <https://www.youtube.com/watch?v=HGxjP0wsM7w>

Uma música nesse estilo (áudio acima) que começamos a ouvir quando embarcamos em um ônibus de Foz do Iguaçu (Brasil) para Ciudad del Este Paraguai. Esse estilo, que varia entre cachaca paraguaia e cumbia villera, possui uma batida característica. É tão comum ouvir essas músicas nos ônibus e táxis paraguaios da fronteira, que quando ouvimos, lembramos automaticamente do Paraguai. A música ao produzir esse imaginário, transmite o Paraguai, fazendo do ouvir uma experiência carregada de espacialidade, sendo assim, uma geografia portátil (MARQUEZ, 2009).

Eram nove horas de uma manhã banhada por fortes raios solares. Pegamos o ônibus de no ponto de linhas internacionais que fica na Avenida JK, em frente ao terminal urbano da cidade. A passagem custou cinco reais e cinquenta centavos. O ônibus era de uma empresa paraguaia. A frente interna do ônibus estava decorada com adereços de tricô com as cores da bandeira do Paraguai (foto 1). O Paraguai “estava” ali no destino do itinerário, na música que tocava, no enfeite do ônibus e nos rostos e falas de passageiros de nacionalidade paraguaia que estavam no ônibus, tecendo uma cartografia “imaginária” e “sensitiva” desse país da fronteira.

Foto 1 – Ônibus de empresa paraguaia que faz a linha Foz-CDE



Fonte: Registro nosso, 2018.

Nesse percurso da Avenida JK estão dois grandes supermercados da cidade: Hipermercado Super Muffato e Hipermercado BIG. Quando passamos pelo BIG podemos avistar a mesquita muçulmana da cidade, que fica em uma porção da cidade onde vive uma significativa população árabe. De acordo com Cardozo (2016, p. 44), a população libanesa de Foz do Iguaçu conta com aproximadamente quinze mil pessoas, e a mesquita, que tem o nome de “Omar Ibn Khatab” é a maior da América Latina (CARLOTO; GIL FILHO, 2000).

No trajeto, podemos encontrar algumas agências bancárias. Em frente a uma dessas agências, avistamos um idoso ambulante vendendo salgadinhos. Também há alguns semáforos, e entre as pistas há um canteiro com grama e árvores. Em alguns desses semáforos e espaços de canteiros estavam ambulantes paraguaios vendendo goiaba e alho em saquinhos. Algumas vezes, vimos que em um dos canteiros os ambulantes penduravam suas mochilas numa lixeira. Alguns desses saquinhos ficam pendurados em árvores, como podemos ver à direita da imagem a seguir:

Foto 2 – Goiaba e alho à venda por ambulantes em canteiro da Avenida JK



Fonte: Registro nosso, 2018.

Chegando ao fim da Avenida JK, o ônibus sobe no viaduto da BR 277 que vai até a Ponte da Amizade. A distância do viaduto até a aduana brasileira é de aproximadamente um quilômetro e meio. Durante o dia, esse caminho costuma estar congestionado de veículos que andam bem lentamente devido ao intenso fluxo. Nesses dias de trânsito caótico, o deslocar-se a pé pode ser muito mais rápido que estar dentro de um veículo motorizado.

Entre os veículos, ambulantes de nacionalidade brasileira e paraguaia costumam andar vendendo chipa, bebida (água, refrigerante e suco), pano de prato, doce (balas e doces de amendoim), caldo de cana, etc. Das vezes que observamos, todos os ambulantes que ali ambulavam eram homens. Os que vendem chipa, balas e bebidas costumam ser de nacionalidade paraguaia. Geralmente quem vende balas são crianças. Já os que vendem doces de amendoim (pé de moleque, torrone), pano de prato e caldo de cana, costumam ser brasileiros. A chipa é muito comum no Paraguai. Em contrapartida, o pé de moleque e o caldo de cana, por exemplo, são mais comuns no Brasil. É ali na rua que essas comidas, impregnadas de sentidos de lugar se cruzam pelos movimentos dos ambulantes – cartografando e produzindo a fronteira na prática.

Nos ônibus que fazem a linha Foz-Ciudad del Este (CDE), ida e volta, é comum que as portas de trás se abram para entrarem ambulantes vendendo bebidas e balas. Entram, oferecem as mercadorias, e em uns cinco minutos, desembarcam e voltam a ambular pelo congestionamento de veículos. Esses casos são comuns também nos ônibus de transporte coletivo no lado paraguaio, onde geralmente entram ambulantes vendendo balas e frutas. Em uma das vezes que nos locomovemos com a linha Foz-CDE, encontramos um menino paraguaio de uns treze anos de idade que entrou no ônibus com uma caixa de isopor pendurada em seu ombro vendendo água.

Dessa vez, quem tinha entrado no ônibus foi um homem paraguaio de meia idade para vender garrafinhas de água que estavam em uma caixa de isopor pendurada em seu ombro. Por andar no asfalto entre os veículos com o sol quente que banhava aquela manhã, o homem que usava um boné estava com partes de sua camisa molhadas de suor (Foto 3).

Foto 3 – Ambulante vendendo água no ônibus Foz-CDE



Fonte: Registro nosso, 2018.

Olhando pela janela do ônibus, no lado de fora passaram dois ambulantes com um cesto de chipa na cabeça (foto 4), que de certa forma, servia para proteger seus rostos dos raios solares. Entre as pistas esquerda e direita da BR 277 há uma mureta de concreto, e nela estavam dois ambulantes brasileiros. Um, que usava um chapéu, estava de bicicleta com uma caixa com pés-de-moleque na garupa. O outro, que usava um boné, estava sentado na mureta com sua bicicleta encostada na mesma, e em um dos seus lados, em cima da mureta, estava uma caixa de isopor com duas garrafinhas de água em cima, e do outro lado, uma caixinha de papelão com torrão de amendoim.

Foto 4 – Ambulante paraguaio vendendo chipa



Fonte: Registro nosso, 2018.

Mais a frente, num gramado nas margens da pista, tinha um ambulante vendedor de alho que aparentava estar descansando na sombra de uma árvore. Perto dali havia um ponto de ônibus onde tinha outro ambulante vendendo óculos e pneu de bicicleta expostos em um suporte ao lado do ponto. Nessa porção da rodovia há gramados com árvores nas margens da pista. Nesses gramados é comum ver ambulantes que improvisam uma churrasqueira, mesinhas ou que trazem suas térmicas para vender bebidas, plantas e raízes para colocar no tererê, linguicinhas assadas e outras comidas (foto 5). Seus clientes parecem ser as pessoas que trabalham ali pelas ruas, como os ambulantes, majoritariamente vindos do Paraguai.

Foto 5 – Ambulantes vendendo comidas nas margens da BR 277



Fonte: Registro nosso, 2017.

Do lado esquerdo da pista, indo em direção ao Paraguai, está o bairro Vila Portes onde se localizam comércios variados de atacado e varejo onde muitas pessoas do Paraguai costumam comprar mercadorias, sobretudo, para revender, como é o caso de proprietárias e proprietários de *almacenes* (armazéns), que são pequenos comércios familiares que vendem mercadorias variadas (GARCIA, 2016). Do lado direito da pista, está o bairro Jardim Jupira, que também possui alguns comércios, e que, pelas notícias midiáticas, é popularmente conhecido pelos casos de confronto armado por tráfico e contrabando.

Chegando perto da aduana brasileira, onde o movimento de veículos e pessoas costuma ser intenso durante o dia, encontramos mais ambulantes. Um homem, meia idade, numa bicicleta com caixa térmica vendendo suco e café; um homem, idoso, sentado na mureta de uma calçada com potes de bala, sucos e cervejas para vender (foto 6); uma mulher paraguaia, meia idade, com um carrinho vendendo lanches, plantas e raízes para colocar no tererê e suco; e um homem, aparentemente idoso, entre os carros que seguiam para o Paraguai, vendendo pé-de-moleque que carregava em uma cestinha de supermercado (foto 7).

Foto 6 – Mercadorias de ambulante nas proximidades da aduana brasileira



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 7 – Homem vendendo pé-de-moleque próximo à aduana brasileira



Fonte: Registro nosso, 2018.

Também nos chamou atenção um homem idoso atravessando a aduana, entre os veículos, com seu carrinho levando bebidas em uma caixa de isopor para vender em cima da Ponte da Amizade (foto 8), já que, mais tarde, o encontramos sentado em um dos mirantes da ponte que ficam na pista onde há um grande movimento de pedestres diariamente.

Foto 8 – Idoso atravessando a Aduana brasileira para vender bebidas na Ponte da Amizade



Fonte: Registro nosso, 2018.

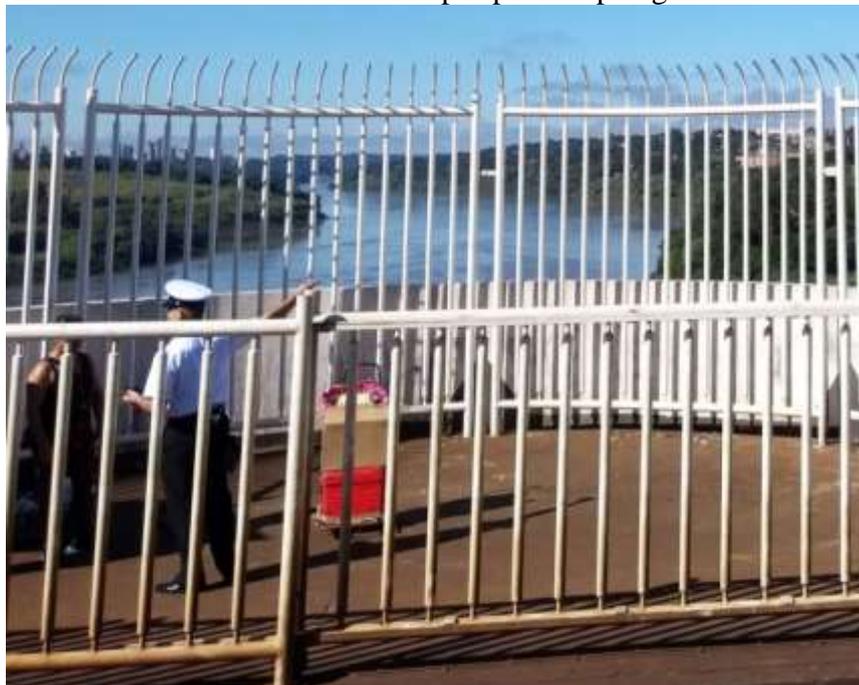
O ônibus, depois de mais de quinze minutos entrou na Ponte da Amizade. Na via de pedestres da ponte, pudemos ver, aproximadamente, dez homens e mulheres ambulantes de idades variadas atravessando do lado paraguaio para o brasileiro. Uma das mulheres ambulantes estava com uma criança pequena no colo. Conseguimos identificar que eram ambulantes porque carregavam mercadorias e caixas térmicas de isopor que costumam utilizar para armazenar bebidas e comidas que vendem.

Em um dos mirantes da Ponte encontramos uma mulher ambulante com um carrinho de mão carregando uma caixa de isopor e uma caixa de papelão com chipa, aparentemente sendo abordada por um policial paraguaio (foto 9). Nesse sentido, “estar na rua significa também estar em um espaço de todos e de ninguém, e por isso a pessoa que trabalha na rua está sujeita a suas leis, que podem estar ligadas à marginalidade” (SILVA, 2008, p. 220). Sobre essas situações na fronteira, podemos destacar que:

A Ponte da Amizade - que funciona para Foz do Iguaçu e Ciudad del Este como uma avenida de um mesmo espaço urbano -, tentando aparentar uma fronteira amigável, não deixa de ser um elemento de controle do trânsito de mercadorias. Dependendo de distintos interesses. Fecha-se, abre-se, acelera-se ou toma-se vagaroso o tráfego, revista-se, reprime-se, libera-se, ignora-se ou apreende-se a mercadoria do sacoleiro ou do cidadão local que se beneficia das oportunidades cambiais para seu abastecimento próprio. Funciona como cancela separando ou unindo o interior de um espaço

contínuo, fortemente articulado. De forma não tão ostensiva, o mesmo se repete na Ponte Tancredo Neves, que une Foz do Iguazu a Puerto Iguazú, na Argentina. Um movimento de interesses locais, no entanto, mantém as trocas (MOURA, 2000, p. 87-88).

Foto 9 – Mulher ambulante sendo abordada por policial paraguaio na Ponte da Amizade



Fonte: Registro nosso, 2018.

Atravessamos a Ponte de Amizade. Descemos do ônibus na aduana paraguaia. Ao lado fica o Shopping del Este, um dos shoppings preferidos pelos turistas brasileiros. Nele, há lojas de produtos importados como cosméticos, eletrônicos, bebidas, guloseimas, roupas e lustres. Há também um casino, restaurante e banheiros. No casino, há um pequeno bar/lanchonete que vende lanches e bebidas (refrigerantes, sucos, bebidas alcoólicas). Nesse bar costumamos comer pastel que tem o valor de um dólar. No ambiente ouvimos barulho de máquinas de jogos e sentimos um leve cheiro de cigarro que as jogadoras e jogadores fumam. Nesse barzinho, há uma televisão que mostra a Ponte da Amizade do alto ao vivo.

Nas ruas e calçadas ao redor deste shopping e da aduana paraguaia, costumam estar homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos ambulantes. Na manhã em que passamos lá, encontramos dois homens ambulantes idosos. Um estava vendendo bebidas, alfajores, batatas enlatadas e chipa coma uma caixa de isopor em cima de um carrinho de mão, e bem perto, estava outro vendendo alfajores (foto 10). Muitos ambulantes paraguaios

vendem batatas enlatadas no microcentro porque é uma mercadoria muito procurada pelos brasileiros, já que no Brasil, o valor costuma ser maior. Nas redondezas também estava um jovem vendendo massagador elétrico, pequenas luminárias e *pen drives*.

O primeiro idoso que descrevi estava de chapéu sentado em uma mureta ao lado da aduana conversando com dois homens e duas mulheres, um dos homens era mototaxista. Sua moto provavelmente estava estacionada no ponto de moto táxi que tinha ao lado. O outro idoso que estava a uns três metros desse primeiro, estava conversando com um homem que tinha um colete identificado como “fiscal”. Ali perto também estavam policiais paraguaios.

Foto 10 – Ambulantes idosos entre a Aduana paraguaia e o Shopping del Este



Fonte: Registro nosso, 2018.

Meias “originais” do Paraguai

Ao lado do Shopping del Este há também um Shopping Box Outlet com lojas variadas. Praticamente, todas as vezes que passamos por ali, encontramos ambulantes vendendo meias: geralmente mulheres, homens e adolescentes. Encontramos algumas dessas pessoas em mais de uma ocasião.

Quando passamos por ali, somos abordados por estas trabalhadoras e trabalhadores que oferecem na primeira tentativa dez pares de meia por vinte reais. Se você diz não, na segunda tentativa te oferecem dez pares por quinze... Logo dez pares por dez pares por dez reais. Na propaganda da mercadoria, muitos ambulantes salientam que a meia é “original do Paraguai”, já que muitos compradores desconfiam da qualidade das mercadorias vendidos nas ruas por serem “falsificadas”.

Pinheiro-Machado (2015) faz uma discussão interessante sobre as noções de pirataria no Brasil e na China, a principal produtora dessas mercadorias manufaturadas populares vendidas nas ruas. Em trabalho etnográfico a respeito do mercado *Made in China*, a autora verificou que na China a imitação e a cópia não são vistas de forma negativa, pois estas têm desempenhado um papel fundamental em setores diversos.

A autora traz um exemplo de um relógio Rolex fabricado no país. Ela observou que enquanto os estrangeiros exibiam a compra de uma réplica perfeita do Rolex com preço baixo, os nativos simplesmente saíam da loja contando que compraram um Rolex. Isso porque, de acordo com um entrevistado, os ocidentais acreditam que não é um Rolex por ser uma cópia, mas para eles, é um Rolex da mesma forma, a diferença está apenas na origem, pois foi feito na China, o que é até melhor segundo o entrevistado, pois ajuda a indústria nacional (PINHEIRO-MACHADO, 2015, p. 248).

Se considerarmos que o comércio de Ciudad del Este é movimentado, majoritariamente, por produtos *Made in China* e que as transações comerciais realizadas nesse mercado envolvem a comunidade chinesa instalada na cidade, podemos refletir acerca de como essa concepção de “originalidade” das mercadorias possa estar sendo trazida para o contexto local na interação dos comerciantes chineses com os trabalhadores paraguaios que vendem e revendem as mercadorias importadas, geralmente, em camelôs ou nas ruas como ambulantes. Assim, salientar que a mercadoria é “original do Paraguai”, mesmo que seja importada da China, pode ser uma forma de subverter a lógica do estereótipo bem recorrente de que tudo que se vende ali é “falso” ou de “má qualidade”.

Adelante...

Das vezes que passamos pela rua que fica entre o Outlet, o Shopping del Este e a Aduana paraguaia, encontramos dois homens que aparentam ter aproximadamente cinquenta anos vendendo brinquedos que fazem bolhas de sabão. Eles costumam ficar entre os veículos

que ali passam para atravessar a Ponte da Amizade para o lado brasileiro fazendo bolhas de sabão que voam pela rua (foto 11).

Foto 11 – Ambulante vendendo “bolha de sabão”



Fonte: Registro nosso, 2018.

Meia amigo? Cinco por dez... Dez por dez.. Vinte por dez!

Ali por perto, fomos abordados por uma jovem ambulante: “Meia amigo? Cinco por dez... Original do Paraguai!”. Respondemos que não poderia comprá-las no momento. Ela insiste: “Dez por dez... Vinte por dez!”. Nesse encontro, acabamos conversando com ela. Lilian (15 anos), que estava vestida com uma blusa de uniforme escolar, estuda de noite e trabalha à tarde porque ela gosta de vender e não gosta de ficar em casa sozinha.

Seus pais, contou ela, vendem refrigerantes e sucos na rua. Ela e os pais trabalham para um chinês que os contratam para vender. “Meu patrão é chinês, eu vendo as meias e meus pais os refrigerantes, aí o que vendemos a gente ganha a metade”, nos relatou. De acordo com Pinheiro-Machado (2015, p. 242), em Ciudad del Este há uma significativa comunidade de chineses e taiwaneses especializada em comercializar produtos baratos, como já apontado anteriormente.

Lilian alegou que nunca teve problemas com fiscalização ou quaisquer órgãos públicos. Ela nos contou que já tem muitos clientes que a conhecem e compram dela. “Tenho

cliente de várias partes do Brasil, tem uma mulher de São Paulo que sempre vem pra cá e ela sempre compra as meias de mim”. Lilian nos contou que conhece um pouco do Brasil: “Já viajei de ônibus com meu irmão para Santa Catarina”. Quando terminar o ensino médio, Lilian quer entrar no ensino superior e cursar Educação Física.

Foto 12 – Lilian, vendedora ambulante de meias



Fonte: Registro nosso, 2018.

Chegando ao Microcentro de Ciudad Del Este

A partir da aduana paraguaia, está localizado o microcentro de Ciudad del Este. O microcentro é uma área comercial de Ciudad del Este onde se concentram shoppings e estabelecimentos comerciais que vendem mercadorias importadas como eletrônicos, cosméticos, roupas, entre outros, sobretudo, para consumidores brasileiros que são atraídos pelos preços que são mais baixos do que no Brasil, já que essas mercadorias no Paraguai, de acordo com Carneiro (2016, p. 185), são isentas de taxas aduaneiras.

Segundo Rabossi (2004, p. 47), o microcentro ocupa uma área compacta de aproximadamente dez quadras de comprimento por aproximadamente seis de largura. De acordo com o autor, que conversou com um funcionário da *Municipalidad de Ciudad del Este*, na estrutura funcional da mesma, há um Departamento específico para a administração dessa área que é considerada uma zona especial (RABOSSO, 2004, p. 48).

Compartilhando das impressões de Rabossi sobre o chegar ao microcentro de Ciudad del Este:

“[...] o espaço que se abre depois de cruzar a ponte da Amizade apresenta-se como um caos intimidante: postos e mais postos de venda na rua, negócios e galerias, construções irregulares, pessoas... Muitas pessoas. Vendendo, comprando, fazendo câmbio, carregando, cuidando. No entanto, aquilo que para muitos parece uma grande confusão para outros constitui um espaço inteligível a partir de suas atividades, seus códigos, relações e formas de organização” (RABOSSO, 2004, p. 48).

Dessas muitas pessoas, destaco as mulheres e homens ambulantes, sendo crianças, adolescentes, adultos ou idosos; os mototaxistas e cambistas, que são praticamente todos homens; as mulheres e homens camelôs; os turistas e compradores brasileiros. Nessas ruas confeitadas de pessoas e coisas que movimentam um comércio pujante, vários cheiros, barulhos, músicas e sensações térmicas se misturam.

Odores de fumaça de veículos motorizados, perfumes, cobertores, comidas e churrasquinhos de rua se mesclam e perfumam o caminhar entre as vozes das várias pessoas que negociam, conversam, riem e anunciam. Algumas vezes, podemos nos assustar com ruídos de aparelhos de choque e galinhas de borracha que os ambulantes exibem nas ruas. Em uma esquina podemos escutar música funk brasileira, na outra cachaca ou polca paraguaia, e na próxima, sertanejo universitário. Entre as esquinas, passamos entre o sol forte, a sombra dos camelódromos, e as brisas de ar condicionado que saem de alguns estabelecimentos comerciais.

As ruas do microcentro costumam esbanjar uma paisagem colorida com as mantas, cobertores, lençóis, roupas, cortinas, óculos e outras mercadorias que expõem os camelôs. As vias laterais à Ruta 7, a Avenida *Monseñor Rodriguez* e a Avenida *San Blás*, possuem camelódromos: pequenas casinhas de ferro, uma ao lado da outra. Parte do camelódromo da Avenida *Monseñor Rodriguez* foi construída recentemente a partir de um projeto de “revitalização” da cidade.

A quantidade de compradores, conhecidos como muambeiros, que movimentavam o comércio do microcentro diminuiu muito nos últimos anos de acordo com relatos de notícias e moradores locais. A valorização do dólar perante o real brasileiro e o aumento de fiscalização no lado brasileiro são dois fatores importantes que ajudam a explicar essa diminuição. E muitos dos turistas que visitavam o microcentro de Ciudad del Este, difundiam imagens e discursos de que era uma cidade caótica, desorganizada e suja. Nesse sentido, a revitalização

também aparece com um discurso de “transformar” essa imagem da cidade para os turistas e atrair outros públicos de visitantes que não sejam apenas “compradores” de mercadorias.

No entanto, a revitalização excluiu um grande número de pessoas que trabalham nas ruas, já que, para ter um camelô, é preciso ter dinheiro para adquiri-lo, e a maioria dos trabalhadores de rua não possuem condições. Com os discursos que se reproduzem acerca do caos e da desorganização da cidade, os ambulantes acabam sendo alvos de exclusão por esses projetos de “revitalização” ou “higienização” urbana, já que suas atividades são vistas como desorganizadas e suas mercadorias vistas como falsificadas, de má qualidade e de origem duvidosa. Nisso, as gentes ambulantes acabam sendo abordadas por fiscais, guardas municipais e outros funcionários municipais, sendo algumas vezes ameaçadas e tendo suas mercadorias confiscadas, como me relataram alguns ambulantes que trabalham no microcentro.

Foto 13 – Sinalização em parque público de Ciudad del Este



Fonte: registro nosso, 2017.

O registro acima (foto 13) é de uma área do “*Lago de la República*” em Ciudad del Este. O lago foi “revitalizado” nos anos recentes, e foram construídas pistas de caminhada e alguns espaços de lazer ao seu redor. Com a revitalização, também foram colocadas placas avisando a proibição de atividades ambulantes no local. Em outros locais revitalizados da cidade, foram colocados os mesmos avisos, demonstrando esses projetos de “melhoria urbanística” são seletivos e excludentes, visando a produção de espaços “clean”,

normatizados, de modo que a diversidade e as contradições sejam eliminadas. Nessa exclusão, estão os ambulantes. Sobre a imagem a ser produzida a partir dessas “revitalizações”:

Em síntese, pode-se afirmar que, transformada em coisa a ser vendida e comprada, tal como se constrói o discurso do planejamento estratégico, a cidade não é apenas uma mercadoria, mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis (VAINER, 2012, p. 83).

O câmbio monetário parece ser um dos fatores que ditam o movimento do comércio local. No alto de um edifício na Avenida Monseñor Guillherme, próximo ao Shopping Box Outlet, há um telão enorme que mostra as cotações monetárias em tempo real. Nas ruas e galerias comerciais do microcentro, são várias as casas de câmbio com telas digitais amostra para as vias públicas ou em corredores de galerias comerciais com os valores atualizados (foto 14). É nessas telas que as gentes trabalhadoras e consumidoras costumam se informar sobre o dinheiro.

Foto 14 – Valores atualizados de câmbio monetário mostrados no corredor de uma galeria comercial



Fonte: Registro nosso, 2018.

AMBULANDO NA MULTIDÃO DE “AMIGOS” NO MICROCENTRO DE CIUDAD DEL ESTE

Mapa 3 – Trajeto Microcentro de Ciudad del Este



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Continuando a nossa caminhada a partir do Shopping Box Outlet, fomos para a Avenida *San Blás*, do lado direito da *Ruta 7*, que é como uma continuação da BR 277 e que liga Ciudad del Este a Asunción, capital do Paraguai. A Avenida *San Blás* tem uma pista pequena, é margeada por casinhas de camelôs e é mais utilizada por pedestres. Grande parte desses pedestres são turistas e compradores brasileiros, e gentes que trabalham no comércio, seja em lojas, shoppings ou na rua. Comumente encontramos as pessoas que trabalham ali almoçando sentados em cadeiras colocadas nas vias de pedestre e pessoas compartilhando tererê, produzindo um lugar impregnado de sociabilidade a partir de trocas variadas que vão além da dimensão economicista.

No começo da Avenida, próximo da S.A.X que é um shopping de alto padrão, nos deparamos com seis ambulantes, todos em menos de cinco metros, sendo duas mulheres de

meia idade, uma vendendo bolsas de plástico para colocar mercadorias e a outra vendendo batatas enlatadas, bebidas e alfajores, e seis homens, sendo um idoso vendendo meias e pau de selfie, um de meia idade vendendo carregadores portáteis, um jovem vendendo bonés, um de meia idade vendendo perfumes, outro de meia idade com um carrinho de mão vendendo mantas e um adolescente que estava sentado com um carrinho de mão com caixas de isopor vendendo chipa e bebidas.

Ali perto da S.A.X, encontramos uma mulher ambulante que estava lendo a bíblia enquanto esperava clientes, pendurou os tapetes e roupas de banho que estava vendendo em um *outdoor* de um mapa de informações turísticas (foto 15 e 16), expressando a forte religiosidade presente no país, e ao mesmo tempo, construindo na prática, uma outra cartografia da fronteira quando cobre com suas mercadorias o mapa turístico/comercial que visibiliza apenas os shoppings e estabelecimentos mais hegemônicos da cidade.

No caminho, nos deparamos ambulantes carregando suas mercadorias em cestas nas mãos ou na cabeça (foto 17), em carinhos de mão, uns em mochilas, outros nos braços e nas mãos. Alguns em caixas, outros deixam no chão da calçada, em muros, cercados, placas, árvores ou em tubulações (foto 17). São diversos os espaços que os ambulantes utilizam para expor seus produtos e mercadorias.

Foto 15 – Mulher ambulante em Ciudad del Este



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 16 – Mulher ambulante em Ciudad del Este



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 17 – Mulher ambulante carregando produtos em uma cesta, e sacolas vendidas por ambulante penduradas em tubulação



Fonte: Registro nosso, 2018.

No restante de nosso percurso pela Avenida San Blás, em menos de um quilômetro, encontramos quarenta e dois ambulantes, sendo vinte três homens e dezenove mulheres. Dessas pessoas, sete eram homens idosos. Durante o passeio pela Avenida San Blás, vários vendedores e vendedoras ambulantes nos abordam para te oferecer alguma mercadoria ou perguntar o que você está procurando. Essas últimas pessoas que normalmente perguntam “o que procura amiga/amigo?” costumam ganhar uma comissão das lojas para atrair clientes, ou também pedem uma pequena remuneração para informar e acompanhar o cliente até um comércio que tem as mercadorias que deseja comprar. Geralmente, os ambulantes e outras pessoas paraguaias que trabalham no comércio, costumam tratar os brasileiros de forma carismática, chamando a pessoa de patroa/patrão, moça/moço ou amiga/amigo. Em algumas das ocasiões em que fui comprar alguma mercadoria, fui chamado até de “anjo”.

Holanda (1969), em *Raízes do Brasil*, discute o caráter cordial do povo brasileiro em que o brasileiro costuma se expressar criando um disfarce “afetivo” nas relações sociais. Podemos dizer que uma parte considerável das pessoas brasileiras aprecia a gentileza, a “amabilidade” cordial e, se tratando de compras, uma boa pechincha. Ainda que seja uma suposição, a impressão que tenho é que as pessoas paraguaias que trabalham com o público brasileiro na fronteira, além de aprenderem a língua portuguesa, aprenderam isso e utilizam tal sabedoria prático-cotidiana enquanto estratégia de trabalho. Por mais que as relações de compra e venda sejam momentâneas e superficiais, com pessoas que na maioria das vezes não se conhece, as trabalhadoras e trabalhadores parecem ter sacado que o brasileiro, geralmente, gosta de ser tratado como “patroa/patrão”, “amiga/amigo” ou “anjo”.

As mercadorias que os ambulantes mais nos ofereceram nesse trajeto foram meias, calcinhas e cuecas, aparador de pelos, água, Coca-Cola, perfume, massager elétrico, aparelho de choque elétrico, viagra, brinquedos e pequenas luminárias. As mercadorias costumam ser carregadas em malas que as mulheres e homens ambulantes carregam em seus ombros (foto 18). Muitos utilizam uma pochete na cintura que é onde guardam o dinheiro. É comum transitar nessa área e se assustar com o ruído dos aparelhos de choque que os ambulantes acionam para mostrar que estão vendendo. Esses aparelhos servem para imobilizar pessoas com descarga elétrica.

Em nossa caminhada estávamos com um pequeno caderno olhando vitrines de lojas como se estivéssemos fazendo compras e pesquisando preços. Também entramos em alguns shoppings durante o percurso. Com essa imagem que passamos, fomos abordados inúmeras

vezes por ambulantes nos oferecendo suas mercadorias em português, mas com certo sotaque de “estrangeiro”: “O que procura amiga?”, “Cueca amigo? Bem barato”, “Água, coca amigo?”, “Barbeador pra fazer tua barba amigo? Pra tirar pelo do saco”, “Barbeador amiga pra tirar pelo da periquita?”, “Camisinha musical?”.

Foto 18 – À esquerda, quatro mulheres ambulantes vendendo cuecas, calcinhas, meias e bolsas de plástico, e à direita, mulher ambulante vendendo bolsas de plástico



Fonte: Registro nosso, 2018.

O agir como turistas e compradores foi uma de nossas estratégias para que as pessoas não achessem que estivéssemos fazendo algo que lhes prejudicasse, e mesmo assim, em alguns momentos sentimos que algumas pessoas estavam desconfiadas e chegamos a ser seguidos por dois homens que nos viram fazendo registros fotográficos.

Em uma das situações, quatro ambulantes me abordaram de uma vez só fazendo um círculo em minha volta. Eram três mulheres e um homem. O homem estava me oferecendo perfumes, uma mulher me oferecendo meias, outra vendia cuecas e a terceira mulher ambulante estava atrás de mim passando massagador nas minhas costas num movimento que passava pela nuca e chegava até a cabeça para me mostrar a mercadoria que estava vendendo. Cada um fez umas três tentativas de ofertas de suas mercadorias diminuindo o preço ou aumentando a quantidade de mercadorias pelo preço oferecido. No trabalho de campo,

percebemos que o microcentro de Ciudad del Este é a porção da fronteira onde mais se concentram os ambulantes por conta da grande densidade comercial que abriga.

Nesse caminho, paramos para conversar com dois ambulantes. Manuel e Júlio.

É mais rapái, “brasileiro” que tem

Manuel (20 anos) trabalha nas ruas de Ciudad del Este vendendo bebidas (refrigerante, cerveja, suco e água), alfajores e latas de batata chips. Ele e sua companheira ficam sentados com seu carrinho de bebidas em uma calçada em frente a um camelódromo. Manuel disse que gosta do seu trabalho, mas não gosta da “sujeira” das ruas de Ciudad del Este.

Antes de trabalhar como ambulante, Manuel já trabalhou como ajudante de pedreiro no Paraguai, e funcionário de uma sapataria no bairro Vila Portes na cidade de Foz do Iguaçu. Na Vila Portes encontram-se uma variedade de comércios (atacado e varejo) que atendem grande número de clientes paraguaios. Manuel revelou que deixou de trabalhar na sapataria porque era menor de idade.

Para “não depender dos outros”, Manuel resolveu trabalhar como ambulante, já que o movimento comercial em Ciudad del Este lhe pareceu proveitoso. Desde então, há 12 anos ele trabalha como ambulante. Trabalha das 6h às 17h, quando não está chovendo. Compra comida de outros ambulantes para almoçar ali na rua, cenário comum entre os trabalhadores de rua de Ciudad del Este.

Sobre clientes, Manuel conta que “*é mais rapái¹⁹, brasileiro que tem, paraguaio também, mas o movimento é pouco... cada vez menos, mucha gente, poca venta*”. Lida com todas as moedas que por ali circulam. As sociabilidades com outros ambulantes ali próximos são fundamentais, pois a troca de favores é constante: “*cuando necesito de troco, o necesito que miren mis cosas por un rato*”.

Manuel mora na cidade de Presidente Franco, cidade conurbada com Ciudad del Este, onde moram muitas das pessoas que ali trabalham. Sua companheira, que estava junto com ele trabalhando no momento da entrevista, estava grávida de sete meses. Manuel revelou estar ansioso: “estamos esperando um filho que tá pra chegar, falta dois meses”. O jovem vendedor tem planos de futuramente ter um bom trabalho, de preferência conseguir ter uma loja ou se instalar num camelódromo, pois “*hay más ventas*”.

¹⁹ Como tratamos em um dos tópicos introdutórios sobre des-transfronteirização acerca das disputas simbólicas que classificam o Outro, “a palavra portuguesa “rapaz” se transforma em “rapái” na linguagem paraguaia e também adquire um sentido depreciativo (“ignorante”, “inculto” etc)”. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 191).

Foto 19 – Manuel, vendedor ambulante de bebidas, batatas enlatadas e alfajores



Fonte: Registro nosso, 2018.

Qué es chiru? Vocês sabem?

Durante o diálogo com Manuel, um ambulante estava passando pela rua, e, curioso, ficou parado ali para saber do que se tratava. Logo que terminamos com Manuel, contamos para ele o que estávamos fazendo, e o jovem vendedor se entusiasmou e quis contribuir com o nosso trabalho. Júlio (25 anos), trabalha como ambulante nas ruas de Ciudad del Este vendendo carregadores portáteis, massageadores, máquinas “papa bolinhas”, barbeadores e outros acessórios que compra em *autoservices*, estabelecimentos comerciais que vendem mercadorias variadas, sendo a maior parte *Made in China*. A conversa com Júlio se deu logo após a conversa com o vendedor Manuel.

Antes de trabalhar como ambulante, Júlio trabalhou durante sete anos como carregador e empacotador em lojas de Ciudad del Este. Por pagarem muito pouco, resolveu trabalhar no comércio informal, pois, segundo ele, “vendendo se ganha mais”. No entanto, trabalhar como ambulante também tem suas dificuldades. De acordo com o vendedor, “tem dia que vende tudo, outro nada”.

Sua trajetória como trabalhador de rua não começou por aí. Júlio perdeu seus pais quando era pequeno e foi criado por outros parentes que também eram vendedores

ambulantes. Quando tinha oito anos de idade, para ajudar nas despesas, Júlio vendia CD's piratas no lado brasileiro da fronteira, mas teve que passar a vender no lado paraguaio porque no Brasil teve problemas com o Conselho Tutelar. O vendedor relata que no Brasil há muita repressão policial com os ambulantes: “Tiram toda a mercadoria y pasan con tractor em cima. Já me agrediram com palavras. Em Foz do Iguaçu me chamaram muitas vezes de *chiru*²⁰. *Qué es chiru? Vocês sabem?*” Indagou Júlio sobre a expressão.

As fronteiras, para Júlio, estão separando os países. No entanto, nas palavras do vendedor, elas também são sinônimos de atravessar. “*Las fronteras son muy importantes porque se compra acá y se necesita pasar las mercadorías, y con eso las personas pueden trabajar*”.

Júlio então contou que já trabalhou como “*pasero*”. “*Pasero*”, segundo ele, é que passa mercadorias para o outro lado da fronteira. Essas mercadorias são compradas por consumidores brasileiros que contratam os serviços dos “*paseros*” para passar parte das mercadorias compradas no Paraguai para o lado brasileiro, já que a Receita Federal estabelece um limite na quantidade de mercadorias que podem ser trazidas por cada indivíduo.

Em meio às dificuldades, Júlio conseguiu terminar o ensino fundamental. No momento em que perguntamos sobre sua escolaridade, um taxista que estava ao lado, aparentemente idoso, interrompeu a conversa para responder por Júlio: “Estudo? *La misma historia siempre. Dejé de estudiar* porque teve que trabalhar”. Além de precisar conciliar os estudos com a jornada diária de trabalho, o vendedor conta que teve que lidar com muito preconceito na rua: “Quando trabalhava aqui, *yo era discriminado por los árabes*, eles me xingavam, não gostam de paraguaio”. Aqui, notamos que a fronteira abrange fronteiras diversas, sobretudo, a “fronteira do humano” em que “o outro é degradado para [...] viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora” (MARTINS, 1997, p. 13). Tais relações de poder, também são apontadas por Pinheiro-Machado (2012) em sua pesquisa com imigrantes chineses e trabalhadores paraguaios em Ciudad del Este:

Diante da pobreza do país, a população nativa necessita de forma vital dos empregos diretos oferecidos pelos imigrantes, bem como da cadeia indireta promovida pelo comércio. Os chineses (e árabes também) possuem o capital econômico, detendo melhores condições de vida do que os altos funcionários do governo paraguaio. Assim, interação entre paraguaios e chineses é mais difícil do que entre chineses e brasileiros, pois envolve a relação patrão-empregado e uma correlação assimétrica de poder (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 272).

²⁰ Ver Albuquerque (2010, p. 191).

Júlio apontou outras dificuldades de se trabalhar como ambulante na fronteira: “Tem venda solta de droga e tem muita pirataria da China. Seria melhor vender original, a gente ia ganhar mais, mas brasileiro só pede coisa barata”. O vendedor fala português fluente, aprendido ao longo de sua trajetória no contato com clientes de nacionalidade brasileira, que são a maioria, mas de vez em quando, segundo o vendedor, aparecem alguns argentinos.

Júlio costuma trabalhar das 7h da manhã até às 16h todos os dias, exceto domingo quando trabalha até às 11h da manhã. Morador do bairro Km 7, o vendedor se desloca ao microcentro de Ciudad del Este com transporte coletivo. Atualmente, Júlio mora com um filho e com sua companheira, que no momento estava grávida. Ainda que Júlio tenha nos dito que gosta de vender, os desejos para seu futuro se revelaram nas seguintes palavras: “arrumar um carro e dar estudo para *mi* família, pra ninguém precisar trabalhar como eu”.

Foto 20 – Júlio, vendedor ambulante de barbeadores, carregadores, aparelhos massageadores, etc.



Fonte: Registro nosso, 2018.

En la frontera hay muchas cosas... Hay maltrato

Depois que terminamos a conversa com Júlio, nos deslocamos para outra via de pedestres no microcentro de Ciudad del Este. Em frente ao shopping Bonita Kim, que comercializa artigos variados e é bem frequentado pelo público de compradores, estava uma ambulante vendendo bolsas de plástico, que servem para as pessoas levar as mercadorias que compram na cidade. Resolvemos conversar com ela. Com uma expressão desconfiada e amedrontada, Juana (43 anos), entre muitos silêncios, conversou um pouco conosco.

Foto 21 – Juana, vendedora ambulante de bolsas de plástico



Fonte: Registro nosso, 2018.

A vendedora acompanha as cotações monetárias pelas casas de câmbio da cidade, pois precisa vender em qualquer moeda que circule por ali. Em seu relato ela ressaltou a troca de favores e as conversas variadas que há entre os ambulantes que trabalham por ali. Segundo ela: *“la frontera es una ciudad importante para trabalho, se puede vender las cosas. En la frontera hay muchas cosas, hay maltrato”*.

Juana é viúva e trabalha há 10 anos como vendedora ambulante. Mora no bairro Remansito, um bairro localizado nas margens do Rio Paraná e com a população

majoritariamente pobre. Juana se desloca de ônibus até o microcentro e costuma trabalhar das 6h às 16h. O dinheiro que consegue é para sustentar seus dez filhos, mas ainda assim, algumas coisas faltam. Dois deles trabalham com serviços de construção civil no Paraguai. Sem se despedir, ela deixou a conversa e foi para outro canto.

Barrio Remansito: um dos bairros ambulantes da Tríplice Fronteira

Muitos dos ambulantes que conversamos moram nas áreas mais periféricas das cidades. Constatamos, em trabalho de campo, que muitos desses trabalhadores e trabalhadoras de nacionalidade paraguaia vivem no bairro Remansito em Ciudad del Este, localidade que se encontra nas margens do rio Paraná. Na outra margem do rio, se encontra a área central da cidade de Foz do Iguaçu, que se mostra pelos seus prédios. Tal evidência nos apareceu também durante pesquisas de campo em outras ocasiões, com vendedores ambulantes de alho (RODRIGUES, 2016a).

Foto 22 – Rua no bairro Remansito, Ciudad del Este, Paraguay



Fonte: Registro nosso, 2015.

Algumas das casas desse bairro se encontram muito próximas do rio, tendo assim, problemas com enchente durante as épocas de cheia, e dessas, muitas estão construídas em cima de barrancos, o que agrava a situação devido aos riscos de deslizamento, como verificamos algumas em visitas (RODRIGUES, 2016b). Muitas dessas moradias têm apenas um cômodo, o chão de terra, a entrada coberta apenas por uma manta, e em uma das casas que visitamos o local que seus moradores utilizam para fazer cocô e xixi é um buraco no chão do barranco cheio de entulhos, coberto com uma casinha pequena de madeira velha e lona (idem). Noutra família que visitamos, de uma mulher de 47 anos com quatro filhos, relatou que a última cheia tinha destruído metade de sua casa, tendo que utilizar o banheiro de vizinhos (idem). Uma das moradoras dessa área descreveu sua casa como “*un lugar com muchas moscas*” (idem).

Foto 23 – Casas de moradores do Remansito na beira do rio Paraná, com centro de Foz do Iguaçu no outro lado da margem



Fonte: Retirado de Rodrigues (2016b).

Foto 24 – Interior de uma casa no bairro Remansito com chão de terra e entrada coberta por uma manta



Fonte: Registro nosso, 2015.

Foto 25 – Sanitário de uma das casas do bairro Remansito



Fonte: Retirado de Rodrigues (2016b).

Os vestígios dos trabalhos ocupados por essas pessoas foi algo evidente durante minhas visitas ao Remansito, como os resíduos recicláveis e muitos restos e embalagens de mercadorias *Made in China*, revelando que ali, muitas pessoas trabalham com a coleta desses materiais, oriundos, sobretudo, do comércio presente no microcentro de Ciudad del Este (RODRIGUES, 2016b). Durante caminhadas pelo bairro, também era possível avistar nas varandas das casas, pessoas descascando e organizando alho para vender no comércio ambulante (idem).

No entanto, vale ressaltar que não estamos afirmando que todas(os) as(os) ambulantes do Remansito vivem em casas com as mesmas condições de infraestrutura, ainda que parecidas, e que compartilhem muitas carências em comum. Queremos salientar que o trabalho ambulante é uma das alternativas de sobrevivência de pessoas que estão sujeitas a tais condições.

Foto 26 – Resíduos recicláveis de mercadorias no chão



Fonte: Retirado de Rodrigues (2016b).

*Adelante*²¹...

Continuamos a caminhada. Chegamos à frente da Casa China, um shopping que costuma ser frequentado por compradores brasileiros. Ouvimos um grito de frango, e então, encontramos um homem idoso ao lado da entrada do estabelecimento vendendo brinquedos: animais de pelúcia e de borracha (foto 27). Para anunciar suas mercadorias, vimos o ambulante apertando um dos frangos de borracha que estava vendendo. Foi com esse grito da galinha de borracha, que o ambulante chamou a nossa atenção.

Foto 27 – Homem ambulante vendendo brinquedos



Fonte: Registro nosso, 2018.

Ao andarmos mais um pouco, encontramos num canto da calçada de pedestres cinco mulheres indígenas sentadas no chão fazendo e vendendo seus artesanatos expostos em um tecido (foto 28). Os artesanatos incluíam bolsas, pulseiras, chocalhos, flautas e colares coloridos. Duas mulheres estavam lado a lado, e as outras um pouco mais dispersas. Duas delas estavam com crianças pequenas. Três das mulheres estavam acompanhadas de uma jarra

²¹ Os subitens titulados “*Adelante*” (palavra em espanhol) fazem referência a continuar o caminho de onde paramos; ir adiante.

e de uma guampa para tomar tereré, bebida de origem indígena, mas fortemente associada à identidade nacional paraguaia.

Foto 28 – Mulher indígena vendendo artesanato no microcentro de Ciudad del Este



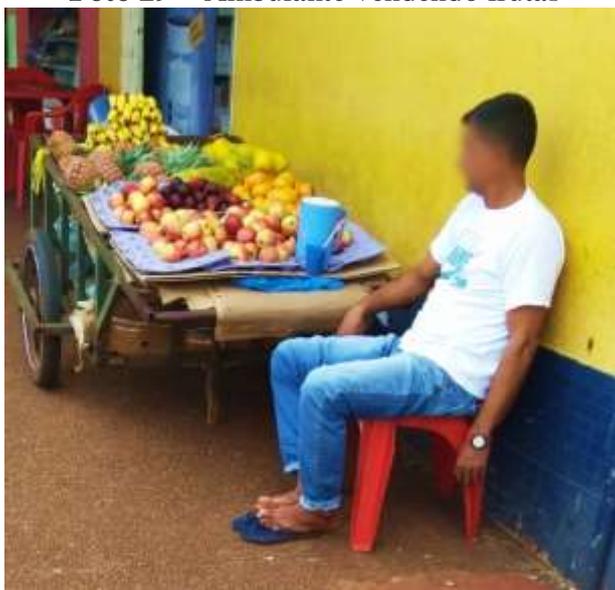
Fonte: Registro nosso, 2018.

Resolvemos comprar algumas pulseiras de uma dessas mulheres que estavam ali na Avenida San Blás. No ato da compra, apareceu um homem idoso e ambulante para oferecer desodorante aerossol da marca Rexona para a mulher indígena. Ele não nos ofereceu sua mercadoria. Mais tarde, encontramos esse mesmo senhor oferecendo os desodorantes para um homem ambulante, também idoso que estava vendendo bebidas (água, suco e refrigerante) na rua.

Na medida em que subimos a Avenida *San Blás* saindo do epicentro do comércio voltado majoritariamente ao público brasileiro, a quantidade de ambulantes que vendem os produtos que mencionei anteriormente vai diminuindo para dar lugar aos ambulantes que vendem frutas (foto 29), salada de frutas, sucos, sorvete, bebidas (refrigerantes, água), plantas e raízes medicinais para colocar no tereré, churrasquinhos, e outras comidas. Nessa parte do percurso também nos deparamos com gentes vendendo artesanatos, brinquedos e meias, ainda

que em menor quantidade. E anteriormente também encontramos ambulantes vendendo esses produtos, mas em menor quantidade comparado aos que vendem mercadorias como meias, perfumes, *pendrives*, etc.

Foto 29 – Ambulante vendendo frutas



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na medida em que nos afastamos do epicentro comercial voltado para o público brasileiro, percebemos que a maioria dos compradores passou a ser de pessoas que moram no Paraguai, e não de pessoas que moram no Brasil, o que pode explicar a mudança nas coisas que são vendidas. Em nossas caminhadas, percebemos que as pessoas que encontramos comprando e comendo comidas na rua e tomando tereré eram paraguaias e estavam trabalhando nas redondezas como ambulantes ou funcionários de comércio locais.

Ao terminarmos nosso percurso pela Avenida *San Blás*, viramos na *Calle*²² *Capitán Miranda*, para depois voltarmos o percurso pela *Calle Camilo Recalde*, rua que fica ao lado da Avenida *San Blás*. Na esquina da *San Blás* com *Capitán Miranda*, onde havia uma farmácia, estava um homem indígena com jarra e guampa tomando tereré vendendo os mesmos artesanatos que as mulheres indígenas que encontramos anteriormente (foto 30), um ambulante com um carrinho vendendo bebidas, um vendendo brinquedos de plástico e um

²² A palavra “*Calle*” em espanhol, significa rua em português.

com um carrinho de sorvete. Os dois últimos estavam parados na esquina conversando (foto 31).

Foto 30 – Homem indígena vendendo artesanatos



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 31 – Vendedores ambulantes conversando



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na *Calle Capitán Miranda* encontramos três pessoas vendendo frutas e verduras em carrinhos de mão estacionados na calçada, sendo dois homens e uma mulher, e um homem

com carrinho de lanches. Entrando na *Calle Camilo Recalde*, nos deparamos com uma mulher ambulante que estava sentada na calçada vendendo roupas que estavam em cima de uma mesinha, e algumas penduradas na grade de um estabelecimento que se encontrava fechado. No momento, essa mulher estava conversando com outra mulher ambulante que carregava roupas em seus braços e uma mochila com roupas em seu ombro, e com um jovem ambulante que vendia meias.

Quase voltando ao epicentro do comércio voltado para o público brasileiro, encontramos um homem vendendo pau de *selfie*, equipamento que apoia celular ou câmera para que a pessoa possa tirar, ela própria, um autorretrato. “*Selfie*” é uma expressão popular na internet para designar autorretratos que as pessoas compartilham na rede. O fato de encontrarmos ambulantes vendendo “pau de *selfie*” nos mostra a popularização de signos e práticas globais a partir do acesso à internet. Durante o percurso por essa rua, não encontramos muitos ambulantes como havíamos encontrado na Avenida *San Blás*. Exceto quando chegamos em frente ao Shopping Americanas, que é um estabelecimento comercial popular entre os compradores brasileiros. Entre a entrada do shopping e seu estacionamento no outro lado da rua, havia uma concentração de oito ambulantes vendendo churrasquinho, roupas, bolsas de plástico, frutas, bebidas, erva de tereré, batatas enlatadas, café, balas, chicletes e outras guloseimas (foto 32). Eram quatro homens e quatro mulheres. Um dos homens e duas das mulheres aparentavam ser idosos.

Foto 32 – Ambulantes nas proximidades do Shopping Americanas



Fonte: Registro nosso, 2018.

Da *Calle Camilo Recalde*, viramos à esquerda, andamos uma quadra e entramos na *Calle Emiliano R. Fernandez*. Nessa via há algumas lojas, a maioria vende mantas, cobertores, cortinas e outros produtos têxteis, alguns estabelecimentos que servem almoço e outras comidas, e o Shopping Terra Nova, que tem estampado em uma de suas laterais um outdoor com propaganda da *Kerasys* que é uma marca sul-coreana de cosméticos para o cabelo, bastante vendida pelas lojas de cosméticos do Microcentro. Nessa rua se localiza também uma parada de embarque e desembarque de ônibus que fazem o transporte coletivo de Ciudad del Este.

Diariamente, as gentes trabalhadoras do comércio do Microcentro embarcam e desembarcam ali entre suas idas e voltas, da casa ao trabalho. Os ônibus são de várias empresas e costumam ser coloridos. Por dentro, alguns são decorados com tecidos que, geralmente, têm as cores da bandeira paraguaia. Um dos ônibus que nos deparamos nesse ponto, tinha um adesivo com a frase “*Sou GorDinho Gostoso*” (foto 33). Provavelmente, a frase fazia alusão a uma música brasileira, do gênero sertanejo universitário, que tem essa frase na letra. Também encontramos ônibus com adesivos com frases em guarani e em espanhol. Se partirmos da compreensão de que a linguagem enquanto signo social é marcada pela sua geografia, podemos dizer que nesses adesivos, diferentes linguagens-territórios se encontram e se fundem, pressupondo relações fronteiriças.

Foto 33 – Ônibus em Ciudad del Este com frase em “portunhol”



Fonte: Registro nosso, 2018.

Há uma quadra ao lado dessa rua está o bairro *San Rafael*, que é um bairro onde vivem, majoritariamente, famílias pobres. As famílias do bairro *San Rafael*, em épocas de chuva abundante, são atingidas por inundações, pois a área é banhada pelo rio Paraná, pelo rio *Acaray mi* e pelo rio *Acaray*. Este último divide o bairro *San Rafael* do *Country Club* que é um bairro fechado, onde vivem famílias de alto poder aquisitivo.

Caminhamos pela *Calle Emiliano R. Fernandez* até chegarmos novamente na *Calle Capitán Miranda*. Na esquina dessas duas ruas, está o hotel *Munich* e o hotel *Austria* que possuem uma arquitetura germânica. Na esquina, próximo à entrada do hotel *Munich*, estava um vendedor ambulante sentado vendendo erva, plantas e raízes para o preparo de tereré (foto 34).

Foto 34 – Vendedor ambulante de plantas e raízes para preparo de tererê



Fonte: Registro nosso, 2018.

Seguindo pela *Capitán Miranda*, fomos em direção à *Avenida Monseñor Rodriguez*, na marginal oposta da *Ruta 7*. Entramos na *Monseñor Rodriguez* a partir da esquina com a *Avenida General Bernardino Caballero* e fomos em direção à aduana paraguaia. Apesar do sol, a via de pedestres estava toda sombreada pelos camelôs que vendem, principalmente, roupas, sapatos, brinquedos, óculos, bonés, roupas de cama, carregadores para celular, mochilas, garrafas térmicas e guampas para tererê. No caminho, nos encontramos com trinta e

três ambulantes, sendo dezessete homens, quinze mulheres e um menino de aproximadamente dez anos de idade. Três homens e uma mulher eram idosos.

Primeiramente, encontramos um homem de meia idade vendendo frutas em um carrinho. Logo, dois homens jovens vendendo cintos masculinos e carteiras, e mais a frente, uma mulher vendendo ovos em um cesto. Chegando na frente ao Shopping Monalisa, encontramos uma concentração de ambulantes. Desta vez que passamos, estavam três homens, duas mulheres e uma criança. Um dos homens estava vendendo tênis, um vendendo pen drive, carregador portátil e pau de selfie e o outro, aparelhos de barbear. Este último me abordou para oferecer sua mercadoria: “Ei barbudo, aparelho de barbear?”. Em seguida, abordou uma de minhas colegas²³: “Aparelho de barbear amiga? Tira os pelos da periquita”. Uma das mulheres, em pé e com uma gaiola que tinha um galo e uma galinha dentro, estava vendendo leques, massagador e meia-calça feminina enquanto conversava com o vendedor de tênis (foto 35). A outra estava sentada com seu tereré vendendo batata enlatada, água, suco, refrigerante e alfajor que estavam em um carrinho de mão (foto 36). O menino estava vendendo balas de goma.

Foto 35 – Ambulantes conversando nas proximidades do Shopping Monalisa



Fonte: Registro nosso, 2018.

²³ Nesse momento eu estava acompanhado de duas colegas e amigas do mestrado, Camila e Dalila.

Foto 36 – Mulher ambulante nas proximidades do Shopping Monalisa



Fonte: Registro nosso, 2018.

A pintura de Monalisa de Leonardo da Vinci no edifício do shopping, que é, provavelmente, o shopping mais conhecido de Ciudad del Este, chama a atenção (foto 37). Durante o trajeto pela BR 277, muito antes de se chegar à Foz do Iguaçu, há outdoors com a propaganda desse shopping com o slogan “Visite o Paraguay. Compre na Monalisa”. O shopping é voltado ao público de médio e alto padrão.

Próximo à entrada do shopping, é possível sentir a corrente de ar fresco vindo do ar condicionado do shopping e o cheiro de perfumes e cosméticos que contrastam com a temperatura e com os odores da rua. Como é um shopping bem frequentado por turistas, sobretudo, brasileiros, é um ótimo ponto para as gentes ambulantes. Ademais, é possível aproveitar a brisa do ar condicionado que sai do shopping para se refrescar. Ali, a economia dos pobres e a economia dos ricos se encontram, e o trânsito entre as suas territorializações pode ser sentido pela mudança de cheiros, sons, vestimentas e comportamentos das pessoas, mercadorias, etc.

Foto 37 – Microcentro de Ciudad del Este com o edifício do Shopping Monalisa



Fonte: Registro nosso, 2017.

Ao chegar em frente ao Monalisa, viramos à direita na Avenida *Carlos Antonio Lopez*, em direção ao *CellShop* que é também um shopping muito frequentado pelos brasileiros. Em frente ao *CellShop* estavam dois homens de meia idade vendendo cintos masculinos, um jovem vendendo meia e um idoso vendendo aparelho de choque. Logo, voltamos para a Avenida *Monseñor Rodriguez* e seguimos o caminho até o Shopping *Box Outlet*. No trajeto, encontramos um ambulante de meia idade vendendo bebidas. Ele estava sentado, debaixo de um guarda-sol colorido e com uma caixa de isopor colorida com as cores da bandeira paraguaia.

Andamos mais, e chegamos em frente ao *Mega Eletrônicos*, outro shopping muito frequentado pelos brasileiros. Próximo à entrada desse estabelecimento, encontramos oito ambulantes, sendo quatro homens e quatro mulheres. Um homem e uma mulher eram idosos. Duas das mulheres, de meia idade, vendiam meias. Uma, também de meia idade, estava vendendo batata enlatada e bebidas. Em frente à escada do *Mega Eletrônicos* em que os clientes do shopping entram e saem, estava uma idosa vendendo bolsas de plástico e batata enlatada e um homem, jovem, vendendo batata enlatada e água (foto 38). Nas redondezas

também encontramos um ambulante de meia idade estava vendendo meias, um vendendo carregador portátil, e um idoso vendendo água e Coca-Cola.

Foto 38 – Ambulantes em frente à entrada de Shopping



Fonte: Registro nosso, 2018.

Chegando nas proximidades do shopping Box Outlet, encontramos dois jovens ambulantes, um vendendo bebidas e o outro meia, uma mulher vendendo meia e calcinha e um homem idoso vendendo bebidas. Viramos à direita, na Avenida *Doctor Luis Maria Argaña*. Logo ao lado do shopping Box Outlet, que fica entre essa Avenida e a *Monseñor Rodriguez*, há um grande camelódromo que foi construído há poucos anos atrás.

A maioria dos camelôs instalados ali vendem roupas, cobertores, e demais roupas de cama. Mas há pessoas que vendem comidas, erva, térmica e guampa para tererê, ventiladores, entre outras mercadorias. Cada camelô está instalado num pequeno cômodo de concreto

identificado com um número. Nas entradas do camelódromo, que parece um grande pavilhão, há algumas placas que proíbem a entrada de vendedores ambulantes (foto 39).

Foto 39 – Uma das entradas do camelódromo com placas proibindo entrada de ambulantes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Ao lado do camelódromo, está o Estacionamento *del Este* que cobra para estacionar. Na entrada e em um dos muros laterais desse estacionamento, estavam postas placas anunciando ser “*Prohibido vendedor ambulante*”. No entanto, encostado no muro, em frente à placa, estava um homem com sua caixa térmica carregada em cima de um carrinho de mão vendendo bebidas.

Há alguns metros ao lado do Estacionamento *del Este*, está situado o Shopping Paris, um shopping de alto padrão e que foi inaugurado no ano de 2016. Seu edifício é todo espelhado na cor dourada, e em um de seus andares, está o Shopping China Importados, um famoso centro comercial que está presente nas principais cidades paraguaias que fazem fronteira com o Brasil.

Em uma de suas propagandas audiovisuais disponíveis na internet, mas que também era mostrada no início das sessões de filmes do cinema do Shopping Cataratas JL em Foz do Iguaçu, é colocado que o Shopping China Importados está localizado nas principais fronteiras

com o Brasil, estando presentes nas cidades de *Pedro Juan Caballero*, *Salto del Guairá* e *Ciudad del Este* no Paraguai, em *Puerto Quijarro* na Bolívia e em *Chuy* no Uruguai. A propaganda também diz que é o shopping mais moderno da região e que abriga o primeiro parque de neve da região²⁴.

Ao chegarmos no Shopping Paris, viramos à direita e entramos na Avenida *Adrián Jara*. Na esquina, estava um jovem vendendo meias. Logo no começo dessa Avenida, está o Auto-serviço 8 de Agosto, que vende mercadorias variadas como brinquedos, maquiagens, utensílios de cozinha, ferramentas, alguns eletrodomésticos, mochilas, carteiras, etc. Entramos nesse estabelecimento, onde comprei uma xícara estampada com bandeiras do Paraguai e com a frase “I ♥ Paraguay” (foto 40). Em baixo da xícara estava um adesivo informando a procedência da mercadoria: “*Hecho en China*” – demonstrando a intensa globalização de mercadorias chinesas e sua importância no comércio de Ciudad del Este.

Foto 40 – Xícara com estampa do Paraguai fabricada na China



Fonte: Registro nosso, 2018.

²⁴ O audiovisual pode ser conferido no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=n6OSQ5Er5To>

Tal evidência empírica nos permite apontar a contestação de que:

O mundo hoje é “made in China”. Da mais simples e banal a mais complexa materialidade da nossa vida cotidiana, de um lápis a um smart-phone, da infinidade de objetos de plástico que enchem as lojas de ‘R\$ 1,99’ a objetos de consumo de luxo, passando por toda classe de eletrônicos, ferramentas, louças, têxteis, roupas, sapatos, brinquedos, até materiais de construção, produtos químicos, agrotóxicos, etc., grande parte do mundo que nos rodeia é fabricado na China. [...] Em um mundo globalizado, a expressão dos distintos nacionalismos e patriotismos também depende dos importados baratos da China. [...] Vêm da China as bandeiras expostas nas ruas, nas marchas, nas campanhas, nos estádios e nas manifestações e que expressam, visivelmente, todo o espectro de posições políticas (MORENO, 2015, p. 11).

Ao sairmos do Auto-serviço 8 de Agosto, encontramos uma adolescente vendendo doces de amendoim que carregava em uma forma de alumínio (foto 41).

Foto 41 – Ambulante vendendo doces



Fonte: Registro nosso, 2018.

A Avenida *Adrián Jara* é bastante movimentada de pessoas e veículos. Nela, estão localizadas outras galerias comerciais muito procuradas pelos brasileiros como *Jebai Center*, *Lai-lai Center*, mais uma unidade do Auto-serviço 8 de Agosto, *Shopping Vendome*, entre

outras. Alguns dos estabelecimentos dessa avenida possuem letreiros em línguas orientais, provavelmente em mandarim (foto 42 e 43), demonstrando uma cartografia de imigrantes e comerciantes asiáticos na cidade e no comércio local.

Foto 42 – Letreiro comercial em língua oriental



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 43 – Letreiro comercial em língua oriental



Fonte: Registro nosso, 2018.

Nessa avenida, foi onde mais encontramos ambulantes vendendo comidas e sucos em jarras. Em uma das laterais do *Lai-Lai Center*, há alguns ambulantes fazendo e vendendo churrasquinhos e outras comidas, deixando um cheiro marcante nas redondezas. Ali, encontramos uma mulher com uma churrasqueira de rodas assando *chorizo* (um tipo de linguiça pequena), uma mulher vendendo sanduíches de carne empanada, um homem vendendo salada de frutas e um idoso vendendo frutas. Ao redor, algumas pessoas estavam fazendo suas refeições, comendo os sanduíches e *chorizos* das ambulantes, e também marmitas.

Na esquina em frente ao *Lai-Lai Center*, um homem de meia idade estava andando vendendo suco que era carregado em uma jarra, e mais a frente, um adolescente vendia a mesma coisa (foto 44). Nas proximidades, um homem estava com um carrinho de mão vendendo banana, um vendendo abacaxi e outro, idoso, vendendo bebidas em uma caixa térmica.

Foto 44 – Ambulantes vendendo suco

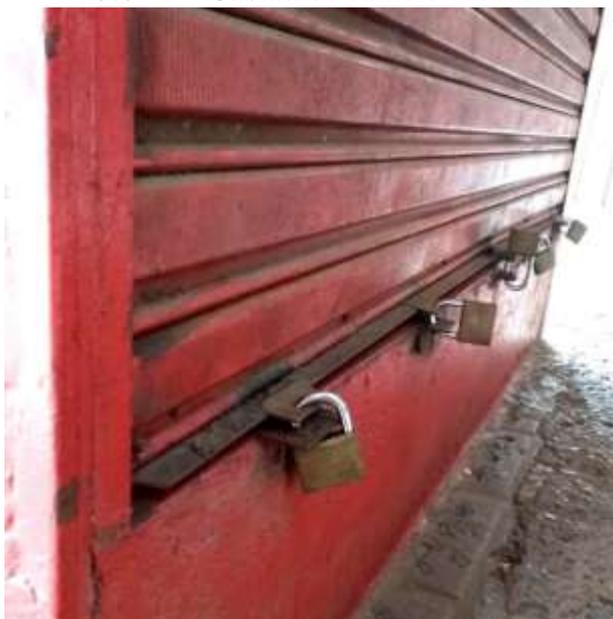


Fonte: Registro nosso, 2018.

Dias antes desse percurso, havíamos passado por essa mesma avenida. Era feriado de sexta-feira santa. Encontramos poucas pessoas no microcentro de Ciudad del Este nesse dia. Quase todas as lojas estavam fechadas. Encontramos somente algumas vendedoras e vendedores ambulantes, cambistas e taxistas próximos à *Ruta 7*. Já na Avenida *Adrián Jara*,

encontramos apenas um segurança armado sentado na frente de uma loja. As lojas, shoppings e camelôs estavam fechados. As *casillas* e os manequins dos camelôs estavam cadeados (imagem 45 e 46). Em uma das *casillas*, encontramos cadeado um carrinho de bebidas no formato de uma garrafa de Coca-Cola que alguns ambulantes costumam utilizar (foto 47).

Foto 45 – *Casilla* de camelô cadeada



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 46 – Manequins de camelô cadeados



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 47 – Carrinho ambulante de bebidas cadeado



Fonte: Registro nosso, 2018.

Continuando nossa caminhada, encontramos uma mulher indígena ambulante andando pela rua com artesanatos e um ambulante vendendo óculos e lanternas. Na medida em que nos afastamos da porção do microcentro onde se concentram os turistas e compradores brasileiros, o movimento da rua vai diminuindo. Conseguimos perceber, pela diferente aparência, organização e movimento, que a maioria dos comércios passa a ser voltado para o consumo local: lojas de roupas, eletrodomésticos, sapatos, papelarias, farmácias, etc.

Encontramos alguns edifícios residenciais com letreiros em mandarim. Nas proximidades, está situada uma mesquita muçulmana e um casino. Aos arredores, encontramos um homem vendendo frutas e salada de frutas, uma mulher vendendo frutas e verduras e um homem desenhista vendendo seus desenhos. Na calçada, estava exposta uma de suas obras onde retratou uma mulher (foto 48). Quando passamos por ele, nos abordou e falou de seu trabalho, em que retrata as pessoas em seus desenhos. Caso o cliente queira que o retrato seja de uma fotografia, pode fazer a encomenda por *whatsapp*.

Foto 48 – Desenho de artista/vendedor exposto na rua



Registro nosso, 2018.

Chegando ao final do percurso pela Avenida *Adrián Jara*, encontramos outro ambulante vendendo frutas e salada de frutas, e uma mulher vendendo suco natural, salada de frutas e empanada. Entramos então na Avenida *General Bernardino Caballero*, uma via bastante movimentada. Ali passam muitos veículos. Praticamente todos os ônibus que fazem o transporte coletivo de Ciudad del Este e das cidades em sua área de influência direta: Presidente Franco, Hernandarias e Minga Guazú.

Nessa avenida, nas proximidades, também estão situados um supermercado, um posto de gasolina, a *Municipalidad de Ciudad del Este* (prefeitura), a *Gobernación del Departamento de Alto Paraná*, o *Palacio de Justicia*, E uma grande praça com quadras para esportes, bancos e brinquedos para crianças. Na Avenida também encontramos algumas lojas de roupas e calçados voltadas para as pessoas paraguaias, pois, diferentemente das lojas do microcentro onde os preços costumam aparecer anunciados em dólar, e algumas vezes em real, as ofertas dessas lojas estavam anunciadas na moeda guarani. . Nas redondezas também se encontram o Terminal de Transporte Urbano e o *Parque del Lago la República*, onde há um lago, e ao seu redor pistas de caminhada.

Logo em que saímos da Avenida *Adrián Jara*, encontramos dois homens vendendo cintas masculinas e brinquedos de pelúcia e uma mulher com um carrinho de mão vendendo banana. Fomos em direção à esquina com uma rua marginal à *Ruta 7*. Em um dos lados dessa

esquina há um posto de gasolina, e entre as três pistas que passam por ali, há grandes canteiros. Ali, encontramos dez homens cambistas, que são pessoas que fazem o câmbio de dinheiro. Se uma pessoa tem dinheiro guarani e quer trocar por real, o cambista faz essa troca de acordo com a cotação monetária do dia.

Os cambistas que achamos ali ficam nas calçadas fazendo um sinal de dinheiro para os veículos que por ali passam. Os cambistas, geralmente usam pochete na cintura que é onde costumam armazenar o dinheiro. O sinal é feito com a mão onde eles ficam esfregando de baixo para cima o dedo polegar no dedo indicador. Alguns estavam sentados em cadeiras colocadas na calçada e outros em pé. Alguns deles estavam acompanhados de suas térmicas e guampas para tomar tereré. Perto dos cambistas que encontramos, estava uma ambulante vendendo bebidas em uma caixa térmica.

Próximo dali, na Avenida *San Blás*, está o Shopping *Jardín*, frequentado majoritariamente por pessoas que moram no Paraguai. O shopping abriga estabelecimentos gastronômicos e lojas variadas. Na frente do shopping há uma sinalização proibindo vendedores ambulantes. No entanto, havia ambulantes ali vendendo meia, cueca e chipa. Inclusive, um colocou o cesto com chipas que estava vendendo em cima do muro em que estava a placa de sinalização (foto 49).

Foto 49 – Ambulantes em frente a Shopping onde há sinalização proibindo ambulantes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Ao lado do posto, na rua marginal à *Ruta 7*, está o Terminal de Transporte Urbano de Ciudad del Este. O terminal não é muito grande. Tem duas pistas de parada de ônibus de aproximadamente 5 metros cada uma, já que grande parte dos usuários do transporte coletivo entra nos ônibus na Avenida *General Bernardino Caballero* ou na parada de ônibus que fica próximo à Casa China. No lado paraguaio da fronteira, o usuário não precisa necessariamente estar em uma parada de ônibus para embarcar. Um simples aceno de mão, em qualquer parte de uma via que o ônibus passe, faz com que o ônibus pare e abra as portas para que o passageiro embarque.

No Terminal de Transporte Urbano há camelôs que vendem mercadorias variadas, como frutas, roupas, carregadores portáteis, brinquedos, etc. Ali, encontramos também ambulantes. Uma mulher estava vendendo plantas e raízes para colocar no tereré, uma vendendo meias, e um homem vendendo frutas e verduras em um carrinho de mão. Ao sairmos do Terminal, nos dirigimos novamente para a Avenida *General Bernardino Caballero*, mas, utilizando outra rua que fica na lateral do Supermercado Arco-Íris, que nessa mesma avenida, fica ao lado do posto de gasolina.

Uma história de amor ambulante

Ao passar pela lateral desse mercado, é inevitável não me lembrar de um ambulante que encontrei ali em 2016. Juliano, de nacionalidade brasileira, estava sentado no chão fazendo pinturas em azulejos para vender. Conversei um pouco com ele, que havia me contado que antes de Ciudad del Este, ele estava em Foz do Iguaçu, e antes em Salvador na Bahia. Sempre fica um tempo em uma cidade e depois vai para outra. Juliano me contou que tinha achado mais tranquilo vender suas coisas no Paraguai, porque até o momento não havia aparecido alguém querendo expulsá-lo de onde estava. Comprei uma de suas pinturas.

Percebi que uma parte de suas pinturas eram paisagens com horizontes ao fundo. Nessas, sempre estavam desenhadas duas pessoas com mochila nas costas. As pessoas eram pequenas em relação ao restante do desenho, e eram feitas em cor preta. Perguntei o porquê dessas duas pessoas. Então ele me contou que é a lembrança de um amor que ele viveu com uma mulher hippie artesã que conheceu em uma de suas passagens por uma cidade do litoral brasileiro.

Foto 50 – Juliano, artista/vendedor de pinturas em azulejo



Fonte: Registro nosso, 2016.

Os dois ficaram um tempo juntos viajando pelas cidades fazendo e vendendo suas artes. Ele recordou que nas praias em que costumavam acampar durante a noite, os dois sempre admiravam juntos o pôr-do-sol e o luar das épocas de lua cheia. Por motivos que ele preferiu não contar, os dois acabaram se separando, e desde então, suas pinturas passaram a servir como um lugar para expressar a saudade.

Foto 51 – Uma das obras de Juliano



Fonte: Registro nosso, 2016.

Adelante...

De volta à Avenida *General Bernardino Caballero*, nos encontramos com dois homens ambulantes. Um vendia frutas, e o outro vendia meias. Por ali, também passou um vendedor ambulante com seu carrinho vendendo *chori pan* (pão com linguiça do tipo chorizo), empanadas e sucos naturais (foto 52).

Foto 52 – Ambulante puxando carrinho de comidas



Fonte: Registro nosso, 2018.

Saindo das proximidades do supermercado Arco-íris, fomos em direção à *Municipalidad de Ciudad del Este*, que fica na mesma avenida. Próximo à entrada da *Municipalidad*, encontramos um jovem vendendo saquinhos de cebola. Entramos então na *Municipalidad*. O pátio é grande e nele se encontram várias secretarias administrativas separadas em blocos. Ao entrarmos no pátio, encontramos um ambulante de meia idade, vendendo capas para volante de veículos.

Ao deixarmos a *Municipalidad*, fizemos retorno na Avenida *General Bernardino Caballero*, para então irmos novamente em direção à Ponte da Amizade pela *Calle Pai Pérez*. No caminho pela avenida, encontramos um menino de aproximadamente treze anos carregando um cesto na mão vendendo torrones de amendoim, um homem empurrando um

carrinho de mão vendendo laranjas e uma mulher idosa sentada na calçada vendendo maçãs e plantas e raízes para usar no preparo de tereré, que estavam em cima de caixas de madeira.

Na esquina com a *Calle Pai Pérez*, encontramos um homem idoso com um carrinho vendendo *pancho* (um sanduíche parecido com cachorro quente) e sucos (foto 53). Coberto com um guarda-sol, o carrinho tinha em uma de suas laterais um anúncio com a informação de que é um comércio aderido ao *Black Friday CDE*.

Foto 53 – Carrinho de ambulante com placa da “*Black Friday CDE*”



Fonte: Registro nosso, 2018.

O *Black Friday* é uma sexta-feira em que lojistas criam descontos de até 70% nas mercadorias. De acordo com a BBC Brasil, o termo foi utilizado por primeira vez em 1869 para se referir a uma crise na Bolsa de Nova York nos Estados Unidos, mas depois passou a designar uma data de descontos no comércio para “antecipar” as compras natalinas, sendo realizada na última sexta-feira de novembro após a comemoração do dia de Ação de Graças. O Paraguai, assim como o Brasil, “importou” essa data como estratégia comercial, em que alguns comércios aderem para atrair compradores. Porém, no comércio paraguaio da fronteira, a “*Black Friday*” costuma ser antecipada e estendida. O ambulante que

encontramos, talvez, tenha utilizado o anúncio apenas para “cobrir” a lateral de seu carrinho, porém, de certa forma, conseguiu chamar a nossa atenção.

Continuando o nosso percurso pela *Calle Pai Pérez*, encontramos pelo caminho três homens vendendo frutas, um deles estava de moto e outro, além de frutas, vendia ovos. Nessa porção da cidade, não encontramos ambulantes vendendo outras mercadorias. Nas áreas da cidade em que não há grande movimento de turistas e compradores brasileiros, é mais comum encontrarmos ambulantes vendendo frutas, comidas, e plantas medicinais para utilizar no preparo do tererê (foto 54), o que é comum no Paraguai.

Foto 54 – Idosa ambulante vendendo plantas e raízes para preparo de tererê



Fonte: Registro nosso, 2018.

Entre a *Calle Pai Pérez* e a *Avenida Adrián Jara* nos deparamos com alguns estabelecimentos comerciais que demonstram a presença de uma comunidade oriental. Letreiros e anúncios em línguas orientais como o mandarim que se misturam com o espanhol e o português (foto 55), restaurantes de comida oriental, e pequenos mercados de produtos importados principalmente da China, Taiwan e Coréia do Sul podem ser encontrados por ali grafando o espaço. Nas ruas é comum se deparar com muitas pessoas de traços orientais.

Foto 55 – Letreiros em línguas asiáticas em edifício de Ciudad del Este



Fonte: Registro nosso, 2018.

Chegando ao fim da *Calle Pai Pérez*, por volta das 17hs, nos dirigimos em direção à aduana paraguaia, para então fazermos a travessia novamente para o Brasil.

Da para sobrevivir en la frontera

Chegando próximo da aduana paraguaia, fomos tentar conversar com uma vendedora ambulante que estava sentada em uma cadeira na calçada da avenida onde passam veículos em direção ao Brasil. Tinha consigo uma mesinha com produtos à venda: erva para tereré, alho, alfajores, bebidas e batatas fritas enlatadas.

Adelina (51 anos) nos contou que tem pouco estudo, já que seus pais eram pobres. Segundo ela, *“ahora vivo muy bien vendiendo las mercaderías, tengo mi casa gracias a este trabajo. Acá entra mucho dinero, mucha gente, y de eso que vivimos. Acá no nos falta nada, da para sobrevivir en la frontera. En Asunción, donde yo vivía, no hay mucho dinero”*.

No entanto, Adelina se exalta e diz não gostar da prefeitura: *“no me gusta porque no dejan trabajar en la calle... hacen casillas y venden, pero para quien tiene plata, yo no tengo.*

Me retan, me quieren sacar de acá, pretenden quitarme de acá”. Dito isso, ela nos pediu para entrevistar outra pessoa porque já não queria responder nossas questões.

Foto 56 – Ambulantes nas proximidades da aduana paraguaia



Fonte: Registro nosso, 2018.

O que cês tão fazendo? É certo ou errado?

Depois de falarmos com Adelina, chegamos mais próximos da entrada da aduana paraguaia. Ali tem um ponto de moto táxis e alguns ambulantes. Ali é a entrada e a saída do Paraguai, é a porta de passagem de um lado ao outro: “Passar pra outro lado patrão?”, dizem os mototaxistas, ao passarmos por ali. Resolvemos conversar com Denise (35 anos), uma mulher que estava ali vendendo bebidas (água, sucos, refrigerantes), numa caixa de isopor com gelo. Da fronteira, ela gosta do rio: *“me gusta la costanera, el río, es bonito”*. A fronteira lhe remete também às pessoas que vêm de outros lugares: *“os de la frontera vienen hacia acá”*.

Sobre seus deslocamentos, ela contou que já foi ao Brasil algumas vezes para passear e comprar arroz e feijão (uma comida que carrega uma “geografia brasileira”), e que chegou a trabalhar na Argentina como vendedora ambulante de roupas, mas, segundo ela, “é melhor vender bebida”. Sábado e dias de feriado são os dias mais lucrativos para ela, pois o movimento de turistas brasileiros é maior.

Nesse momento de nossa conversa, apareceu seu esposo, Carlão (39 anos). No que chegou, começou a falar guarani com sua companheira em tom de indagação e nervosismo. Exaltado e com voz alta, nos disse: “O que *cês* tão fazendo? É certo ou errado?”. Constrangidos e com medo, tentamos explicar e ele repetiu a pergunta por mais duas vezes. Por fim, conseguimos convencê-lo parcialmente de que se tratava simplesmente de uma pesquisa acadêmica.

Carlão tomou a palavra de Denise, e ela ficou num canto em silêncio. Ele começou a contar que trabalha há 15 anos como vendedor e que tem três clientes que sempre compram suas mercadorias. “Tem que ter confiança”, disse ele, contando que há clientes que encomendam mercadorias e deixam o dinheiro adiantado com ele. Carlão se refere ao cliente como “patrão”, pois segundo ele, é o cliente que manda no serviço.

O vendedor nos contou que é natural de Ponta Porã, no estado de Mato Grosso do Sul. Contamos para ele que nós estudamos e moramos nesse estado, o que permitiu descontrair um pouco a conversa. Logo, ele contou que tinha uma irmã que morava em Sete Quedas, município localizado no sul do estado, e também na fronteira com o Paraguai. Minha colega Dalila²⁵, que me acompanhava no momento, aproveitou a “brecha” e lhe contou que ela é natural de Sete Quedas e perguntou para Carlão o nome de sua irmã, pois talvez a conhecesse, já que Sete Quedas “é uma cidade pequenininha, onde quase todo mundo se conhece”. Notei que Carlão ficou menos tenso depois dessa troca de informações. Suas mãos, que antes estavam fechadas, se abriram e seu corpo pareceu mais solto, mais leve, e, desde então, ele pareceu mais empolgado em falar.

Carlão começou a contar que tem uma van, mais conhecido na fronteira como “pirua”, e que além de vender as bebidas, faz transporte de pessoas e mercadorias entre Brasil e Paraguai: “*eu transporto várias pessoas por dia e que passam mercadorias para o outro lado, mas a gente só transporta, não podemos ver o que cada um tá levando, não é minha responsabilidade... O Paraguai compra as mercadorias e aí vem o brasileiro e passa pra outro lado*” – o que nos revela uma prática de “triangulação” do comércio (CARNEIRO, 2016). Seguido de um momento silencioso, agradecemos pela conversa e nos despedimos.

²⁵ Dalila, colega e amiga do Mestrado e da vida, me acompanhou durante a pesquisa de campo. Notamos que em algumas situações, pelo fato de ela ser mulher – o que revela uma relação de poder construída historicamente envolvendo gênero, onde o masculino busca subjugar o feminino – as/os ambulantes se sentiram menos intimidados com nossa presença.

Foto 57 – Denise, vendedora ambulante de bebidas



Fonte: Registro nosso, 2018.

Cerca del limite...

Logo na entrada da aduana paraguaia, na direção Paraguai-Brasil, encontramos um homem vendendo óculos, um vendendo frutas que carregava em um carrinho, um idoso vendendo bebidas e batatas enlatadas e uma mulher com uma barraquinho vendendo lanches. Entre os carros, num momento de congestionamento pelo grande movimento, estavam um homem e duas mulheres vendendo alho. Elas anunciavam com suas vozes a mercadoria: “Alho, alho, alho!” em português, já que, as pessoas que compram costumam ser brasileiras, já que o alho vendido pelos ambulantes é mais barato que o encontrado nos mercados do Brasil e também porque os brasileiros utilizam mais alho na comida do que os paraguaios (THALÍA²⁶, 2016 *apud* RODRIGUES, 2016a, p. 89). O alho que os ambulantes paraguaios vendem é importado da Argentina e da China (RODRIGUES, 2016a).

No início da Ponte da Amizade, em direção ao Brasil, há uma placa dizendo “*Prohibido vendedores ambulantes. Zona Primaria*” (foto 58). Supomos que tal ação tem a ver com algumas medidas tomadas pela Municipalidad de Ciudad del Este para “melhorar a imagem” do microcentro para os turistas brasileiros, já que o mercado popular de rua é associado por muitas pessoas à sujeira, à pirataria, ao suborno, etc. No entanto, algumas

²⁶ Thalía, paraguaia, é uma vendedora ambulante que vende alho em Foz do Iguaçu e que entrevistei para a minha monografia publicada em 2016.

vezes, em determinados dias e horários, alguns ambulantes ficam nas redondezas vendendo suas mercadorias, principalmente alho, batatas enlatadas, alfajores, erva para tererê e bebidas. Dessa vez, ali perto, encontramos um homem e uma mulher com uma caixa térmica de isopor vendendo bebidas. Quase na metade do trajeto da Ponte da Amizade, onde há um espaço para mirante, encontramos uma ambulante vendendo batata enlatada, erva para tererê e alho (foto 59). A batata enlatada e a erva para tererê estavam expostos em cima de um carrinho de mão, enquanto ela estava sentada num canto separando cabeças de alho em saquinhos para vender.

Foto 58 – Placa na entrada da Ponte da Amizade (lado paraguaio) proibindo ambulantes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 59 – Vendedora ambulante na Ponte da Amizade

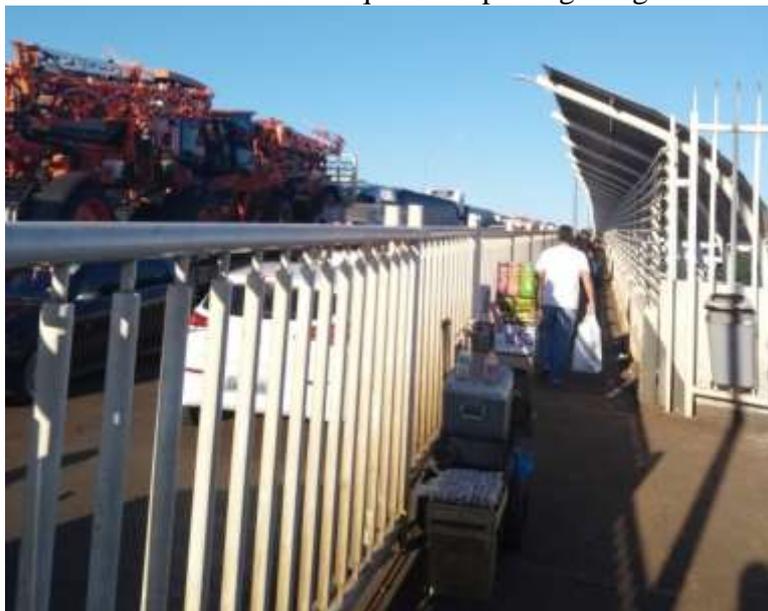


Fonte: Registro nosso, 2018.

Já do lado brasileiro, por volta das 17 horas, alguns vendedores ambulantes, geralmente homens idosos, continuam sentados ao lado de seus carrinhos vendendo bebidas e outras guloseimas na BR 277 congestionada de caminhões de carga em direção ao Paraguai.

A Ponte da Amizade também estava na mesma situação de congestionamento e trânsito lento. Um dia depois, quando estávamos atravessando a ponte novamente em direção ao Brasil, também vimos vários caminhões de carga em direção ao Paraguai. Os que mais nos chamaram a atenção foram os que transportavam maquinarias modernas do agronegócio, como tratores e colheitadeiras (foto 60). No caminho da ponte, encontramos três ambulantes vendendo alho, água e refrigerantes, batata chips, alfajores, chicletes e torrão de amendoim (foto 60).

Foto 60 – Mercadorias de ambulantes e maquinarias para agronegócio na Ponte da Amizade



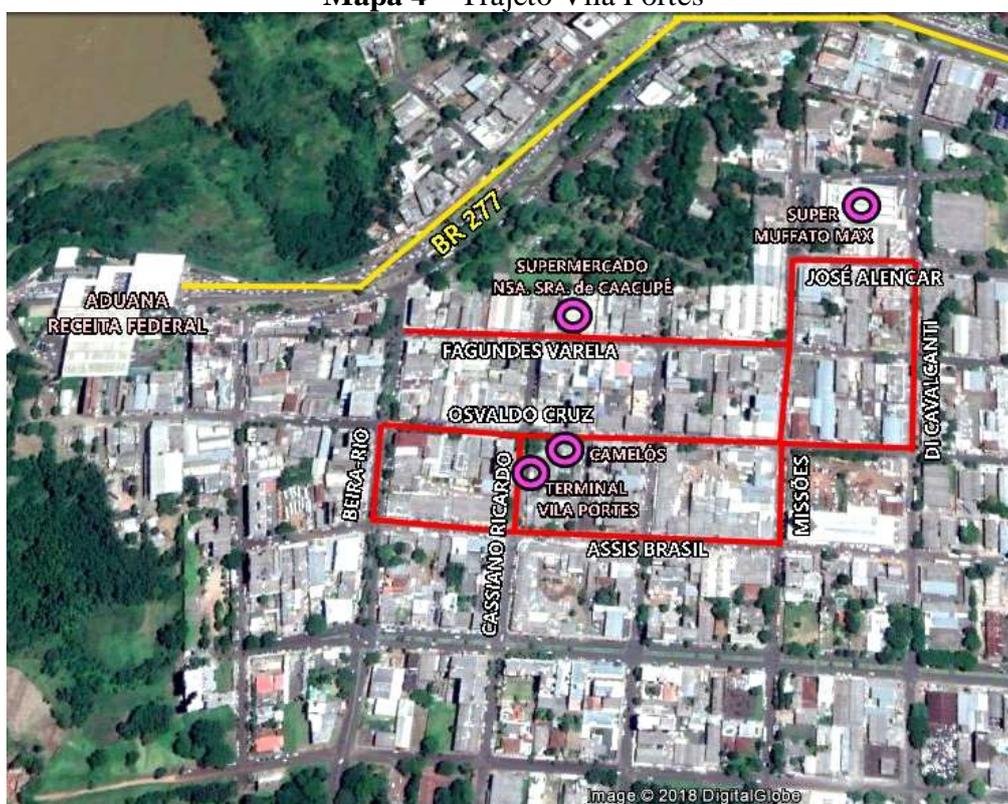
Fonte: Registro nosso, 2018.

PERTO DE CÁ E DE LÁ: AMBULANDO PELA VILA PORTES

A Vila Portes é um bairro de Foz do Iguaçu que está localizado nas proximidades da Ponte da Amizade. Nesse bairro estão localizados vários estabelecimentos comerciais de atacado e varejo. Esses comércios vendem várias coisas, como roupas, calçados, frutas e verduras, alimentos não perecíveis, embalagens, produtos agropecuários e automobilísticos,

botijão de gás, etc. A presença desses comércios atrai não somente pessoas de Foz do Iguaçu, mas também, e, sobretudo, pessoas do Paraguai em busca por variedade de mercadorias e bons preços, tanto para consumo próprio, como para revender em estabelecimentos comerciais familiares, como é o caso dos *almacenes*²⁷. Não é à toa que muitos letreiros dos estabelecimentos comerciais da Vila Portes apresentam anúncios em espanhol e com as bandeiras do Brasil e do Paraguai. Em alguns desses estabelecimentos, podemos encontrar também alguns funcionários de nacionalidade paraguaia.

Mapa 4 – Trajeto Vila Portes



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Noutro dia, voltamos para as redondezas. Começamos nossa caminhada pela Rua Fagundes Varela na Vila Portes, bairro que percorremos no período da manhã. Nessa rua, encontram-se comércios variados como lojas de calçados, embalagens, roupas, utilidades domésticas, etc. Nessa rua há um supermercado chamado *Nsa. Sra. do Caacupê* (foto 61), o que me remeteu a presença da religiosidade paraguaia, pois a *Nuestra Señora de Caacupé* é

²⁷ Ver Garcia (2016).

uma santa muito cultuada no Paraguai. O que chama atenção no nome do supermercado que encontramos na Vila Portes, é que o nome “Caacupé” está escrito com acento circunflexo “CaacupÊ”. O nome original tem acento agudo, mas no espanhol, mesmo que a letra “e” tenha acento agudo, possui um som fechado, diferentemente da língua portuguesa.

Podemos então supor que o letreiro do supermercado traz “CaacupÊ” com acento circunflexo justamente para que os brasileiros falem o nome da santa de modo correto, o que pode nos demonstrar um elemento de interação fronteiriça que se dá a partir da relação entre sociedades e línguas distintas. Na Vila Portes, há muitos outros estabelecimentos em que essas misturas se fazem presentes, como por exemplo, “*Frontera Calçados*”, “*Cuñã Porã*” em guarani, anúncios em espanhol, etc., que são reflexo de uma “territorialização” que se faz transfronteiriça.

Foto 61 – Supermercado na Vila Portes



Fonte: Google Earth, 2018.

Nessa rua do mercado Caacupê encontramos apenas um ambulante andando com um carrinho de goiabas para vender. Seguimos então até o Hipermercado Muffato Max Atacado. Ao lado do estacionamento, na Rua José de Alencar, estava um homem brasileiro vendendo panos de prato em seu carro que estava estacionado. Um pouco mais a frente, na esquina com a Rua Di Cavalcanti, encontramos outro homem ambulante com um carrinho com mercadorias variadas para vender: ferramentas, óculos, cintos, luvas, lanternas, pendrives,

talheres, etc. (foto 62). Entrando na Rua Di Cavalcanti, encontramos dois jovens paraguaios ambulando (foto 63). Um deles carregava bonés, óculos e dvd's e o outro pau de *selfie*.

Foto 62 – Carrinho de vendedor ambulante com mercadorias variadas



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 63 – Vendedores ambulantes vendendo bonés, dvd's e pau de *selfie*



Fonte: Registro nosso, 2018.

Um pouco mais a frente, encontramos um homem idoso carregando um carrinho com capinhas para celular, óculos, carregadores e pendrives, e logo em seguida, um homem idoso andando vendendo cuecas e meias. Logo, entramos na Rua Osvaldo Cruz onde se encontram alguns estabelecimentos onde frequentam muitos paraguaios. A maioria dos comércios que encontramos ali vendia calçados e roupas novas e usadas, e frutas e verduras, principalmente na esquina com a Rua das Missões. Nas redondezas, encontramos cinco ambulantes, sendo um de nacionalidade brasileira e quatro de nacionalidade paraguaia.

O brasileiro era um idoso, e estava com um carrinho vendendo sorvete e picolé. Três homens estavam vendendo sanduíches, e outro estava vendendo folhas e raízes de plantas para colocar no tererê que estavam expostos em cima de caixas de madeira (foto 65). Dois dos homens que vendiam sanduíches estavam próximos um do outro em uma esquina (foto 64). Com eles, estavam mais oito pessoas consumindo, conversando e tomando tereré.

Foto 64 – Ambulantes, clientes e amigos em esquina da Vila Portes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 65 – Plantas e raízes para tererê expostas em caixas de madeira por ambulante



Fonte: Registro nosso, 2018.

Pela Rua das Missões, fomos até a esquina com a Rua Assis Brasil. Nessa rua estão muitos comércios atacados de alimentos e hortifrúti. Nela, encontramos muitos veículos com placas paraguaias estacionados, a maioria piruas. Notamos que a maioria das pessoas que estavam frequentando o comércio dali, era de nacionalidade paraguaia. Nas proximidades, estavam seis ambulantes, sendo um brasileiro e cinco de nacionalidade paraguaia.

O brasileiro estava parado em uma esquina com um carrinho vendendo cachorro-quente (foto 66). Perto dele, estava uma mulher paraguaia com uma mesa de plástico vendendo salgados. Com mesinhas improvisadas na calçada, duas mulheres paraguaias, uma acompanhada de uma criança pequena, estavam vendendo sanduíches e folhas e raízes para tererê (foto 67). Perto dali, estava outra mulher idosa paraguaia, vendendo também folhas e raízes para tererê. Na esquina, um idoso, paraguaio, estava vendo café e chipas que estavam em uma cesta colocada em cima de duas caixas de madeira (foto 68).

Foto 66 – Ambulante vendendo cachorro-quente



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 67 – Mulher vendendo salgados, plantas e raízes para tererê, com sua filha



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 68 – Idoso vendendo chipa e café



Fonte: Registro nosso, 2018.

Percebe-se nessa porção da Vila Portes, na esquina da Rua das Missões com a Rua Osvaldo Cruz, e na Rua Assis Brasil, uma forte territorialidade paraguaia marcada pela quantidade massiva de pessoas vindas do Paraguai para comprar e trabalhar, e também por comércios que possuem proprietários de nacionalidade paraguaia. Veículos com placas paraguaias, homens e mulheres ambulantes vendendo folhas e raízes para tereré, pessoas em grupos tomando tereré, letreiros e anúncios em espanhol e guarani, que também podem ser ouvidos quando passamos por essas ruas, são relações prenes de conteúdos que territorializam uma “paraguaidade” nesses espaços. São elementos que nos produzem uma cartografia paraguaia desses lugares.

Seguimos o percurso pela Assis Brasil, até chegarmos na Rua Cassiano Ricardo onde se encontra uma das mais movimentadas paradas de embarque e desembarque de transporte coletivo, conhecido como “terminal da Vila Portes”. Ali passam várias linhas de ônibus que fazem o trajeto entre o centro e a região norte de Foz do Iguaçu. Nas proximidades, já na Rua Osvaldo Cruz, há uma feira livre de camelôs, onde a maioria comercializa roupas, e uma concentração de lojas populares de roupas e demais itens de vestuário.

Próximo à parada de ônibus, encontramos quatro ambulantes. Um homem brasileiro vendendo calçados croc's e meias, uma mulher paraguaia vendendo meia, calcinha, alho e ervas medicinais, uma mulher idosa paraguaia vendendo meia, ervas medicinais, pomadas, xaropes, alho e amendoim, e um homem paraguaio vendendo erva de tererê, alho e amendoim. Com este último foi um reencontro, pois eu já havia conversado com ele em outra ocasião²⁸. As mercadorias dessas pessoas estavam expostas em mesinhas improvisadas ou em caixas de madeira (foto 69).

Foto 69 – Mercadorias de ambulantes nas proximidades do “terminal” da Vila Portes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na esquina com a Rua Osvaldo Cruz estavam quatro ambulantes, todos de nacionalidade paraguaia. Um idoso vendendo chipa, uma mulher vendendo meia, amendoim, dvd's, óculos, ervas medicinais e coquito (biscoito de trigo comum no Paraguai), e dois homens, sendo um idoso, vendendo meias. Os produtos desses quatro ambulantes estavam expostos em caixas de madeira.

²⁸ Ver Rodrigues (2016).

Foto 70 – Ambulantes em esquina da Vila Portes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Dali, fomos até a Avenida Beira Rio onde encontramos uma mulher paraguaia andando com saquinhos de alho que estava vendendo. Depois, voltamos para a Rua Cassiano Ricardo, onde pegaremos um ônibus até o Terminal de Transporte Urbano da cidade.

ENTRE NÓS DE CÁS, LÁS E MAIS PRA LÁS: AMBULANDO PELO TERMINAL URBANO DE FOZ DO IGUAÇU

O Terminal urbano de Foz do Iguaçu é uma Babel de gente: além de passarem por ali paraguaios e argentinos que moram na região, passam pessoas de variados países do mundo que costumam utilizar a linha de ônibus que dá acesso às atrações turísticas da cidade – Cataratas do Iguaçu, Parque das Aves, Itaipu, entre outros – e também ao Aeroporto Internacional. Não raro, ouvem-se pessoas falando línguas latinas, anglo-saxônicas, eslavas e orientais.

O Terminal sempre tem gente indo e vindo. É um lugar propício para vendedoras e vendedores ambulantes venderem suas mercadorias. A maioria dos vendedores são mulheres e idosos, e costumam carregar seus produtos e mercadorias em cestos ou carrinhos de mão. Tem gente vendendo chipa paraguaia, alho, bebidas, doces variados, panos de louça e até versos poéticos. Alguns se tornam sujeitos conhecidos pelo povo que diariamente passa por

ali, como um rapaz simpático de chapéu que vende trufas de chocolate, ou também, o rapaz com deficiência na perna que vende versos poéticos: “Cinquenta centavos e um sorriso!” (foto 73).

Foto 71 – Idoso ambulante no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 72 – Mulher ambulante no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 73 – Verso poético vendido por cinquenta centavos



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na Babel de passageiros, em meio a fronteiras ambulantes (se entendemos que corpos são próprios territórios), as vendedoras e vendedores criam estratégias para se comunicar e vender seus produtos para as diferentes gentes. Alguns aprendem o inglês, outros fazem sinais com os dedos e com o resto do corpo para mostrar os preços, afirmar ou negar. E a maioria acompanha constantemente o câmbio monetário para vender as mercadorias nas principais moedas que passam por ali.

No Terminal de Transporte Urbano, conversamos com duas vendedoras ambulantes de nacionalidade brasileira. Raimunda, vendedora de panos de louça e Vanda, vendedora de doces variados de amendoim.

Tem muita gente diferente

Vanda (52 anos) vende doces feitos com amendoim ambulando dentro do Terminal. Transporta seus doces em um carrinho de mão improvisado, feito com uma cestinha de supermercado. O amendoim que ela utiliza para fazer os doces é comprado no Paraguai porque, segundo ela, o preço é mais barato. Lá ela também compra torrão de amendoim para revender. Além de fazer e vender os doces, Vanda faz as tarefas domésticas de casa e cuida de um filho doente:

Eu trabalho como vendedora ambulante porque quando eu preciso sair pra fazer outra coisa eu não preciso pedir pra ninguém. Que trabalho ia aceitar isso? Às vezes meu filho tem que ser internado e aí eu tenho que ficar com ele. Trabalhando assim eu consigo ajudar um pouco na casa né? Porque meu

esposo não trabalha e quem ajuda lá é minha filha. Ele tem problema de ‘doidera’, sabe? Tem umas vezes que ele resolve ir trabalhar pra Rondônia, aí não dá certo e depois volta [...] Chego do trabalho e faço as coisas da casa, faço a janta, e aí depois eu faço os pé-de-moleque pra vender no outro dia. Antes de sair pra vender eu deixo toda a comida pronta pra eles. (VANDA, 2017).

A ampliação da participação das mulheres no mundo do trabalho produtivo nas últimas décadas é parte do processo de sua emancipação parcial perante a sociedade e às diversas formas de opressão masculina, no entanto, a mulher trabalhadora, na maioria das vezes, faz suas atividades de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, sendo assim, duplamente explorada pelo capital, já que o trabalho doméstico proporciona condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de todos os membros da família (ANTUNES, 2009, p. 108-109). Desse modo, “o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho” (p. 109).

Foto 74 – Vanda, vendedora ambulante de doces de Amendoim



Fonte: Registro nosso, 2018.

Vanda tem praticamente uma tripla jornada: faz as tarefas domésticas, produz os doces de amendoim e depois sai para vendê-los ambulando pelo terminal. Vanda mora na Cidade

Nova, bairro localizado na porção norte da cidade e afastado da área central. A vendedora se desloca utilizando transporte coletivo. Desembarca e reembarca ali mesmo no Terminal.

A vendedora contou que gosta da fronteira possibilita comprar produtos mais baratos nos outros países e porque “tem muita gente diferente”. Já era tarde e Vanda precisou, naquele dia, voltar para casa.

A aduana é uma farsa

Moradora da vila C, bairro localizado na porção norte de Foz do Iguaçu e afastado da área central, Raimunda (53 anos) é ambulante há oito anos. Ela ambula pelo Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu vendendo panos de prato para as pessoas que passam por ali. Cinco panos de prato por dez reais. Os panos são encomendados por telefone ou por internet de uma indústria no estado de Santa Catarina.

“O mundo era mais feliz pra mim na infância”, disse ela durante a nossa conversa. Seus relatos revelam uma trajetória de sobrevivência marcada por situações conflituosas e violências. Como também com Vanda, a vida ambulante de Raimunda é atravessada pela vida toda. Mais que nome próprio e produtos-mercadorias, "ambula" um corpo-território marcado pela existência inteira.

Odeio falta de educação, já apanhei de chefe, mas já bati muito também. Já trabalhei de empregada doméstica, já trabalhei em hotel, trabalhei em padaria... A dona uma vez gritou comigo, quis me humilhar, bati nela. Dei um pau... quase deu justa causa, mas aí eu a ameacei. Uma vez trabalhei de empregada pra uma médica, comecei a trabalhar pra mãe dela quando eu tinha dezessete anos. Bati quatorze vezes nela. Se mandam eu limpar tudo, eu faço... Mas não vem gritar comigo que eu não levo desaforo. Comecei a trabalhar como ambulante porque não me enquadrava em nenhum trabalho... Não sei ser baba-ovo, não puxo tapete de ninguém pra ser promovida, não concordo que pessoas humilhem o porteiro. Justiça não existe. Político? Tenho nojo. Aí depois de um tempo decidi que não queria mais trabalhar para os outros, comecei a carpir lote, pegava entulho... É foda. (RAIMUNDA, 2017).

Sua trajetória como ambulante começou quando um amigo que vendia panos de prato a convidou para vender também, já que a atividade garantia bom ganho.

Então comecei a vender e deu certo... No primeiro dia já ganhei oitenta reais. Gostei de ter meu dinheiro. Comecei a trabalhar nas ruas do bairro, depois no centro e depois vim aqui no Terminal porque tem fluxo, tem sombra,

água, café, tem tudo aqui. Almoço sempre aqui, mas já tô enjoada, sabe como é marmitta, né? (RAIMUNDA, 2017).

Podemos verificar a partir do presente relato que há uma escolha dos lugares para se trabalhar, nos revelando que a ambulância se configura a partir de uma estratégia territorial.

No Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu existem pequenos comércios formais instalados, fazendo com que sejam recorrentes conflitos e negociações entre esses estabelecimentos, trabalhadores ambulantes e o poder público.

O único problema aqui é a guerra constante com os comércios que estão aqui dentro, porque aí eles não querem pagar imposto porque nós ambulantes não pagamos. Os ambulantes são desunidos, não tem associação nenhuma. Já tive problema com a *Foz Trans*, com Ministério da Fazenda. Mas comparado com meu passado, agora estou bem melhor. (RAIMUNDA, 2017).

Agora, Raimunda contrata outros dois ambulantes que vendem panos de prato para ela. Ganham trinta reais por dia, almoço e passagem de ônibus. Além de lhe permitir autonomia e melhor renda, segundo ela, o trabalho ambulante lhe permite maior flexibilidade de horários, tanto que ela concilia com outro trabalho.

Eu faço meu horário, meu trabalho, sei do meu público. Venho o dia que quero. Maioria das vezes trabalho de segunda a sábado, das 11h da manhã até umas 19h. De manhã faço um bico, cuido de um idoso. Eu amo idoso, crianças e animais, são indefesos (RAIMUNDA, 2017).

Ela ressalta a melhoria de suas condições sociais com o trabalho ambulante. Faz dezoito anos que se separou de seu esposo. “Casada? Graças a Deus, não. Dei três facadas no meu ex-marido, ele era bem branco, descendente de alemão... Pai dos meus filhos, mas me bateu na cara, aí revidei. Criei meus filhos sozinha depois”, disse ela.

Raimunda tem uma filha de 25 anos que faz estágio em Londrina - Paraná e um filho de 28 anos que é motorista de transporte coletivo na cidade. “Fruto do meu trabalho, preparei meus filhos para o mundo com o meu trabalho”, ressaltou Raimunda. Ela ainda conta que agora possui condições até para arrumar seus dentes pagando dentista particular e ter um “celular moderno”.

Por estar na fronteira, e em uma cidade turística conhecida internacionalmente pelas Cataratas do Iguaçu, o cotidiano e o trabalho de Raimunda é marcado por situações e interações singulares. Sobre a fronteira, Raimunda ressalta:

Gosto da praticidade pra comprar produtos importados. Gosto do preço... Do fluxo, tem muita gente. Na Argentina compro azeite, salame e derivados... No Paraguai compro perfume francês, celular. Só não gosto da facilidade de

comprar balas, armas, drogas. A aduana é uma farsa. Nunca aceitei ser parada, porque ali passa contrabando todos os dias e eles só pegam a gente que compra coisa pequena. Eu mudaria tudo. Os impostos são muito caros, causaram a morte do muambeiro, não tem mais quase. Nós moradores daqui deveríamos ter acesso às Cataratas do Iguaçu, incentivo pra atender melhor os turistas. (RAIMUNDA, 2017).

Na fronteira, ela vende seus panos de prato para turistas de países diversos e em todas as moedas que circulam ali (real, dólar, peso argentino, guarani, euro) acompanhando diariamente o câmbio monetário. Para se comunicar com clientes que falam outras línguas que não sejam português ou espanhol, ela utiliza sinais com as mãos. Perguntamos para Raimunda como é sua relação com os estrangeiros que por ali passam:

Americanos? Odeio, detesto, é uma raça do tipo “eu sou, eu posso, eu tenho, sou potência”. Se me pedem informação eu não dou. Um dia eu estava no ônibus indo pra casa e um americano perguntou onde deveria descer pra ir na Itaipu. Dei informação errada. Não apoio o Irã... Deus que me perdoe, mas gosto quando os terroristas ameaçam de bombardear os Estados Unidos. Os americanos vêm aqui e acham que podem fazer o que quiser. Eles já olham torto pra pessoas que nem você, branquinho bonitinho. Imagina eu que sou preta, me jogam no caldeirão. Eles dão risada do nosso inglês. Eles que deveriam falar nossa língua se querem vir pra cá. Tem gente que é despedida só porque não fala inglês. Mas brasileiro é burro. Quando os americanos vêm pra cá, dão tudo. Se tiver uma virgem, dão. O brasileiro só falta falar pra eles “come as mina”. Se os americanos fazem alguma coisa errada, ninguém faz nada. Vai lá uma pretinha que nem eu fazer alguma coisa? Capaz de me jogarem numa caldeira. (RAIMUNDA, 2017).

Durante a conversa, chegou outro ambulante conhecido por vender trufas no Terminal. Os dois trocaram palavras amigáveis rapidamente, e logo, ele voltou a vender. Raimunda continuou a conversa conosco e nos contou que ele gosta dos americanos e fala inglês. Os estrangeiros que ela “mais gosta” são os japoneses. Segundo ela:

São humanos, generosos, educados, limpos, deram show na Copa. Da Rússia não posso falar nada porque tenho avós descendentes. Alemão não gosto muito, já briguei com dois, um foi meu marido e outro um vizinho folgado. Mas eu vendo pra alemão, chinês, argentino, francês, paraguaio, mas pra americano não vendo... Nem que me pague cem dólares. Mas logo a China vai mandar em tudo. (RAIMUNDA, 2017).

Os conflitos, por sua vez, não se restringem às condições de nacionalidade, mas também de classe e de signos:

O país é muito capitalista e as pessoas também. Um dia fui comprar um anel de formatura pra minha filha. Dois mil reais. No dia nem tinha tomado banho, entrei na loja e a vendedora que estava na frente não quis me atender... Quando viu que tinha que vir, eu disse: “Não querida, com você

não quero nada, quero ser atendida pela outra vendedora”. Me atendeu, comprei o anel, paguei à vista no dinheiro. Eu também já trabalhei de vendedora... Éramos oito, aí cada uma tinha a sua vez. Certo dia chegou um homem com um saco de roupa e uma mala bem antiga... Poeira que só Jesus... Aí a vez de vender era de uma vendedora loira, e ela não quis atendê-lo, aí fui eu. Eu gosto do povo né. O cara gastou na época 150 mil cruzeiros na compra, que hoje deve ser uns 80 mil reais pra época. Minha comissão daquela compra deu uns quatro salários. A loirinha quis reclamar que era a vez ela, daí eu disse “negativo, você não quis atender o cara”. Aí ficou quieta, desprezou o cara só pela roupa. A maioria das pessoas me olha assim, toda desarrumada, pretinha, vendendo pano de prato, nem imaginam que chego a faturar 3.500 reais por mês. Têm uns pelegos que se acham, que viram a cara pra gente. Ganham 1.100 reais por mês e devem até a calcinha. Por isso já arrumei muita encrenca aqui no terminal. Um dia ofereci pano pra uma menina e ela nem me olhou na cara... Podia ao menos dizer obrigado. Pensei... Essa pelega deve até a manicure e fica de queixo erguido. Mas uma cara de putinha, rachadeira, cara de Costa e Silva, lá onde rodam bolsinha. (RAIMUNDA, 2017).

Foto 75 – Raimunda, vendedora ambulante de panos de prato



Fonte: Registro nosso, 2018.

Raimunda relaciona o capitalismo com hierarquias simbólicas marcadas esteticamente no corpo: corpo preto, desarrumado, sujo. Seus relatos demonstram o quanto os corpos/sujeitos são atravessados por demarcações sociais, étnico-raciais, nacionais e culturais construídas historicamente a fim de reproduzir/ordenar relações hierárquicas que assegurem o poder dos dominantes e a alienação dos dominados. Essas demarcações também demarcam a espacialidade desses corpos: onde “devem estar” e onde “não deveriam” estar. São fronteiras

que estão sempre em confronto, negociação e reinvenção pelas relações entre sujeitos corporificados em movimento.

A ambulante traz a noção de “raça” ao relatar suas experiências. A categoria “americano”, por exemplo, é trazida como “raça” em sua narrativa, para expressar uma relação imperialista mundial, que é racializada e que atravessa a sua existência deixando marcas profundas e ressentimentos. De acordo com Quijano (2005), a categoria de raça é uma invenção criada a partir do colonialismo branco europeu para servir de mecanismo de dominação dos povos subjugados, servindo como critério para distribuir a população mundial nos diferentes níveis, lugares e papéis na estrutura de poder capitalista, e assim, associando estruturalmente raça e divisão do trabalho, produzindo desigualdades com marcas raciais.

Em seus relatos, a noção de raça é atravessada por outras categorias, como a de identidade, de nacionalidade, de beleza, limpeza, educação, imperialismo, terrorismo, etc., expressando uma geopolítica mundial. Revela-se o imperialismo político-econômico dos Estados Unidos e os conflitos que essa hegemonia desencadeia com países do Oriente Médio, o que para ela, justifica o seu ódio e as ações violentas de outros países contra os Estados Unidos e seus habitantes.

Os relatos de Raimunda também revelam a ascensão do protagonismo da China nas dinâmicas político-econômicas globais quando afirma que “logo a China vai mandar em tudo”. Isso acontece, de acordo com Moreno (2015, p. 12), porque a China se tornou a grande fábrica do mundo, criando dinâmicas decisivas que influenciaram crucialmente a divisão internacional do trabalho, descentralizando a indústria e também desindustrializando e reprimarizando muitas economias, processo impulsionado pela grande demanda de recursos naturais, já que o país se tornou o maior comprador internacional de matérias-primas, transformando-se na segunda maior economia do mundo, constituindo-se potência geopolítica e econômica. Nesse sentido, o “fator China” impõe nas reconfigurações civilizatórias em curso, uma redefinição dos fluxos de matéria e energia no planeta e do metabolismo do capitalismo do século XXI (HO-FUNG, 2009 apud MORENO, 2015, p. 12).

Nessa relação imperialista, a categoria de raça se mescla com a origem, pois segundo a ambulante, “eles” “olham torto” até para pessoas brancas (bonitas) (brasileiras ou latino-americanas na nossa situação), e querem exigir que falemos a língua deles, o inglês. No seu relato, ela também relacionou o Brasil com a de prostituição, já que no exterior, muitos relacionam o Brasil ao “turismo de sexo”.

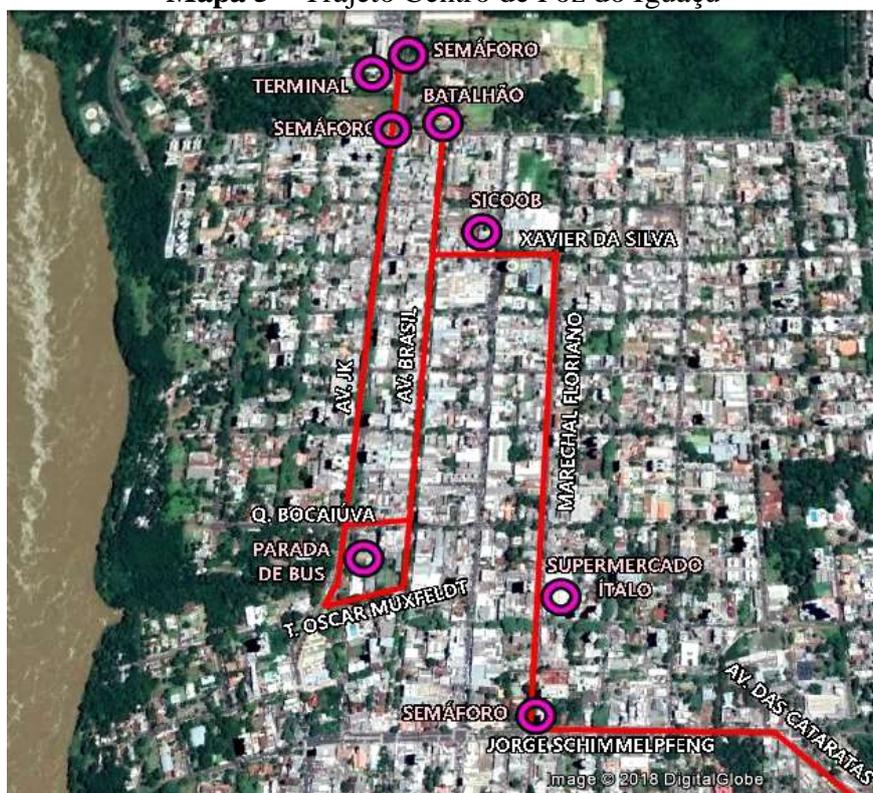
E por último, evocou as noções de limpeza, generosidade, educação e limpeza para se referir aos japoneses. Assim, podemos notar que as relações de poder se constroem a partir de uma estrutura de diferentes classificações sociais dependendo dos distintos contextos, sempre atravessando e sendo atravessadas pelo corpo. Seus relatos nos permite entender que:

Os corpos fazem diferença em nossas experiências espaciais. O tamanho, a forma, a saúde, a aparência, a vestimenta, o comportamento, a sexualidade e as práticas sexuais afetam como nós interpretamos e somos interpretados pelos outros como sustentam Johnston e Longhurst (2010). Assim, os corpos não são algo natural, dado e universal, mas formas materiais que adquirem sentido no tempo e no espaço (SILVA; ORNAT, 2016, p. 62).

Não conseguimos terminar o diálogo com Raimunda, pois já estava na hora dela voltar para sua casa. O ônibus para o seu bairro já estava para chegar. Nos despedimos. Raimunda falou para voltarmos qualquer dia para terminar a conversa, que ela estaria nos esperando no Terminal.

VOLTANDO PRA CÁ: AMBULANDO PELO CENTRO DE FOZ DO IGUAÇU

Mapa 5 – Trajeto Centro de Foz do Iguaçu



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Saindo do Terminal a pé na Avenida JK, há um semáforo. Ali sempre estão ambulantes de nacionalidade paraguaia vendendo alho e amendoim, e, às vezes, erva para tererê, meia, calcinha, balas, morangos, e chipa. Nessa ocasião, encontramos andando entre os veículos um homem vendendo alho, um jovem vendendo chipa e uma mulher indígena com um bebê no colo pedindo esmola.

Mais tarde, depois de um descanso, continuamos nossa caminhada pela mesma avenida. Na esquina com a Avenida República Argentina, há três semáforos. Em um deles há uma brasileira vendedora de panos de prato. No mesmo ponto, estava um jovem vendendo chipa, um homem vendendo garrafinha de água, uma paraguaia vendendo alho, um idoso carregando uma caixa térmica, um homem e uma mulher com uma prancheta fazendo pesquisa com os motoristas, e duas mulheres indígenas com bebê no colo pedindo esmola, sendo uma delas a mesma que vimos no semáforo anterior.

Continuamos andando pela avenida. Em um ponto de ônibus que encontramos pelo caminho, estava um idoso vendendo balas e água. Mais para frente há uma agência do banco Itaú em uma esquina. Ao redor do banco, encontramos cinco ambulantes: um homem com um carrinho de mão vendendo tapetes, um idoso vendendo cachorro quente e bebidas (foto 76), um idoso vendendo guloseimas variadas e cigarros, uma mulher vendendo panos de prato e sapatos de crochê para bebês (foto 78) e um homem vendendo óculos, relógios e carregadores para celular (foto 77).

Foto 76 – Vendedor ambulante de cachorro-quente



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 77 – Ambulante vendendo óculos e outras mercadorias



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 78 – Vendedora ambulante de panos de prato e sapatinhos de crochê com cliente



Fonte: Registro nosso, 2018.

Próximo dali há, em cada lado da Avenida JK, duas paradas de ônibus bastante movimentados, já que estão próximos da área onde se concentram os comércios da área

central da cidade. Nas redondezas, encontramos nove ambulantes. Cinco desses, que estavam mais próximos das paradas de ônibus eram de nacionalidade brasileira. De um lado da avenida, estava um homem vendendo balas e outras guloseimas, outro vendendo balas, guloseimas, cigarro e água, e outro dvd's (foto 79). Do outro lado estava um homem vendendo brinquedos e uma mulher vendendo água.

Foto 79 – Ambulantes em parada de ônibus na Avenida JK



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na esquina com a Travessa Oscar Muxfeldt, próximo da parada de ônibus, estavam outros quatro ambulantes de nacionalidade paraguaia com mesinhas de madeira na calçada de pedestres vendendo suas mercadorias. Uma mulher idosa vendendo dvd's, um homem vendendo pano de prato, uma mulher vendendo meia e calcinha e uma mulher vendendo frutas, verduras, coquito, fraldas, doce de leite e desodorante aerossol da marca Rexona (foto 80). Estas três últimas mercadorias, provavelmente, são trazidas de Puerto Iguazú na Argentina.

Quem mora na fronteira acaba aprendendo que esses produtos, além do azeite de oliva e do leite em pó da marca “Nido” (no Brasil, “Ninho”) são mais baratos no lado argentino, já que são fabricados pela indústria argentina. Eu que morei cinco anos lá, quando olho para o desodorante Rexona sendo vendido nas ruas, já associo automaticamente com a Argentina. É

como se estas mercadorias “cartografassem” a Argentina em meu imaginário. E das vezes que conferi as embalagens, todas informaram a fabricação pela indústria argentina. Quanto ao trânsito da compra e revenda destas mercadorias pelos ambulantes, os mesmos podem ter se deslocado até Puerto Iguazú para comprá-los, ou podem ter comprado em Ciudad del Este a partir de algum intermediário que trouxe a mercadoria da Argentina.

Foto 80 – Vendedora ambulante em esquina de Foz do Iguazu



Fonte: Registro nosso, 2018.

Dali, fomos para a Avenida Brasil. Esta Avenida é a mais popularmente movimentada da área central da cidade. Na parte mais frequentada da avenida, e em seu entorno, se concentram lojas populares como Magazine Luiza, Casas Bahia, Pernambucanas, Riachuelo, Marisa, entre outras lojas de roupas, calçados, lanchonetes, etc. Sentado na escada de um estabelecimento aparentemente fechado, estava um idoso vendendo quadrinhos e chaveiros de madeira que ele mesmo fazia (foto 81). Ele esculpe o nome de pessoas no chaveiro se o cliente quiser. Ao mesmo tempo em que estava ali vendendo, o ambulante fazia o seu artesanato.

Foto 81 – Idoso vendendo seus artesanatos



Fonte: Registro nosso, 2018.

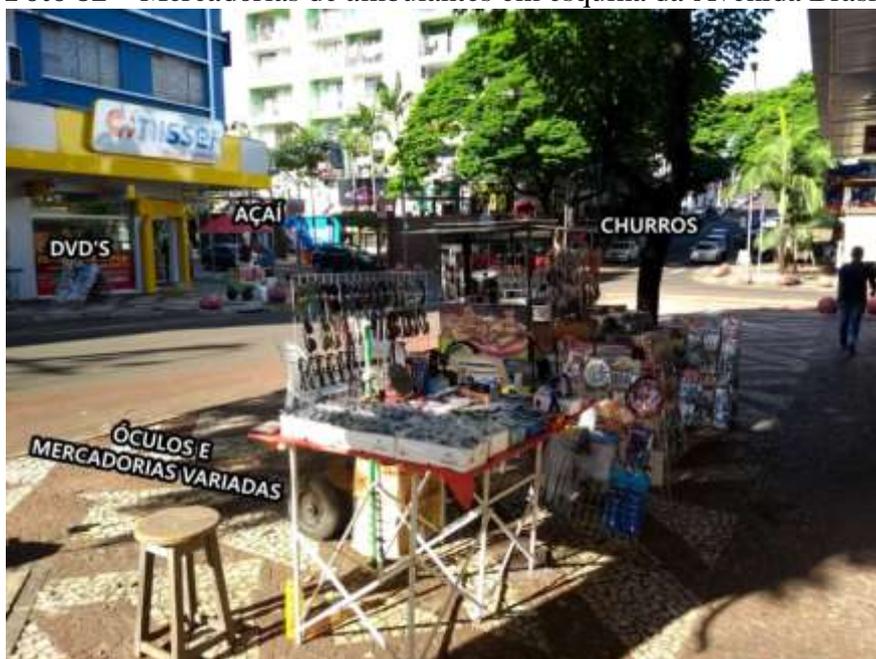
Na porção mais frequentada da Avenida Brasil, encontramos quatorze vendedores ambulantes. Enquanto alguns dos ambulantes circulam pela avenida e pelas vias do entorno onde há movimento de pessoas, outros costumam ficar em algum canto da calçada, ao lado ou na frente das lojas e outros estabelecimentos, como lanchonetes, agências bancárias ou de edifícios que estão fechados. Cinco eram de nacionalidade paraguaia, sendo dois homens e três mulheres, e o restante de nacionalidade brasileira, sendo uma mulher e o restante, homens. Alguns deles se concentravam entre a Avenida Brasil e a Rua Quintino Bocaiúva.

Uma mulher paraguaia estava vendendo frutas e verduras que estavam expostas em cima de um carrinho de mão, e duas estavam vendendo meia, calcinha e alho expostos em caixinhas de madeira (foto 84). Uma delas estava lendo uma bíblia enquanto cuidava de suas mercadorias (foto 83). Um dos homens paraguaios estava andando pela avenida com carrinho de mão vendendo frutas e pacotes de coquito e o outro, também com carrinho de mão, vendendo shampoos e desodorante aerossol da marca Rexona.

Dos brasileiros, uma mulher estava vendendo balas e doces de amendoim em frente de uma agência bancária, um homem estava vendendo açaí, dois estavam vendendo dvd's, um vendendo churros, um vendendo roupas, um vendendo cintos masculinos, capas para volante de carro e tapetes, e o outro vendendo artigos diversos como óculos, lanterna, espelho,

calculadora, tesoura, isqueiro, cortador de unha, fone de ouvido, pau de *selfie*, cadeado, e barbeadores manuais.

Foto 82 – Mercadorias de ambulantes em esquina da Avenida Brasil



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 83 – Vendedora ambulante lendo Bíblia



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 84 – Vendedora ambulante na Avenida Brasil



Fonte: Registro nosso, 2018.

Continuando nosso andar pela Avenida Brasil, fomos quase até o início dela que fica próximo ao batalhão do exército da cidade. Ali se encontram alguns restaurantes e lanchonetes que costumam ser frequentados por turistas. Nas proximidades também há uma feirinha de camelôs que vendem mercadorias diversas, incluindo objetos de “lembrança” da cidade, como toalhas estampadas com araras ou com as Cataratas do Iguaçu, chaveiros, quadrinhos, etc.

Nessa porção da avenida, encontramos uma ambulante paraguaia oferecendo meias para clientes de um restaurante sentados nas mesas que ficam no lado de fora do estabelecimento, e quatro vendedores de miçanga (pulseiras, colares, brincos, e demais artesanatos). Três dessas pessoas eram homens e brasileiros e uma era mulher de nacionalidade paraguaia, casada com um desses vendedores.

Foto 85 – Mulher *hippie* vendendo artesanato



Fonte: Registro nosso, 2018.

Essas pessoas se consideram *hippies*. No entanto, por mais que suas identidades não se atrelem ao de vendedor/a ambulante, essas pessoas ambulam para vender suas artes e sobreviver seguindo um estilo de vida específico – viajando. Ao conversarmos com um vendedor hippie que estava por ali, ele contava que muitas das matérias-primas de seus artesanatos, como pedras, são de lugares por onde ele viajou. Lugares diversos, e algumas vezes, distantes, e que geografizam esses objetos em sua memória.

Da Avenida Brasil, fomos pela Rua Xavier da Silva para a Rua Almirante Barroso, que fica ao lado. Em frente a uma agência bancária que já tinha encerrado seu horário de funcionamento, estava um homem paraguaio, acompanhado de uma criança, vendendo café e chipa (foto 86). A chipa, mais uma vez grafando o Paraguai no lado brasileiro da fronteira, seja pela sua presença (conjunta com o ambulante paraguaio), receita, visualidade ou sabor.

Foto 86 – Vendedor ambulante de chipa e café com uma criança



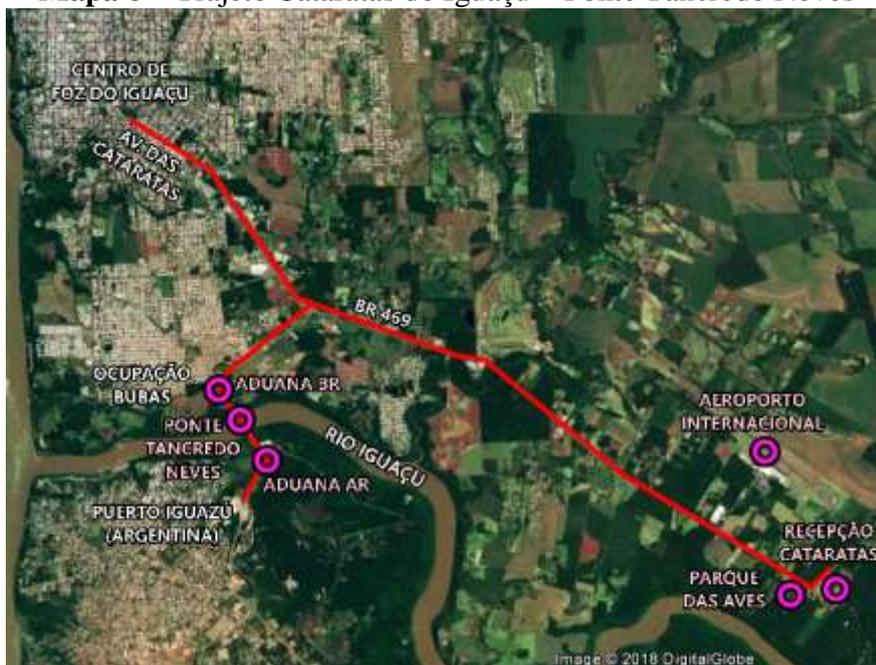
Fonte: Registro nosso, 2018.

Há uma quadra da Rua Almirante Barroso, nos dirigimos para a Rua Marechal Floriano onde se encontra um supermercado bem frequentado da área central da cidade. Perto do estacionamento, encontramos um ambulante paraguaio com uma mesinha de madeira vendendo dvd's. Percorremos essa rua até chegarmos na Avenida Jorge Schimmelpfeng. Na esquina dessas duas vias, onde havia um semáforo, estava uma ambulante jovem paraguaia andando entre os veículos vendendo chipa. Próximo dali, na Jorge Schimmelpfeng, há uma parada de ônibus, e ao lado, estava um idoso e uma mulher, paraguaios, com um carrinho vendendo balas e outras guloseimas.

SEXTA-FEIRA, SANTA E AMBULANTE PELAS CATARATAS DO IGUAÇU

No feriado de sexta-feira santa, decidimos ir às Cataratas do Iguaçu, no lado brasileiro. Há aproximadamente três quilômetros da entrada do Parque Nacional do Iguaçu, se formava um congestionamento de veículos: turistas e demais pessoas para visitar as cataratas e o Parque das Aves que fica nas proximidades.

Mapa 6 – Trajeto Cataratas do Iguazu – Ponte Tancredo Neves



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Aproveitando a rapidez dos passos perante o trânsito lento dos veículos por conta do congestionamento, os ambulantes passavam entre os carros vendendo mercadorias que poderiam ser úteis aos passeios nos parques, como garrafas de água, capas de chuva, protetor de água para celular, repelente e óculos de sol.

Foto 87 – Ambulantes entre os carros na rodovia de acesso às Cataratas do Iguazu (lado brasileiro)



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 88 – Ambulante vendendo água entre os carros



Fonte: Registro nosso, 2018.

No acostamento da estrada, sobretudo, nas proximidades das entradas do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque das Aves, encontramos também ambulantes com outros tipos de mercadorias, como chapéus, brinquedos, havaianas, artesanatos, toalhas, redes, comidas como empanadas, cocadas e doces de amendoim, caldo de cana, água de coco, etc. Durante todo esse trajeto, conseguimos contar vinte e três ambulantes. Por se tratar de uma localização onde se encontram duas das principais atrações turísticas da fronteira, os ambulantes que estavam ali pareciam explorar esse diferencial para realizarem suas vendas.

A empanada (argentina), o caldo de cana, a cocada, e o doce de amendoim, por exemplo, são alimentos que são peculiares da identidade gastronômica nacional e regional, o que pode chamar a atenção de turistas. Um dos vendedores que encontramos no trajeto vendendo salgados que estavam em caixas de isopor em sua bicicleta, por exemplo, colocou nas caixas duas bandeirinhas do Brasil e uma da Argentina, fazendo da fronteira um “*marketing*” ambulante (imagem 89).

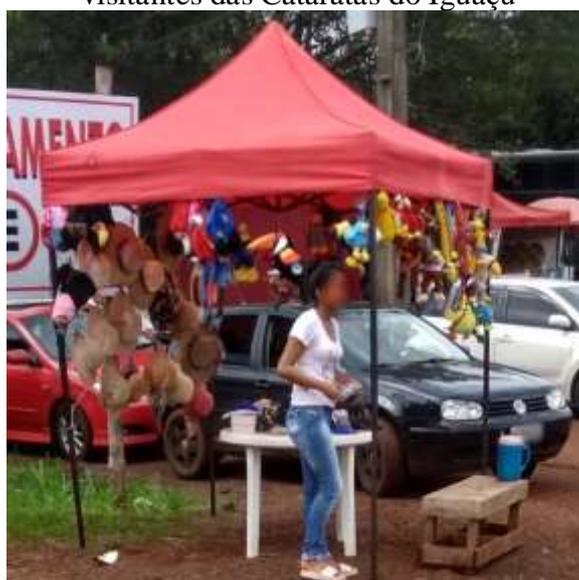
Imagem 89 – Vendedor ambulante com sua bicicleta, caixa de isopor e bandeiras, e ao fundo, redes vendidas por ambulantes



Fonte: Registro nosso, 2018.

Os brinquedos de pelúcia que dois ambulantes, um homem e uma mulher, estavam vendendo, por exemplo, eram, majoritariamente, de animais como tucanos, cobras, macacos, araras e papagaios, animais que remetem ao Parque Nacional do Iguaçu e ao Parque das Aves. A mulher, conseguimos identificar que era de nacionalidade paraguaia pelo seu sotaque, o que significa que as pelúcias podem ter sido trazidas do Paraguai para serem revendidas ali.

Foto 90 – Vendedora ambulante de brinquedos de pelúcia nas proximidades da entrada para visitantes das Cataratas do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2018.

Alguns ambulantes que vendem capas de chuva e garrafas de água (três por cinco reais) anunciam às pessoas que passam por ali que “lá dentro do parque você vai pagar mais caro”, “uma água lá dentro do é cinco reais, aqui tô vendendo três pelo mesmo preço”. Os brinquedos vendidos pelos ambulantes também são mais baratos que os encontrados à venda nas lojas internas aos parques, assim como os alimentos. Desse modo, a presença dos ambulantes nas proximidades constitui uma opção mais barata para as pessoas que não querem ou não podem pagar pelas mercadorias oferecidas nas lojas, lanchonetes e restaurantes internos aos parques que costumam ser mais caros. E Por mais que nessas proximidades da entrada do Parque das Aves estivesse uma placa de sinalização proibindo vendedores ambulantes, essas pessoas estavam ali vendendo seus produtos e mercadorias (foto 91).

Foto 91 – Ambulantes nas proximidades do Parque das Aves



Fonte: Registro nosso, 2018.

Nas proximidades da entrada dos parques, encontramos também seis mulheres ambulantes indígenas vendendo artesanatos que estavam expostos em tecidos no chão enquanto elas estavam sentadas produzindo mais produtos, como pulseiras, colares e bolsas. Uma delas estava sentada com seus produtos em baixo de uma placa de sinalização das

atrações turísticas (foto 92). Apesar de uma dessas mulheres estar vestida com uma camiseta em que estava escrito “Brasil”, uma delas me contou que moram em Ciudad del Este no Paraguai e se deslocam até ali de ônibus.

Foto 92 – Mulher indígena vendendo artesanatos em baixo de placa de sinalização



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 93 – Mulheres indígenas produzindo e vendendo artesanato nas proximidades da entrada para visitantes das Cataratas do Iguaçu (lado brasileiro)



Fonte: Registro nosso, 2018.

Quatro dessas mulheres, as que aparentavam ter mais idade, usavam cocares com penas na cabeça, objetos que “grafam” em seus corpos uma identidade que é cartografada em nosso imaginário. Por ser um objeto que representa sua identidade, no contexto “turístico”, pode servir enquanto um adereço que aciona a identidade como estratégia para chamar a atenção de turistas e viajantes, já que estes podem se atrair por considerarem como algo “diferente”, e até mesmo, “exótico”, sobretudo para os que são estrangeiros, já que o indígena pode ser representado no imaginário de muitos em ideias que remetem ao “Novo Mundo”, à América “descoberta”, ao “exotismo dos nativos americanos”, ou a algo que remete ao “passado”. De acordo com Hall:

A ideia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. (HALL, 2006, p. 79-80).

Nas cidades da fronteira é possível encontrar anúncios de atrativos turísticos utilizando a identidade indígena como atração, e muitas vezes, estereotipada. Encontramos um desses anúncios no Terminal Rodoviário de Puerto Iguazú, no lado argentino da fronteira, em que anuncia “Turismo Guarani” com a fotografia de um indígena com arco e flecha (foto 94). Desse modo, podemos pensar essas atividades turísticas na perspectiva de que “[...] ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”. Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”” (HALL, 2006, p. 77).

No entanto, o anúncio é para o Turismo Guarani *Yryapú*, um circuito organizado pela comunidade *mbyá* guarani com o apoio de algumas instituições governamentais e não governamentais:

El proyecto de la Comunidad Yryapú – “sonido del agua o de las aguas”, en lengua originaria - cuenta con el apoyo de Fundación Banco de Bosques, IAF (Interamerican Foundation), Friends of Yryapú (Canadá) y el Centro Intercultural Bilingüe “Clemencia González Jachuka Yvapoty” (ITEC). Obtuvo, además, el respaldo de organismos provinciales y nacionales, interesados en la modalidad responsable de turismo que sostiene la empresa indígena. (MISIONES DIGITAL, on-line)²⁹.

²⁹ Disponível no seguinte endereço: misionesdigital.net/index.php/turismo/el-turismo-comunitario-mbya-guarani-se-promocionara-en-iguazu

Foto 94 – Anúncio do Turismo Guarani no Terminal Rodoviário de Puerto Iguazú

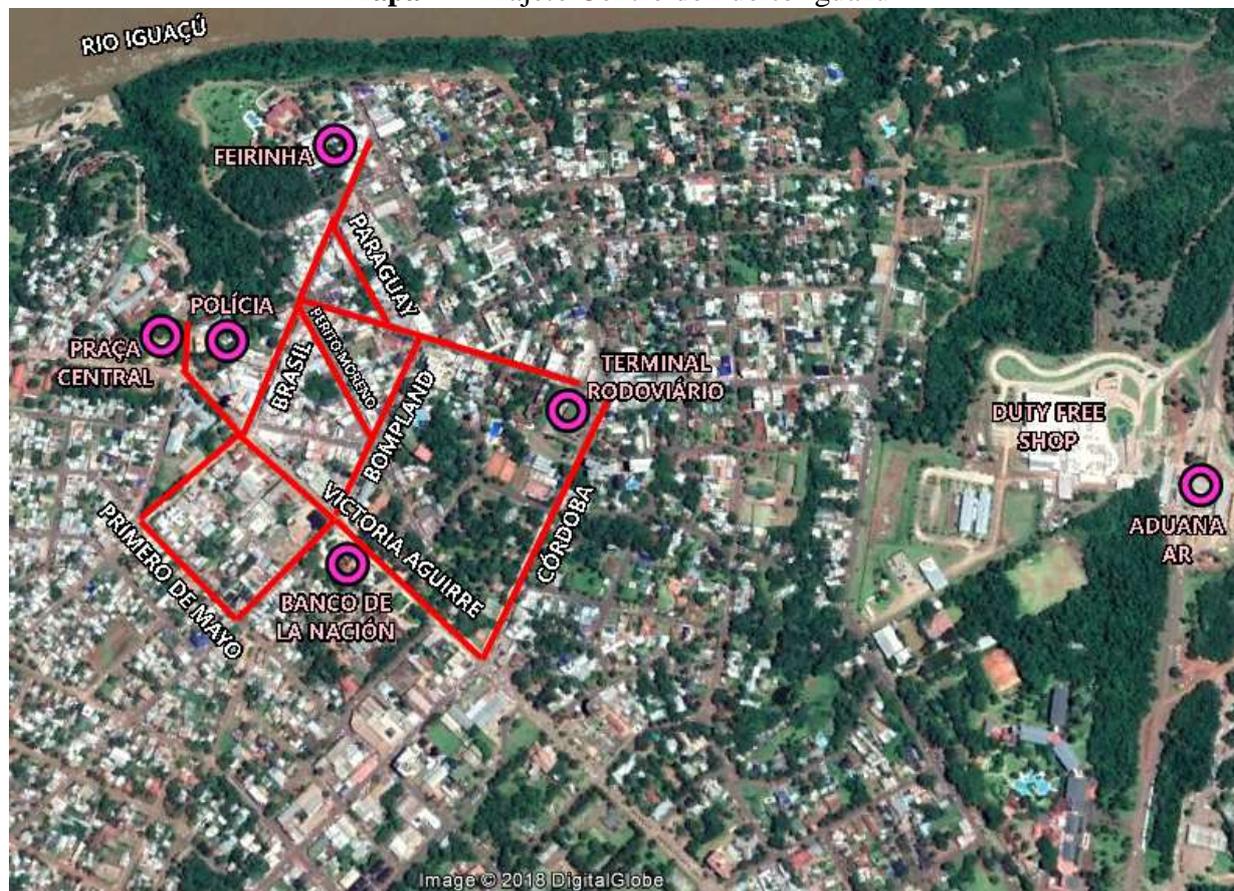


Fonte: Registro nosso, 2018.

Como podemos ver no anúncio, os indígenas se apropriam dos imaginários de sua identidade para fazer propaganda de seu negócio. Dessa forma, precisamos pensar de que forma a inserção na economia da mercadoria se torna uma estratégia de resistência para esses grupos, ainda que possam estar sujeitos a uma condição de dependência (SALISBURY, 1984 *apud* SAHLINS, 1997, p. 53), e também, um modo de expandir sua cultura (GREGORY, 1982 *apud* SAHLINS, 1997, p. 54). Assim, nos surge a possibilidade de analisar o “modo como os povos organizam culturalmente sua experiência do Sistema Mundial” (SAHLINS, 1997, p. 55) atribuindo e reproduzindo seus próprios significados, o que nos permite pensar uma “indigenização da modernidade” que se manifesta enquanto contracultura de resistência (SAHLINS, 1997).

CHEGANDO MAIS PRA LÁ: AMBULANDO EM PUERTO IGUAZÚ - ARGENTINA

Mapa 7 – Trajeto Centro de Puerto Iguazú



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

Ali no Terminal Rodoviário de Puerto Iguazú há ônibus para destinos municipais, nacionais e internacionais, incluindo interurbano internacional para Foz do Iguazú e Ciudad del Este. Dali também sai transporte coletivo até as *Cataratas del Iguazú* (lado argentino) e para o *Marco de las Tres Fronteras*. Encontramos três ambulantes indígenas, sendo duas mulheres e um homem, este com um cocar de pena na cabeça. Eles carregavam os meus produtos que vendiam as mulheres indígenas nas proximidades da entrada do Parque Nacional do Iguazú no lado brasileiro. Minutos depois, o homem embarcou no ônibus que iria até as Cataratas do Parque Nacional argentino.

Foto 95 – Ambulante indígena embarcando em ônibus para as Cataratas del Iguazú (lado argentino)



Fonte: Registro nosso, 2018.

Do Terminal, fomos até a Avenida *Victoria Aguirre* onde se encontra uma agência do Banco de *La Nación Argentina*. Ali perto há um hospital, algumas lojas e um supermercado. Nas proximidades do banco estavam uma mulher e cinco homens ambulantes. Quatro eram de nacionalidade paraguaia e dois, idosos, de nacionalidade argentina. Dois dos ambulantes paraguaios estavam vendendo chipas que estavam expostas em uma mesa com guarda-sol. Com um carrinho de mão e guarda-sol, um homem estava vendendo erva de tereré da marca Kurupi (de indústria paraguaia), e também, folhas e raízes de plantas para adicionar ao preparo da bebida. A mulher ambulante estava vendendo camisas e blusas femininas expostas em um muro no qual a mesma se encontrava sentada. Já os ambulantes idosos de nacionalidade argentina, um estava com um carrinho vendendo lanches e o outro estava vendendo ervas para chás, pomadas e mel expostos em um carrinho de mão.

Foto 96 – Ambulante vendendo chipa



Fonte: Registro nosso, 2018.

Antes de seguirmos pela mesma avenida, fomos até a Avenida *Primero de Mayo* que fica perto dali. Na parte que percorremos dela, uma área mais residencial, encontramos apenas uma mulher vendendo frutas expostas em caixas de madeira na calçada. Voltando para a Avenida *Victoria Aguirre*, seguimos em direção à área onde se concentram as lojas e restaurantes, sendo a maior parte voltada para turistas. No caminho, encontramos um adolescente vendendo árvores de artesanato feito com cristais de rochas e pedras de ametista que estavam dentro de uma caixa de madeira.

Perto dali, na esquina com a *Calle Gustavo Eppens*, encontramos uma mulher sentada em um banco vendendo as mesmas árvores de artesanato em frente a uma loja que também vende artesanatos, camisetas e outros objetos de representação local para turistas (foto 97). Na loja, verificamos que há também artesanatos feitos com pedras (foto 98), porém, mais “elaborados” e muito mais caros que os vendidos por ambulantes.

Foto 97 – Vendedora ambulante de artesanatos feitos com pedras em esquina de Puerto Iguazú



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 98– Mercadorias feitas com pedras em vitrine de loja

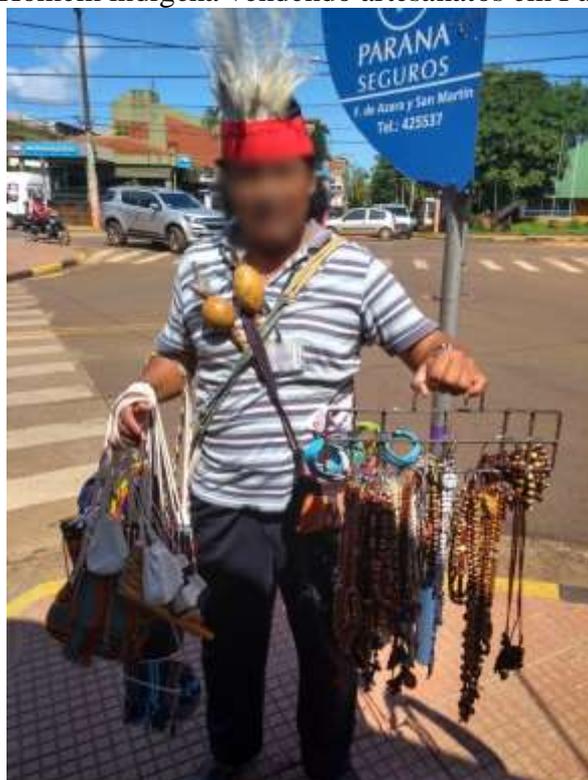


Fonte: Registro nosso, 2018.

Dessa esquina, continuamos pela Avenida *Victoria Aguirre* até uma praça central da cidade. Em sua volta há uma igreja, uma unidade regional de polícia e um edifício de administração pública. Ali não encontramos ambulantes. Voltamos o caminho e seguimos pela Avenida Brasil. Logo, na próxima quadra, encontramos dois homens indígenas ambulantes, um jovem e um de mais idade. Eles estavam vendendo bolsas coloridas, chocalhos, pulseiras e colares artesanais que carregavam com as mãos. Os produtos eram os mesmos dos indígenas ambulantes que encontramos nas proximidades da entrada do Parque das Aves e das Cataratas do Iguazu em Foz do Iguazu, e também, no Terminal Rodoviário de Puerto Iguazú.

O homem mais velho, José (37 anos), utilizava um cocar de penas na cabeça (foto 99). Conversamos um pouco com ele, que nos contou que os artesanatos são feitos por ele e por sua família, e que fazem parte de uma associação de artesãos no Paraguai. Nisso, ele nos mostrou o seu crachá em que constava o seu nome, sua foto e número de identificação. Na parte superior do crachá estava escrito “*Cultura Maka*” e “*Artesanos del Paraguay*”, e na parte inferior, estavam as bandeiras do Paraguai, do Brasil e da Argentina.

Foto 99 – Homem indígena vendendo artesanatos em Puerto Iguazú



Fonte: Registro nosso, 2018.

Em seguida, fomos até a esquina com a *Avenida Misiones* onde encontramos mais dois homens indígenas vendendo as mesmas coisas em frente de uma loja de artefatos “regionais”. Estes dois tinham seus produtos expostos em um tecido colocado na calçada de pedestres. Vimos que um deles estava acompanhado de seu tereré, e o outro, estava mostrando seus produtos para dois turistas que passavam por ali. Nas redondezas há alguns restaurantes e demais estabelecimentos gastronômicos, e algumas lojas.

Ao conversamos com um deles, Mauro (42 anos), ficamos sabendo que formam um grupo de artesãos da etnia *Maká*, constituído por aproximadamente vinte famílias que moram em Ciudad del Este no Paraguai. O ambulante nos relatou que as pessoas do grupo se revezam e se deslocam pelas cidades da Tríplice Fronteira, sobretudo, em pontos com grande movimento turístico, para vender seus artesanatos.

Foto 100 – Homem indígena vendendo artesanatos em Puerto Iguazú



Fonte: Registro nosso, 2018.

Depois de conversarmos com o ambulante, andamos para a *Calle Perito Moreno*, onde não encontramos ambulantes, e então viramos na *Calle Bompland*. Perto da esquina entre essas duas ruas, encontramos duas jovens ambulantes paraguaias sentadas na calçada de pedestres vendendo frutas e verduras que estavam em um carrinho de mão (imagem 113). Paramos para conversar com as duas.

Entre fronteiras e silêncios...

Foto 101 – Frutas e verduras vendidas por duas jovens mulheres



Fonte: Registro nosso, 2018.

Alice (26 anos) e Aline (20 anos) são primas. Moram na cidade paraguaia de Presidente Franco. Para Alice, a fronteira é linda, referindo-se a paisagem do rio Paraná; Ela e sua prima deslocam-se três vezes por semana para Puerto Iguazú de bote pelo Rio Paraná. “*Acá hay más venta que en Paraguay*” disse Alice.

As frutas são compradas no Mercado de Abasto de Ciudad del Este. Alice trabalha como ambulante há oito anos, e sua prima há três anos. Alice começou a vender com sua tia. Aline, com sua prima. Costumam trabalhar das 7h às 14h. Elas relataram que sempre estão circulando pelas ruas, pois vende mais do que ficarem paradas em um só lugar. Os clientes, segundo elas, são todos argentinos.

Alice terminou seus estudos na sexta série do ensino fundamental. Ela contou que gosta de trabalhar porque é importante para sua família. As primas moram juntas em uma casa com mais seis pessoas. Sua família é natural da cidade de Villa Rica, mas vieram para Presidente Franco por causa de trabalho.

Logo depois, passou pela calçada um homem, com expressão nervosa, fazendo sinal de silêncio para as jovens ambulantes. Depois dessa situação, notamos que elas ficaram incomodadas e silenciosas. Entendemos que deveríamos deixá-las trabalhar e nos despedimos.

Estas personas están invadiendo el país!

Andando mais um pouco pela mesma rua, nos encontramos com um vendedor senegalês com trajes muçulmanos vendendo bijuterias como anéis, brincos, relógios e correntinhas. Perguntamos a ele como estava, e nos respondeu: “caminhando muito”. Amadou (45 anos) migrou de Senegal porque, segundo ele, “a África é muito pobre”.

Chegou a trabalhar como ambulante por dois anos e seis meses no Brasil, mas como o salário era pouco, decidiu mudar para a Argentina, onde está trabalhando há um ano. Amadou nos contou que seu patrão é de Buenos Aires, e que ele importa as mercadorias da China.

Amadou trabalha das 7h até às 13h e retorna às 18h para vender até às 00h. A maior parte de seus clientes são argentinos. O vendedor mora com amigos em um bairro de Puerto Iguazú e se desloca todos os dias caminhando.

Enquanto conversávamos com ele, uma senhora argentina que passava nas ruas nos interrompeu: “*¿Qué están haciendo hablando con él?*”. Respondemos que se tratava de um estudo sobre a fronteira. “Es por ese tipo de Presidente que tenemos, que esas personas están invadiendo el país. ¿Sabes esa persona con quien están hablando? Es la misma persona que nos va sacar todo”, disse ela, que em seguida, seguiu caminho. Após o ocorrido, Amadou ficou de cabeça baixa, e logo, um homem que estava em um estabelecimento o chamou fazendo sinal com a mão para ele entrar, e então nos despedimos.

Adelante...

Continuamos caminhando pela mesma rua até a esquina com a *Avenida Misiones*. Nessa esquina encontramos uma mulher, de nacionalidade paraguaia, andando com um carrinho de mão com frutas e verduras. Perto dali, sentada com uma criança em baixo de uma árvore na via de pedestres, estava uma mulher indígena vendendo pequenos artesanatos de animais feitos em madeira (foto 102). O artesanato dessa mulher era diferente do artesanato dos outros indígenas que encontramos, sendo provavelmente da etnia *Mbyá* Guarani que está presente na cidade. Os objetos, então, parecem nos cartografar as diferentes identidades –

demonstrando, como diria Santos (2006), a indissolubilidade entre objetos e ações (humanas). Há uns metros dessa ambulante, estava um homem paraguaio vendendo chipas (foto 103).

Foto 102 – Mulher indígena sentada vendendo artesanato



Fonte: Registro nosso, 2018.

Foto 103 – Homem vendendo chipa em Puerto Iguazú. Ao fundo, mulher indígena sentada com criança vendendo artesanato, e mulher ambulante com carrinho de mão vendendo frutas e verduras



Fonte: Registro nosso, 2018.

Caminhando mais um pouco pela mesma Avenida, encontramos outro homem ambulante indígena vendendo os mesmos artesanatos que os outros indígenas *Maká* estavam vendendo (foto 104). Ele estava sentado na frente de uma loja que estava fechada e produzia o artesanato enquanto não aparecia algum cliente. É interessante visualizar que o outdoor da loja está em inglês (uma língua globalizada e hegemônica), e ali mesmo, o homem indígena *Maká*, com sua cultura e língua não hegemônicas.

Foto 104 – Homem indígena vendendo artesanato em frente à loja fechada



Fonte: Registro nosso, 2018.

Continuando nosso percurso, seguimos pela Calle Paraguay até a Avenida Brasil. Na esquina entre essas duas vias, encontramos um ambulante senegalês.

En Senegal no hay plata

Ismael (30 anos) trabalha como vendedor ambulante há dois anos. Vende pulseiras, anéis, brincos e correntinhas nas ruas da cidade de Puerto Iguazú. Encontramo-nos com ele

quando saímos da Feirinha de Puerto Iguazú. Ele estava caminhando carregando uma pastinha onde estavam seus produtos. Ismael estava vestido com trajes típicos da religião islâmica. Era uma roupa de cor clara, com alguns detalhes, que consistia numa camisa de mangas longas que se estendiam até as pernas, e por baixo uma calça.

Ismael migrou de Senegal para a Argentina, chegando primeiramente em Buenos Aires. Com dificuldades em falar português ou espanhol, conseguimos conversar um pouco com ele. O vendedor contou que veio para a Argentina porque “*Senegal no hay plata, difícil ganhar plata, gosto muito de morar aqui*”. Do passado, Ismael não gosta de lembrar, pois fica mal. Em Puerto Iguazú, Ismael trabalha todos os dias da semana, caminhando das 7h às 13h. “*Sou ambulante, não pode ficar só num lugar*”, contou. Mora em uma casa com dois amigos senegaleses que também trabalham vendendo os mesmos produtos.

Em Puerto Iguazú, Ismael atende clientes argentinos, brasileiros e paraguaios, vendendo seus produtos em todas as moedas que circulam por ali. O que ele mais gosta na fronteira é ganhar dinheiro, mas não gosta que se fale mal do Outro.

Foto 105 – Ismael, vendedor ambulante de bijuterias



Fonte: Registro nosso, 2018.

Em “la feirinha”

Após dialogarmos com Ismael, vamos em direção à feirinha de Puerto Iguazú, pela Avenida Brasil. A feirinha é um dos pontos de Puerto Iguazú mais frequentados pelos turistas. Nela, há várias tendas de produtos regionais e de indústria nacional, e pequenos estabelecimentos gastronômicos. Os produtos mais comuns nessas tendas são o alfajor, o azeite de oliva, azeitonas variadas, queijos, salames, vinhos, temperos, compotas de pêssego, batata chips da marca *Lays*, leite em pó da marca *Nido* e doce de leite. Nos estabelecimentos gastronômicos, é possível tomar uma cerveja argentina, comer tábuas de petiscos de carne, salame, queijo e azeitona e as famosas empanadas.

Foto 106 – Um dos estabelecimentos em “la feirinha”



Fonte: Registro nosso, 2018.

Logo na entrada da feirinha, na frente de um restaurante, estava uma mulher indígena com cocar de penas na cabeça vendendo os mesmos artesanatos que os outros ambulantes indígenas *Maká* que encontramos. Ela estava em parada de pé e carregava os artesanatos nos braços. Andamos mais um pouco pela feirinha e encontramos um vendedor ambulante paraguaio com um carrinho de mão vendendo frutas e verduras (foto 107). No momento em que o vimos, ele estava vendendo suas mercadorias para um feirante.

Foto 107 – Homem ambulante vendendo frutas na feirinha de Puerto Iguazú



Fonte: Registro nosso, 2018.

Quer comprar uma árvorezinha, tio?

Já era entardecer e a claridade do dia dava lugar à escuridão da noite quando estávamos indo embora da ferinha. Nas proximidades, encontrei uma vendedora ambulante argentina sentada no chão da calçada de uma esquina com seus quatro filhos vendendo árvores artesanais feitas de cristais de rocha e pequenas pedras cristalinas que estavam espalhadas ao seu redor.

Quando me acerquei a ela e seus quatro filhos pequenos, de aproximadamente cinco a oito anos, estes me abordaram oferecendo seus produtos: “Quer comprar uma árvorezinha, tio?”. Perguntei o preço em espanhol, e a vendedora me perguntou se eu queria saber o preço em peso argentino ou em real. Pedi em real, e então ela respondeu que a árvore menor era cinco reais e a maior, doze reais. Comprei uma da grande e uma da pequena, totalizando dezessete reais.

Enquanto esperava o troco, uma das crianças perguntou se eu queria levar mais duas pedrinhas de cristal por vinte reais. Aceitei a proposta, e no momento em que eu iria embora, uma das crianças me chamou novamente: “Tío, tío, tá aqui seu presente!”, e então ela me deu uma das pedrinhas que vendem. O protagonismo das crianças se fez presente em todo o ato de negociação. Depois disso, conversamos um pouco.

Yo no sé lo que es la frontera, pero creo que es algo que está para allá

Paloma (28 anos) é moradora da cidade de Wanda, localizada aproximadamente a 50 km de Puerto Iguazú. Tem quatro filhos menores de idade. Antes de trabalhar como vendedora ambulante, ela me contou que fazia serviços domésticos: “*lavaba ropa, limpiaba una escuela*”. Começou a trabalhar como vendedora ambulante porque os vizinhos lhe disseram que se vendia bem, e, desde então, faz oito anos em que ela trabalha vendendo o artesanato feito com os cristais das rochas. Segundo ela, quase todos que moram no bairro trabalham com a venda desses artesanatos.

De acordo Paloma, a produção dos artesanatos é feita pela família, sendo ela, o esposo e os quatro filhos. Eles retiram as rochas e com elas realizam o artesanato. As rochas são retiradas de uma mina no município de Wanda, que fica a 51 quilômetros de Puerto Iguazú. Ela e seus filhos realizam as vendas em Puerto Iguazú três vezes por semana, geralmente das 16 horas até às 22 horas, horário em que o comércio da cidade é mais pujante. As vendas são maiores nos fins de semana, quando a quantidade de turistas aumenta. Para se deslocarem utilizam ônibus.

Conforme a vendedora, a maioria de seus clientes são argentinos e brasileiros. Em relação aos clientes, ela disse que apenas vende à vista e que ainda não tem clientes que são amigos, mantendo apenas relações de compra e venda. Como pagamento de seus produtos, contou que aceita real, dólar e peso, e que acompanha a oscilação dos valores monetários a partir de outra pessoa que faz essa atividade no município onde mora. Essa mesma pessoa também realiza o câmbio do dinheiro que ela e outras vendedoras e vendedores arrecadam em suas vendas. Paloma relatou que o trabalho é importante para a sobrevivência de sua família, e contou que gosta de vender, mas não gosta de fazer o artesanato. Em relação a outras vendedoras e vendedores ambulantes, disse que se ajudam entre eles.

Sobre a fronteira, ela disse “*yo no sé lo que es la frontera, pero creo que es algo que está para allá*”. Ela gosta das belezas naturais que são “lindas” e não gosta dos assaltos, que são muito frequentes. Perguntei a ela se a fronteira é importante para seu trabalho, e antes que ela respondesse, as crianças responderam em coro: “*siiiiiiiiii!*”, e então a vendedora falou que a fronteira é importante para seu trabalho pela presença dos turistas.

Perguntei para ela algo que a fizesse lembrar a Argentina, e ela me disse que lembra a sua família e sua nacionalidade. Já o Brasil, ela respondeu que lembra a família de seu

marido, que é brasileira. E os produtos a fazem lembrar a mina de onde se extraem as rochas cristalinas. Por último, pedi para que me contasse algo do passado que se sentisse à vontade.

Neste mesmo momento, havia chegado outra vendedora que se sentou ao seu lado e começou a tirar seus artesanatos da mochila para vender. Ao ver sua companheira com dificuldades de responder, começou a dar dicas sobre o que ela poderia falar. Em seguida, Paloma disse: “*Sufrí mucho y peleaba mucho también. Vivía en una chacara y era difícil*”. Sobre o presente: “*mis hijos*”. E sobre o futuro: “*crear bien mis hijos*”.

Foto 108 – Artesanatos e pedras vendidas por Paloma



Fonte: Registro nosso, 2018.

La frontera es algo especial

Logo que terminei a entrevista com Paloma, aproveitei para conversar com a vendedora que havia chegado e sentado ao lado dela, uma vez que pareceu interessada em interagir. Vilma (43 anos) trabalha como vendedora há vinte anos. Começou a vender quando morava no Paraguai com o ex-esposo, por causa do convite de uma amiga. Na época ela comprava verduras no Paraguai e revendia no município de Wanda na Argentina. A travessia entre os dois países era feita de barco pelo rio Paraná. Vilma se mudou para o município de Wanda depois que se separou do esposo, e desde então, faz nove anos que vende os

artesanatos oriundos da extração de rochas em Wanda. Ela compra as rochas da mina, que fica a uma quadra de sua casa, e com elas faz o artesanato.

Como forma de pagamento ela aceita dólar, real, peso e guarani. Prefere vender aos turistas que caminham pela cidade do que para as lojas de artesanato, pois, “*Las tiendas pagan muy barato, pagan doce pesos, mientras acá en la calle yo vendo por veinte cinco pesos, cinco reales*”. A vendedora não fala bem o português. Ela relatou que somente fala o espanhol e o guarani, que aprendeu quando morou no Paraguai. Em seu relato, ressaltou que os filhos sabem falar o português porque eles conversam com os clientes brasileiros.

Vilma e as outras vendedoras e vendedores ambulantes se ajudam. “*Si yo termino de vender mis cosas antes de otra persona que está vendiendo, yo paso a ayudarle a vender sus cosas. O cuando se necesita hacer cambio de plata, nosotros también nos ayudamos*”. Segundo a vendedora, não há diálogo que extrapole as relações de compra com os clientes, somente com outros vendedores e vendedoras ambulantes, quando conversam coisas pessoais e do trabalho: “*¿Cuánto vendiste hoy?... ¿vendiste bien?*”.

De acordo com Vilma, são aproximadamente quarenta vendedoras e vendedores que se deslocam de Wanda à Puerto Iguazú para venderem esse tipo de artesanato. Ela relatou que além desses artesanatos também revendia produtos eletrônicos e cigarros que comprava no Paraguai, e também havaianas e doces do Brasil, mas que agora decidiu vender apenas os artesanatos porque são mercadorias que ela mesma produz, e assim, não há problemas com a fiscalização. Segundo ela, tomou essa decisão há oito dias, quando a polícia foi em sua casa e insultou-a juntamente com seus filhos, ocasião que ela gravou e registrou fotos. “*Ahora vendo solo piedras porque no es prohibido*”, disse ela. A abordagem policial, de acordo com Vilma, foi realizada pelo fato dela revender cigarros do Paraguai, e por ter guardado em sua casa maços de cigarro contrabandeados por ela e por outras pessoas.

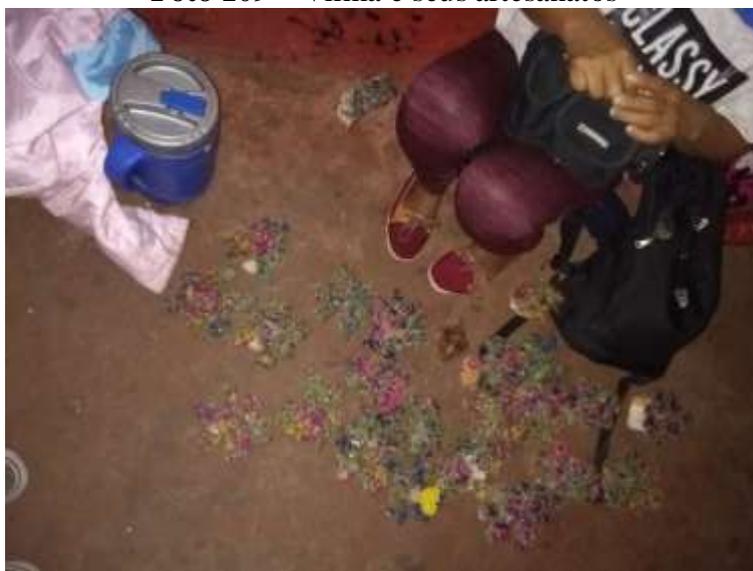
Para ela, a fronteira “*es algo especial*”. Animada e com um sorriso entre as palavras, me disse que “*se puede atravesar a Brasil para comprar ‘havaiana’ y golosinas, y a Paraguay para comprar celular y electrónicos*”. Segundo ela, na fronteira se pode aproveitar a diferença dos preços entre os países para economizar e revender. Vilma destacou que gosta de comprar celulares e eletrônicos em geral no Paraguai, e havaianas³⁰ e doces de variados tipos no Brasil. Sobre a Argentina, ela contou que gosta da tranquilidade, e que é melhor para

³⁰ Tipo/marca de chinelo em que o marketing produz um discurso de “identidade brasileira” em cima da marcadoria.

educar os filhos, destacando a “ajuda” do Presidente. O que ela não gosta da fronteira são as “autoridades”.

Sobre o passado, ela revelou que sofreu e trabalhou muito para criar os filhos, e ressaltou a falta de segurança quando realizava contrabando do Paraguai para a Argentina pelo rio Paraná. No presente, Vilma resalta que vive bem e que é orgulhosa de si mesma por ter criado e educado os filhos: “*Yo he creado mis nueve hijos trabajando como vendedora ambulante*”. E sobre o futuro: “*Yo estoy esperando algo lindo... tener algún día una linda casa*”.

Foto 109 – Vilma e seus artesanatos



Fonte: Registro nosso, 2018.

INDO NOVAMENTE PRA LÁ, E AINDA MAIS PRA LÁ ONDE ESTÃO OS “MAKÁ”

Depois de conversarmos com Vilma, voltamos para Foz do Iguaçu de ônibus com o último horário da linha, às dezenove horas. A passagem custou cinco reais. Ao chegarmos na alfândega argentina, com a sinalização de “*centro de frontera*” tivemos, como habitualmente, descer do ônibus para registrar nossa saída do território argentino mostrando nossas carteiras de identidade. Depois disso, subimos novamente no ônibus que ficou esperando os passageiros registrarem suas saídas.

O ônibus então seguiu, atravessou a ponte sobre o rio Iguaçu que divide a Argentina do Brasil, e chegou na alfândega brasileira, onde desceram algumas pessoas estrangeiras que precisavam fazer trâmites no setor de imigração da alfândega. Duas pareciam ser da Ásia

pelos olhos pequenos e puxados e as outras três estadunidenses ou de algum outro país em que falam a língua inglesa, pois estavam falando inglês e eram loiras e brancas.

Noutro dia, quando o sol já estava radiante e fazendo calor, fomos novamente de ônibus para Ciudad del Este no Paraguai. No caminho, encontramos vários ambulantes vendendo as mesmas coisas que encontramos vendendo das vezes passadas que fomos para lá. Descemos do ônibus ao chegarmos no microcentro da cidade e nos deslocamos até o local onde vivem as famílias *Maká* que fazem artesanato, como nos indicou um ambulante *Maká* que encontramos em Puerto Iguazú.

Quase nas margens do microcentro de Ciudad del este, próximo de um shopping, é onde se encontra a moradia de aproximadamente vinte famílias *Maká*. Nas proximidades, há algumas lojas de roupas, mantas, cobertores e outros artigos de tecido. Na esquina da rua onde fica a moradia, antes de chegarmos, encontramos de um lado da rua algumas crianças indígenas brincando. E do outro lado da rua, numa visão que pareceu contrastante, estava um grupo de crianças brancas, vestidas com uniforme de escola, brincando.

Ao chegarmos mais perto de onde vivem as famílias, encontramos uma jovem indígena sentada na calçada da rua e perguntamos se ela sabia o local onde viviam os *Maká* que fazem artesanatos. Ela então rapidamente nos levou ao local, que estava a poucos metros dali. Ao chegarmos na entrada, nos deparamos com um muro onde estavam esculpidas imagens de indígenas (foto 110). Na parte superior do muro estava escrito “*Maká LetSet*”.

Foto 110 – Escultura em muro da entrada do “*Maká LetSet*”



Fonte: Registro nosso, 2018.

Entramos por essa entrada onde havia um corredor que leva até as casas dos *Maká*. Chegando lá dentro, nos deparamos com um aglomerado de casas. A jovem que nos levou até ali foi chamar a sua mãe que estava dentro de uma das casas. No pátio estavam dois homens indígenas, sendo um idoso. Logo, a jovem voltou com sua mãe e apareceram no pátio mais duas mulheres, Mauro (que havíamos conversado quando estava vendendo artesanatos em Puerto Iguazú), e uma criança. As mulheres usavam saias compridas e coloridas. Sua mãe, mais uma mulher e um homem indígena trouxeram sacos com artesanatos que tinham feito para vender (foto 111). Entre eles haviam bolsas, pulseiras, flautas e colares.

Foto 111 – Mulheres *Maká* mostrando seus artesanatos



Fonte: Registro nosso, 2018.

Enquanto as duas mulheres e Mauro nos mostravam os artesanatos, perguntamos um pouco sobre a etnia que eles pertenciam. Mauro nos contou que os *Maká* são originários do Chaco paraguaio, e que as famílias dali estão em Ciudad del Este há mais de vinte anos. De acordo com o *III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas* (2012) do Paraguai, a população *Maká* no país conta com 1892 habitantes, sendo 167 localizados do departamento de Alto Paraná, onde há uma comunidade em Ciudad del Este (DGEEC, 2012).

Em Ciudad del Este, vivem do artesanato que produzem e vendem em diferentes pontos das cidades da Tríplice Fronteira, sobretudo, turísticos.

Um dos locais que nós já tínhamos os avistado, foi em frente ao *Rafain Churrascaria Show*, que, segundo a propaganda, oferece jantar com apresentações culturais latino-americanas³¹. Os indígenas *Maká* costumam ficar em frente à entrada da churrascaria com seus artesanatos para vender. Segundo eles, a churrascaria cede o espaço para que eles possam comercializar seus produtos ali. Em trabalho realizado sobre os *Maká* em Ciudad del Este, Benitez (2016) aponta:

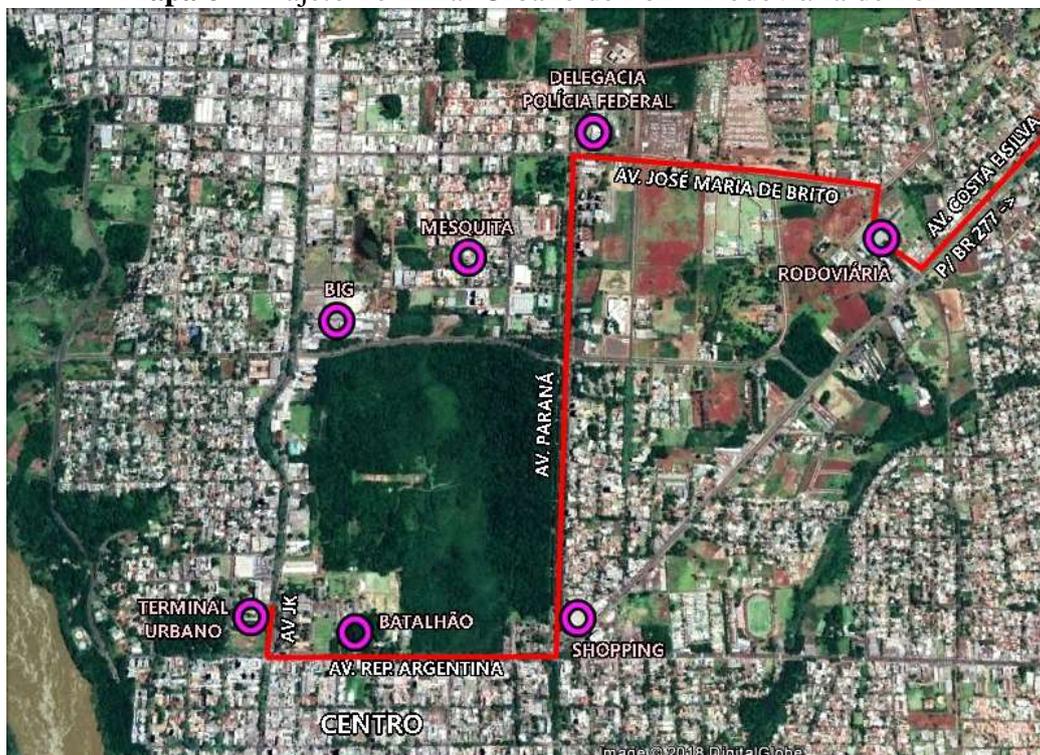
Entonces en pleno polo comercial, entraron a conjugar sus modos de ser con las exigencias del medio, así han sacado provecho de su capital simbólico que expuesta a la demanda turística de las tres fronteras donde la exhibición de lo exótico forma parte del guion vendido a los turistas, de allí la imagen maká pasó a adornar los postales, panfletos, propagandas hoteleras y otros. Esto aseguró el ingreso y la permanencia de los mismos en los sitios turísticos más concurridos de la zona como parte integrante y actuante desde el florecimiento comercial de Ciudad del Este hasta la actualidad, por lo tanto, hay en ellos un esfuerzo por resistir a pesar del espacio es cada vez más reducido y de una población en constante aumento (BENITEZ, 2016, p. 37).

Nessa perspectiva, podemos compreender que “[...] o processo de globalização em curso (pelo menos desde meados do século XX) vem sendo atravessado por territorialidades locais até então pouco perceptíveis” (GOETTERT, 2013a, p. 224). Assim, os *Maká* utilizam sua identidade como capital simbólico como recurso de resistência e sobrevivência, demonstrando que “[...] é local e corporalmente que a condição espacial indígena é perpassada por retóricas e práticas de exclusão (ou “inclusão precária”), como a incorporação à lógica espacial capitalista” (GOETTERT, 2013a, p. 224).

³¹ A “atração” pode ser conferida no seguinte endereço: <http://www.rafainchurrascaria.com.br/index.php/pt-br/sobre-nos/o-show>

VOLTANDO PARA CÁ: AMBULANDO PELA RODOVIÁRIA DE FOZ DO IGUAÇU

Mapa 8 – Trajeto Terminal Urbano de Foz – Rodoviária de Foz



Fonte: Imagem (Google Earth); Elaboração nossa, 2018.

De volta a Foz do Iguaçu, para terminar o nosso percurso, fomos ao Terminal Rodoviário da cidade. Saímos do Terminal Urbano da cidade, seguimos pela Avenida República Argentina onde fica o Batalhão do Exército na cidade, até chegar a um dos shoppings da cidade. Nesse trajeto, não encontramos ambulantes. Na esquina do Shopping continuamos pela Avenida Paraná. Nela, encontramos um ambulante paraguaio parado vendendo alho. Ao seu lado estava sua moto com uma caixa de saquinhos de alho. A placa da moto era paraguaia. Seguindo o percurso, próximo à delegacia da Polícia Federal, estava um homem ambulante vendendo panos de prato em um semáforo. Dali, entramos na Avenida José Maria de Brito, para em seguida, chegarmos na Rodoviária da cidade.

Além dos ônibus interestaduais, no Terminal Rodoviário há uma ala onde passam ônibus do transporte coletivo da cidade, e também ônibus que fazem a linha Foz do Iguaçu – Ciudad del Este. A Rodoviária, que é Internacional, é porta de entrada e saída da Tríplice Fronteira para muitos turistas, compradores e viajantes com outros fins. Não raro, podemos

encontrar algumas pessoas com caixas ou sacos de mercadorias compradas no Paraguai (cobertores, roupas, brinquedos, perfumes, etc). Muitas dessas pessoas viajam regularmente para comprar as mercadorias e revender em seus locais de origem, espalhados por várias regiões do Brasil. Durante observações realizadas no Terminal Rodoviário, por exemplo, conseguimos encontrar pessoas que vieram da região Nordeste e dos três estados da região Sul. A Rodoviária, como já apontado nas observações de Catta (1994, p. 14), desde muito tempo se constituiu como um ponto de encontro de pessoas que se mobilizam em atividades ligadas ao comércio fronteiriço.

A maior parte das empresas de ônibus estipula um limite de carga (por peso) de mercadorias que cada passageiro pode levar na viagem, e caso seja excedido, é cobrado uma taxa. Os funcionários das empresas costumam perguntar aos passageiros se estão levando mercadorias do Paraguai, pois, durante o trajeto da viagem os ônibus costumam ser parados e fiscalizados por agentes dos postos da Polícia Rodoviária Federal nas rodovias. Com isso, os compradores também não devem ultrapassar a cota de compra no país estrangeiro que é de trezentos dólares – caso seja ultrapassado, é obrigatório declarar as mercadorias na Receita Federal.

A partir do fluxo de compradores e desses controles, surgem outros agentes que facilitam a circulação das mercadorias pelos ônibus: as “laranjas”. As laranjas são pessoas que colocam parte das mercadorias dos compradores que excedem a quantidade permitida em seus nomes/passagens, em troca de algum valor em dinheiro. As “laranjas” não precisam ir até o destino final do comprador. Na maioria das vezes, só é necessário o “serviço” dessas pessoas na hora do embarque e nos primeiros quilômetros de estrada, onde o controle é maior por se tratar de uma região de fronteira. Com isso, algumas vezes é possível se deparar com pessoas abordando passageiros com mercadorias perguntando se precisam de “laranja”. Em alguns casos, os próprios passageiros, mesmo sem intenção, atuam como “laranjas” para os passageiros com mercadorias em excesso, já que estes pedem “favor” a qualquer passageiro para colocar parte de suas mercadorias em seus nomes nas passagens. Assim, verifica-se que a circulação de mercadorias “populares” entre as fronteiras se utiliza de uma rede de pessoas pautada em relações de trocas “informais”.

No Terminal Rodoviário e nas suas proximidades, também encontramos alguns ambulantes vendendo doces, bijuterias, chipa e alho. Estes dois últimos itens são vendidos, geralmente, por ambulantes de nacionalidade paraguaia. Numa via de acesso à rodoviária

encontramos uma mulher paraguaia vendendo alho. Já na ala onde passam os ônibus de transporte coletivo da cidade e os que fazem a linha Foz do Iguaçu-Ciudad del Este, que fica no lado de fora da rodoviária, estavam um homem paraguaio com uma cesta na cabeça vendendo chipa, e um homem brasileiro vendendo bijuterias (foto 112). Os dois andavam entre as pessoas que estavam passando por ali ou esperando ônibus para oferecer seus produtos.

Foto 112 – Vendedor ambulante de bijuterias na Rodoviária de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2018.

Na Rodoviária, pegamos um ônibus para Cascavel, para então, seguirmos o nosso destino: Dourados – Mato Grosso do Sul. Logo que o ônibus saiu da Rodoviária, passamos pela Avenida Costa e Silva, em direção a BR 277. Ainda nessa avenida, encontramos uma mulher paraguaia vendendo alho, e um homem paraguaio vendendo saquinhos de amendoim e erva pra tererê da marca Kurupi. Tempo depois, o ônibus foi deixando a cidade, e a fronteira ficou em nossos pensamentos.

FRONTEIRAS AMBULANTES

Para Milton Santos (2006, p. 12), “o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. É nesse processo que gentes, coisas e território se fundem, um reproduzindo o outro, e assim, o território é substância humana, e o humano, substância espacial. É por isso que o território está nas coisas e nas gentes. Segundo Lindón (2009, p. 10), “*al concebir al sujeto espacialmente se reconoce que nuestro actuar en el mundo hace y modela los lugares y al mismo tiempo, deja en nosotros la marca de los lugares que habitamos*”.

Como vivemos em uma sociedade dividida – por questões econômicas, culturais, políticas, étnico-raciais e de gênero, o espaço também assim o é – pois a concretude das relações é espacial. Por conta dessas divisões construídas ao longo do tempo, os sujeitos e os espaços se reproduzem mediados por uma multiplicidade de fronteiras, entre aberturas e bloqueios, diálogos e conflitos. Nesse sentido, se os sujeitos e as coisas estão impregnados de sentidos territoriais, já que o espacial é base de suas constituições e movimentos, os corpos e coisas em movimento implicam no movimento de fronteiras – estas então são móveis e relacionais.

Nessa parte do trabalho buscaremos dissertar sobre questões que as mobilidades de ambulantes levantam sobre o território e suas fronteiras, entendendo que “toda mobilidade humana é multiplicidade em movimento. Elementos desta multiplicidade são as subjetividades, as políticas e as economias” (GOETTERT, 2013a, p. 208). Fronteira aparece no plural porque a partir da análise das práticas ambulantes, podem ser reveladas múltiplas fronteiras que são negociadas, deslocadas e reproduzidas nas diversas interações.

Nelas, as dimensões econômicas, políticas, culturais, étnico-raciais, de idade, de gênero e de vivências pessoais de cada sujeito são interseccionalizadas, ou seja, se reproduzem em conjunto, e nessa reprodução, atuam forças das mais distintas escalas: global, nacional, local, íntima (que aqui entendemos como situações vividas particularmente por cada sujeito, como uma história de amor ou situação familiar). Nesses pressupostos, entendemos que:

Primeiramente, a construção da escala geográfica é um meio primário mediante o qual “ocorre” a diferenciação espacial. Em segundo lugar, uma compreensão da escala geográfica poderia nos proporcionar uma linguagem mais plausível da diferença espacial. Em terceiro lugar, a construção da escala é um processo social, isto é, a escala é produzida na sociedade e

mediante a atividade da sociedade que, por sua vez, produz e é produzida por estruturas geográficas de interação social. Por fim, a produção geográfica é um lugar de luta política potencialmente intensa (SMITH, 2000, p. 139).

Dito isso, nos apoiamos na noção de *homo situs*, que implica em um sujeito situado em múltiplas situações, e dessa maneira, “empiricamente, o conceito de *homo situs* desenha um homem realmente existente em luta contra múltiplas pressões, que emana de uma pluralidade de registros sociais” (ZAOUAL, 2010, p. 25).

Todas essas forças atravessam as experiências de cada ambulante, o que quer dizer que, por meio dessas experiências, podemos apreender quaisquer dessas forças, e por isso, há múltiplas fronteiras. Compreende-se, desse modo, que “a noção de “produção do espaço” [...] importa conteúdos e determinações, obriga-nos a considerar os vários níveis da realidade como momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade em sua complexidade” (CARLOS, 2014, p. 64).

Nesse sentido, tratamos de analisar a fronteira considerando que o espaço é além de uma perspectiva geométrica, ele abarca, sobretudo, a existência (SILVEIRA, 2006). “O lugar corresponde, portanto, a uma escala, não geométrica, pois relacional, processual e proteiforme; ao mesmo tempo, uma categoria analítica e uma categoria da práxis política” (XAVIER, 2018, p. 515). Num sentido existencial, podemos apontar que na fronteira que analisamos, há várias outras fronteiras. De acordo com Goettert:

Uma fronteira “maior” (mais visível, e-vidente, a vista) pode encobrir fronteiras “menores” (mais invisíveis, implícitas, escondidas). Uma fronteira “maior”, entretanto, pode se tornar mais explícita carregando em si um conjunto de fronteiras “menores”, como que, para a sustentação de um poder maior, um punhado de micropoderes se deslinda a seu favor. A fronteira, então, que parece solitária, única, tem a sua produção e reprodução apoiada nessa multiplicidade de “pequenas” fronteiras, sem as quais aquela tenderia a perder, em grande medida, a sua força expressiva, material e simbolicamente (GOETTERT, 2013b, p. 748-749).

Nesse sentido, a fronteira se reproduz a partir da interação e negociação de outras tantas fronteiras. Não poderemos dissertar sobre todas elas, pois, tampouco será possível apreendê-las e aprofundá-las – o que exigiria mais tempo de pesquisa. Assim, tentaremos, pelo menos discutir algumas delas, sobretudo, as que envolvem diretamente a produção da aglomeração constituída pelas cidades pesquisadas enquanto um território de fronteira em seu sentido social, cultural, econômico e político, e em que medida os ambulantes aproveitam essa conformação para desenvolverem suas atividades.

Em primeiro momento, traremos um texto produzido na tentativa de esboçar um pensamento empírico da fronteira e da experiência ambulante a partir dos relatos e observações realizados em pesquisa de campo das vivências dessas gentes. Em segundo momento, falaremos de como suas práticas se reproduzem acionando uma rede sócio-laboral transfronteiriça e quais as singularidades que aproveitam da fronteira, o que envolve experiências vividas, e de que maneira esses fatores dados a partir do movimento de seus corpos, produtos e mercadorias produzem o território. Em terceiro momento, trataremos de refletir quais fatores das experiências ambulantes expressam trans- e des-transfronteirizações. Posteriormente, buscaremos contextualizar qual é o território de fronteira que a cartografia das experiências ambulantes nos mostram, contrapondo o território da norma do território social.

AMBULAR E SOBREVIVER NA FRONTEIRA: REDES SÓCIO-LABORAIS E CULTURA EM MOVIMENTO

As gentes ambulantes nas cidades de fronteira que analisamos, utilizam-se do movimento entre fronteiras como estratégia para suas atividades. Esse movimento não implica somente em um deslocamento físico, pois envolve também um sentido político, econômico e cultural, já que, “não nos movemos simplesmente entre “localizações” (genéricas, abstratas), mas entre “lugares”, dotados de significação, e “territórios”, moldados no interior de determinadas relações de poder” (HAESBAERT, 2017, p. 22). Dessa forma, “[...] se por um lado a fronteira é manifestação da ação e razão de Estado e do Mercado, por outro é elemento central de existência para quem nela habita, se inventa, se imagina e faz dela um espaço vivido em um movimento simultâneo de atravessar a fronteira e de ser atravessado por ela” (GOETTERT, 2011, p. 69).

As diferenças nas leis, nos preços, nos câmbios monetários, na qualidade das mercadorias e nos hábitos culturais, sobretudo, gastronômicos, são usadas por esses sujeitos em benefício de suas atividades, demonstrando que:

Há uma variedade infinita de ofícios, uma multiplicidade de combinações em movimento permanente, dotadas de grande capacidade de adaptação, e sustentadas no seu próprio meio geográfico, este sendo tomado como uma forma-conteúdo, um híbrido de materialidade e relações sociais. Desse modo, as respectivas divisões proteiformes de trabalho, adaptáveis, instáveis,

plásticas, adaptam-se a si mesmas, mediante incitações externas e internas (SANTOS, 2006, p. 220).

Para movimentarem-se entre as diferenças e realizarem suas atividades, as trabalhadoras e trabalhadores ambulantes acionam outros agentes: canoeiros, taxistas (e outras formas de transporte), vizinhança (para cuidar dos filhos em caso de mulheres mães; etc.), cambistas, agentes de fiscalização, entre outros. No entanto, alguns ambulantes podem ser acionados por outros agentes, como proprietários de estabelecimentos comerciais variados, para vender mercadorias em troca de comissões. Assim, forma-se uma complexa rede sócio-laboral transfronteiriça, envolvendo solidariedades (principalmente nas relações de amizade e vizinhança) e conflitos (por exemplo, com proprietários de estabelecimentos comerciais formais, ou com agentes fiscalizatórios, o que implica em repressões, subornos, etc.).

A partir dessas mobilizações, o território de fronteira é apreendido como recurso por essas pessoas, e ao mesmo tempo em que é vivido, torna-se lugar de vínculos e afetos. Os movimentos dos ambulantes deslocam fronteiras diversas e concretizam uma prática que é também cultural. Os ambulantes paraguaios que vendem alho no Brasil, por exemplo, o fazem porque apreenderam que é um ingrediente bastante usado na culinária diária do brasileiro – revelando um conhecimento sobre o Outro e sua cultura. Ou no ato de venderem chipa em território brasileiro ou argentino, acabam movimentando signos que remetem à cultura paraguaia – e suas presenças também contam, pois seus corpos e hábitos (como o de tomar tereré, ou de vestir uma camisa de futebol de algum time paraguaio) carregam signos, e estes, são territórios. Também podemos citar os trajes muçulmanos dos vendedores senegaleses, marcados pela religião, por estereótipos, enfim, marcações socioespaciais.

Quando encontramos ambulantes vendendo raízes e folhas de plantas para o preparo de tereré, estas nos mostram que nesses lugares predomina uma territorialidade cultural paraguaia: Ciudad del Este e Vila Portes. Colocamos o termo “territorialidade cultural” porque são lugares onde tal cultura pode ser expressada com mais força e visibilidade pelas condições que lhes são dadas – de pessoas, de relações, etc. Em outros lugares, como no centro de Foz do Iguaçu, trabalham ambulantes paraguaios e estes conformam também uma territorialidade. No entanto é uma territorialidade mais discreta, expressada por seus corpos, falas e tererés individuais, já que, as mercadorias que vendem são destinadas majoritariamente ao consumo de pessoas brasileiras, com quem as interações são maiores – não encontramos ambulantes vendendo folhas e raízes para tereré na área central de Foz do Iguaçu, pois a

maior parcela da população da cidade não tem o costume de consumi-las. Por outro lado, encontramos muitos vendendo alho, muito consumido pelas pessoas brasileiras, representando a predominância da “territorialidade cultural” brasileira.

Uma importante característica que verificamos entre os ambulantes na Tríplice Fronteira, é que, a maioria, é de nacionalidade paraguaia – vivem no Paraguai, e diariamente realizam a travessia para trabalhar no Brasil e na Argentina. Esses ambulantes que realizam mobilidade diária para o Brasil e Argentina são desamparados de direitos por serem ambulantes e de outra nacionalidade³². Por sua vez, não encontramos ambulantes brasileiros ou argentinos trabalhando em território estrangeiro. Tal fenômeno social pode ter raízes nas consequências econômico-político-sociais da *Guerra de la Triple Alianza* (1864-1870), em que Argentina, Brasil e Uruguai atentaram contra o Paraguai, destruindo grande parte de sua população, e conseqüentemente, de seu território (VÁZQUEZ, 2006; RATINOFF, 2011).

Por um lado, de acordo com uma moradora de Foz do Iguaçu que conversamos, o número de ambulantes do Paraguai na cidade de Foz do Iguaçu pode ser explicada em parte pela queda no fluxo de pessoas com destino a Ciudad del Este para fazer compras, e com a diminuição de compradores, diminuíram também as vendas, fazendo com que muitas pessoas tivessem seus postos de trabalho “perdidos” por demissões no emprego formal ou por diminuição dos ganhos, processo também apontado por Pinheiro-Machado (2012). Por outro lado, esse fenômeno pode estar atrelado às diferenças monetárias. Assim, podemos apontar que a dinâmica dos trabalhadores informais na fronteira também depende das oscilações da economia, das suas necessidades imediatas, e de programas desenvolvidos pelo poder público que sentindo de disciplina a atuação no mercado informal (CATTÁ, 2005, p. 4).

Conseqüentemente, o movimento dos ambulantes também se organiza a partir das diferenças de valor entre as moedas locais e pelas diferenças de preço das mercadorias. Assim, por conta do real valer mais que o guarani (moeda paraguaia), pode ser vantajoso para um ambulante do Paraguai vender mercadorias no Brasil, pois além de pagar mais barato na mercadoria para revender (já que no Paraguai os impostos são menores), o que permite também impedir a concorrência com comerciantes locais, pode conseguir um ganho maior do lado brasileiro por receber em real.

³² Em trabalho de campo fomos até a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu onde conversamos com um dos funcionários de administração pública. Este nos informou que os ambulantes, para não terem problemas com fiscalização na cidade, devem fazer cadastro para regularizar as atividades. No entanto, é obrigatório que tenham documentos de identificação brasileiros.

Algo parecido acontece no fenômeno de ambulantes paraguaios no lado argentino – ainda que o peso argentino esteja menos valorizado que o guarani, a economia da Argentina vem enfrentando o aumento da inflação, fazendo com que as mercadorias fiquem mais caras, e nesse sentido, comprar de ambulantes que trazem mercadorias do Paraguai pode ser uma alternativa mais barata. Essa situação econômica da Argentina também fez com que o fluxo de argentinos aumentasse no comércio de Foz do Iguaçu³³. Desse modo, as cotações monetárias têm forte influência sobre os movimentos comerciais entre as cidades de fronteira, o que inclui parte dos movimentos de ambulantes.

Esta singularidade da fronteira pautada na diferença monetária, assim como outras singularidades, é um importante componente para o trabalho de muitas pessoas que vivem em cidades fronteiriças, incluindo, por exemplo, as vendedoras e vendedores ambulantes, comerciantes variados e cambistas (pessoas que realizam câmbios monetários na rua). No entanto, Steiman e Machado (2002, p. 11) tomam House (1980) para apontar que as complementaridades e diferenças entre os dois países na linha de fronteira pode sustentar uma divisão transfronteiriça do trabalho:

Um dos fatores que apresenta efeitos mais concentrados nas comunidades fronteiriças de ambos os lados de uma zona de fronteira é o trabalho. As oportunidades que oferece um Estado mais desenvolvido, sobretudo para a realização de tarefas pesadas descartadas pelos profissionais qualificados desse mesmo Estado, acarretam ao longo do tempo grande fluxo de trabalhadores do lado pobre para o lado mais rico do limite internacional. Esse fluxo pode ser constituído por trabalhadores diaristas ou sazonais, desqualificados ou semiqualeificados, atraídos pelas oportunidades de trabalho e pelos possíveis pagamentos de assistência social no outro lado, mas, pelos mesmos motivos pode incluir também a saída dos mais qualificados do Estado menos desenvolvido. Se esse afluxo de trabalhadores reduz as pressões demográficas e o desemprego no Estado menos desenvolvido, pode também se converter em potencial para grave exploração de trabalhadores ilegais na região de fronteira do mais desenvolvido. (STEIMAN e MACHADO, 2002, p. 12).

Nesse sentido, “vários são os exemplos dos trabalhadores que estabelecem fluxo diário ou regular entre as cidades que dividem a linha de fronteira, e muitos são trabalhadores sem garantia trabalhista ou de cidadania, indocumentados” (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 215). Viladesau (2011) cita uma matéria jornalística afirmando o caso de que no Microcentro de Ciudad del Este no Paraguai, a maioria dos comerciantes são estrangeiros, sobretudo,

³³ Uma das notícias exibidas (julho de 2016) que mostram informações dessa situação pode ser conferida no seguinte endereço: <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/argentinos-aquecem-vendas-no-comercio-de-foz-do-iguacu/5181978/>

chineses, árabes e brasileiros, restando à população paraguaia, ocupações como *mesiteros*, ambulantes, ou comerciantes “marginais”:

Un caso extremo en Paraguay es el de Ciudad del Este. En una reciente crónica periódica (ABC/11/11/1993) haciendo alusión a un estudio realizado por la Fundación Para el Desarrollo Integral del Hombre, se afirma que el 60% de los comerciantes de dicha ciudad vive en Foz de Iguazu, Brasil. Según dicha crónica estos comerciantes “son como parásitos, llegan a las 7 de la mañana, abren los negocios hasta las 17, volviendo a Brasil con el producto de su comercio sin importarle en lo más mínimo el desajuste social ocasionado por ellos. La mayoría de estos comerciantes son árabes y chinos, quienes consiguieron su radicación en el Brasil, pero tienen sus negocios en esta capital departamental... las ganancias del día la remesan a Brasil... a los paraguayos no les queda entonces otra posibilidad que la de ser mesiteros, vendedores ambulantes, comerciantes marginales... (VILADESAU, 2011, p. 872-873).

Nesse sentido, esses fluxos de trabalho costumam expressar desigualdades existentes entre os países que compartilham a fronteira, pois são resultados das mesmas. Por isso, conforme Goetttert (2013a):

A articulação entre Capital e Trabalho se processa como parte de um *desenvolvimento desigual e combinado* que se apresenta sempre, como em espaço de fronteira, como condição espacial (de relações socioespaciais também desiguais e combinadas). A lógica da mobilidade de trabalhadores é subsumida ao movimento de reprodução ampliada do Capital, nas quais “dignidade” e “ética do trabalho” desobedecem marcações de limites ou de fronteiras político-territoriais (GOETTERT, 2013a, p. 213).

Como resultado dessa dinâmica, podemos concordar com Xavier (2018) que:

Como é utilizado de maneiras distintas em função das heranças materiais e imateriais de períodos passados e da forma como se dá a divisão social do trabalho no presente, o território acaba, então, por ser constituído por um conjunto de lugares diferentes e desiguais articulados entre si, com a formação socioespacial da qual fazem parte e com o mundo (XAVIER, 2018, p. 516).

Se prestarmos atenção nas corporalidades dessas pessoas em movimento, podemos perceber que estas também nos revelam outras desigualdades. Conseguimos observar durante as nossas caminhadas entre ambulantes, que a maioria destes tem marcas étnico-raciais, de nacionalidade e de classe social bem definidas. Dos ambulantes brasileiros, notamos que muitos eram negros. Dos ambulantes de nacionalidade paraguaia, percebemos que a maior parte possuía traços indígenas. Dessa maneira, por questões históricas, classe social e componentes étnico-raciais estão diretamente relacionados.

Podemos apontar também que há uma quantidade significativa de ambulantes idosos. Conforme Antunes (2009, p. 112), isso acontece porque o mundo do trabalho tem vivido um processo crescente de exclusão de jovens e trabalhadores considerados “velhos” pelo capital, sujeitos que acabam compondo a sociedade do desemprego estrutural, ampliando os contingentes do trabalho informal ou do exército de reserva do capital no caso dos jovens.

Com isso, podemos apontar que grande parte dos ambulantes são sujeitos que não conseguiram uma ocupação no mercado formal de trabalho, pois, fazem parte de grupos vulneráveis da população, pois sujeitos a pobreza e a exclusão. Uma marca dessa situação pode ser apontada no fato de encontrarmos crianças trabalhando como ambulantes nas ruas – fenômeno apontado também por Reimann (2013), que constatou que as “crianças da ponte”, que realizam o trânsito entre Brasil e Paraguai para trabalhar como ambulantes, são maioria de nacionalidade paraguaia. O mercado de trabalho formal não possibilita na maioria das vezes, acessibilidade e boas condições de trabalho para as pessoas inseridas nessas camadas vulneráveis. Júlio, por exemplo, é uma das pessoas que estavam no mercado de trabalho formal, e por ganharem muito pouco, decidiram migrar para a informalidade, em que é possível conseguir ganhos maiores.

Desse modo, podemos apontar a existência de um mercado de trabalho formal que é seletivo e precário, pois: Muitos dos ambulantes, por exemplo, são idosos, pois o trabalho ambulante é uma das poucas alternativas de sobrevivência para as pessoas com idades mais avançadas. Muitas das mulheres ambulantes são mães, e o trabalho ambulante é uma das únicas alternativas que permite a flexibilização dos horários para cuidar dos filhos (já que muitas são mães solteiras ou acabam sendo as únicas responsáveis pelo cuidado dos filhos). Muitos desses trabalhadores e trabalhadoras possuem baixa escolaridade, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho formal com salário digno, e desse modo, o trabalho ambulante torna-se uma oportunidade de sobrevivência e uma ocupação mais vantajosa. Muitos dos ambulantes são pessoas que já sofreram ou podem sofrer preconceitos e racismo por conta da simplicidade e de marcas étnico-raciais subalternas, como é o caso dos negros e indígenas – tais marcas corporais dificultam a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho formal, ou quando conseguem, passam por constrangimentos como é o caso de Raimunda. Nesse sentido, o trabalho ambulante acaba sendo uma melhor opção para essas pessoas. Imigrantes, como os senegaleses, também se inserem nesse grupo de pessoas – além de serem estrangeiros e não falarem bem o português, são negros e muçulmanos, fatores que dificultam

a inserção no mercado de trabalho formal, sendo o trabalho ambulante uma das poucas alternativas.

Todas essas características, que se tornam vulnerabilidades na conformação da sociedade atual, atravessam o corpo e constituem fronteiras “invisíveis”.

As “fronteiras invisíveis” organizam as experiências de espaço, definindo comportamentos aceitáveis e pertencimentos – na verdade, campos de possibilidades e limites, cujo aprendizado é crucial para a reprodução social desta ordem. Afinal, são constructos ideológicos inculcados em indivíduos e grupos que permitem esta reprodução – expressões da colonialidade do ser nas relações sociais (SANTOS, 2012, p. 58).

Segundo Gomes (2006, p. 265), a aparência física carrega significados construídos socialmente que podem ter conotações positivas ou negativas, dessa forma, “o corpo pode ser considerado como um signo que marca assimetrias sociais e de desigualdade de distribuição de poder” (GOMES, 2006, p. 266). Compreende-se que:

[...] o corpo criador de relações e de espaço, re-cria relações de poder e, a partir destas, cria relações políticas, criando recortes no espaço que se constituem territórios. [...] Assim, estes territórios de poder são, tanto o corpo que se torna território, como também, a espacialização dos modos, das práticas cotidianas da vida dos “sujeitos-corpos” que se tornam territórios (MONDARDO, 2009, p. 3).

Nesse sentido, “[...] o corpo jamais pode ser compreendido fora de um determinado espaço e tempo, ele é móvel, fluido, ativo e sua materialidade está em eterna negociação com a exterioridade e, nesse sentido, o corpo é sempre posicionado socialmente e geograficamente” (SILVA; ORNAT, 2016, p. 62). Compreende-se então, que em movimento, esses corpos negociam geografias e sentidos sociais:

Se sujeitos vivem espacialmente por meio de corpos velhos, jovens, brancos, negros, femininos, masculinos e assim por diante, cada corpo/espaco (ou unidade que separa o eu e o outro) está em constante negociação com outros espaços, cujas significações construídas sobre a idade, gênero, raça são socialmente compartilhadas. Assim, os corpos não estão passivos às significações socialmente construídas. (SILVA; ORNAT, 2016, p. 63-64).

Partindo desses pressupostos, entendemos que os corpos também são territórios, pois, não podem ser compreendidos fora dos lugares de sua própria constituição, e nesse sentido, os sujeitos são geopoliticamente marcados (SILVA; ORNAT, 2016, p. 72). Dessa forma, ao nos atentarmos ao movimento de ambulantes “entre-fronteiras”, é pertinente considerar que:

[...] em processos de mobilidade é preciso atentar que a própria condição territorial (portanto, os territórios/as territorialidades) também se movimenta,

em, digamos, territórios migrantes. Neste ínterim, uma das dimensões territoriais basilares e centrais é o território-corpo migrante (o sujeito, o indivíduo, a pessoa) (GOETTERT, 2013a, p. 208-209).

Lindón (2012, p. 705) aponta, com base em Werlen (1992), que é pela corporeidade que os sujeitos se inserem em contextos culturais, mundos intersubjetivos e mundos materiais específicos. Desse modo, o movimento desses corpos no espaço movimentam capitais, símbolos e informações (LINDÓN, 2007, p. 74), sendo também um agente produtor do território. Os corpos como territórios, nos revelam fronteiras e desigualdades. Por isso:

[...] o corpo é territorializado, desterritorializado e reterritorializado por modalidades de identificação, por mecanismos psíquicos de defesa, pela autoridade internalizada, por sentimentos intensos, por fluxos de poder e significados. Os corpos assim, são constituídos dentro de uma constelação de relações de objetos (como a família, o estado, a arte, a nação e assim por diante). Os corpos não são espaços passivos sobre os quais o poder de outros espaços se realiza. Pelo contrário, os corpos também produzem espaço, seus próprios mapas de desejo, gozo, prazer, dor, amor e ódio. Os corpos em permanente processo de negociação com outros espaços ajustam suas posições no mundo, sendo, também eles lugares de aglutinação de negociações externas e internas do poder (SILVA; ORNAT, 2016, p. 64).

Nesses movimentos há um jogo de informações e representações que colocam culturas em contato – e esse contato pode ser conflitivo ou não, e pela simultaneidade das ações humanas, colocam os sentidos em permanente processo de transformação. Desse modo, podemos considerar que:

Toda imagem de fronteira, por sua vez, pode ou reforçar representações dominantes ou ser produção “criativa” para a construção de novas e outras representações, persistentes nas dicotomias, dualidades, contrastes, oposições e disputas. As imagens são, para tanto, participantes de seleções que parecem aleatórias, mas marcadas por uma “estrutura fronteiriça” que tende a se propor extremamente seletiva das imagens que reforçam representações suscetíveis à reprodução de pré-visões e de pré-conceitos. Na fronteira, faz-se a imagem, vê-se e sente-se a di-visão (GOETTERT, 2013b, p. 750).

Contudo, pensando a mobilidade dos sujeitos ambulantes, podemos refletir que “esse “ir e vir” ou esse trânsito entre diferentes territórios – e territorialidades, enquanto referências simbólicas – pode representar, no final das contas, a construção de uma espécie de multitransterritorialidade – ou, em alguns casos, transterritorialidade” (HAESBAERT, 2017, p. 19). Para o autor, a multi e/ou transterritorialidade são conformados pelo trânsito ou vivência de múltiplos territórios ao mesmo tempo, contornando determinados limites e fronteiras territoriais (HAESBAERT, 2017, p. 20).

Se pensarmos na produção de uma cultura híbrida “entre-fronteiras”, podemos analisar em que medida um brasileiro comer uma chipa paraguaia ou um paraguaio vender alho e comer arroz e feijão pode significar uma apropriação e aprendizado do Outro – já que as coisas estão impregnadas de signos adquiridos em suas trajetórias socioespaciais (LASMAR, 2001) e, dessa forma, são também geografias portáteis (MARQUEZ, 2009).

De acordo com Lasmar (2001), os objetos adquirem uma história e uma experiência a partir de sua circulação por diferentes regimes de valor, espaço e tempo, e dessa maneira, recebem mensagens e também transmitem, e assim, carregam significações sociais. Nesse sentido, a partir das relações de circulação pelas quais passam os objetos, fazem com que estes sejam marcados pela história e experiência de cada pessoa ou grupo envolvido em sua circulação (LASMAR, 2001, p. 86-87).

E se considerarmos a chipa, o tererê, o alho, a mandioca, os cheiros e palavras ouvidas como geografias portáteis da fronteira? Como materialidades e imaterialidades que trazem de forma simbólica diferentes lugares e que acabam se cruzando e se interpenetrando a partir das relações humanas no território?

Partindo da concepção de uma geografia intimamente humana, Marquez (2009) considera que as geografias portáteis se apresentam como cartografias sensíveis que se constroem em nossas relações subjetivas a partir de nossa performatividade cotidiana, confrontando um conhecimento estável e estático pautado em modelos quantitativos que não dá conta da complexidade geográfica vivida, já que esta nem sempre é quantificável.

Se partirmos dessa perspectiva para pensar a produção de um cotidiano fronteiriço, de uma cultura fronteiriça, e de um território que se quer transfronteiriço, temos que analisar quais são os fazeres, as relações e os objetos que se co-reproduzem nesse território enquanto portadores de conteúdos simbólicos fronteiriços. Quais são os fazeres e relações que se desprendem no território da fronteira? Quais são as geografias portáteis emprenhadas nesses fazeres e relações que carregam e movimentam os valores da alteridade de um lado para o outro da fronteira?

Sempre que vejo e como uma chipa, por exemplo, lembro-me do Paraguai. Mas se o sabor estiver muito parecido ao de pão de queijo, eu já sei com certeza que é uma chipa feita no Brasil, considerando o meu conhecimento socioespacial que adquiri em minha experiência vivida que me permite fazer essa diferenciação. Nesse sentido, podemos considerar que:

Os seres vivos produzem, em sua interação com o meio, uma série de acoplamentos estruturais que poderíamos denominar de *aprendizagem*. Assim, a construção dinâmica de uma experiência de percepção equivale à adaptação ajustada entre o meio e o observador, ao contrário de ser uma operação de captação passiva e unilateral de dados. (MARQUEZ, 2009, p. 20).

A partir disso, podemos pensar de que modo as alteridades em forma de geografias portáteis se cruzam no território, considerando seus diálogos, conflitos e transformações na produção de um território transfronteiriço. Trata-se de pensar a “rede de ações e as criativas interseções entre as ações e entre as ações e os objetos [...]” em busca de refletir a geografia enquanto uma “prática cultural crítica” (MARQUEZ, 2009, p. 16).

Assim, considerando o contexto fronteiriço do qual estamos tratando, gostaria de chamar essas geografias portáteis da fronteira de transfronteiricidades, tratando de pensá-las num jogo de “indagação, tradução e imaginação do espaço” (MARQUEZ, 2009, p. 19). Ainda que Marquez esteja falando da arte como veículo epistemológico para a geografia, acredito que possamos tomar essa ideia para analisar as transfronteiricidades.

Em trabalho anterior, importei a noção de “transfronteiricidade” de Lopes (2014), para designar objetos, práticas e subjetividades presentes nas interações entre sujeitos em territórios transfronteiriços, constituindo territorialidades e fronteiras que expressam diálogos e conflitos, e reproduzindo um imaginário geográfico transfronteiriço (RODRIGUES, 2016a, p. 116-117). Lopes (2014) utiliza o termo transfronteiricidade para abarcar processos de formações identitárias que se dão além das fronteiras nacionais, dando lugar a construção de uma “nação cultural” com raízes sociais próprias marcadas por identificações de ambiente, hábitos, atividades, atitudes e autorreconhecimentos (LOPES, 2014, p. 7).

Nesse sentido, as transfronteiricidades são territórios portáteis da fronteira – assim, o tererê, o chimarrão, o mate, a chipa, o arroz e feijão, o desodorante Rexona, o alfajor, o funk, a cachaca paraguaia, as línguas, os diferentes corpos, etc., são territórios, e se tornam “fronteiriços” justamente pelos movimentos que acionam seus cruzamentos – e um dos movimentos que apontamos aqui é o das gentes ambulantes. Esses cruzamentos devem ser apreendidos a partir da compreensão de que no contexto de fronteira:

[...] o pensar e o fazer em suas multiplicidades requerem sempre a consideração de presença do *lado de lá*; desse modo, as narrativas espaciais e temporais também são produzidas e reproduzidas como *narrativas de fronteira*, em processos territoriais que são, ainda, sempre de identificação e diferenciação (identidades e alteridades) (GOETTERT, 2013a, p. 214).

Nesse sentido, podemos pensar as transfronteiricidades partindo da concepção de que “representações, imagens e significados, correlatos às materialidades fronteiriças, dão suportes e ao mesmo tempo são suportados como produções morais, éticas, estéticas e performativas” (GOETTERT, 2013b, p. 750). Desse modo, as transfronteiricidades também são expressões de relações de poder. O que pode significar, por exemplo, uma ambulante paraguaia oferecer alho para uma pessoa brasileira falando “alho *patrona/patrão?*”, “alho *madama?*” ou “calcinha amiga?”. Quais significados estão empreendidos nessas expressões de comunicação/interação?

Madame/Madama tem como significado “dama da sociedade; mulher rica e fútil; grã-fina; tratamento dado às senhoras, de modo geral, às vezes com sentido irônico” (DICIONÁRIO UNESP, 2004, p. 865). Patrão/Patroa significa “em relação aos empregados, a/o dona/o de empresa, de estabelecimento, de propriedade rural ou de residência; empregador/a; em relação aos subordinados, a/o chefe de uma repartição; tratamento de respeito dado por pessoas humildes a pessoas consideradas de condição social superior [...]” (DICIONÁRIO UNESP, 2004, p. 1038). Portanto, são palavras empregadas nas interações (numa cadeia de situações históricas) que designam relações de poder hierárquicas, ainda que em alguns casos, possam ser faladas em um sentido “amistoso”.

Os conteúdos e significados dessas geografias portáteis estão em permanente comunicação e transformação. De acordo com Sahlins (2011, p. 7), “[...] as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nesses termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação”. Ao mesmo tempo, as circunstâncias da ação nem sempre se conformam aos significados pré-existentes, e assim, as pessoas repensam criativamente os esquemas convencionais, fazendo com que a cultura seja alterada historicamente a partir da ação (SAHLINS, 2011, p. 7). Com isso:

Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação (SAHLINS, 2011, p. 9).

Daí a importância da noção do espaço geográfico enquanto um conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2006, p. 12), e também da concepção de que o território é o espaço do fazer concreto de todos, que segundo Silveira (2011, p. 4), tem a espessura de um contexto histórico, ao contrário de um espaço visto como

um conjunto de pontos mensuráveis. Desse modo, pensar o território enquanto uma arena de fazeres, é considerar, como coloca Silveira (2015, p. 5), que este abriga fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, pois apesar das forças desiguais, contribuem para gerar situações.

Figura 2 – Cartografia desenhada de vendedora ambulante paraguaia no Brasil



Fonte: Elaboração nossa, 2018.

Figura 3 – Cartografia desenhada de ambulante paraguaio da Tríplice Fronteira



Fonte: Elaboração nossa, 2018.

Figura 4 – Cartografia de produtos e mercadorias de ambulantes que podem conformar transfronteiridades



Fonte: Elaboração nossa, 2018.

POR UMA TEORIA AMBULANTE DA FRONTEIRA

Os ambulantes vivenciam uma fronteira em que as diferenças dadas por essa condição, proporcionam possibilidades e condicionam passagens e bloqueios. Vivenciam uma fronteira em movimento, que é condicionado por lógicas de mobilidade e imobilidade. As gentes ambulantes em seus relatos reclamam uma fronteira possível de ser apropriada, onde as diferenças possam ser aproveitadas de forma positiva pelos seus habitantes e utilizadas como estratégia para melhorar as condições de vida. Onde se possa ambular para trabalhar, socializar, comer, criar bem os filhos e sonhar com uma faculdade ou com uma casa própria.

Ser ambulante é estar em trânsito, pois, segundo Ismael (2018), “não pode ficar só num lugar”. É estar sujeito a vulnerabilidades e inseguranças socioeconômicas, pois, segundo Júlio (2018), tem dias que se vende muito e tem dias que não se vende nada, ou seja, não há garantia de renda fixa. Situações como crises econômicas que resultam na diminuição de compradores também causam situações como a que Manuel (2018) expressa: “*no hay más ventas*”.

Essas vulnerabilidades também são reflexos da situação de se estar na rua, pois, por causa da lógica seletiva e segregadora da organização da economia e das cidades, ambulantes são constantemente ameaçados de serem tirados dos locais onde trabalham (ADELINA, 2018) e terem suas mercadorias tomadas (JÚLIO, 2018). Isso também produz uma ideologia que propaga a ideia de que as mercadorias vendidas nas ruas são todas falsificadas, pirateadas, ruins ou inferiores, e por isso, muitos consumidores se restringem a comprar em lojas ou shoppings por segurança, mas também por “status”. No entanto, Catta (2005) nos aponta a resistência ambulante na Tríplice Fronteira, relacionada aos grandes empreendimentos geopolíticos que se materializaram nesse território:

De maneira geral percebemos que as autoridades locais e os órgãos de repressão no cotidiano da fronteira, não conseguiram dar conta da tarefa de extinguir o espetáculo da pobreza encenado nas ruas da cidade por aqueles que não foram integrados nem durante nem depois do projeto de “Brasil Grande” (CATTA, 2005, p. 5).

Ainda que a vulnerabilidade seja uma marca da experiência ambulante, ela coexiste com a resistência pela sobrevivência. Por mais que tentem privar os espaços para servirem somente agentes hegemônicos, os ambulantes teimam em contornar essas privações mobilizando estratégias (conhecendo as situações mais viáveis para escapar do controle), solidariedades (acionando outros agentes a partir de relações de vizinhança, amizade, trabalho, etc.) e rebeldia. Exemplos disso, são os ambulantes que encontramos parados vendendo suas mercadorias em frente à sinalizações proibindo suas presenças no *Estacionamento del Este* e no *Shopping Jardín* em Ciudad del Este, e ambulantes como Raimunda e Vanda, que negociam a existência de suas atividades no Terminal Urbano de Foz do Iguaçu no conflito com órgãos públicos e com os comércios “formais”.

Na fronteira, como observamos em trabalho de campo, os ambulantes incorporam diferentes espacialidades/temporalidades, e pela ação, na perspectiva de Sahlins (2011), são combinados e ressignificados. Nisso, as culturas entram em contato a partir de várias trocas materiais (como pelos produtos e mercadorias) e imateriais (significados presentes nas materialidades e nas diversas relações como falas, hábitos como tomar tereré, etc.), duas categorias que estão entrelaçadas na realidade. Esse processo revela o acontecer solidário, isto é, a realização de diferentes lógicas temporais e espaciais ao mesmo tempo (SANTOS, 2006), que se combinam e produzem o espaço enquanto multiplicidades que coexistem (MASSEY, 2008).

Alguns vendem objetos próprios da realidade da globalização tecnológica e cibernética que permeiam a sociedade e cultura atuais como o pau de selfie e o carregador portátil – objetos que as pessoas utilizam para conectarem-se nas redes virtuais e compartilharem conteúdos que ficam disponíveis mundialmente para quem tem acesso à internet. E se os ambulantes estão vendendo esses objetos, é porque essa acessibilidade é mais ou menos “popularizada” entre as classes menos abastadas, dependendo do lugar de que estamos falando. Outros vendem, por exemplo, plantas com propriedades medicinais para se colocar no tererê – plantas e raízes que são utilizadas por conta de conhecimentos anteriores, sobretudo, dos indígenas, fato que expressa também o profundo papel que os guaranis tiveram na formação socioespacial paraguaia.

Essas espacialidades/temporalidades se entrecruzam e compartilham os mesmos espaços. No entanto, há também um jogo situacional por trás de sua distribuição espacial. As plantas e raízes para o tererê, por exemplo, são vendidas em determinados locais onde se estabelecem territorialidades paraguaias – como, por exemplo, no microcentro e nos bairros de Ciudad del Este, e na Vila Portes. Já as mercadorias manufaturadas, como pau de selfie, carregadores, capas para celular, etc., são mais frequentemente vendidos em locais como as áreas centrais das cidades e alguns bairros, onde há uma maior concentração comercial e circulação de pessoas.

Por outro lado, as diferentes espacialidades/temporalidades também se combinam – podemos pensar os artesanatos dos *Maká*, produzidos a partir de saberes com temporalidades anteriores, mas com matérias-primas produzidas por circuitos produtivos globais com a racionalidade do capital, e vendidos, em muitos casos, por uma ideologia atual que produz determinados imaginários acerca da identidade e dos produtos indígenas.

A fronteira é importante para o trabalho, pois facilita vender coisas (JUANA, 2018). Para Júlio (2018) as fronteiras estão separando os países, e nisso, “pela disposição das fronteiras todo um espaço social é delimitado, geometrizado, temporalizado, historicizado, matematizado, espacializado, geografizado, ordenado e organizado como condição para o exercício do poder de Estado” (GOETTERT, 2011, p. 57). No entanto, elas são importantes porque permitem o comprar aqui e passar para lá, e isso cria oportunidades de trabalho (JÚLIO, 2018) e situações como a que aponta Carlão (2018): “o Paraguai compra as mercadorias e aí vem o brasileiro e passa pra outro lado”.

Na fronteira, da qual estamos falando, entra muito dinheiro e muita gente, e é disso que os ambulantes vivem (ADELINA, 2018). E tem muita gente, muita gente diferente (RAIMUNDA, 2018; VANDA, 2018). Pela presença de turistas, por exemplo, a fronteira também se torna importante para o trabalho (PALOMA, 2018). Por isso, por exemplo, os ambulantes *Maká* se revezam e buscam se concentrar nas proximidades de pontos turísticos (MAURO, 2018). Com isso, a cultura pode ser “vendida” para poder ser preservada, como nos mostram os homens e mulheres ambulantes da etnia *Maká*. Nessa perspectiva, a fronteira, então, pode remeter também às pessoas que vêm de outros lugares. Segundo Denise, “*os de la frontera vienen hacia acá*”. Nesse sentido, a fronteira pode ser “algo” que “está para lá” (PALOMA, 2018).

A fronteira é importante e especial porque se pode atravessá-la (VILMA, 2018). Sua condição envolve, sobretudo, o dinheiro. A fronteira é uma possibilidade de se ganhar dinheiro (ISMAEL, 2018), e de economizar também, pois é possível comprar muitas coisas com um preço mais em conta pelo fato de poder comprar em outros dois países, fator que pode ser aproveitado para comprar e revender (RAIMUNDA, 2018; VANDA, 2018; VILMA, 2018).

Ao ambularmos entre ambulantes na Tríplice Fronteira, observando sua distribuição, seus movimentos e mercadorias, e ouvindo seus relatos, percebemos o papel central que Ciudad del Este, sobretudo o seu Microcentro, tem em suas atividades. No Microcentro é onde encontramos uma maior concentração de ambulantes entre os locais que percorremos. A maioria das mercadorias compradas e revendidas pelos ambulantes é adquirida no comércio da cidade, que oferece preços mais baixos em relação às outras cidades da Tríplice Fronteira. E por último, um grande número de ambulantes que realizam suas atividades em Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, são de Ciudad del Este.

Mas ganhar dinheiro, para muitas das pessoas pobres, significa migrar longas distâncias e deixar coisas importantes para trás, como os ambulantes/imigrantes senegaleses, Ismael e Amadou, que deixaram a terra natal e a família para trás porque lá não conseguiam ganhar dinheiro – um passado difícil de lembrar, porque deixa a pessoa triste, como acontece com Ismael.

Na fronteira tem muitas coisas, inclusive, maltrato (JUANA, 2018). Há discriminações e agressões, que também podem ser com palavras (JÚLIO, 2018). De acordo com esse vendedor, por exemplo, os árabes não gostam de paraguaio. Vivenciamos uma dessas

situações quando conversávamos com Amadou, no momento que uma senhora argentina reclamou a presença de “pessoas como ele”. Ismael (2018) aponta que na fronteira, ele não gosta que se fale mal do Outro. Por mais que tenha o lado positivo da praticidade de se comprar coisas diversas mais baratas, há o lado negativo pela facilidade de comprar balas, armas e drogas, já que pelas aduanas, que exercem um controle seletivo, passa “contrabando” todos os dias (RAIMUNDA, 2018). Nesses relatos, aparece uma fronteira marcada pela insegurança e pela violência.

A fronteira então pode ser associada ao controle, pois, conforme os relatos das pessoas ambulantes, envolve aduanas, fiscalização, polícia, impostos, etc., demonstrando que “o Estado-nação, munido de poderes dispostos a partir de sua própria armação, torna-se dispositivo de vigilância e punição como à reprodução de um grande Panóptico, tornando dóceis o corpo e a mente” (GOETTERT, 2011, p. 60-61). Adelina (2018) revela em sua narrativa um controle seletivo, pois os órgãos públicos não “deixam” que as pessoas trabalhem na rua, fomentando a criação de espaços determinados para atividades comerciais, porém, espaços que depois de construídos são vendidos apenas para quem tem dinheiro, tornando-se mecanismos de segregação.

Por esses e outros motivos, que na fronteira, ambulantes como Adelina e Vilma não gostam da “prefeitura”, das “autoridades”, enfim, das instituições que controlam o território pelas normas institucionalizadas. Nesse sentido, a experiência ambulante, e suas travessias pelas fronteiras, é também atravessada pelo medo.

Contando com toda a diversidade de situações des-transfronteiriças e transfronteiriças, a fronteira também pode ser apreciada e vivida a partir da vista do seu rio, que é bonito (DENISE, 2018).

TRANS-FRONTEIRIZAÇÕES E DES-TRANSFRONTEIRIZAÇÕES: DO TERRITÓRIO DA NORMA AO TERRITÓRIO SOCIAL E AMBULANTE

A territorialidade ambulante conforma o território de uma população vulnerável, mas resistente. Vulnerável porque excluída do mercado de trabalho e carente de direitos fundamentais. Resistente porque portadora de competências estratégicas e criativas que lhe permitem a sobrevivência. Populações que, ao acionar estratégias de contornamento de fronteiras diversas (TELLES, 2007), resistem a constrangimentos impostos pela ordem territorial hegemônica (HAESBAERT, 2017, p. 33). Nesse sentido, é também um território

marcado pelo medo, pelo silêncio e pela desconfiança – sentimentos que conseguimos perceber ao conversar com alguns ambulantes, pois suas passagens entre fronteiras estão sujeitas a aberturas e bloqueios, já que subordinadas a uma lógica seletiva.

Seja por transitarem entre o legal e o ilegal, o formal e o informal (TELLES, 2010), ou pelo diferentes países na fronteira, o que implica transitar entre formações socioespaciais com determinadas singularidades políticas, econômicas e culturais, enfim, diferentes espacialidades/temporalidades, os ambulantes da Tríplice Fronteira conformam uma população que vivencia “[...] uma condição de passagem constante entre fronteiras, entre limites espaço-socialmente reconhecidos, isto é, entre diferentes territórios” (HAESBAERT, 2017, p. 21). No contexto das cidades fronteiriças, os limites internacionais interseccionados com outros vários limites que atravessam suas existências, conformam para estes sujeitos, situações de “des-trans” e “trans” fronteirização. Disso, a fronteira adquire na prática, um sentido ambíguo, e por isso podemos afirmar que “os efeitos da fronteira são potencialidades e limites para o desenvolvimento territorial e urbano das cidades da Tríplice Fronteira” (ANDRÉ, 2015, p. 61).

Des-transfronteirização porque os limites impõem o território da norma centralizada no Estado, e com isso, não são pensadas políticas específicas e adequadas para as singularidades das populações que vivem nesse contexto. Nisso, na configuração espaço-temporal do modo de produção capitalista, o Estado-nação se define “como a “geometria” hegemônica de poder, de controle e de identidade fundada sobre sua auto-racionalidade” (GOETTERT, 2011, p. 57). A produção do território da norma implica também a produção de ideologias dominantes, pautadas em tensões históricas, que excluem a pluralidade, o que favorece intolerâncias, estereótipos e preconceitos. Assim:

Tomando como referência um autor como Michel Foucault, em seu tratamento multifacetado e multiescalar das relações de poder, poderíamos dizer que a organização espacial/territorial do mundo moderno começa, em primeiro lugar, por colocar a questão da soberania estatal/territorial que, ao mesmo tempo, estimula e restringe a mobilidade. Estimula, por exemplo, ao criar toda uma rede “nacional” de transportes e comunicações, integrando o território como um todo, e restringe ao delimitar sua esfera espacial de atuação através de um “pacto territorial” de controle a partir do monitoramento de suas fronteiras e, assim, também, do gerenciamento de um “mercado nacional” de trabalho e consumo (HAESBAERT, 2017, p. 23).

Desse modo:

A condição de fronteira em seu âmbito internacional é ainda atravessada por relações escalares nacionais, regionais, locais e corporais. A escala nacional é condição *sine qua non* da própria condição internacional em espaço de fronteira, mas que ali, necessariamente, tem sua situação marcada pela proximidade físico-territorial do Estado-nação vizinho. Políticas para espaços de fronteira, como às de segurança nacional, têm sua construção, muitas vezes, feita a partir de interesses nacionais e longe das realidades fronteiriças. Nas últimas décadas, inclusive, e simultaneamente à ênfase neoliberal de “fim das fronteiras”, a fronteira ressurgiu como espaço político e geopolítico de projetos e programas de desenvolvimento e de integração, implicando com que a fronteira passe a condição de “objeto” especial do poder centralizado nacional (GOETTERT, 2013a, p. 214).

Trans-fronteirização porque a presença dos limites produz um conjunto de possibilidades que podem ser utilizadas como estratégias das práticas ambulantes, como as diferenças existentes entre as moedas, leis, os fluxos de mercadorias e as culturas, o que favorece o intercâmbio cultural (não livre de situações des-transfronteiriças, como o suborno, a corrupção e a repressão dados pelas imposições de um território normativo).

Nessa situação, “vários são os exemplos dos trabalhadores que estabelecem fluxo diário ou regular entre as cidades que dividem a linha de fronteira, e muitos são trabalhadores sem garantia trabalhista ou de cidadania, indocumentados” (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 215).

Tais movimentos decorrem fundamentalmente de relações para trabalho e estudo, induzem o consumo, a demanda e o acesso a funções urbanas, bem como implicam trocas culturais, de hábitos e valores. No extremo, sugerem a busca pela realização de direitos que se confundem entre os lados da fronteira, muitas vezes inalcançados, devido a políticas inadequadas (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 217-218).

Dessa forma, a territorialidade das gentes ambulantes que trazemos nessa pesquisa está à margem do território da “norma” por duas características: pelo seu caráter “informal” e pelo seu caráter “fronteiriço”. Mas isso não implica que o território normativo e o território fronteiriço não estejam no centro de suas práticas, pelo contrário, a fronteira e a norma, em determinadas situações, são aproveitadas em suas estratégias cotidianas de sobrevivência. No entanto, a norma, como mecanismo de controle, tende a criar situações de segregação, já que nem todas as relações sociais se enquadram em seus parâmetros pautados em:

[...] modernizações seletivas levadas a cabo pelo Estado e pelos capitais financeiro, industrial, mercantil e fundiário, segundo uma racionalidade tecnocrática e economicista aplicada desde meados do século XX. Essa racionalidade promove modernizações que tornam o território, suas regiões e cidades fragmentados, segregadores, desiguais e conflitivos, posto que o mesmo movimento gera em seu interior, e de maneira indissociável, espaços

modernos e abastados e espaços de pobreza e vulnerabilidade (XAVIER, 2018, p. 518).

Como realidade do contexto em que buscamos trazer nessa pesquisa, por exemplo, dois meses depois do nosso trabalho de campo, os ambulantes que trabalhavam nas proximidades da entrada do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque das Aves foram notificados e tiveram as mercadorias apreendidas “em nome da lei”³⁴. Alguns dos lugares onde se encontravam alguns ambulantes, como por exemplo, os canteiros em que as mulheres da etnia *Maká* ficavam sentadas vendendo seus artesanatos, foram colocados cercados e plantas. No local foram colocadas placas informando a proibição de ambulantes por conta de uma lei municipal. De acordo com notícias, os ambulantes protestaram em frente à sede do Ministério Público Federal da cidade.

Nesse sentido, há uma tensão entre o território da norma e o território social. Como bem coloca Goetttert (2011):

A relação entre fronteiras, Estado, Nação e Povo é, portanto, direta: poder e controle costuram ziguezagueando os “compromissos nacionais” em torno do desenvolvimento sócio-econômico e da “naturalização” da condição identitária de pertencimento à Nação, construindo a pretensa convergência entre interesses econômicos e políticos nacionais e interesses materiais e passionais de cada membro pertencente à dada nacionalidade (GOETTERT, 2011, p. 58).

Para o território da norma, o trabalho ambulante não regularizado é o descumprimento da lei e o que está fora de controle, sendo sinônimo de desorganização, considerando a lógica urbanista que vem orientando o planejamento das cidades. Para as trabalhadoras e trabalhadores que vivem da atividade, o trabalho ambulante é o “ganha pão”, como expressa um dos ambulantes na reportagem colocada em nota de rodapé no parágrafo anterior. Certamente, em situações de crise de emprego nos países, o trabalho ambulante é uma das formas de ocupação que permite que as pessoas consigam sobreviver – e que também movimentam a economia, pois, como coloca Martins (1997), esses sujeitos estão incluídos “precariedade” na dinâmica do capital. Dessa maneira, também se revela uma contradição – o Estado que deveria garantir o bem-estar social e oferecer condições para a manutenção de uma vida digna dos indivíduos, os reprime em nome da lei e em nome dos interesses de quem tem poder financeiro.

³⁴ Uma das notícias que divulgaram a situação pode ser conferida no seguinte endereço: <https://redemassa.com.br/sbt-parana-1/2018/05/17/protesto-de-ambulantes-na-fronteira-22148/v/>

O território de fronteira enquanto território social não cabe no território da norma regido pela fixidez imposta pelo Estado Nação. Nesse sentido, “ao se observar o espaço das relações humanas em países de fronteira, percebe-se que a população que nele vive é a responsável pela construção do espaço transfronteiriço” (CURY, 2017, p. 301). A ausência de um projeto conjunto entre os Estados que compartilhem espaços de fronteira, é um fator que desencadeia um conjunto de situações des-transfronteiriças – uma vez que nega a vida de fronteira – considerando a existência humana atrelada à sua base indispensável, o território. Com isso, nas administrações políticas que partem de instituições governamentais pautadas na lógica hegemônica de Estado:

Quando considerado, o território aparece como divisões político - administrativas e estatísticas, portanto, reificado e desprovido de conteúdo, sentido e movimento. Sua natureza social, como resultado e condição da história, lhe é negada. Seguindo outro caminho, consideramos ser importante para a superação dessa reificação considerar que a análise deva partir do uso que a sociedade faz de seu território ao longo da história [...] (XAVIER, 2018, p. 516).

Nessa perspectiva, nos parece fundamental refletir que:

[...] As políticas públicas socialmente referenciadas podem ter maior êxito se construídas a partir da consideração da diversidade e alteridade dos lugares por meio da interlocução entre a pluralidade daqueles que os habitam e as diferentes esferas e escalas do Estado, tanto para o levantamento dos problemas relevantes quanto para a proposição de possíveis caminhos para solucioná-los (XAVIER, 2018, p. 507).

Conforme Smith (2000, p. 137), “[...] a libertação política exige acesso ao espaço”. Assim, seria pertinente no contexto de fronteira, assim como em outros contextos, que os órgãos governamentais elaborassem políticas públicas partindo da compreensão de que os deslocamentos espaciais entre os diferentes territórios da fronteira são, sobretudo, parte das possibilidades e estratégias de sobrevivência e de mobilidade social da população local (MARTINE, 2005, p. 3 *apud* MOURA; CARDOSO, 2016, p. 207). Consequentemente, “trata-se também de criar meios de interlocução entre a racionalidade estratégica do Estado e esta razão prática, movida por racionalidades embasadas nas relações de vizinhança, parentesco e cultura, e não exclusivamente na racionalidade econômica” (GODELIER, 1970 *apud* XAVIER, 2018, p. 513).

Ou seja, a democracia também deve ser territorial, pois autonomia e emancipação incluem a capacidade de, nos lugares, e segundo suas particularidades, se fazer escolhas em relação ao que se quer colher de tudo aquilo que a nação e o mundo oferecem como possíveis ainda não

realizados, o que difere radicalmente da instrumentalização e hierarquização dos lugares em razão dos interesses das grandes empresas e das ações estratégicas do Estado, frequentemente, atendendo aos interesses daquelas (XAVIER, 2018, p. 516).

Nesse sentido, podemos dizer que o tanto o território da norma, quanto o território social e ambulante são territórios móveis, pois a mobilidade é central em suas produções. Ainda que a produção do território da norma, pautado no Estado, pressuponha a noção de fixidez, ela mobiliza e organiza fluxos – no entanto de forma seletiva, privilegiando a mobilidade de agentes hegemônicos, e condenando à imobilidade grupos sociais reféns da pobreza econômica e de outras vulnerabilidades.

Para Massey (2000, p. 179), os diferentes grupos sociais e indivíduos se posicionam distintamente em relação aos fluxos e interconexões, conformando uma geometria do poder. De acordo com autora, trata-se “[...] do poder em relação aos fluxos e ao movimento”, pois, “diferentes grupos sociais têm relacionamentos distintos com essa mobilidade diferenciada” (MASSEY, 2000, p. 179), revelando uma “[...] diferenciação social altamente complexa”, já que, “[...] a mobilidade e o controle de alguns grupos podem ativamente enfraquecer outras pessoas” (MASSEY, 2000, p. 180).

Assim, num sentido profundamente social, o território da norma é um território des-transfronteiriço, e o território social e ambulante um território trans-fronteiriço. É claro que se pensarmos num sentido exclusivamente econômico-hegemônico, o território da norma levado a cabo pelo Estado impulsiona fluxos transfronteiriços – no entanto, fluxos seletivos, excludentes e que visam a acumulação de capital. Aqui estamos falando da produção de uma trans-fronteira pautada nas necessidades da população local, prezando a justiça e a equidade social.

Pelo fato do território da norma não ser uma abstração, este é também um território produzido por pessoas, determinados agentes, e isso, é um dos fatores que permite a dinâmica de contornamento e desvios por parte das mobilidades do território social e ambulante. Com isso, limites e barreiras podem ser transpostas por meio de negociações dialógicas ou não, envolvendo subornos, mas também empatias e solidariedades.

Não podemos achar que todas as pessoas que trabalham com competências fiscalizatórias não tenham empatia ou solidariedade com algum trabalhador informal, por exemplo, deixando este “passar” pela ordem – “Ah, a pessoa está precisando trabalhar, não está fazendo nada de errado”. Essas e outras concepções humanas, talvez, podem passar por

cima das ordens oficiais em muitos casos. Por outro lado, há também negociações que subornam e reprimem a pessoa, pela força da norma e do medo, para que esta possa realizar um desvio.

Não considerar esses casos é esquecer que o espaço é feito de pessoas, e que suas vidas não são vividas unicamente por um viés econômico. É negar, e perder a esperança, de que nossas capacidades humanas possam driblar dispositivos de controle injustos e desumanos. Trata-se de considerar um sujeito “[...] vivo concreto, cujo comportamento enraíza-se em um território em que harmonia pressupõe a consideração da multiplicidade do comportamento humano” (ZAOUAL, p. 24).

Como bem observa Massey (2000, p. 179), “a aceleração atual talvez esteja fortemente determinada pelas forças econômicas, mas não é só a economia que determina nossa experiência de espaço e lugar. Em outras palavras e dito de forma simples, há muito mais coisas determinando nossa vivência do espaço do que o “capital””. Na perspectiva do mundo do trabalho, atentar-se a elas, pode nos ajudar a pensar uma forma de sociabilidade superior, em que o trabalho, ao reestruturar o ser social, irá desestruturar a lógica do capital, dando condições para o florescimento de uma subjetividade autêntica e emancipada, dando um novo sentido ao trabalho (ANTUNES, 2009, p. 180). Compreende-se, que as dimensões da vida e de trabalho são indissociáveis:

Com isso entramos em outro ponto que entendo crucial: uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará maculada pela desefetivação que se dá no interior da vida laborativa (ANTUNES, 1995, p. 86 *apud* ANTUNES, 2009, p. 173).

Tais coisas também mostram que a fronteira não pode ser lida somente a partir da lógica do Estado, pois essas gentes e suas situações existenciais também a produzem. Nesse sentido, identificamos que “o Estado detém um poder superior, porém, há outros poderes inferiores que agem com ele” (RAFFESTIN, 1993, p. 16). Situações de amor como a de Juliano ou de mães e pais que precisam sustentar suas famílias, e de desamor como as vividas por Raimunda, movem vidas, e como essas se realizam em situações concretas, implicam fazeres do território que participam da produção socioespacial. Santos, em “A Natureza do Espaço” cita Braun e Joerges que reconhecem três tipos de agir:

Segundo I. Braun & B. Joerges (1992, pp. 81-82) haverá três tipos de agir: técnico, formal e simbólico. O agir técnico leva a interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal supõe obediência aos formalismos jurídicos, económicos e científicos. E existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo e compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação. Em certos casos, triunfam as condições do agir técnico, mas não as condições do agir formal. Em outros casos triunfam as condições do agir formal, mas não as condições do agir técnico. Em ambos casos, dão -se as formas de ação chamadas "racionais", enquanto o agir simbólico se confunde com as formas culturais de apropriação e utilização da técnica (SANTOS, 2006, p. 52-53).

Como nos aponta Silveira (2006), nossa vida se realiza em um conjunto de situações onde estamos com as coisas, com os outros e com os diferentes significados, e por se tratarem de situações concretas, nos induzem a uma dimensão espacial porque a existência se realiza no espaço, sendo também produtora deste. Para Santos:

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, económicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas (SANTOS, 2006, p. 53).

Aqui, novamente, podemos acionar a noção de *homo situs*:

Como sugere a teoria dos sítios, o *homo situs* é um “interpretador” da situação, ele o é no imediato e na dinâmica de sua situação. É o homem social, pensando e agindo em uma dada situação. E ele é tudo isso, veiculando o sentido do momento, aquele de sua situação com todo o peso do passado e da mudança que se impõe. É, portanto, no interior destas múltiplas contingências que ele exerce seu comportamento econômico. Assim, contrariamente ao *homo economicus*, o *homo situs* é um homo comunicante com o seu meio. Ele é relacional antes de ser racional no sentido da teoria econômica. Neste sentido, o *homo situs* reencaixa o *homo economicus* e liberta o *homo sociologicus*. (ZAOUAL, 2010, p. 27).

Considerar o amor, o desamor, a dor, o medo, os constrangimentos, os silêncios, as tristezas e sorrisos nos rostos dessas pessoas e as necessidades e sentidos do corpo e da alma, é compreender o verdadeiro espaço que é o da existência, nos permitindo identificar as virtudes e os problemas do atual sistema socioespacial. Esse é o espaço de todos, espaço banal, do acontecer solidário em que “todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar” como diria Santos (2006, p. 218). Onde razão e emoção não são separados – daí a noção de “emorazão” de Laflamme (1995) para identificar as trocas simbólicas que unem emoção e razão (SANTOS, 2006, p.

216). É construindo conhecimento desse espaço que podemos avançar para propor políticas públicas mais justas, em prol da vida e centralizadas no humano real, e não no dinheiro ou no projeto de um sujeito reduzido a consumidor.

Assim, o espaço, como dizia Massey (2008), é uma simultaneidade de estórias-até-agora, e é a compreensão desse espaço que nos permite o exercício da política. E mais, essas estórias-até-agora estão imbuídas de uma multiplicidade de dimensões vividas até agora por cada sujeito, dimensões que têm papel decisivo na realização de situações concretas. Com isso, entendemos que as emoções também são racionais e podem nos demonstrar racionalidades mais justas e mais humanas para se produzir um espaço e uma sociedade mais justos.

Nesse sentido, precisamos reivindicar que se construam políticas públicas que valorizem os sujeitos, e neste caso os ambulantes da fronteira, enquanto riqueza social e patrimônio cultural, pois em suas práticas revelam-se as singularidades do território da Tríplice Fronteira, que a tornam rica e diversa culturalmente. Não se trata de valorizar essa riqueza social e torná-la patrimônio cultural numa lógica mercadológica. Trata-se de valorizá-la no sentido de garantir direitos sociais adequados para essa população, pois são essas pessoas e suas riquezas tecidas em suas práticas que são a força do desenvolvimento deste território, fazendo com que este seja único e singular.

As práticas potentes de transfronteirização dos ambulantes, pautadas no conhecimento do Outro, na solidariedade e no diálogo, podem nos apontar possibilidades para construir uma “nova” identidade transfronteiriça que tenha como reivindicação a transformação de toda uma estrutura social em prol do bem-estar social e respeito mútuo (CASTELLS, 1996). Tal projeto, nesse sentido, parte da necessidade de fomentar os espaços “entre” que são os espaços do encontro – o que supõe a coexistência do Outro e da diferença – e, conseqüentemente, os espaços potenciais da política (ARENDRT, 2017). Nesse sentido, podemos fazer a seguinte ponte:

[...] Uma democracia saudável não requer pacificação em conformidade, mas um reconhecimento aberto da diferença e uma habilidade de negociá-la com respeito mútuo (MASSEY, 2017, p. 230).

Isso pressupõe abordar as dinâmicas territoriais fronteiriças ressaltando elementos e situações que questionam os modelos dominantes, o que nos oferece a possibilidade de falar do outro, e com o outro, sem reduzi-lo a determinadas representações (SZARY, 2013, p. 12-13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações que nos foram proporcionadas em trabalho de campo pelo ambular com as/os ambulantes da Tríplice Fronteira nos permitiram traçar uma cartografia de vários processos que se entrecruzam e se materializam enquanto território, implicando diversos movimentos e outras condições à vida das pessoas e de seus lugares. Porém, essas forças que chegam de fora não se materializam de forma homogênea no espaço, já que o fazer dos sujeitos, pelos diálogos e conflitos, possuem a potência de transformá-las, fazendo com que estas forças se espacializem em caminhos “tortos”, adquirindo singularidades de cada lugar – isso nos permite afirmar um sentido global de lugar (MASSEY, 2000). Assim, as forças externas se combinam com as forças do lugar, e acarretam em situações novas e específicas, que nos exige compreender que em cada lugar, os fenômenos sociais adquirem interação.

Como vimos, o trabalho ambulante na Tríplice Fronteira nos exigiu que compreendêssemos vários outros eventos realizados em distintas escalas, pois estes foram cruciais no estabelecimento do cenário que encontramos nas ruas das cidades transfronteiriças estudadas – e que, com certeza, contribuíram para cenários parecidos em outras partes do mundo. A reestruturação do capital e do mundo do trabalho, o boom da economia chinesa (pois até o alho vendido pelos ambulantes é chinês!), o estabelecimento do mercado turístico e do comércio de fronteira, e os projetos geopolíticos que tomaram forma no território, como a Usina de Itaipu e a construção da Ponte da Amizade que mobilizaram um montão de gentes em busca de uma vida melhor nessa fronteira, são uns desses eventos cruciais ao panorama da dinâmica ambulante na Tríplice Fronteira. Certamente nos faltaram mais eventos para falar, como a colonização europeia nesses países latino-americanos e suas mazelas sociais como a escravidão e o genocídio de gentes negras e indígenas. Como percebemos nas ruas da Tríplice Fronteira, os ambulantes expressam em seus rostos a pele dessas gentes que resistiram e seguem resistindo às opressões praticadas há séculos por esse sistema, que cada vez mais, se revela desigual e desumano.

Além dos eventos de ampla escala que foram trazidos para essa pesquisa, tentamos descrever a materialização destes no cotidiano das cidades da Tríplice Fronteira através da dinâmica e da vida das gentes ambulantes – vidas contadas, narradas, cantadas, silenciadas, caminhadas. Nesse sentido, podemos dizer que o cotidiano é a escala de análise que nos permite olhar, escutar, cheirar e sentir a espacialidade dessas forças entrecruzadas –

espacialidade que é tecida pela prática diária das pessoas, pelos fazeres, pela ação – e que o tempo se encarga de transformar em história (*espaçotempo*), pronta para acolher o devir. O cotidiano, como reunião de diversos tempos e temporalidades espacializantes, nos mostra a vida de tudo isso, pois a vida é onde tudo toma forma. Nessa perspectiva, podemos refletir que essas forças se materializam pelas histórias de vida das pessoas, e por isso, mais uma vez damos a razão e a emoção à Massey (2008), que compreende o espaço enquanto uma multiplicidade de estórias-até-agora.

A partir da análise do cotidiano ambulante dessas gentes, conseguimos identificar alguns dos diálogos e conflitos que permeiam o mundo do trabalho dessas pessoas e a produção de suas identidades enquanto trabalhadores e sujeitos de fronteira. A partir disso, foi possível evidenciar o quanto suas práticas, mediadas por objetos (produtos, mercadorias), que constituem transfronteiricidades, reproduzem e expressam a fronteira em dimensões materiais e imateriais – dando vida a uma cultura de fronteira, produzida num processo concomitante entre transfronteirizações e des-transfronteirizações. A expressão “*Alho patrona?*”, por sua dimensão translinguística, pode constituir uma transfronteirização, no entanto, se consideramos a possibilidade de que por trás de sua aparência, esteja fundada uma relação assimétrica de poder, tal expressão pode constituir um sintoma de des-transfronteirização. Contudo, nos cabe a seguinte passagem:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. (...) É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando. (BHABHA, 1998, p. 23-24)

Pela vida ambulante fronteiriça, e pela vida dos demais fronteiriços, a transfronteirização se revela em amor, em ajuda, em empatia, em respeito, em trocas empáticas, em reconhecimento da multiplicidade e em valorização e conhecimento do Outro e de sua cultura. Já a des-transfronteirização, se revela em tristeza, em sofrimento, em humilhação, em xingamento, em agressão, em egoísmo, em ressentimento, em desconfiança, em ódio, em desvalorização e destruição do Outro e de sua cultura. E é nesses dois caminhos processuais que se constitui o processo de fronteirização, que é, a produção da fronteira, que mesmo estando “*más allá*”, está sempre ali, se fazendo por múltiplas fronteiras com essas gentes.

Assim, a dinâmica ambulante da Tríplice Fronteira e seus processos entre diferentes escalas, demonstra que uma fronteira se faz por várias fronteiras, e parecem que elas estão em voga mais do que nunca. Um dos exemplos que nos faz pensar isso é o do trajeto das mercadorias, que da China até os mercados populares brasileiros, tem seus sentidos e aceitações alterados ao circularem atravessando inúmeras fronteiras.

Por essas evidências, podemos pressupor que a fronteira, em seus múltiplos sentidos, também se revela como disputa e negociação entre “*estabelecidos*” e “*outsiders*” (ELIAS, 2000) nas mais variadas dimensões. Trata-se de relações assimétricas de poder em diferentes escalas e posições, umas mais frágeis e outras nem tanto às crises político-econômicas – ou seja, podem modificar-se ao longo do tempo de acordo com o contexto. As posições de certas dimensões, então, podem variar no espaço e no tempo. A seguir, apontamos algumas das dimensões:

- Na dimensão das nacionalidades, a fronteira é uma arena de disputa entre as soberanias nacionais pela legitimidade dos territórios, das comidas, das histórias oficiais, etc., manifestando-se em expressões nacional-identitárias, estereótipos, preconceitos e conflitos variados que buscam definir quem são os de “fora” e quem são os de “dentro” nas diferentes margens da fronteira.
- Nas dimensões do mercado e da cidade, entre as fronteiras do formal e informal, de classe e de estética, os agentes do primeiro setor estão numa posição de “*estabelecidos*” frente aos agentes do segundo setor, em que está a maioria dos ambulantes. O mercado formal assegura a posição de “*estabelecido*” pela legitimação de uma postura do Estado que obedece a determinado tipo de racionalidade advinda em parte de organizações mundiais, pelo pagamento de impostos que assenta o contrato com o poder estatal, e por uma estética advinda de determinada ideologia de espaço urbano ideal. Enquanto isso, o mercado informal, pujado por gente pobre e no espaço da rua, é deslegitimado por não pagar impostos, e por estar associado à desordem e sujeira, seus agentes se encontram numa posição de “*outsider*”, já que não “deveriam” estar ali, sendo constantemente alvos de repressão. Consequentemente, “[...] o acesso diferenciado ao espaço leva a diferenças de poder na construção da escala espacial da vida cotidiana, semanal e sazonal” (SMITH, 2000, p. 149).
- Na dimensão macro-sócio-econômica, podemos pensar a posição de “*estabelecido*” e “*outsider*” a partir das desigualdades socioeconômicas existentes entre os diferentes

países e entre os diferentes lados da fronteira. Pelas constatações da pesquisa de campo, podemos apontar que na Tríplice Fronteira, há fortes indícios de que os paraguaios assumem uma posição de “*outsider*”, pois a maioria dos ambulantes que encontramos pela fronteira é dessa nacionalidade, e percebemos também que os paraguaios costumam ser alvos de estereótipos e preconceitos de forma mais frequente.

- Na dimensão das fronteiras étnico-raciais, de gênero e de idade, podemos refletir quais são os sujeitos que ocupam as posições de “*estabelecidos*” e de “*outsiders*” no mercado de trabalho e na cidade. Onde moram e em que/onde trabalham as mulheres, as pessoas idosas, negras e indígenas? Conhecer onde eles estão e a condição dessas posições, é reconhecer o caráter dessas fronteiras e as assimetrias de suas relações de poder. Como vimos, os corpos ambulantes que encontramos em trabalho de campo, nos revelam isso.

Contudo, percebemos que a posição de “*outsider*” é uma posição de resistência, pela força e criatividade de seus sujeitos.

Partindo para a questão do mundo do trabalho na fronteira, os ambulantes nos mostraram que o trânsito entre as diferentes margens da Tríplice Fronteira é uma estratégia cotidiana de suas atividades, garantida pelas diferenças de mercadorias, de preços, de câmbios monetários, de leis e de hábitos culturais. Nesse sentido, esses trânsitos favorecem o conhecimento sobre o Outro, tanto por parte dos ambulantes, quando por parte das pessoas que os encontram com suas falas, corpos, produtos e mercadorias pelas ruas.

Tais movimentos acionam uma rede sócio-laboral complexa que se desenha em interações entre variados agentes que estão tanto no mercado formal, quanto no informal. Essa rede sócio-laboral é sempre negociada, envolvendo tanto relações de amizade, solidariedade e vizinhança, quanto relações de repressão, suborno e corrupção, as mal-ditas mercadorias políticas, apontadas por Misse (2006) *apud* Pinheiro-Machado (2008b, p. 128).

Na medida em que a fronteira é apreendida como recurso pelos ambulantes, seus lugares e seus sujeitos acabam sendo sentidos e adotados como vínculos e afetos para essas trabalhadoras e trabalhadores. Esses trabalhos que podemos chamar de transfronteiriços (RODRIGUES e GARCIA, 2017), datam desde as primeiras trocas e interações entre as comunidades dos diferentes países da Tríplice Fronteira, sendo recurso de sobrevivência para

muitas pessoas e suas famílias que viveram no início da formação das cidades da Tríplice Fronteira. Fonte de sobrevivência que foi sendo criminalizada com o tempo pelo estabelecimento do território da norma, do Estado.

Em relação à problemática do trabalho, podemos apontar que os ambulantes são pessoas que não encontraram condições para se estabelecer no mercado de trabalho formal, seja pelos baixos índices de alfabetização e “qualificação” exigida, seja pelos baixos salários das ocupações abertas para essas pessoas, seja pela não flexibilização de horários para pessoas como as que são mães, seja pela idade avançada ou pela cor de pele. Nesse sentido, o mercado de trabalho informal, é uma opção para esses grupos “outsiders”, que com sua força e criatividade, lutam pela sobrevivência.

Davis (2006) aponta o lado cruel setor informal, afirmando que este é um museu vivo da “exploração humana”, pois grande parte desse mercado de trabalho se desenvolve em redes onipresentes e cruéis de microexploração (com altos índices de abuso do emprego de mulheres e crianças) – segundo suas pesquisas, em várias partes do chamado Terceiro Mundo, a maioria dos trabalhadores informais trabalha para outrem, muitas vezes em benefício de exportadores globais (p. 179-187). Para ele, “politicamente, o setor informal, na falta do respeito aos direitos trabalhistas, é um reino semifeudal de comissões, propinas, lealdades tribais e exclusão étnica” (p. 185). Na pesquisa de campo que realizamos, conseguimos perceber tais indícios, seja presenciando o trabalho ambulante infantil, sobretudo, de crianças paraguaias, o trabalho ambulante “contratado” e outros relacionados ao controle onipresente que nos causou alguns constrangimentos.

Conforme Antunes (2009, p. 213), esse enorme leque de trabalhadores despossuídos e, de certa forma, excluídos do processo de criação de valores, são sujeitos sociais com potencialidade de assumir ações anticapitalistas mais ousadas, tendo sua subjetividade mais propensa à rebeldia e, conseqüentemente, à desalienação. A alienação, conforme Holloway (1997) *apud* Antunes (2009, p. 132), é a luta do capital pelo poder para subordinar o trabalho e sobreviver, sendo vivenciada cotidianamente pelo trabalho, porém, a desalienação também é parte desse processo, representando uma permanente rebelião da atividade contra a passividade e o sofrimento. Partindo dessas noções:

O ponto de partida para instaurar uma nova lógica societal é desenvolver uma crítica contemporânea e profunda à (des)sociabilização da humanidade, tanto nas suas manifestações concretas quanto nas representações fetichizadas hoje existentes, como forma necessária de superar a crise que

atingiu o mundo do trabalho nestas últimas décadas do século XX (ANTUNES, 2009, p. 192).

Para isso, o autor defende que é necessário que o trabalho seja dotado de sentido, pois só assim, os outros “momentos” da vida serão também, dotados de sentido – frisando que nessa nova lógica, a barreira que separa o trabalho desses outros momentos deve ser destruída. Nesse sentido, “se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo” (ANTUNES, 2009, p. 175).

Tais pressupostos do nosso colega Antunes, me fizeram lembrar os ambulantes que vendem seus versos, suas esculturas, seus artesanatos, suas guloseimas, seus desenhos no papel e no azulejo. Fizeram-me lembrar de todas essas pessoas, que mesmo colocando a cara no sol todos os dias, expostos ao suor, à insolação, esbanjam um sorriso ao contar suas experiências, histórias de vida e sonhos. Esbanjam energia oferecendo seus produtos e mercadorias, muitas vezes de forma cantada, e sempre criativas! Pessoas que, às vezes, expressam silêncios, lágrimas e memórias tristes. É arte, é memória, é poesia, é pintura, é música, é prosa... potências sensíveis! São coisas que, se nos atentarmos com empatia, nos sensibilizam e nos fazem pensar a humanidade. Os encontros com essas coisas potencializam a sociabilização para a humanidade. Podemos assim concordar que:

A existência é um conjunto de situações. Estamos com as coisas, com os outros homens e numa esfera de significados. De alguma forma, estamos compartilhando valores morais, culturais, civilizatórios, que nos dão uma oportunidade de entendimento. É a cultura que nos oferece uma cosmovisão, pois vemos o mundo a partir dela (SILVEIRA, 2006, p. 86).

Juliano, por exemplo, com sua história de amor pintada em diferentes paisagens desenhadas em azulejos me sensibilizou muito. A forma como ele contou, uma voz tímida e rosto triste... Seu trabalho envolvia a sua vida, e envolveu a minha também naquele momento – envolveu sentimentos, amores e desamores, deles e meus. Voltei para casa pensativo daquele encontro. Voltei com um daqueles azulejos, e toda vez que olho para a sua pintura, lembro-me daquele homem e de seus sentimentos, que são meus também. Ele faz da sua vida arte e trabalho, entre tristezas, sonhos, desencontros, encontros e reencontros.

Acredito que aí, pelos ambulares dessas gentes, repletos de encontros, há possibilidades – e tal pressuposto não trata de negar as contradições e crueldades da expansão do setor do trabalho informal. À mim, pelo menos, esses encontros despertam desejos de lutar pelo melhor para todas e todos, a me amar mais, a amar as simplicidades da vida, a persistir com meus sonhos – que também têm dimensões coletivas, e a ter esperanças e acreditar num mundo mais justo, mais igualitário e com mais amor ao próximo. Sonhos que são projetos individuais e coletivos, e que tento elaborar e apontar possibilidades por meio da prática da escuta, da escrita, da pesquisa, na esperança que outras pessoas leiam, sintam e reflitam. Que se sejam pensamentos ambulantes que se cruzem por aí com outras ideias e se transformem em nós... em malhas, para parafrasear Ingold (2015), cada vez maiores, mais fortes e mais sensíveis. Acredito na sensibilidade humana como possibilidade de potencial de uma ética transformadora, já que o sistema é reproduzido por ações individuais concretas e combinadas.

Em cada situação concreta transcendemos em relação a nós próprios e aos outros existentes e às coisas ou, em outras palavras, somos capazes de imaginar e formular um projeto para o futuro. [...] Isto é o que faz com que o homem seja capaz de transcender e imaginar utopias, projetos, sonhos” (SILVEIRA, 2006, p. 86-87).

Escrevendo aqui, abri a página do *facebook* para dar uma espiadinha, e encontrei uma notícia que alguém compartilhou, e, por se tratar de um encontro muito pertinente e quase uma coincidência paranormal, gostaria de compartilhar aqui na minha dissertação:

Projeto de escritor piauiense transforma histórias de pessoas comuns em poesia³⁵

Sentado em uma praça, diante de uma cadeira vazia, o escritor piauiense Ithalo Furtado faz um convite inusitado às pessoas que caminham pelas cidades: que sentem com ele e contem sua história, para que o autor as transforme em poemas. Natural de Parnaíba, no litoral do Piauí, Ithalo planeja viajar pelo Brasil levando seu projeto de transcrever vidas em versos.

Neste 7 de janeiro, em que se comemora o Dia do Leitor, o G1 conversou com o autor, que contou que se inspirou na artista paulistana Ana Teixeira, que ficou famosa ao tricotar em praças enquanto convidava as pessoas a lhe contarem suas histórias de amor. “Esse projeto dela me inspirou a ouvir pessoas e fazer poemas sobre o que me contam, até porque todo mundo tem uma história pra contar”, disse o poeta.

³⁵ Texto retirado e disponível no seguinte endereço eletrônico:
https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/01/07/projeto-de-escritor-piauiense-transforma-historias-de-pessoas-comuns-em-poesia.ghtml?fbclid=IwAR1KdkGxlgPqVAerZrpW_2JVhpdHs4u_1hf19XyDS-igS0Ao6iIWwh5NAs Acesso: 15/01/2019.

Ithalo já transformou histórias em poemas nas cidades de Manaus, no Amazonas, Poços de Caldas, em Minas Gerais. No Piauí, o poeta passou por Parnaíba e Teresina. Nestas experiências, ele conta que ouviu histórias familiares, aventuras amorosas, segredos guardados há anos por pessoas que decidem expor ali mesmo, diante dele.

“É algo muito forte, ouvir as pessoas contando seus segredos para você, em praça pública. Elas vêm como uma oportunidade de desabafar, de serem ouvidas. Algumas pessoas só pedem para me dar um abraço. É uma intervenção que mexe com o ambiente todo, por que as pessoas ficam imaginando o que vai acontecer ali”, disse.

Ithalo conta que há quem chegue com **histórias de luta**, como a da mulher que procurou pela mãe durante anos nas ruas de São Luís mas acabou encontrando **um grande amor**, até contos divertidos como o do **casal que se encontrou em três forrós diferentes** em Teresina. “No terceiro encontro, **começaram a namorar**”, relembra o escritor. Depois de contar sua história, cada participante recebe seu poema e leva para casa. **"Alguns falam que vão emoldurar"**.

(Fonte: Por José Marcelo* e André Nascimento, G1 Piauí, 2019, grifos nossos).

É desse tipo de ações humanas que estou falando. De ouvir e abraçar as pessoas, de sensibilizar, pois é algo que “mexe” com o ambiente todo. Pessoas comuns como os homens e as mulheres ambulantes, que têm histórias de amor, de luta, de poesia. Isso é valorizá-las. Pois, se não conseguirmos melhorar as condições dessas pessoas com políticas públicas eficazes e justas em curto prazo, podemos fazer a vida delas mais bonita pela escuta, pela poesia. Olhem só o ato de emoldurar, quanto significado, quanto sentimento!

Por fim, gostaria de acrescentar que as vidas ambulantes com as quais me encontrei, se mostraram cartografias do espaço, da Tríplice Fronteira atravessada pelo mundo. Atravessamentos combinados, realizados em uma multiplicidade de estórias-até-agora – cartografias do mundo, de seus processos, de suas gentes e de sua humanidade, sobrevivendo! Se há ambulantes, na perspectiva dos ritos de interação e da indissociabilidade entre identidade e diferença, todos somos ambulantes. Por isso o mundo é o lugar onde tudo ambula. Ambulemos, por uma metamorfose ambulante!

Yo Viviré, por Célia Cruz



Célia Cruz - Yo Viviré (I Will Survive).mp3

Áudio on-line: <https://www.youtube.com/watch?v=x1PP6ePcU8g>

*¡Mi voz puede volar, puede atravesar cualquier herida,
cualquier tiempo, cualquier soledad,
sin que la pueda controlar, toma forma de canción!
¡Así es mi voz, que sale de mi corazón!
¡Y volará, sin yo querer,
por los caminos más lejanos, por los sueños que soñé!
¡Será reflejo del amor de lo que me tocó vivir,
será la música de fondo de lo mucho que sentí!
¡Oye mi son, mi viejo son, tiene la clave de cualquier generación!
¡En el alma de mi gente, en el cuero del tambor,
en las manos del congero, en los pies del bailador!
¡Yo viviré, ahí estaré, mientras pase una cumparsa, con mi rumba cantaré!
¡Seré siempre lo que fui, con mi azúcar para ti, yo viviré, yo viviré!
¡Y ahora vuelvo a recordar, aquel tiempo atrás
cuando me fui buscando el cielo de la libertad!
¡Cuantos amigos que dejé y cuantas lagrimas lloré!
¡Yo viviré, para volverlos a encontrar y seguiré,
con mi canción, bailando música caliente como bailo yo!
¡Y cuando suene una huaracha,
y cuando suene un huahuancó,
en la sangre de mi pueblo, en su cuerpo estaré yo!
¡Yo viviré, yo viviré!
¡Sobreviviendo, en esta vida es lo que estoy haciendo!
¡Sobreviviendo, estoy sobreviviendo, estoy sobreviviendo!
¡Sobreviviendo para que la gente me siga oyendo!
¡Rompiendo barreras, voy sobreviviendo!
¡Cruzando fronteras, voy sobreviviendo!
Doy gracias a dios por este regalo, él me dio la voz y yo te la he dado, ¡con
gusto!
¡Cruzando fronteras, voy sobreviviendo, para ti, mi gente, siempre cantaré!
¡Te daré mi azúcar caramba, y sobreviviré!
¡Rompiendo barreras, voy sobreviviendo!
¡Cruzando fronteras, voy sobreviviendo!
¡Yo viviré, yo viviré y sobreviviré!*

REFERÊNCIAS ORAIS

ALICE (nome fictício). 26 anos idade. Paraguaia. Moradora do município de Presidente Franco – Paraguai. Vendedora ambulante de frutas e verduras em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

ALINE (nome fictício). 20 anos de idade. Paraguaia. Moradora do município de Presidente Franco – Paraguai. Vendedora ambulante de frutas e verduras em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

AMADOU (nome fictício). 45 anos de idade. Senegalês. Morador e vendedor ambulante de bijuterias em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

CARLÃO (nome fictício). 39 anos de idade. Paraguaio. Motorista e vendedor ambulante de bebidas em Ciudad del Este – Paraguai. Relato recolhido em 2018.

DENISE (nome fictício). 35 anos de idade. Paraguaia. Moradora e vendedora ambulante de bebidas em Ciudad del Este – Paraguai. Relato recolhido em 2018.

ISMAEL (nome fictício). 30 anos de idade. Senegalês. Morador e vendedor ambulante de bijuterias em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

JOSÉ (nome fictício). 37 anos de idade. Indígena da etnia *Maká*. Morador de Ciudad del Este – Paraguai. Vendedor ambulante de artesanatos em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

JUANA (nome fictício). 43 anos de idade. Paraguaia. Moradora e vendedora ambulante de bolsas de plástico em Ciudad del Este – Paraguai. Relato recolhido em 2018.

JÚLIO (nome fictício). 25 anos de idade. Paraguaio. Morador e vendedor ambulante de barbeadores, massageadores elétricos, carregadores de celular e outros itens em Ciudad del Este – Paraguai. Relato recolhido em 2018.

MANUEL (nome fictício). 20 anos de idade. Paraguaio. Morador e vendedor ambulante de bebidas, batata enlatada e alfajor em Ciudad del Este – Paraguai. Relato recolhido em 2018.

MAURO (nome fictício). 42 anos de idade. Indígena da etnia *Maká*. Morador de Ciudad del Este – Paraguai. Vendedor ambulante de artesanatos em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

PALOMA (nome fictício). 28 anos de idade. Argentina. Moradora do município de Wanda – Argentina. Vendedora ambulante de artesanato com pedras em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

RAIMUNDA (nome fictício). 53 anos de idade. Brasileira. Moradora e vendedora ambulante de panos de prato em Foz do Iguaçu – Brasil. Relato recolhido em 2018.

VANDA (nome fictício). 52 anos de idade. Brasileira. Moradora e vendedora ambulante de doces de amendoim em Foz do Iguaçu – Brasil. Relato recolhido em 2018.

VILMA (nome fictício). 43 anos de idade. Argentina. Moradora do município de Wanda – Argentina. Vendedora ambulante de artesanatos com pedras em Puerto Iguazú – Argentina. Relato recolhido em 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras:** os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

AMORIM FILHO, Oswaldo B; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e Perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. IN: ANDRADE, T.A; SERRA, R.V (Orgs). **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2001.

ANDRÉ, André Luís. **Ensaio:** Geopolítica, cidade e violência. 1ª ed. Foz do Iguaçu, PR: AGBOOK, 2016.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. 10ª reimp. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ARANTES, Otilia. Urbanismo em fim de linha. **Urbanismo em fim de linha.** São Paulo: EDUSP, 1998, p. 129-142.

ARENDT, HANNAH. **A condição humana.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

ARROYO, Mônica. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 15 ed., outubro 4, 2008. Acesso: 2001/2018. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/a-economia-invisivel-dos-pequenos/>

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1998.

BENITEZ, Marina Aurelia Cantero. **De plumas a estampados:** una configuración de la imagen maká. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 2ª ed. São Paulo: EDUAP, 2003.

CARDOZO, Poliana Fabíula. Visibilidade e Invisibilidade da Comunidade Libanesa de Foz do Iguaçu: identidade em debate. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 2, n. 3, p. 43-59, 2016.

CARLOS, Ana Fani A. O “direito à cidade” e a construção de uma metageografia. In: **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, p. 137-15, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1ª ed. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. 1ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 53-73, 2014.

CARLOTO, Denis Ricardo; GIL FILHO, Sylvio Fausto. O espaço de representação da comunidade árabe-muçulmana de Foz do Iguaçu-Paraná. **Núcleo de Estudos em Espaços e Representações: UFPR**, 2000.

CARNEIRO, Camilo Pereira. **Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata**. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.

CARVALHO, Thiago Rodrigues. **O Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira e o Mato Grosso do Sul: discursos e desdobramentos da política governamental na fronteira**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** – vol. 2. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

CATTA, Luiz Eduardo. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 1994.

CATTA, Luiz Eduardo. Sobreviver é preciso: pobreza e estratégia de sobrevivência em uma cidade de fronteira. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz**. Londrina: ANPUH, p. 1-6, 2005.

CAUSARANO, Mabel. Dinámicas Metropolitanas en Asunción, Ciudad del Este y Encarnación. **Congreso Paraguayo de Población, 2** – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2007, p. 83-88.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COSER, Stelamaris. Fronteira. In:_____. **Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos**. Vitória, ES: EDUFES, p. 153-161, 2016.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo, SP: Boitempo, 2006.

DGEEC (Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos). **III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas (2012)**. Fernando de la Mora, Paraguay, 2013.

DGEEC (Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos). **Paraguay: Proyección de la Población por Sexo y Edad, según Distrito, 2000-2025 – Revisión 2015**. Secretaría Técnica de Planificación del Desarrollo Económico y Social. Fernando de la Mora, Paraguay: octubre, 2015.

Dicionário UNESP do português contemporâneo. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2004.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. In:_____. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, p. 9-27, 2009.

FUKELMAN, Clarisse; LIMA, Patrícia Souza. **Artes de sobrevivência em ofícios ambulantes**. 2003.

GARCIA, Dalila Tavares. **Almacenes paraguaios**: interações espaciais e relações de sociabilidade. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016.

GOETTERT, Jones Dari. A fronteira como dispositivo de poder, de controle e de identidade (considerações iniciais). **Geografia em questão**, v. 4, n. 2, p. 56-71, 2011.

GOETTERT, Jones Dari. Mobilidades/Imobilidades na fronteira: trabalhadores, camponeses e indígenas entre Brasil e Paraguai. In: PAES; SILVA & MATIAS (Orgs.). **Geografias, políticas públicas e dinâmicas territoriais**. Ebook, p. 207-236, 2013a.

GOETTERT, Jones Dari. Fronteiras na fronteira: falas atravessadas entre Brasil e Paraguai. **Revista Geonorte**, v. 7, n. 1, p. 748-766, 2013b.

GOETTERT, Jones Dari; DE OLIVEIRA SOUZA, Adáuto; DE ABREU, Silvana. O processo civilizador e as fronteiras: fronteiras para civilizar ou civilizar as fronteiras?.

GOETTERT, Jones Dari; MONDARDO, Marcos Leandro. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. **GEOgraphia**, v. 11, n. 21, p. 101-136, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Nilma Lino. “Nos contornos do corpo”; “Beleza negra e expressão estética”. In: _____. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 259-366.

GOTTDIENER, Mark. O debate sobre a teoria do espaço. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo, EDUSP, 1993, p. 120-158.

GRANDO, Cristiane. **A irmandade entre a Argentina e o Brasil. Prêmio Panambi de Poesia**. 1ª ed. Posadas, Argentina/Foz do Iguaçu, Brasil: Clan Destino, 2016.

HAESBAERT, Rogério. Multi/transterritorialidade e “contornamento”: do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, Nilson Cesar (Orgs.). **Territórios e fronteiras – (re)arranjos e perspectivas**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, p.19-36, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCIAU, Núbia. Entre-lugar. In: **Conceitos de Literatura e cultura**. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Juiz de Fora: UFJF, p.125-142, 2005.

HEIKEL, María Victoria; BAHR, Carolina Rojas. Otra vez migrantes. Una relectura de las condiciones socioeconómicas de la migración reciente desde y hacia Paraguay. In: **Pasado y presente de la realidad social paraguaya**: volumen VI - población, urbanización y

migraciones. (Colección 200 Paraguay bicentenário 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p. 819-860.

HELLER, AGNES. **O cotidiano e a história**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IPEC (Instituto Provincial de Estadística y Censos de Misiones). **Provincia de Misiones: Población por sexo, según municipio – año 2010**. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/ae8294_ecd1afb61f964bed8ced94930365e65e.pdf. Acesso: 15/01/2019.

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). **Regionalizações**. Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/imp.php?page=locinfpop>. Acesso: 19/12/2018.

JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o andar na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH**, Salvador, v.18, n.45, p. 423-429, 2005.

LASMAR, Jorge Mascarenhas. O fluxo de arte e as relações internacionais: narrativa, circulação e identidade nacional. **Fronteira**, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 83-102, nov. 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LINDÓN, Alicia. Espacialidades, desplazamientos y transnacionalismo. **Papeles de población**, v. 13, n. 53, p. 71-101, 2007.

LINDÓN, Alicia. La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 1, n. 1, p. 6-20, 2009.

LINDÓN, Alicia. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado *betweenness*. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 698-723, Dezembro de 2012.

LOPES, Cicero Galeno. **Transfronteiricidade na cultura pampiana**. Porto Alegre: Seminário Internacional Bioma Pampa: valores biológicos, culturais e econômicos - Conferência “Pampa, espaço transfronteiriço”, 2014.

MARQUEZ, Renata. **Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial**. Tese – Doutorado em Geografia. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MARQUEZ, Renata. Atlas Ambulante. In: **Atlas Ambulante**. MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (Orgs.). Rona Editora, Belo Horizonte, Brasil: Instituto Cidades Criativas, p. 7-21, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, Sérgio. Crítica à economia política do espaço. In: **O Espaço no fim de século: a nova raridade**. In: DAMIANI, Amélia L, CARLOS, Ana F. A., SEABRA, Odete C de L. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 1999. p. 13-41.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, p. 176-185, 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen. Globalização: o que significa para a geografia?. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 7, n. 1, p. 227-235, 2017.

MATJE, Juliana Lima. Fronteira que une. In: GRANDO, Cristiane (Orgs.). **A irmandade entre a Argentina e o Brasil. Prêmio Panambi de Poesia**. 1ª ed. Posadas, Argentina/Foz do Iguaçu, Brasil: Clan Destino, p. 62-63, 2016.

MEDINA, Felisa Rodriguez de. **Síntesis de Historia del Paraguay y Alto Paraná**. Editora Papyru's Impresiones: Asunción, 2004.

MONDARDO, Marcos Leandro. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009.

MORENO, Camila. **O Brasil made in China: para pensar as reconfigurações do capitalismo contemporâneo**. São Paulo, SP: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

MOURA, Rosa. Fronteiras Invisíveis: o território e seus limites. **Revista Território**, LAGET/UFRJ, a V, n. 9, p. 85-101, 2000.

MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano**. BALBIM, Renato *et al* (Org.). Brasília: IPEA: ITDP, p. 205-222, 2016.

MUSCULINI, Elaine Cristina. **A rua como lugar dos viveres e fazeres**. Transformações e persistências na área central de Dourados-MS. Dissertação de Mestrado em Geografia. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a ‘geograficidade’ nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Manaus: EDUA, 2014.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Uma fronteira nas malhas da rebeldia e da criatividade. **Cadernos de estudos culturais**, v. 7, n. 14, p. 123-148, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. **Fronteiras culturais: Brasil-Uruguaio-Argentina**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, p. 35-39, 2002.

PERALVA, Angelina. Globalização por baixo e mercados ilegais. In: PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva (Orgs.). **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 441-465, 2015.

PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva. Apresentação. In:_____. **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 9-28, 2015.

PEREIRA, Sabrina Aparecida. Doce de leite. In: GRANDO, Cristiane (Orgs.). **A irmandade entre a Argentina e o Brasil. Prêmio Panambi de Poesia**. 1ª ed. Posadas, Argentina/Foz do Iguaçu, Brasil: Clan Destino, p. 38-41, 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Mercados periféricos na ordem do capitalismo global: a rota China-Paraguai-Brasil**. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008a.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 23, n. 67, p. 117-133, 2008b.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Fazendo guanxi: dádivas, etiquetas e emoções na economia da China pós-Mao. **Mana**, v. 17, n. 1, p. 99-130, 2011.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A Diáspora Chinesa na Fronteira Brasil/Paraguai: Fluxos Globais e Dinâmicas Locais de um Processo Migratório em Transformação. In: **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**. TEIXEIRA, Paulo Eduardo et al (Org.) Marília SP: Oficina Universitária; São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, p. 257-278, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “Piratária” e “informalidade” na China e no Brasil: aproximações e tensões em suas estratégias de desenvolvimento. In: PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva (Org.). **Ilegalismos na globalização: migrações, trabalho, mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p.239-260, 2015.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. **Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914**. São Paulo, SP: Edusp, 1994.

POLIDO, Larissa Barbosa. Coisas típicas da Argentina. In: GRANDO, Cristiane (Orgs.). **A irmandade entre a Argentina e o Brasil. Prêmio Panambi de Poesia**. 1ª ed. Posadas, Argentina/Foz do Iguaçu, Brasil: Clan Destino, p. 54-55, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo et al (Orgs.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 117-142, 2005.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este:** Vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RATINOFF, Luis A. La urbanización en América Latina: el caso de Paraguay. In: **Pasado y presente de la realidad social paraguaya:** volumen VI - población, urbanización y migraciones. (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p. 911-940.

REIMANN, Valdirene. **As Crianças da Ponte:** o trabalho de crianças e adolescentes no comércio fronteiriço de Foz do Iguaçu – Paraná. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu – PR, 2013.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Cátia Antonia *et al* (Orgs). **Formas em crise:** utopias necessárias. Arquimedes Edições, Rio de Janeiro, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. **Otro desarrollo urbano:** ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática. Buenos Aires: Clacso, p. 147-156, 2009.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 21-38, 2010.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito.** Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016a.

RODRIGUES, Luiz Felipe. Moradia, trabalho e identidade dos moradores ribeirinhos no bairro Remansito. **REVICSO – Revista de Investigación en Ciencias Sociales**, v.3, Asunción – Paraguay, p. 87-113, 2016b.

RODRIGUES, Luiz Felipe; Dalila Tavares. Trabalhos Transfronteiriços: os limites e as sobrevivências. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 3, n. 1, p. 260-271, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** Transformações Contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v. 3, n.1, p. 41-73, 1997.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: _____. **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, p. 36-67, 2012.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HENDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da (Orgs.). **Plurilocalidades dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.

SILVA, Ailclécia Fernandes; RAMÍREZ, Rosa Cerarols. Geografia e imagens fotográficas: aproximações entre linguagens. **ENTRE-LUGAR**, v. 5, n. 10, p. 52-67, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *et al* (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2009.

SILVA, Susana Maria Veleda da. O comércio de rua: lugar de trabalho e de relações familiares. **A emergência da multiterritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. HEIDRICH, Álvaro Luiz *et al* (Org.). Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 215-224, 2008.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP**: Espaço e Tempo, n. 19, p. 81-91, 2006.

SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, Bauru – SP, v. XV, n.1, 2011.

SMITH, Neil. Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antonio A (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, p. 132-175, 2000.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu**: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: SPOSITO, Eliseu S. **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GAsPERR, p. 13-29, 1999.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. **Terra Limitanea: Atlas da Fronteira Continental do Brasil**. Rio de Janeiro: Grupo RETIS/CNPq/UFRJ, 2002.

SUNDBERG, Juanita. Fronteras íntimas y geopolítica cotidiana en la zona fronteriza entre Estados Unidos-México. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 66, p. 9-32, 2017.

SZARY, Anne-Laure Amilhat. Cultura de fronteras. In: **Frontera, Fronteras**. CRUZ, Beatriz Nates (ed.). Editado por Ucaldas. Colombia: octubre 2013.

TELLES, Vera da Silva. Transitando na linha de sombra: tecendo as tramas da cidade. In: OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele Saliba (Orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, p. 195-218, 2007.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

TISSI, Maria Cristina. Deficiência e trabalho no setor informal: considerações sobre processos de inclusão e exclusão social. **Saúde e Sociedade**, v. 9, p. 77-86, 2000.

VAINER, Carlos B. Pátria, Empresa e Mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia (Orgs.). **A cidade do Pensamento Único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VÁZQUEZ, Fabricio. **Territorio y Población**: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay. UNFPA, 2006.

VICTAL, Jane; SOUZA, Adelita Araujo de. A urbanização de fronteira e as relações latino-americanas: estudo de caso das Vilas de Itaipu. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.13, n.1, p. 75-89, maio de 2011.

VILADESAU, Tomás Paulau. Modificación de patrones migratorios y movilidad transfronteriza en el Paraguay. In: **Pasado y presente de la realidad social paraguaya**: volumen VI - población, urbanización y migraciones. (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p. 861-882.

WALTER, Roland. (Trans)cultura e tradução. In: LÚCIO, Ana Cristina Marinho; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Cultura e tradução**: interfaces entre teoria e prática. João pessoa, PB: Ideia, 2010.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; *et al* (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2009.

XAVIER, Marcos. Lugar, Pluralidade da Existência e Democracia. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 506-521, set.-dez. – 2018.

YNSFRAN, Edgar L. **Un giro geopolítico**: El milagro de una ciudad. Asunción: Ediciones y Arte SRL, 1990.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 8, n. 3, p. 550-563, 2010.

ZAOUAL, Hassan. **Nova Economia das Iniciativas Locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A; COPPE/UFRJ, 2006.

ZAOUAL, Hassan. O *homo situs* e suas perspectivas paradigmáticas. **OIKOS**, Rio de Janeiro - RJ, v. 9, n. 1, p. 13-39, 2010.